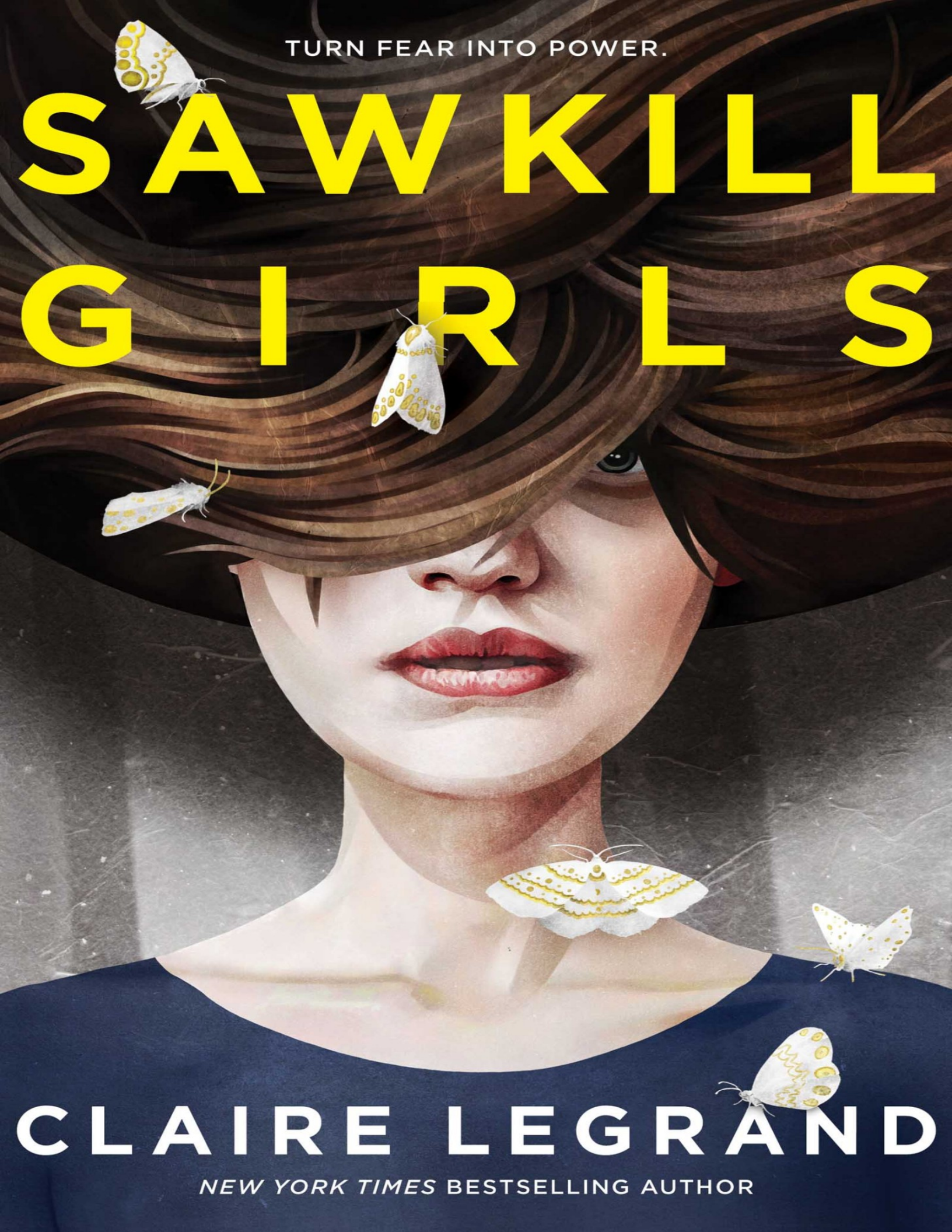

TURN FEAR INTO POWER.
SAWKILL GIRLS
CLAIRE LEGRAND
NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

SAWKILL GIRLS



CLAIRE LEGRAND

KATHERINE TEGEN BOOKS
An Imprint of HarperCollinsPublishers

Créditos

Traduzido, revisado e diagramado por chaoticslates no twitter. Todos os direitos à sua editora e autora, apenas traduzimos a fim de levar reconhecimento para os livros no Brasil para que assim, possam ser publicados. Todos devem ter acesso à literatura, mas se você tem condições, por favor, apoie os autores e leia o original.



CHAOTIC
SLATES

Dedicatória

para todas as garotas que estão comigo—
as rainhas e as bruxas
as poetas e as mães—
às garotas que levantam suas vozes
e
às garotas que iluminam o caminho

Conteúdo

Capa
Título
Créditos
Dedicatória

Prólogo

Marion: O Acidente
Zoey: A Bisbilhoteira
Val: A Víbora
Zoey: Envelope Rosa
Marion: O Doutor
Val: A Criança na Floresta
Zoey: O Achado
Marion: O Buraco do Coração
Zoey: A Barriga
Zoey: O Filhote de Lobo
Marion: O Gemer dos Ossos
Zoey: O Peixe Morto
Val: A Canção de Ninar
Marion: O Travesseiro Frio
Val: O Molenga
Zoey: O Spinney
Marion: A Mansão
Marion: A Biblioteca
Val: Os Vagalumes
Zoey: O Empurrão
Marion: A Promessa

Zoey: A Segunda
Val: A Imprudente
Marion: A Entrada
Zoey: A Ligacão de Celular
Val: O Disfarce
Zoey: O Teletransportador
Val: A Distração
Marion: A Outra
Marion: A Mensagem
Zoey: A Verdade
Marion: A Coroa
Val: O Cômodo Vermelho
Val: O Perfume
Marion: O Coletor
Zoey: A Muralha
Val: A Marca
Marion: A Rainha
Zoey: A Extraordinária
Val: A Chegada
Zoey: A Rocha Fala
Marion: O Mártir
Marion: O Círculo
Zoey: O Expurgo
Val: O Juramento
Zoey: A Perseguição
Zoey: O Chamado
Val: O Portão
Marion: A Obscura
Val: O Amanhecer
Zoey: O Reformador
Val: O Farol
Marion: A Estrela-do-mar

Agradecimentos
Sobre A Autora

Prólogo

TODOS SABEM SOBRE A ILHA de Sawkill Rock:

As velhas e tolas lendas de suas águas curativas, que são impossíveis de ignorar completamente quando se considera o próprio povo de Sawkill - seus dentes brancos e duros e membros flexíveis. A maneira descarada e fácil com que andam, fazem compras e amam. Sua flagrante indiferença com a vida além da Rocha, e sua hábil manipulação até mesmo da tragédia mais sombria: *Oh, que vergonha foi isso*, eles dizem, e inclinam suas cabeças brilhantes por um momento antes de deslizarem, imperturbáveis.

A beleza das fazendas de cavalos da Rocha. Flancos bem cuidados que brilham ao sol pálido do Atlântico. A grama como um tapete lustroso que sopra e brilha, mesmo à noite. Especialmente à noite. Árvores negras, onduladas pelo vento e salpicadas pela água.

As casas pareciam palácios, velhas mas sólidas, cinzentas e brancas e com telhas. Extensas e bem cuidadas. Descuidadas e dignas. Uma herança: o sabor dela em cada língua como uma camada de açúcar velho.

A forma como o mar escuro e agitado atinge a costa. Como os ventos do lado oriental gemem como bestas dos velhos tempos girando durante o sono.

Venha por um tempo, diz a placa na doca da balsa de Sawkill *e fique para sempre*.

A Rocha sempre odiou essa placa.

Marion



O Acidente

Essas são as coisas que as pessoas disseram para Marion Althouse depois que seu pai morreu:

Oh, Deus. Pobre garota.
Marion, sinto muito.
Que perda.
Que coisa terrível, terrível.
Sua mãe. Jesus, eu só... não consigo imaginar.
Como ela está?
E quanto a Charlotte? Elas sempre foram tão próximas, aquelas duas.
Se você precisar de alguma coisa, me avise. OK?
Eu estou aqui por você.
Você é uma rocha. Você vê isso, certo?
Elas dependem de você.
Elas têm sorte de ter você. São abençoadas.
Marion, você é tão forte. Como você faz isso?

Como ela faz isso?
Essa é uma boa pergunta.

Marion se fez a mesma pergunta naquela primeira manhã: *Como faço isso agora?* Houve *antes* de 13 de outubro do ano passado e, agora, havia *depois*.

Depois que David Althouse bateu com o carro voltando para casa após uma noite no escritório, tão cansado que provavelmente não conseguia ver direito, pronto para se deitar à luz do amanhecer.

Depois que algum idiota bêbado da escória da terra virou a curva da montanha muito rápido, e seu pai estava exausto e distraído demais, Marion presumiu, para reagir a tempo.

Depois que seu carro colidiu com a grade de proteção e caiu sobre o penhasco, tombando nas rochas e se chocando contra uma árvore antes de parar.

Depois que o idiota mencionado anteriormente foi embora em pânico, talvez chorando e tremendo, muito covarde para confessar seu crime, deixando seu pai morrer nos restos de seu Toyota de quinze anos destruído.

Depois de tudo isso, isso é o que as pessoas dizem mais do que qualquer outra coisa:

Lamento por sua perda, Marion.

Sua perda. Como se ela tivesse perdido as chaves do carro.

Quando as pessoas diziam isso, uma parte de Marion queria dar um tapa, arrancar os cartões e as caçarolas de suas mãos.

Vou lhe contar o que perdi, ela queria dizer, e então abriria o peito para que eles pudessem ver o buraco onde seu coração costumava viver. Estava preso em um estado de colapso, esse buraco – uma pequena singularidade em forma de órgão, sugando os pedaços sangrentos e devastados de quem ela costumava ser.

Mas Marion não fez nada disso.

Ela aceitou sua simpatia branda e sorrisos incertos, enfiou a comida embrulhada na geladeira, sentou-se ao lado de sua mãe para se certificar de que ela não roubava comprimidos e segurou Charlotte quando ela acordou soluçando.

Ela era Marion Althouse: filha devota e irmã mais nova de confiança.

Ela se sentou sozinha no banco do lado de fora do banheiro na balsa, os braços cheios de bolsas de todos, enquanto sua mãe vomitava no banheiro e sua irmã flertava com um menino que dirigia um Lexus.

Ela era uma rocha. Uma benção. Uma garota boa e estável.

Ela não cedeu à raiva ou autopiedade. Nunca.

Nenhuma vez.

— Aí está!

Charlotte encostou-se na grade do convés, o vento chicoteando seu cabelo castanho-mel em torno de seu rosto.

— Não se incline muito. — disse Marion. Ela se sentou no banco preto polido em frente ao corrimão e segurou a mão enluvada de sua mãe com força, prendendo-a no colo.

Charlotte, com dezessete quase dezoito anos, olhou para trás com um revirar magnífico de seus olhos.

— *Marion,* — disse ela. — Honestamente.

Marion, com dezesseis quase dezessete anos, concordou. Desde o nascimento, ela era um pouco protetora – algo de que se orgulhava, apenas porque deixava Charlotte maluca por ter Marion sempre espiando em seu ombro – mas desde que seu pai morreu, sua capacidade de importunar e se preocupar havia disparado para um nível totalmente novo.

Sério, o que esperavam?

Restavam apenas três Althouses agora, duas e uma mancha da sua mãe nos dias ruins. Você não pode saber qual dia seria o último, e você não pode confiar em Charlotte não se inclinar muito longe ou correr muito rápido ou se apaixonar muito facilmente, e você não pode confiar em sua mãe com frascos de comprimidos ou objetos afiados.

Então Marion não o fez. Ela segurou suas bolsas e seguiu obstinadamente atrás de cada passo volúvel e tropeço.

— Parece incrível aqui. — Charlotte pegou seu telefone para tirar fotos — É tipo isso… esta *coisa*, empoleirada ali na água. Um besouro. Um monstro. Algum lugar mágico perdido.

Marion teria preferido cochilar no banco de trás do carro, sem falar com ninguém e sem olhar para a água balançando e, talvez,

sem acordar.

Mas sua mãe queria ar fresco, esperando que isso acalmasse seu estômago, e Charlotte se recusou a ficar sentada sendo chata – Deus, *morreria* só de pensar em Charlotte Althouse sendo acusada de tal coisa. Então Marion se sentou sem reclamar e observou Sawkill Rock se aproximar em um lençol de ondas cinzentas.

A ilha realmente parecia uma *coisa*. Preta e sólida, irregular. Um pouco assustadora, um pouco solitária. Essa parte não incomodou Marion, no entanto. Ela teria vivido em uma rocha estéril e empoeirada, sem cavalos, pessoas ou iates amarrados nas docas, se pudesse. Só ela, Charlotte e a mãe, uma casinha branca e limpa, um caminho de pedregulhos até a água para se bronzear. Isso é tudo que elas precisavam – silêncio e uma a outra. Para serem deixadas sozinhas por um tempo. Sem campainhas e chamadas telefônicas constantes. Sem cartões de condolência.

O vento salpicado de sal passou por elas. No aperto de Marion, sua mãe estremeceu.

Marion olhou para ela e avaliou: Pamela Althouse. Olhos bastante brilhantes, observando o convés, os passageiros, a água. Ombros não tão curvados quanto poderiam. Um pequeno sorriso apareceu em seus lábios enquanto observava Charlotte tirar selfies no parapeito.

Sorrir era uma coisa boa. Sua mãe, por enquanto, não estava em perigo. Não de se esgueirar, com o cérebro nebuloso, para desenterrar uma faca. Não de vasculhar a bagagem de Marion em busca do remédio escondido. Marion poderia relaxar.

Que piada.

Marion nunca foi boa em relaxar e agora, *depois*, era ainda pior nisso. Sua mãe costumava brincar que Marion nascera com uma tensão equivalente a dez vidas em seus ombros.

Minha pequena rocha, dizia sua mãe. *Minha pequena montanha solene.*

— Tendo dúvidas? — Marion cutucou suavemente o lado da mãe.

— De modo nenhum. — Sua mãe respirou fundo, fechando os olhos — A brisa do mar é revigorante, você não acha?

— Está definitivamente frio.

— Isso é exatamente o que precisamos. Uma mudança de cenário. Novos rostos, novos caminhos.

Uma ladainha familiar. Marion concordou: — Você está certa, mãe.

— Estou animada para conhecer as Mortimers, você não está? — Sua mãe apertou sua mão uma vez, suavemente, antes de soltá-la — Pessoas tão amáveis, ao telefone. Elas criam Morgans premiados. Eu te disse isso, certo?

— Sim. — Cem vezes — Elas parecem ótimas. Tipos realistas.

— Achei que você gostaria. — Disse sua mãe com um pequeno empurrão — Uma família de mulheres que mantém o sobrenome da mãe, geração após geração? Homens que vêm e vão e nunca ficam na foto? Uma dinastia matriarcal. — Sua mãe sorriu um pouco — Não é sua praia, querida? Poder feminino e tudo isso?

Marion revirou os olhos: — Mãe. Ninguém mais diz "poder feminino". Dito isso, a coisa do sobrenome é. Mas… então há o fato de sua riqueza imunda.

— Oh, Marion. Não seja esnobe. — Sua mãe estalou a língua e se atrapalhou com o zíper. Quando seus dedos começaram a tremer, Marion assumiu e fechou o zíper da jaqueta da mãe até o pescoço — Os Mortimers são boas pessoas. — Disse a Sra. Althouse, com a voz abafada pelo lenço. — Tenho um bom pressentimento sobre isso. Val, sua filha. Ela tem a idade de Charlotte. Eu te disse isso? Tenho certeza que sim.

Com a menção de Val Mortimer, Marion desviou o olhar, descendo o convés da balsa, para as filas de carros estacionados. Sua caminhonete azul desbotada, enferrujada cobrindo os poços das rodas, era uma pequena erva daninha corajosa em um jardim de Range Rovers.

— Sim, mãe. — Disse ela calmamente — Você me contou sobre a Val.

Na verdade, Marion tinha procurado Val online, porque Marion não era do tipo que deixava coisas sem investigação. Foi assim que ela descobriu que Val Mortimer era o tipo de garota danificada, linda e de sorriso brilhante a quem Charlotte se ligaria facilmente. No ano passado, Val tinha perdido uma amiga – uma garota da idade delas cuja morte não havia sido resolvida, seu corpo nunca foi encontrado.

Então Val e Charlotte sofreram perdas. Ambas tinham, presumivelmente, suportado as infindáveis condolências enjoativas de amigos e vizinhos. Ambas eram descuidadamente e chocantemente bonitas – membros longos, narizes perfeitos e pele pálida sem poros. Lábios curvados para a direita. Sua vida online vive um desfile de listas intermináveis de amigos e fotos radiantes e perfeitamente filtradas, tiradas em festas, fogueiras, bailes, jogos de futebol.

Marion tinha esperança de que Val Mortimer fosse esnobe demais para fazer amizade com a filha da governanta. Charlotte já era difícil de controlar sozinha, sem alguém como Val na foto.

— Hora da selfie! — Charlotte cantarolou, jogando-se no banco ao lado delas. Antes que Marion pudesse protestar, Charlotte as puxou para perto e apertou o botão.

— Adorável. — Ela declarou, virando a tela para que Marion e a Sra. Althouse pudessem ver. — Somos nós. As meninas Althouse.

Marion se inclinou para dar uma olhada.

Sim, era isso mesmo:

Charlotte. Cabelos despenteados pelo vento caindo em mechas ao redor dos olhos azuis como joias. Jaqueta Parka gasta emoldurando seu rosto em náilon vermelho desbotado.

Sra. Althouse. Cabelo escuro e grisalho. Pequenas linhas de pesar, novas e alarmantes, gravadas ao redor de seus olhos e boca. Sua jaqueta apertada fazendo-a parecer pequena e achatada.

E Marion. Pálida e séria. Cabelos escuros, olhos cinzentos. Quase uma cópia de sua mãe, embora não tão velha e cansada. Desajeitada, no entanto. Não exatamente sorrindo. Olhando não para o celular, mas para o mar.

— Está tudo bem, ele não morde. Você pode vir dizer olá, se quiser.

Marion tentou não olhar para o policial e seu cavalo reluzente, mas falhou miseravelmente.

Ela ergueu os olhos do celular: — Oh, tudo bem. Eu estou bem.

— O nome dele é Nightingale. Ele é rápido, mas gentil. — O oficial sorriu para Marion, seu rosto negro mordido pelo vento e barbeado. — Eu sou Ed Harlow, a propósito. Chefe de polícia de Sawkill Rock.

Ah, sim. Marion o reconheceu agora, de uma entrevista sobre a amiga morta de Val Mortimer.

— Marion Althouse. — Ela deu de ombros na perua, cheia de tudo o que possuíam. Ela não se permitiu pensar na casa que eles venderam - a casa da vida de seu pai. A casa do enterro do seu pai.

Novos rostos, novos caminhos. Uma mudança de cenário.

— Oh, certo. As Althouses. — *Ah*. Lá estava o sorriso constrangedor e simpático. — Mudança para a casa de campo Mortimer, certo?

— Você sabe sobre isso?

— Ilha pequena. As notícias se espalham rápido.

Marion olhou para trás, para o mercado em que sua mãe e Charlotte haviam desaparecido para comprar mantimentos para a noite. Ela alegou enjoo do passeio de balsa, então elas a deixaram ficar perto do carro. Um raro esquecimento de seus deveres.

Na verdada ela se sentia bem do estômago. O problema era sua cabeça e, estranhamente, as solas dos pés. Desde que deixaram a balsa, eles doíam terrivelmente, como se ela tivesse corrido descalça por muito tempo e os tivesse raspado no concreto.

Além disso, ela não tinha certeza se poderia suportar as luzes claras de um supermercado no momento, nem os olhos curiosos de novos vizinhos sobre ela.

Marion colocou o celular no bolso e esfregou distraidamente a latejante têmpora esquerda: — Ele é um cavalo muito bonito.

— Ele é um dos Mortimer Morgans.

Ela colocou a mão no pescoço elegante de Nightingale. Sua pelagem era um marrom escuro rico.

Apesar da dor de cabeça, ela teve que sorrir: — Ele é lindo. Não é, garoto?

Ao toque dela, Nightingale se encolheu. Ele torceu o pescoço para bater nas costas dela e então bateu o pé contra o estacionamento; o impacto reverberou pelas pernas de Marion para se estabelecer como um nó em sua barriga.

— Quer montá-lo? — Os óculos de aviador do chefe Harlow quase sempre escondiam seus olhos. — Só ao redor do estacionamento.

Marion tocou sua têmpora direita. A dor de cabeça parecia estar mudando para frente e para trás entre os lobulos do seu cérebro: — O quê, como um passeio de pônei?

O chefe Harlow riu, ajeitando seu chapéu de cowboy bege: — Esse rapaz não é um pônei.

— Bem, — Marion brincava com a crina áspera de Nightingale, aparada curta — eu acho. Quer dizer, eu nunca montei um cavalo antes.

— Nunca? Bem, então. — O chefe Harlow entrelaçou os dedos. — Ponha um pé nas minhas mãos, depois empurre e passe a perna por cima da sela.

— Jesus! — Marion sibilou, atrapalhando-se para colocar a perna nas costas de Nightingale. — Ele é muito alto.

Nightingale bateu no asfalto do estacionamento com um casco, depois outro.

— Não se preocupe, eu o peguei. — O chefe Harlow fez um gesto com as rédeas — Incline-se um pouco para a frente, acaricie seu pescoço. Fale com ele.

— Oi, Nightingale. — Murmurou Marion, esfregando a mão para cima e para baixo em seu pescoço. — Oi, garoto.

Músculos estremeceram sob a ponta dos dedos. Nightingale bufou, depois mudou para a direita e balançou a cauda com força.

— Ele parece nervoso. — Uma nova onda de dor atrás dos olhos de Marion tirou sua visão do alinhamento por sólidos dois segundos. Ela agarrou a crina de Nightingale, convencida de que estava prestes a deslizar para o fundo do mundo. — Isso é normal?

Nightingale sacudiu a cabeça, dando a Marion uma boa visão do branco selvagem de seus olhos.

Uma sensação de frio nauseante desceu por seus braços: — Ele está pirando. Ele está pirando?

O chefe Harlow franziu a testa: — Ei, garoto, ei, o que está acontecendo, hein?

Nightingale recuou e chicoteou a cabeça de um lado para o outro. As rédeas voaram das mãos do chefe Harlow.

Marion apertou as pernas em volta da barriga de Nightingale. Sua dor de cabeça caiu de têmpora em têmpora, e então a dor saiu

de sua cabeça e desceu por sua espinha, ficou presa em algum lugar na parte inferior das costas e explodiu.

Ela gritou e cambaleou para longe da dor, mas estava em toda parte, era inevitável. Seus dedos formigaram fortemente: — Eu quero descer, tudo bem?

— Ei! Ei! — O apito do chefe Harlow perfurou o estacionamento silencioso.

— Me põe no chão! — Marion mal conseguia se ouvir por causa do rugido de pânico do seu sangue. — Faça alguma coisa!

Nightingale empinou-se e soltou um grito relinchando. O chefe Harlow cambaleou para trás e caiu com força sentado.

Uma chicotada de algo frio bateu nos ombros de Marion, como se o vento tivesse subitamente aumentado e se tornado mais agudo. Marion sentiu o gosto dos ecos do oceano, a areia úmida, o cheiro forte de árvores que cresciam perto. Seus pés estavam em chamas, assim como sua cabeça, e também suas palmas contra o pescoço trêmulo de Nightingale.

Ele se ergueu com um estremecimento selvagem. Marion agarrou sua crina para não escorregar.

— Marion! — Veio o grito de pânico de Charlotte.

Mas este cavalo não esperaria por nenhuma irmã. Estava fora de si, embora Marion não pudesse imaginar por quê. Raiva, talvez. Algo o assustou. Uma cobra?

Nightingale disparou.

A cada batida de seus cascos contra o solo duro, Marion imaginava seu pai caindo do penhasco, a cabeça batendo contra o carro repetidamente até não restar mais nada.

Zoey



A Bisbilhoteira

Thora havia desaparecido há sete meses e eles nunca haviam encontrado o corpo.

Ninguém tinha outra resposta além da ladainha de costume: vocês crianças, não deveriam correr pelos penhascos, eles são muito perigosos, não dissemos isso um milhão de vezes?

Zoey está farta de fingir que estava bem com isso.

Ela não achava que, de um modo geral, as pessoas podiam perambular na rua e bisbilhotar a delegacia como se fossem donas do lugar. Mas o chefe de polícia Harlow estava encarregado das coisas, então Zoey Harlow poderia fazer o que quisesse.

Era a única alegria insignificante de viver em Sawkill Rock ao lado de seu exército de pessoas brilhantes, com seus rostos lisos e imperturbáveis e suas calças de corrida manchadas de suor e seus carros que custavam mais do que a casa de Zoey.

Rosalind, sentada na recepção, ofereceu a Zoey um biscoito de aveia e passas e apontou para o caderno de Zoey: — O que você está escrevendo hoje?

— Ainda não decidi! — Zoey respondeu. O que era verdade. Ela *ainda não tinha decidido* desde que Thora morreu. Seu caderno meio cheio permaneceu meio cheio. A única coisa que saiu da

caneta de Zoey nos últimos meses, além do trabalho escolar, foram rabiscos de unicórnios peidando.

Ela dobrou o corredor, parou na sala dos funcionários, mostrou um velho fragmento de um poema ao delegado intrometido de seu pai e rabiscou criaturas mitológicas flatulentas por meia hora. Quando o lugar ficou vazio para o almoço, Zoey recuperou a chave do escritório de seu pai no bolso, rastejou pelos corredores silenciosos, destrancou a porta e entrou.

Seu coração disparou. Ela esteve neste escritório centenas de vezes desde que se mudou para Sawkill, dois anos atrás. Mas ela nunca tinha entrado sem a permissão de seu pai, e *definitivamente* nunca com a intenção de bisbilhotar.

Zoey contornou a escrivaninha, abriu as seis gavetas e folheou papéis. O escritório estava imaculado – nenhuma surpresa aí – mas isso significava que ela tinha que ir devagar, se certificar de colocar tudo de volta exatamente onde ela o encontrou. Ed Harlow era o tipo de cara que ficaria louco, principalmente com bom humor, se alguém perdesse um único livro.

Ele disse a ela uma vez: *O mundo é um lugar louco, Zo. Gosto de manter minha parte o mais organizada possível.*

O que foi muito bom, embora dolorosamente idiota. Ainda assim, esta não foi a primeira vez que Zoey desejou que seu pai fosse um desleixado.

Nada na mesa. Nada *dentro* da mesa.

Zoey se virou, olhou para a fileira de armários de arquivo que revestiam a parede traseira – *oito* no total – e soltou um suspiro profundo.

— Uau, pai, — ela murmurou — Tem armários de arquivo suficientes?

Ela abriu o primeiro, folheou os arquivos pendurados. Um monte de porcaria administrativa. Formulários e formulários e mais formulários. Inútil.

Próximo: Fichários de três argolas com manuais de treinamento.

Próximo: Arquivos de funcionários. Avaliações de desempenho. Uma carta manuscrita de reclamação do sargento George Montgomery III sobre os níveis perigosos de perfume que Rosalind

insistia em usar. *Realmente*, *chefe,* o sargento Montgomery havia escrito: *Temo por minha saúde.*

Sorrindo, Zoey fechou o terceiro arquivo, esticou os braços sobre a cabeça e bocejou.

Então ela viu. Uma nova adição ao escritório de seu pai: uma foto pequena e quadrada em uma moldura de prata, em uma linha de outras fotos emolduradas em uma mesa de canto estreita. O rosto negro de Zoey, a pele um pouco mais clara do que a melanina rica de seu pai salpicada com algumas das sardas de sua mãe, sorriu para si mesma. Seus cachos castanhos na altura do queixo emolduravam seu rosto como uma nuvem, e ela estava com os braços abertos, como se para declarar que a pessoa sorrindo ao lado dela era uma revelação a ser alardeada.

Zoey tocou a imagem de Thora – pele branca, cabelo castanho-escuro, sorriso atrevido, olhos brilhantes. As lágrimas de Zoey vieram tão rapidamente que sua chegada a fez sufocar um pouco.

Thora.

Declarada morta aos dezessete anos, e ninguém sabia porquê, quando ou *como*.

Zoey fechou os olhos, afastou-se do quadro e da imagem tonta de Thora. Ela se lembrou do dia da foto: a festa de dezessete anos de Zoey. Thora e Grayson eram os únicos participantes, e os únicos que Zoey queria ver (e os únicos que teriam vindo para uma festa de Zoey, mas tanto faz). Uma maratona de filmes – *Alien*, *Aliens*, a pedido de Thora, *O Clube dos Cinco*, então, a pedido de Grayson, *dormir*, pelo amor de Deus. Eram 4:30 da manhã, a voz de Thora rindo: *Grayson, você é um idoso.* Todos eles empilhados no sofá no porão de Thora. Thora roncando no ombro de Zoey. A mão de Grayson tocando a de Zoey.

Eles ainda não tinham transado, ela e Grayson. E ela ainda não tinha terminado com ele.

E Thora ainda não havia sido assassinada.

Bem, e essa era a questão, não era? Ninguém pensou que Thora tinha sido assassinada. Não oficialmente, pelo menos. Não houve evidência de assassinato; os álibis de todos tinham sido verificados.

— Existem animais selvagens em nossa ilha. — disse o pai de Zoey em uma entrevista ao jornal do continente. — Sem mencionar as áreas muito perigosas nas falésias, onde o solo pode ceder sem aviso. Por favor, a todos os nossos jovens, e a todos os visitantes: não vagueiem no bosque depois de escurecer.

Animais selvagens. Solos perigosos.

Certo. Zoey *pensou que sim*.

Mas esses eram os mesmos motivos idiotas que as pessoas vinham dando para o desaparecimento das garotas de Sawkill por anos. Décadas, até. Zoey nunca comprou essa desculpa.

E agora, com Thora desaparecida?

Thora, que sempre entendeu quando Zoey queria ficar em casa em vez de sair. Thora, que era obcecada por fandoms ainda mais obscuros que os de Zoey. Thora, que sempre sussurrava as velhas histórias dos monstros da ilha antes de dormir, quando Zoey e Grayson dormiam, mesmo quando o gato assustado Grayson implorou para ela não:

Cuidado com a floresta e a escuridão, profundamente úmida
Ele vai te seguir até em casa e não te deixará dormir

Zoey abriu a porta do quarto arquivo de seu pai, piscando para conter as lágrimas.

Com o desaparecimento de Thora, Zoey não estava mais satisfeita com as não respostas das autoridades locais. Nem mesmo quando seu chefe era seu pai.

Mas assim que ela começou a folhear uma nova gaveta de arquivos pendurados, um grito cortou o silêncio – um grito de cavalo. O som mais terrível do mundo.

Zoey sentiu como se tivesse atravessado um véu para o inverno. Ela fechou a porta do armário com um chute, então correu para a janela e olhou para a luz do sol, bem a tempo de ver Nightingale, o cavalo de seu pai, empinar no estacionamento do mercado ao lado, com as patas dianteiras arranhando o ar. Seu pai caiu para trás, bateu no chão com força, mas Zoey não estava preocupada. Ed Harlow era feito de granito.

As rédeas voaram. Alguém estava nas costas de Nightingale.

Zoey não a reconheceu – alguma garota branca com longos cabelos escuros.

— Marion! — outra garota branca, vestindo uma jaqueta parka vermelha desbotada, correu pelo estacionamento, sacolas de supermercado balançando em suas mãos.

Mas era tarde demais.

Nightingale surgiu entre as filas de carros estacionados. Sua pelagem brilhava de suor.

A garota em suas costas se segurava forte, o cabelo esvoaçando atrás dela. Era dolorosamente óbvio que ela não era uma garota de Sawkill.

Primeiro, suas roupas pareciam de segunda mão, como as de Zoey – exceto que faltava o que Zoey gostava de chamar de seu talento para customizar. Rasgos artificiais, tecido liso tingido em cores chocantes, franja selvagem onde antes havia apenas uma bainha simples e desinteressante.

E dois, a garota não sabia cavalgar merda nenhuma.

Zoey se solidarizou. Sua primeira e única experiência de cavalgada havia terminado com um ataque de pânico total nas costas de um cavalo policial de bigode sossegado com olhos tristes.

— Jesus. — Zoey cuspiu.

Ela correu pelo corredor e para fora, pegou sua mountain bike respingada de lama de onde a havia deixado escondida atrás da cerca viva e saiu pedalando.

Nightingale estava pegando a Runaround Road, pedregosa e empoeirada. Ele circulava nos arredores da cidade, ao longo dos Black Cliffs que cobriam a costa montanhosa da face oeste da ilha e, eventualmente, descia para o Spinney.

Era uma estrada feita para agradáveis passeios à beira-mar, não para cavalos em pânico. Nightingale cairia, quebraria a perna, jogaria a garota. Se ela tivesse sorte, ela atingiria um arbusto ao lado da trilha.

Se ela não tivesse sorte, ela pousaria nas rochas do mar negro abaixo dos penhascos.

Zoey bombeou as pernas o mais forte que pôde. Atrás dela veio o barulho do carro patrulha de seu pai, o bater de pés enquanto as pessoas corriam atrás deles pela estrada.

— Vamos, vamos. — ela murmurou, olhando através do vento para a forma escura e rápida de Nightingale — Calma, seu cavalo estúpido.

No ponto mais alto da Runaround Road, Nightingale soltou mais um daqueles gritos horríveis de gelar o sangue e desapareceu do outro lado.

Merda, merda, merda.

Os músculos de Zoey queimaram enquanto ela pedalava encosta acima, e então ela estava no topo da colina e voando pelo outro lado. A Runaround Road terminava em um pequeno mirante cercado por árvores que Val Mortimer havia a muito tempo reivindicado como seu ponto de encontro favorito.

Lá, no centro do que Zoey havia cunhado de Viper's Den, a garota estava imóvel na terra.

Nightingale disparou para as árvores, as rédeas arrastando.

— Droga. — Zoey murmurou, freando forte. Ela correu para onde a garota estava deitada com os olhos fechados, verificando se havia sangue.

Sem sangue.

Respirando?

Ela checou seu pulso.

Respirando.

Zoey alisou o cabelo úmido grudado na testa da garota.

— Ei. — ela murmurou, segurando a bochecha direita da garota com a mão direita — Você pode me ouvir?

Ao longo dos anos, Zoey havia se refeito do tipo de garota que chorava ao ver um animal morto na estrada para o tipo de garota que escondeu suas lágrimas tão profundamente que às vezes parecia que tinha se esquecido de como chorar. As coisas eram mais fáceis assim.

Mas agora, ajoelhada na terra branca como giz ao lado da garota, Zoey sentiu seus olhos se encherem de lágrimas pela segunda vez em dez minutos.

— Olha, você tem que abrir os olhos. — disse ela. — Porque eu poderia precisar de outra garota de segunda mão por aqui. Você sabe o que eu estou dizendo?

— Zoey? Ela está bem? — seu pai estava descendo a colina correndo, gritando ao telefone. — Sim, estamos no mirante de White Rock. Não, ainda não sei.

— Marion? — Mais passos descendo a colina, mais leves. — Marion! Estou chegando!

— Esse é o seu nome? — Zoey se aproximou. — Ei. Marion? Eu sou Zoey. Você vai ficar bem.

A garota do estacionamento, vestindo a parka vermelha, se ajoelhou ao lado de Marion com lágrimas nos olhos.

Zoey, com medo de mover Marion, manteve o rosto da garota nas mãos. Se ela acordasse, ela sentiria o conforto da pele quente em seu rosto e saberia que não estava morta.

— Silêncio agora. — veio outra voz, leve e feminina — Eu peguei você.

Zoey congelou ao som daquela voz. Ela a conhecia muito bem e sentia muito por isso.

No limite da visão de Zoey esticou-se uma mão pálida com unhas brilhantes e bem aparadas.

A Garota de Parka pegou a mão e se levantou.

— Ela não está se movendo. — disse A Garota de Parka, a voz cheia de lágrimas.

— Ela vai ficar bem. — respondeu Val Mortimer, com aquela voz que não enganava ninguém e, no entanto, parecia enganar a todos. Tinha até enganado Thora.

Não enganou Zoey.

Zoey se concentrou no rosto inconsciente de Marion para que ela não precisasse ouvir muito de Val e A Garota de Parka conversando. Mas ela entendeu algumas coisas: o nome da garota era Charlotte. Ela era irmã de Marion.

Seu pai havia morrido recentemente.

— Não se preocupe. — Val assegurou Charlotte — O chefe Harlow *sempre* sabe o que fazer.

Zoey não conseguiu evitar. Ela olhou de volta para Val. Cadela, cadela, *cadela*.

Val tinha os braços em volta da irmã de Marion. Seu sorriso era feito de diamantes e severo, e ela o lançou para Zoey como se dissesse: *Vá em frente. Eu te desafio.*

E pensar que depois que Thora morreu, Zoey realmente considerou entrar em contato com Val:

Ela também era minha amiga.

Pelo menos, ela costumava ser.

Foi nesse momento que os olhos injetados de sangue de Marion se abriram.

E ela começou a gritar.

Val



A Víbora

Val ignorou Nightingale e a garota agarrada em suas costas.

Em vez disso, ela observou a garota correndo atrás deles.

Essa segunda garota usava uma parka vermelha e, embora corresse ao lado da multidão de compradores boquiabertos e gritando, de alguma forma existia separada deles. Havia um brilho intenso em suas bochechas rosadas. A fragilidade de seu temível corpo de menina fez o peito de Val doer e eletrificou os cabelos finos da nuca de Val, e despertou o apetite profundo de Val que pertencia a ela, um pouco, mas a maior parte pertencia a ele.

Uma força puxou a barriga chapada de Val. Ela deu um passo contra sua vontade.

Ele tinha notado. Ele sentiu a garota, e Val não queria segui-la, mas *ele* queria que ela o fizesse, e ponto final.

Ou foi?

Foi realmente?

Val, se sentindo ousada, decidiu testá-lo. Sua avó a advertiu contra desafiá-lo com muita frequência, mas também advertiu Val contra *nunca* o desafiar.

Não se perca para ele, minha querida, Sylvia Mortimer tinha dito. *Não você toda.*

Guarde um pedaço para você.

Val fechou os olhos, lembrando-se das palavras de sua avó: *Isso é o que a primeira de nós disse - sua tataravó Deirdre. Ela contou à filha e assim por diante, até que minha mãe me contou, e eu contei a Lucy, e agora estou contando a você, por causa de sua mãe...Bem. Ela é mais difícil do que o resto de nós. Ela teve que se tornar assim, porque isso a machuca mais do que qualquer outra pessoa.* Ele *a machucou mais do que qualquer outra pessoa, e agora não há mais nada da minha filha além de uma casca quebradiça.*

Então me escute, Valerie: guarde um pedaço para você. Aconteça o que acontecer, segure bem essa migalha.

Um espinheiro criou raízes nos pés teimosos de Val. Talvez se ela ficasse lá por tempo suficiente, os emaranhados de sarças iriam envolvê-la dentro de uma parede encantada, e a parede ficaria de guarda ao redor da garota adormecida até que o príncipe viesse e queimasse tudo.

Foi assim que a história foi, certo?

Vá.

A coluna de Val ficou rígida, todos os dentes famintos e facas afiadas e fileiras de ossos algemados. Sua boca abriu e as lágrimas brotaram de seus olhos. Ele quase nunca falava com ela diretamente. Não em estacionamentos. Não sob o céu aberto.

Ela pagaria por sua hesitação, mais tarde, nas pedras.

Val correu, correndo à frente da multidão, e parecia bem fazendo isso, em suas calças de ioga de segunda pele, o cabelo loiro empilhado no topo da cabeça. Claro que ela parecia bem, todo mundo sabia, ela acima de tudo. Ela passou a vida inteira manobrando todos os tipos de coisas para torná-la assim.

Além disso, bons genes. Ela foi abençoada com um DNA estelar.

— Faça parar!

A garota no chão, Marion era o nome dela, gritava as palavras sem parar, batendo nas pedras. Ela agarrou seu cabelo, sua cabeça, ela chorou e lamentou.

Zoey Harlow praguejou, levantou-se em um salto e recuou.

Pela primeira vez em sua vida, Val concordou com a merdinha.

— Marion? — A Garota de Parka, a garota que ele queria, correu para Marion, seu rosto pálido tornou-se fantasmagórico. O nome dela era Charlotte Althouse, e ela era a filha da nova governanta, e Val queria jogar a cabeça para trás e rir porque esta situação estava se desenrolando tão perfeitamente que quase não podia ser real.

— O que está acontecendo? — Charlotte chorou. Ela estendeu a mão para Marion, mas Marion deu um tapa em sua mão.

O uivo de uma sirene. Chefe Harlow para o resgate, imobilizando Marion e prendendo seus braços na terra de uma forma que fez a boca de Val se encher de bile e seus membros ficarem frio-quentes. Ela não gostava de ver pessoas presas. Nem estranhos, nem amigos, nem mesmo os meninos detestáveis com quem ela dormiu.

Os pesadelos de Valerie Mortimer eram ser pressionada em um espaço cada vez menor que comprimia todas as suas partes desconexas em uma gaiola invisível. Ela os suportou todas as noites.

— Marion? — disse o chefe Harlow, com aquela voz estrondosa como se estivesse em um desfiladeiro profundo. — Você está bem. Você está bem, a ajuda está chegando. OK? — Seus olhos se voltaram para Zoey. — Você viu o que aconteceu?

— Não. — Zoey cruzou os braços sobre o peito e mordeu a unha do polegar. Seu cabelo afro de cachos pretos macios, recentemente salpicado de brilhantes listras laranja, balançava levemente com o vento do mar — Vim da colina, Nightingale se foi. Ela estava apenas *deitada* aqui.

As pessoas estavam se aglomerando ao redor, finalmente conseguindo alcançá-los. Seu suor enojou Val. Todos esses sacos de carne suja, agindo como se fossem alguma coisa, com suas fazendas de cavalos e seus sedans modificados, seus portfólios e seus fundos credores, quando era ela, era *ela* quem tinha o poder aqui, que sabia mais do que eles jamais poderia imaginar. Como eles *ousam* se aproximar como se estivessem todos juntos nisso?

Ela se virou: — Afastem-se. — ela ordenou, na voz que sua mãe lhe ensinou, uma parte doce, duas partes, é melhor você me ouvir inferno. — Dê a eles um pouco de ar. E guardem seus celulares. Vocês todos se esqueceram de como ser humanos?

Sua última conquista, Collin Hawthorne, pairava nas proximidades. Ele a observou com uma espécie de torpor meio sorridente estúpido.

Val reconheceu aquele olhar pasmo e imaginou como ele se transformaria, se ele topasse com ela nas pedras uma noite. Ela quase desejou que ele fizesse, mesmo que ficasse bagunçado. Só para ver ele, por aquele lampejo final de segundo, entender exatamente com o que ele estava dormindo.

— Pessoal! — Ele gritou, imitando-a, o que Val achou histérico. — Afastem-se, certo? Deixe os paramédicos trabalharem.

Dois paramédicos passaram apressados e deram algum tipo de injeção em Marion, que chorava e estava com o rosto ferido. Ela relaxou imediatamente, as veias saltadas de volta ao pescoço.

Val viu uma mulher em estado de choque lutando para passar pelos espectadores. Reconhecendo aquela pele pálida e cabelo escuro, Val pensou, *Ah*, e avançou.

— Deem espaço. — ela ordenou. Suavemente, ela pegou o braço da mulher. — Você é a mãe de Marion?

— Sim. — sussurrou a mulher. Sem cor em suas bochechas ou lábios. Olhos arregalados fixos em sua filha sedada — Eu sou... Eu sou Pam.

— Ela vai ficar bem. — disse Val — Temos médicos maravilhosos em Sawkill, os melhores. Eles vão ajudá-la. — Val apertou a mão da mulher. Suavemente agora, Val. Gentilmente. — Por favor, não tenha medo.

E quando Val passou a Sra. Althouse para Charlotte, os olhos de Charlotte encontraram os de Val.

Obrigada, disse o sorriso agradecido de Charlotte.

Val retribuiu o sorriso – gentil, infinitamente compassivo - e mesmo com a irmã inconsciente no chão e a mãe atordoada e assustada, Charlotte pareceu relaxar um pouco.

O coração sombrio de Val rolou de costas e se contorceu, porque tudo estava acontecendo como deveria.

Caramba. Ela era boa nisso.

Ela era boa em ser rainha.

Zoey



Envelope Rosa

Zoey só sonha em preto e branco.

Este sonho não foi diferente, exceto que em vez de alienígenas e tornados, dinossauros e que estava voando, para cima, apenas empurrando com os pés e voando para uma terra deserta sem água à vista, ela sonhou com cavalos correndo, cada um deles carregando uma menina nas costas.

Qual escolher?

Qual salvar?

Ela pensou sobre isso, sua mente sonhadora sufocada pela indecisão, e então seguiu a da esquerda, porque aquele cabelo escuro e pele branca a lembravam de Thora.

Espere, Zoey também estava em um cavalo?

Ou ela estava correndo? Voando?

O que isso importa? Ela alcançou o cavalo, finalmente, e libertou Thora. Quando o mundo parou de girar, ela olhou para a garota em seus braços.

O rosto de Val Mortimer olhou para ela em uma confusão de cabelos escuros emaranhados. Errado: o cabelo de Val Mortimer era ouro fundido. Mas era realmente o rosto de Val, rindo tanto que seu rosto parecia prestes a se abrir.

Ali, uma fissura em sua bochecha. Zoey enfiou o polegar nela.

A fissura se alargou e a escuridão se espalhou. Um mar de breu espesso.

Os outros cavalos correram, garotas subindo em suas costas, até que o horizonte os engoliu.

Zoey acordou com o coração batendo forte nos ouvidos, protegida sob a colcha que seu pai fizera para ela dois anos atrás, como um presente de boas-vindas a Sawkill.

A colcha tinha essa qualidade maravilhosa de absorver todos os melhores cheiros de sua casa – os charutos de seu pai, o coentro, o alecrim e o manjericão de seu jardim de ervas interno, o aroma químico de lavanda de seu sabão em pó, a massa arrabiata da noite anterior.

Era uma colcha torta e mais do que um pouco feia. Quando seu pai deu a ela, embrulhado em papel pardo e amarrado com barbante, ela a abriu e riu. Uma gargalhada estridente. A risada que ela herdou dele.

Porque Zoey estava mais do que um pouco confusa, e parte de toda aquela coisa de aprender a não chorar era recorrer ao padrão de riso inapropriado em momentos em que ela não sabia o que fazer com suas emoções. Rir era seguro e assustava um pouco as pessoas o fato de ela rir quando amantes morriam no cinema. Quando ela bateu com sua mountain bike no primeiro dia em que a montou, ela ficou lá no centro da rua principal de Sawkill com joelhos rasgados e sangrando, gargalhando para o céu.

Mas Zoey sabia que seu pai tinha feito esta colcha para ela porque era o tipo de coisa que sua mãe nunca faria, dedicar um tempo para aprender uma coisa nova, simplesmente para que ela pudesse fazer algo de bom para sua filha. Para que ela pudesse fazê-la se sentir mais amada e talvez um pouco mais estável.

Foi por isso que Zoey foi morar com ele quando ele pediu, em vez de se mudar de Baltimore para San Francisco com a mãe.

Zoey ainda não havia decidido se ela se arrependia dessa decisão. A mudança para Sawkill trouxe Thora, com certeza. Mas a perda de Thora havia esculpido um pedaço do coração de Zoey, e ela não achava que algum dia seria capaz de substituir, e ela tinha quase certeza de que não queria.

Zoey pegou seu celular e enviou uma mensagem:

Tá acordado?

Alguns segundos. Então:

Um pouco. Está tudo bem?

Zoey se aninhou mais profundamente sob sua colcha. Grayson Tighe era o único homem de confiança na ilha, além de seu pai.

Posso dizer, mais uma vez, a quão grata sou por você realmente digitar como merda em suas mensagens?

E usar pontuação adequada?

É muito sexy, nmrl.

Parece que você esqueceu algumas letras aí.

É assim que os jovens falam, yo.

É, eu ouvi falar.

Zoey sentiu a tensão sumir de seu corpo. Deus abençoe Grayson. Ela desceu as escadas para tomar um copo d'água. Sua garganta parecia que ela estava gritando.

Você ouviu sobre a nova garota?

Marion Althouse.

Yeah.

Ouvi dizer que ela teve algum tipo de ataque.

Foi uma porra.

Use suas palavras, Garota de Palavra.

Fodido. Desculpa, amor. Às vezes, você apenas tem que dizer.

Ela praticamente podia ouvir o suspiro de Grayson através de sua mensagem.

Então você estava lá, certo?

Certo.

Zoey?

Ela abriu a torneira e encheu seu copo favorito – uma relíquia de plástico lascada que era tão laranja quanto seus cachos recém-tingidos.

Sim.

São 3:00 da manhã. Você sabe disso, certo?

Realmente? Espere, o que são esses números no meu telefone?

Zoey.

O que você quer dizer??

Zoey.

É um código?? O QUE É ISSO? ONDE ESTOU? EM QUE ANO ESTAMOS?????

ZOEY.

Ao seu serviço.

O que realmente aconteceu com Marion?

Zoey engoliu seu copo d'água. Ela ficou perto da pia, observando a luz do farol circular lento e constante.

Eu não conseguia dormir, ela respondeu finalmente. Talvez Grayson já tivesse adormecido.

Marion me assustou.

Como?

Ela estava gritando como... Eu não sei. Estava errado.

Errado como o quê?

Errado como pessoas normais não gritam assim. Ela estava praticamente convulsionando.

Não é como as pessoas geralmente agem após serem atiradas de um cavalo.

Não muito.

Talvez ela tenha problemas de saúde. A queda pode ter desencadeado algo.

Talvez.

Zoey cravou as palmas das mãos nos olhos com tanta força que doeu.

No balcão, seu celular tocou:

We can dance if we want to

We can leave your friends behind

Ela atendeu antes que pudesse acordar seu pai: — Grayson, que porra é essa?

— Você não estava respondendo minhas mensagens. — disse sua voz, tão imperturbável e objetiva como sempre. Uma sugestão de um antigo sotaque da Nova Inglaterra agarrando em suas palavras. Ela zoou ele sobre isso quando o conheceu, agora que ela sabia que ele não era um idiota insuportável, ela o achou encantador. — Eu não queria dormir sem ter certeza de que você está bem.

— Seu idiota lindo.

Grayson deixou escapar um pequeno suspiro. Feliz, Zoey pensou, e então veio a ladainha familiar e traidora: *Talvez eu pudesse fazer sexo de novo, pelo bem de Grayson.*

Talvez tenha sido um erro terminar com ele.

Talvez eu parasse de sonhar com Thora, se Grayson fosse meu, como antes.

— Por favor, me fala que você ainda não tem “Safety Dance” como toque. — disse ele.

— “Sinto muito, Dave.” — Zoey entoou — “Receio não poder fazer isso.”

— Você está fazendo a inclinação da cabeça HAL assustadora?

— Claro.

— Mesmo que ele fosse um console de computador e não um androide e, portanto, não pudesse realmente fazer a coisa de inclinação da cabeça do robô?

— Oportunidade perdida. Kubrick deveria ter me contratado.

— Você não estava viva naquela época.

— Isso quem diz é você. — Zoey ficou na ponta dos pés, abaixou-se em um plié — Eu sou um felino ressuscitado. Eu sou uma velha alma. Eu contenho multidões. — ela voltou a uma posição relevé, levantou o braço esquerdo sobre a cabeça e esticou os dedos como uma dançarina. — Na minha próxima vida, serei bailarina. Como uma bailarina hardcore. Tutus brilhantes, mas também de arremesso de faca. Daggerina. E vou ter tanto dinheiro que vou comprar Sawkill e chutar todos os babacas ricos, correr solta com os cavalos e abrir um cinema drive-in.

— Para quem? Você e os cavalos?

— A barraca de comida venderá fardos de feno de pipoca.

Grayson riu, um som quente e rico que manteve Zoey feliz girando.

Então, ele disse calmamente: — Val vai dar uma festa na próxima sexta-feira.

Os calcanhares de Zoey caíram de volta no chão: — Ótima maneira de matar o clima de uma garota.

— Ei, agora. Você solicitou que eu a mantivesse atualizada com o calendário social.

— Eu já sabia sobre essa.

— Como? — Grayson parecia confuso.

Compreensível. Ninguém nem remotamente associado a Val falava com Zoey, exceto ele, então. Foi isso.

— Recebi um convite pelo correio, com onze dias completos de antecedência. O que você acha? Acho que ela realmente quer que eu vá. Acho que ela queria me avisar com antecedência suficiente para que eu pudesse manter esse dia aberto para a festa da temporada.

Em seu quarto, o convite rosa amassado e o envelope branco crocante com o perfume de gardênia de Val estavam na lata de lixo.

— Merda. — Grayson quase nunca xinga. Houve um silêncio limpo e vazio — Zoey, por favor, não.

— Você não pode me controlar, Grayson.

— Eu não estou tentando controlar você e não quero controlar você. Eu também não quero que você se machuque.

Uma vez, Zoey decidiu que cautela era para amadores e apareceu em uma festa de Val Mortimer sem ser convidada. Ela mal conseguiu sair de lá com o nariz intacto. Apenas a interferência de Grayson a salvou de um chute na bunda. Não de Val, ela não arriscaria nem sua reputação brilhante nem a integridade de sua manicure.

Era para isso que as outras pessoas existiam. Minions. Val tinha dezenas deles.

E não seria fácil, sussurrou uma voz em forma de Thora na mente de Zoey, *acabar com alguém, se você tivesse um exército de lacaios à sua disposição?*

Era um pensamento que Zoey não conseguia abalar, embora, realmente, não fizesse sentido. No começo, Zoey presumiu que Val havia roubado Thora dela apenas para provar a Zoey que ela podia. Porque Val era a realeza de Sawkill e Zoey não se encaixava no molde de Sawkill, não se importava e achava que a política social de Sawkill era uma besteira. O nervo disso pareceu grudar na garganta de Val como uma casca de pipoca presa entre os dentes.

E que maneira melhor para Val mostrar o dedo a Zoey do que roubando sua melhor amiga?

Mas, com o passar dos meses, ficou claro para Zoey que Val adorava Thora, sem fingimento ou pretensão.

Portanto, não fazia sentido que Val a tivesse assassinado.

E ainda, a mente de Zoey zumbia em torno da ideia como uma abelha zangada. Principalmente porque era uma bela fantasia imaginar seu inimigo fazendo algo tão hediondo. *Mais uma razão para odiar sua coragem, minha querida.*

Mas também... havia as outras meninas.

— Val estava no espaço pessoal de Charlotte Althouse ontem. — disse Zoey, compassando.

— Espere, quem?

— Irmã de Marion Althouse. Menina bonita.

— Ok...

— Você não iria chutá-la para fora da cama, é o que estou dizendo. Se você gostasse de ter pessoas em sua cama.

— Não vejo o que isso tem a ver com...

— Ela parecia legal, e eu não quero Val colocando suas garras nela, ok? Como...

Zoey, a que não chorava, não era imune a nós na garganta. Ela engoliu em seco, lutando para recuperar suas palavras enquanto subia as escadas.

A voz de Grayson era gentil: — Como Thora?

Uma vez em seu quarto, Zoey levantou o colchão, retirou o quadro de avisos escondido em cima da caixa de molas. Ela o encostou na parede, sentou-se de pernas cruzadas na frente dele, olhou para a tela de recortes de jornais, impressões de computador e os olhares sorridentes de 23 meninas.

Evelyn Sinclair. Fiona Rochester. Avani Mishra. Grace Kang. Natalie Breckenridge.

Thora Keller.

Décadas de garotas mortas. Meninas pobres e meninas ricas. Meninas negras, e brancas.

Todas elas garotas de Sawkill.

Nem todos elas tinham sido amigas íntimas da família Mortimer, mas o suficiente era, fazendo Zoey pensar, teorizar e deixar Grayson quase louco com seus discursos.

— Sim. — Zoey respondeu — Como Thora. Além disso, ela me enviou um *convite cor-de-rosa da Barbie*. Então. Desafio aceito.

Um momento de silêncio: — Me fale de novo — disse Grayson. — O que você acha que a família de Val fez?

Zoey se irritou com a razoabilidade de sua voz: — Não me trate com condescendência.

— Zo, sério, só estou tentando entender...

— Eu não sei o que elas fizeram! — Zoey ergueu as mãos — E eu não sei por que elas fizeram isso, mas elas fizeram... *algo*.

Grayson suspirou suavemente: — Eu entendo.

— Quantas garotas desapareceram de Sawkill ao longo dos anos, Grayson?

— Várias.

— E todos elas eram... ?

— Zoey, *todos* em Sawkill são amigos das Mortimers. Isso não significa...

— Eu não sou. Você não é.

— Bem, minha mãe na verdade tomou chá com a mãe de Val semana passada.

— Cale a boca, Grayson. — Zoey disse, mas não havia calor por trás disso. Ela desabou na cama e passou o braço pela testa.

— Tudo bem. — ele disse agradavelmente. Uma batida de silêncio, seguida por outra e uma terceira.

— Thora era *minha* amiga. — Os olhos de Zoey queimaram com lágrimas de exaustão que ela se recusou a deixar cair — Ela era *nossa* amiga, Grayson. Então, do nada, Val decidiu tirá-la de nós e, três meses depois, ela estava morta.

Grayson não disse nada. Ele já tinha ouvido tudo isso antes.

Zoey se empurrou para fora da cama e colocou uma tachinha no lugar no quadro de avisos, não a que estava escondida, mas a que ficava bem à vista sobre a mesa. O convite de Val agora flutuava ao lado de recortes de revistas de atores e atrizes tão bonitos que doía em Zoey olhar para eles. Poesia rabiscada em papel de caderno. Fotos Polaroid - de seu pai, dela mesma, Grayson e Thora explorando a praia abaixo de Black Cliffs, de uma mulher branca sorridente com Zoey de cinco anos nos braços.

— Não se preocupe, Grayson. — disse Zoey. — Vou esquecer Thora e todas as outras meninas também. Assim como todo mundo nesta rocha de merda.

Então ela desligou.

Marion



O Doutor

— Marion? Eu preciso que você abra seus olhos para mim.

Mas Marion não conseguia abrir seus olhos. Parte de seu crânio parecia que ia desabar, e se ela abrisse os olhos, ela teria que enfrentar o horror disso.

Em vez disso, ela forçou os dedos a rastejarem pelo travesseiro até encontrarem primeiro o cabelo, que alguém penteara até ficar limpo e reto, e depois o couro cabeludo.

Ela choramingou.

Ela iria encontrar uma seção inteira aberta de seu crânio faltando, ela simplesmente sabia disso. Ela alisaria as pontas dos dedos ao longo da parte lateral do cabelo e sentiria toda uma seção irregular quente e úmida, entalhada.

— Marion? — Uma voz paciente repetia seu nome. — Marion, por favor, abra os olhos.

Demorou uns bons dois minutos para fazer a inspeção completa. Esfregando a cabeça novamente e novamente. Preparando-se para o pior absoluto, para pedaços de cérebro e cabelos encharcados de sangue.

Mas de alguma forma tudo estava intacto. Como isso era possível? Ela se lembrava claramente de algo duro batendo em sua cabeça. Uma sensação de voar, depois cair, depois bater e depois

um nada suave. Exceto que não era inteiramente nada, porque também havia esse medo tão visceral que parecia um ninho de vespas furiosas se abrindo em sua cabeça, e houve um choro...

Um choro. Sim, isso também aconteceu. Um grito, um grito agudo. Um ruído estridente de trituração, como se seus ossos se esfregassem um contra o outro. O gemer de ossos, ao mesmo tempo baixo e insuportavelmente alto.

— Mãe? — Ela forçou a palavra entre lábios rachados, lutando para ordenar seu cérebro. — Olá?

Então, incitando suas pálpebras a abrirem, Marion piscou para um mundo escuro e suave.

— Você pode seguir esta luz para mim? — pediu a voz paciente.

O mundo se iluminou. Marion seguiu a fonte de luz – para frente e para trás, para frente e para trás.

— Excelente. — Um movimento leve e farfalhante. — Você pode me dizer seu nome?

— Marion Althouse.

— Maravilhoso. Que dia é hoje? Você pode me dizer a data, por favor?

— Dezenove de junho. Quinta, eu acho?

— Excepcional. Você vai ficar bem, Marion. A pior parte já passou.

— Pior parte de quê?

— Você teve um acidente. Uma concussão. Você se lembra?

A imagem de um esbelto pássaro cinza passou pela mente de Marion. O que isso significa?

— Nightingale. — Ela disse a palavra e, de repente, as coisas ficaram mais claras, como se ela estivesse deslizando da água para o ar puro e doce.

Ela se sentou, estava em uma cama, travesseiros empilhados em suas costas. Do outro lado da sala, cortinas brancas esvoaçantes flanqueavam uma janela ampla. E ao lado de sua cama estava sentado um homem branco em uma camisa de botão e gravata sob um suéter pálido como areia.

Ele olhou para Marion, sem piscar, um pequeno sorriso congelado em seus lábios.

— Nightingale me jogou. — Marion tossiu. Seus membros estavam rígidos, sua boca azeda de sono. — Ele fugiu do mercado e nós seguimos por uma estradinha. Havia penhascos de um lado. Havia árvores e ele me jogou. Eu não sei o que aconteceu então.

As memórias correram em seu rosto como um filme em avanço rápido, e ela não conseguia desviar o olhar delas

— Ele está bem? — ela resmungou. — O cavalo, quero dizer.

— Nightingale está bem. — o homem a tranquilizou. — Algo o assustou, mas ele está em casa agora. Às vezes, os animais são imprevisíveis. — Ele inclinou a cabeça para o lado. — Você pode me dizer o que aconteceu antes de Nightingale começar a correr? Aconteceu alguma coisa estranha?

— Estranha? — Marion inspirou e expirou. Cada vez, ela se sentia mais como ela mesma. Ela enfrentou o homem com olhos claros.

— Sim. Eu gostaria de saber se algo o assustou. — O homem cruzou as mãos em cima da perna dela. Um cobertor de algodão grosso com acabamento de cetim cobria sua cintura aos pés, mas ainda assim ela pulou. Ela queria, de repente, chutá-lo para longe. — Você viu algo fora do comum?

Um leve ruído de rangido começou a subir pela parte de trás do crânio de Marion, como o arco de um violino movendo-se lentamente através de uma corda discordante. Ela enfiou o dedo na orelha. Algo estava preso ali e precisava ser desalojado.

Algo estava tentando acordar.

Que pensamento estranho de se ter.

— Eu não... — Ela balançou a cabeça, tentando clareá-la. — Você ouviu isso?

O homem estava muito quieto, olhando para ela. Talvez ele tenha piscado uma vez? — Ouvi o que?

Ocorreu a Marion que aquele homem estava sentado ao lado da cama dela com as mãos apoiadas em sua perna, e ela não tinha ideia de quem ele era. Ela se afastou dele. Ele não a seguiu. Suas mãos ficaram moles na borda do colchão como um par de caranguejos carnudos.

— Quem é você, — perguntou ela. — e onde estou?

O homem piscou então, uma vez, embora suas pálpebras não se tocassem. Meia piscada. — Essas perguntas diretas são maravilhosas. Um sinal positivo. Eu sou o Dr. Wayland. Eu sou o médico da família das Mortimers, e eles pediram que eu verificasse você.

Um médico. Os ombros de Marion relaxaram. Tudo bem, isso fazia sentido.

— O que você ouviu, Marion? — O polegar do Dr. Wayland acariciou a borda do colchão. — Você mencionou ter ouvido algo. Eu me pergunto se você poderia descrever isso para mim?

— Como ela está, doutor? Oh! Marion, querida, você está acordada! — Pamela Althouse, com o lenço amarrado na cabeça, parecia menor do que o normal enquanto corria para Marion, como uma criança correndo para a mãe após ter um pesadelo. Ela se amontoou na cama de Marion.

— Mãe, estou bem.

— Eu estava com tanto medo, querida. Eu pensei [...]

Marion abraçou a mãe com força. — Eu sei o que você pensou.

A Sra. Althouse cedeu suavemente ao lado de Marion, com Marion suportando todo o peso. Minutos se passaram e depois um longo período.

— Sra. Althouse. — veio a voz suave do Dr. Wayland. — Posso falar com você por um momento?

— Claro. — A Sra. Althouse beijou a cabeça de Marion. — Eu volto já.

— Ok.

— Eu não estou indo a lugar nenhum. Eu prometo.

De repente, a pele de Marion ficou quente o suficiente para queimar qualquer coisa que ela tocasse. — Não, você não vai, não é? Você não vai a lugar nenhum, pelo menos não por enquanto.

Porque sem mim, mãe, o que você faria?

Sem mim, para onde iria sua tristeza?

Marion enrolou os dedos na ponta do cobertor.

— O que? — A testa de sua mãe franziu. O Dr. Wayland parou na porta – um pássaro parado, observando, cinza e creme.

— Nada. — Marion se sacudiu, disfarçando com um bocejo e um sorriso tenso. — Eu só estou cansada.

Os adultos fugiram para o corredor, mas antes que Marion pudesse respirar fundo, Charlotte apareceu em um canto, com uma garota que Marion a princípio não reconheceu ao seu lado. Algo em seu penetrante olhar azul da garota fez Marion querer se cobrir, embora ela estivesse usando uma camiseta totalmente inofensiva e meio tampada por cobertores.

— Aí está você. — Murmurou Charlotte, um sorriso caloroso iluminando seu rosto. — Você está acordada, minha pequena estrelinha do mar.

Charlotte rastejou para a cama ao lado de Marion, e um nó que apertava o coração de Marion se desfez. *Charlotte.* Isso era bom, isso era maravilhoso. Porque Marion se lembrava agora que apenas alguns minutos atrás ela estava sonhando com um mundo no qual Charlotte não existia mais.

Ela virou o rosto para o pescoço de Charlotte, para o oco macio de sua garganta, onde o amuleto de estrela-do-mar prateado vivia. Charlotte tinha um cheiro maravilhoso, como roupa e pele limpas, e o perfume com aroma de rosas que ela espalhava nos pulsos e na garganta todas as manhãs.

Marion tocou a estrela-do-mar prateada presa em sua corrente ao redor de seu pescoço. — Lembra-se de quando recebemos isso?

Charlotte riu suavemente. — Deus, quantos anos nós tínhamos?

— Treze e doze. Vamos. Você não se lembra?

— Quatro anos é muito tempo

Marion ficou em silêncio. Sim, quatro anos era muito tempo. Quatro anos atrás, seu pai ainda estava vivo. Quatro anos atrás, elas viviam em um subúrbio de Boston, onde encontraram dois colares de estrela-do-mar iguais em um quiosque de jóias extravagante no shopping e os trocaram na cama de Charlotte à luz de três velas, enquanto recitavam um "feitiço" que haviam escrito depois de assistir *Da magia à sedução* pela décima oitava vez.

— *Nem mesmo a morte pode separar nossas almas*. — Marion, de doze anos, entoou, jogando pétalas de rosa em uma tigela de cerâmica amarela que elas roubaram da cozinha.

Charlotte, rindo, espalhou açúcar, sal e terra do jardim de rosas sobre as pétalas. — *Mesmo quando estivermos apodrecendo e cheias de buracos.*

— Não ria! — Marion repreendeu, sufocando o próprio sorriso. Ela prendeu o colar em volta do pescoço de Charlotte. — *Duas irmãs e irmãs de verdade.*

— *Você me ama* — concluiu Charlotte, prendendo o colar de Marion, — *e eu te amo.*

A memória fez a garganta de Marion fechar, e de repente isso é exatamente o que ela queria – desenterrar sua cópia de *Da magia à sedução* e assisti-la de dentro do ninho seguro dos braços de Charlotte.

Mas havia uma garota sentada na beira da cama – uma linda garota, lábios carnudos como uma modelo francesa, pele clara como uma estrela – e ao vê-la, a barriga de Marion aqueceu, apesar de tudo. Marion queria que ela fosse embora, ela não estava em um estado adequado para tanta beleza, mas não conseguia encontrar voz para mandá-la fazer isso. Essa era uma aflição comum dela – não ser capaz de encontrar voz para as coisas. As montanhas não podiam falar, não é? Não, as vozes eram para pássaros e lobos e o vento, vento selvagem. Montanhas observavam, taciturnas e solenes suportando o peso dos antigos, enquanto o mundo oscilava e uivava.

— Quem é essa? — Marion perguntou.

A garota deu um pequeno sorriso e estendeu a mão. — Val Mortimer. Eu estava lá ontem. Você provavelmente não sabia.

Oh. *Oh.*

Um rubor feroz subiu pelas bochechas de Marion. De repente, seus olhos se encheram de lágrimas. Ela se lembrou de pessoas pairando ao seu redor, gritando seu nome. Ela se lembrou da dor cortando sua cabeça em duas.

Ela se lembrou do gemer dos ossos.

Charlotte apertou a mão dela. — Marion?

— Eu sinto muito. Eu não quis... — Val cruzou os braços sobre o peito. — Você está bem?

— Estou bem. — Essas eram as palavras mais usadas por Marion. Ela passou a mão trêmula nos olhos. — Eu, uh... Desculpe. Eu te reconheço agora.

Val ergueu as sobrancelhas.

O rubor de Marion se intensificou. — Você parece um pouco diferente pessoalmente. Menor. Não que você pareça gorda em suas fotos ou algo assim. — acrescentou ela rapidamente. — Não que eu tenha olhado para, tipo, uma tonelada de fotos, eu só...

— Nós tivemos que procurar você na internet antes de nos mudarmos. — Charlotte disse a Val alegremente. — Só um pouco.

Marion manteve os braços rígidos ao lado do corpo, resistindo ao impulso de se curvar em uma bola suada de mortificação.

— Não posso te julgar. — Val respondeu, sua boca deslizando em um sorriso tão adorável que a palavra pareceu fútil para Marion. — Procurar alguém na Internet é praticamente minha vocação.

Charlotte riu, tocou a perna de Val com o dedo do pé.

Marion recostou-se nos travesseiros, observando-as, ouvindo-as tagarelar sobre o namorado de Val, sobre as roupas de Charlotte, sobre o projeto de leitura de verão de Val, sobre a coleção de clássicos de capa dura infantil de Charlotte.

Suas palavras deslizavam pelas dobras do cérebro de Marion. Cada deslize e derramamento enviava um choque de dor contra suas têmporas. Ela inclinou a cabeça para a esquerda, depois para a direita. Talvez o zumbido em seus ouvidos rolasse para fora de sua orelha e descesse por seu pescoço – uma coisa fantasma, quente e úmida acordando e, em seguida, imediatamente saindo de seu corpo.

— Então, o que vocês descobriram sobre mim? — perguntou Val, brincando com a colcha branca. Ela sorriu para Charlotte e olhou para Marion. Seus olhos permaneceram no rosto de Marion de uma forma que fez Marion querer se contorcer. — Quando vocês estavam me procurando na internet.

— Valerie Elise Mortimer. — recitou Charlotte, com um falso sotaque inglês, o que era bom, porque fazia todo mundo rir um pouco. — Filha mais velha da família mais rica de Sawkill. Campeã equestre. Aceita em Yale, Harvard, Sarah Lawrence, Princeton, Brown. Governante da grande mansão de Kingshead. A chefona. Et cetera.

Marion se afastou delas – suas risadas, sua suavidade, sua proximidade com perfume floral. Val tinha se aproximado,

inclinando-se para Charlotte como se fossem velhas amigas, acostumadas a se amontoar em camas e sussurrar segredos.

Marion mal resistiu ao impulso de agarrar Charlotte, puxá-la para baixo da colcha e sufocar todo o seu ar, para que Val não pudesse ter nada para si.

Por que não podíamos ir para uma ilha deserta em vez disso? Marion se perguntou desesperadamente, já sofrendo de solidão. Ela podia ver o futuro claramente: Valerie Mortimer, a nova melhor amiga de Charlotte. Muito mais interessante e atraente do que Marion, irritante e preocupada e com o sorriso torto de seu pai morto, jamais poderia ser.

Rolando para o lado, Marion fechou os olhos. Ondas silenciosas de agonia pulsaram por sua cabeça e descendo por sua espinha. Ela vagamente percebeu as vozes de sua mãe e do Dr. Wayland murmurando no corredor fora de seu quarto, junto com uma terceira voz que, por meio da escuta, Marion percebeu que era a Sra. Mortimer, a mãe de Val.

Silêncio, imobilidade absoluta, e então uma mudança contra o colchão.

— Você está bem? — A voz baixa de Val, mais perto agora. — Charlotte está buscando mais água para você. Algo está doendo?

Honestamente, Marion não sabia o que havia de errado com ela, mas ela sabia que estava cansada e precisava de um banho. Seu couro cabeludo coçou; uma película oleosa cobriu sua pele. Ela nunca tinha ficado bêbada ou drogada, porque a ideia de desafiar as regras tão gravemente a fazia ter urticária. Mas a sala estava girando e balançando, e Marion se perguntou se essa era a sensação de estar sob a influência de algo assim. Se sim, por que alguém faria isso consigo mesmo?

Ela pressionou as têmporas. Ondas quentes de dor pulsaram sob seus dedos. Esta linda garota estava olhando para ela, estava sentada perigosamente perto, e Marion provavelmente cheirava mal.

— Depois que papai morreu, Charlotte começou a dormir na minha cama. — ela se pegou dizendo, começando a entrar em pânico, porque a dor em sua cabeça era diferente de tudo que ela já sentira antes e porque ela estava mortificantemente consciente de seu cabelo oleoso. — Eu fazia isso quando éramos pequenas,

dormia na cama dela. Eu tinha medo de raios, naquela época. Cada vez que eu via um relâmpago, eu ficava com medo de que atingisse nossa casa. — ela ficava dizendo, ou talvez não dizendo, quem poderia realmente saber? — E fritasse a gente totalmente. Você já se perguntou como é isso? Ser eletrocutado?

— Bem… — Val começou, com um tom de *Por que, ah, por que eu entrei no quarto da garota maluca?*

Marion a interrompeu, corando loucamente. — Não importa. Enfim, eu iria para o quarto dela e ela nunca ficaria brava comigo por acordá-la. Ela me deixava envolvê-la com tanta força e me chamava de estrelinha do mar, e eu a respirava até me acalmar. Trocamos colares de estrelas-do-mar, fizemos um feitiço para eles. Um feitiço de irmã. Não temos permissão para tirar os colares, nunca. Isso é o que Charlotte decidiu. Então, não importa o que aconteça, sempre estaremos uma com a outra. Brega, certo? Eu a amo por isso.

Um calor sólido estava se formando por trás das pálpebras de Marion, enchendo sua garganta. — Ela penteava meu cabelo com os dedos, nessas noite. — ela sussurrou, porque se falasse mais alto do que isso ou ela perderia completamente e começaria a soluçar, ou o inseto zumbindo em sua cabeça saberia exatamente onde para encontrá-la e mergulhar para a picada. — De um jeito realmente suave, indefinidamente, até que eu adormecia. Mesmo que demorasse uma hora para a tempestade passar e eu me acalmar, ela iria continuar. Ela nunca reclamou. Nem uma vez.

— Isso é bom. — disse Val, depois de um silêncio tão longo, Marion se perguntou se ela havia deixado a sala sem Marion perceber.

— Sim. E depois que papai morreu, eu queria fazer isso de novo. Mas eu não consegui. Porque Charlotte veio até mim, em vez disso. Ela chorou em mim, ela precisava de mim, todas as noites. E então eu tinha que ser aquela que a confortava. Nunca achei que fosse normal pedir ajuda. Porque ela fez isso por mim, quando éramos pequenas. E agora era a minha vez, certo? E alguém tinha que se controlar. *Nos* manter juntas.

Marion fechou os olhos. Quando elas vieram na balsa no dia anterior, ela olhou para a vastidão do mar negro agitado além de

Sawkill. Isso a tinha dominado. Sempre agitado, nunca satisfeito. Havia algo inerentemente malévolo na visão do oceano.

Essa escuridão estava em sua cabeça agora – movendo, roendo, incognoscível. Movendo-se para frente e para trás, batendo contra a curva dura de seu crânio, carregando dentro de si todos os tipos de criaturas ainda não registradas pelos cientistas. Se ela perfurasse fundo o suficiente, direto para o chão frio e escuro, talvez ela fosse a única a descobri-los.

Ela pressionou os dedos com força contra as têmporas. Com mais força. Ela apertou em círculos rápidos e apertados. Supernovas elétricas brilhantes giraram atrás de suas pálpebras.

— Ei. — disse a voz distante e fraca de Val. Mãos gentis envolveram seus pulsos e os enfiaram nos cobertores. Dedos macios pentearam o cabelo de Marion, cautelosos e lentos.

— Assim? — A voz de Val mal era um sussurro. — É isso que ela faria? Está tudo bem?

Com certo espanto, Marion percebeu que estava chorando. Seu cabelo estava preso ao pescoço em lençóis pretos úmidos, mas Val não parecia se importar. Ela se virou para encarar Val, mas as ondas em sua cabeça turvaram tudo. Val era um borrão dourado pulsante ao lado dela nos travesseiros, alinhado em estremecedoras linhas pretas irregulares.

Marion desejou ser uma pintora, para que mais tarde pudesse recriar Val e o estranho momento dourado escuro que as rodeava.

— Sim, obrigada. — Ela disse a Val, seus olhos tremulando fechados. Pouco antes de adormecer, os dedos de Val roçaram sua bochecha – cuidadosos e carinhosos, como o alongamento macio e liso da asa de um pássaro. Marion se inclinou em seu toque. — Bem desse jeito.

A ROCHA NÃO SE ARREPENDIA DE NADA.

Não havia espaço para arrependimento ao lutar contra uma invasão.

No entanto, quando os pés da garota desceram do barco e atingiram a costa, quando a Rocha sentiu seu peso sólido e soube imediatamente que o dela era um espírito resistente, que poderia acordar outros como ela e suportar a agonia por vir – houve um momento, uma pontada de hesitação.

Tanto quanto uma rocha pudesse sentir uma pontada, essa sentiu.

Não gostava de amarrar um inocente ao fardo de seu antigo poder.

Mas a Rocha exigia uma infantaria.

Val



A Criança na Floresta

Era a hora mágica, tudo era macio e com bordas roxas, não era uma hora que Val preferisse se aventurar na floresta. Algo sobre a claridade silenciosa do crepúsculo, como isso transformava as cores ao seu redor em tons de outro mundo – verde em prata sálvia, azul em musgo de fada, marrom em preto como o interior da barriga – entrelaçava seu intestino e coração, deixando seus dedos frios.

Mas ela estava atrasada, então se lembrou do quão injustamente linda ela parecia com aquela iluminação e mergulhou nas árvores.

Melhor ficar desconfortável do que deixá-lo esperando por mais tempo do que ela já tinha deixado.

Eles haviam feito um acordo, muito tempo atrás: Val iria se encontrar com ele na hora marcada, três vezes por semana, sem atrasos. E, em troca, ele não interferiria terrivelmente em sua programação diária.

Seus dedos do pé com sandálias ficaram presos sob uma raiz de árvore, e ela tropeçou. A casca da árvore raspou uma fina faixa de pele do topo de seu pé.

— Merda. — Ela sussurrou, se abaixando para inspecionar.

— Aí está você! — Um menino loiro, com as bochechas rosadas e brilhantes manchadas de sujeira, os joelhos caqui manchados de

grama, saltou de entre dois sicômoros arqueados. Ele estendeu a mão rechonchuda. — Senti sua falta!

Oh, Deus, ela odiava quando ele assumia esta forma.

E ele sabia disso. Aquele sorriso angelical brilhando para ela, aqueles olhos cintilantes. Ah, sim, ele sabia, e se deliciava com isso, e era melhor em assumir formas agora do que nunca. Ele era mais sólido, mais crível. Antigamente, os detalhes eram errôneos, eram detalhes que o denunciariam – olhos que não piscavam, palavras malformadas, braços estendidos ao longo do corpo enquanto caminhava. Naquela época, anos e anos atrás, ele mal se aventurava a sair da floresta, muito menos das pedras. Então a avó de Val tinha contado a ela.

Mas ele estava ficando mais poderoso. Estava aprendendo.

O mundo tinha que agradecer às mulheres Mortimer por isso, por permitir que ele existisse fora do reino que o havia gerado e vivesse no reino deles.

De nada, mundo.

Val hesitou, então pegou sua mão. O menino envolveu os dedos pegajosos nos dela, esfregando com força ossos contra ossos, e a conduziu para o fundo das árvores. Val suportou a dor em silêncio. Sua mãe tinha feito pior, muitas vezes.

Você deve ser forte, Valerie, sua mãe havia dito, as mãos ao redor da jovem garganta de Val, seus olhos perfeitamente sombreados desafiando Val a gritar. *Ele não gosta de fracos.*

— Cante para mim? — O menino perguntou, queixoso.

Val engoliu em seco. — Eu não sei se...

— Cante. — O menino voltou seus duros olhos azuis para ela. — Eu gosto quando você canta.

Uma dor aguda deu um nó no estômago de Val, e ela obedeceu imediatamente, cantando uma canção que sua avó compôs quando era menina. Val cometeu o erro de compartilhar isso com ele um dia, quando ela era jovem e ainda considerava tudo isso um belo jogo, um segredo encantador entre ela e sua mãe: Uma besta de uma terra escondida que favorecia sua família acima de todas as outras. Uma besta que nada temia exceto um Lugar Distante onde toda a vida morria, e do qual nunca deveriam falar, se quisessem mantê-lo feliz e calmo.

Desde aquele dia, quando ele ouviu a música pela primeira vez, sempre pedia isso a ela.

Enrolava as entranhas de Val fazer isso para ele.

Ela sabia que sua avó mantivera isso privado todos aqueles anos – privado *dele*. O pedaço particular de si mesma de Sylvia Mortimer. Então aqui estava ela, Val, a traidora, cantando a canção secreta de sua avó. Mas não havia como voltar atrás agora.

— Eu amo essa música. — Ele suspirou, balançando as mãos unidas entre eles. — Sua voz é adorável, Val.

Havia um jogo que Val e Natalie Breckenridge jogavam quando eram jovens. Uma garota fechava os olhos e a outra fingia quebrar um ovo na cabeça – um golpe suave do punho contra o crânio. Então, a gema deslizando para baixo, – dedos como uma aranha descendo pelo pescoço, braços e costas. Era uma emoção arrepiante, arrepiava todo o pelo loiro das pernas de Val. Uma vez, ela beijou Natalie depois, e então se tornou um jogo diferente – deixe a outra garota quebrar um ovo em algum lugar do seu corpo, e se você não estremecer, não vacilar, não fazer um único som, você ganharia um beijo em qualquer lugar de sua escolha.

Mas agora Natalie se fora, e Val saía com bons e bonitos jovens de Sawkill. A propriedade Breckenridge foi vendida. Os próprios Breckenridges enlutados haviam se mudado de volta para o continente, fugindo de fantasmas, e Val estava, como sempre, sozinha.

Val sentiu a mesma sensação de arrepio agora, descendo por seu corpo como dedos invisíveis, enquanto sua mãozinha de criança subia para circundar seu pulso. Ele cantou junto com ela, as palavras de sua avó:

Menina fada, pulando no mar
Menina fada, linda como pode ser
Quem é o sujeito com o sorriso limpo e brilhante?
Você quer, garota fada, tecer um feitiço para ele?

Enquanto cantavam, caminhando pela floresta como irmã e irmão, prima e primo, a mente de Val vagou de volta para o quarto branco e limpo em que Marion agora vivia.

Marion, Marion. Era um nome bonito, realmente. Marian, a bibliotecária. Lady Marian, a nobre donzela.

Marion Althouse, com cabelo preto liso, pele clara e macia, um voz baixa como o deslizamento de mel.

Val tropeçou de novo – essas árvores horríveis, suas raízes estavam por toda parte, ela queria ceifá-las todas – e o menino a empurrou. Ela caiu, bateu com os joelhos no chão frio, que estava ainda mais duro com lama. Eles haviam alcançado o círculo de pedras. Val reconheceria aquela lama em qualquer lugar. Ela cresceu com ela presa sob suas unhas.

Antes, ele não teria ousado empurrá-la tanto.

Antes, ele precisava dela mais do que agora.

— Você está distraída. — Disse a voz do menino. Seu sorriso era pequeno e frio. Ele ficou em pé sobre ela enquanto ela se virava para se sentar corretamente, inspecionando as palmas das mãos raspadas.

Ela não olhou para cima, mas sentiu os olhos dele nela mesmo assim. Ele a examinou, da cabeça aos pés, como sua mãe cuidando de um dos cavalos. E ele gostava do que via – suas linhas longas e esguias; seu cabelo dourado brilhante; sua cintura fina. Ela fez questão de que ele gostasse do que visse, assim como sua mãe e sua avó, antes que o câncer a pegasse.

Ou então, isso é o que foi dito a Val.

Não conseguia imaginar que sua mãe pensasse que ela realmente acreditava naquela besteira. Mas Val era boa em fingir. Sua mãe se certificou disso.

— Sinto muito. — Disse Val, olhando para cima, mas o menino não estava mais lá. Em vez disso, as sombras se contorceram ao redor das pedras. Eram apenas pedras da praia – pequenas, claras, inócuas – mas, mesmo assim, Val as via sempre que fechava os olhos à noite. Elas cercavam seus sonhos cada vez menores. Ele não queria que ela se esquecesse de quem era e do que nasceu para fazer.

— No que você está pensando esta noite? — Veio sua voz das sombras. As sombras mudaram e coalharam, às vezes em forma de árvore, às vezes em forma de asa, às vezes em forma de braço e perna e ombro.

— Eu estava... Eu não sei. — Val disse, sacudindo suas palmas ardentes. — Você tem instruções para mim?

— Você está pensando na garota Althouse? É isso que a distraiu?

Marion.

Deus, com certeza ela não estava interessada em Marion? Ela tinha um rosto simples, um corpo macio. Coxas grossas, rosto redondo e olhos grandes e límpidos como um cachorrinho preso. Ela era enfadonha onde outras garotas brilhavam; você passaria por ela em uma festa e a confundiria com o padrão na parede. Marion não deixava Val com fome como Natalie, como Thora tinha deixado. Marion não despertou seu apetite, que vivia como um ovo alienígena dentro do útero de Val, esperando para ser passado adiante.

— Charlotte é adorável. — Ele disse, uma forma triangular escura, agora empoleirada ao lado dela. Ela piscou, e ele saltou no limite de sua visão. Podia senti-lo enrolado em sua nuca. — Ela está com fome. Está solitária. Está sofrendo e com medo. — Ele lambeu os lábios de menino. — Qual é a palavra? Ela é *flexível.* Você não acha?

O alívio que percorreu Val foi como mergulhar nas ondas no alto verão. Ela quase engasgou com a própria respiração.

Charlotte. Claro. Marion não. *Charlotte.*

Ela pressionou as palmas das mãos ensanguentadas contra a lama. Sua avó a ensinou que nunca doía oferecer um pouco de si mesma às pedras, então Val o fazia sempre que podia. Mantia as árvores serenas. Isso lembrou Val que, não importa o quão firmemente ele enrolasse as correntes em seus pulsos, ela ainda era uma menina, ainda um ser humano, ainda um ser independente que decidia quando respirava, quando corria e quando se mantinha firme.

Bem. Na maioria das vezes.

— Ela é excelente. — Val concordou. Sua voz soou forte e clara no vale. — Você escolheu sabiamente, como sempre faz.

Ele se contorceu de prazer contra suas costas antes de deixá-la sozinha no chão. Suas unhas arranharam as pedras. Então ele

estava no alto das árvores, sacudindo-se de galho em galho como as punhaladas de um pincel de pintor zangado.

— Traga-a para mim. — Sua voz estalou de volta para ela através da floresta. — Esta noite.

Val piscou. — Eu preciso de mais tempo do que isso.

Um silêncio denso fez o estômago de Val apertar e afundar.

— Mais tempo? — Ele estava terrivelmente calmo sobre isso.

— Já fiz amizade com ela, mas leva tempo para realmente ganhar confiança. — Explicou Val, lutando contra o instinto de cobrir o peito com a palma da mão e esconder o coração batendo. — Se ela suspeitar de alguma coisa, se a caça não correr bem, isso pode arruinar tudo. Você me ensinou desse jeito.

Outro silêncio tenso. Então a clareira pareceu exalar.

Val também, ligeiramente tonta.

— Eu te ensinei bem. — Ele concordou.

— Eu não seria a garota que sou sem você.

— Você não será uma menina por muito mais tempo. — Disse sua voz baixa.

Não, e ele logo não precisaria mais de nenhuma delas, Val sabia – nem dela, nem de sua mãe, ou das filhas de Val algum dia. Logo, ele estaria crescido e livre, capaz de matar quem e quando quisesse. Estimativa de sua mãe: semanas, talvez, até aquele dia. Dois meses. Três, no máximo, dependendo do quão rápido Val o ajudasse a se alimentar.

E então o que ela e sua mãe fariam? Quem elas seriam? Ele se voltaria contra elas?

Ele as libertaria também?

Improvável, pensou Val.

Essa era uma absolvição que sua espécie não merecia.

Ela se recompôs e se ergueu. Há muito tempo, ela aprendera a olhar apenas perifericamente para a verdade sobre o que ela era, o que ela fazia. Mais perto, e ela perderia a cabeça. — Eu não vou falhar com você.

— Você nunca o fez, criança.

Ali – uma nota de afeto em sua voz. Val balançou onde estava, seus olhos se fechando. Um calor feroz se expandiu em seu peito e desceu por sua barriga, suas coxas, suas pernas. Seu corpo traidor

– preparado para servi-lo, nascido para ancorá-lo – respondeu alegremente à sua aprovação.

Quando abriu os olhos mais uma vez, um sorriso flexível se curvou em seu rosto. Ela tinha um objetivo, um propósito. Foi para isso que foi concebida: ela o deixaria orgulhoso.

Mas primeiro, de volta a Kingshead. Sua festa seria em uma semana, e havia arranjos a serem feitos. Bebidas para selecionar. Mais importante, uma roupa a ser confeccionada.

Val Mortimer nunca apareceria em uma festa parecendo algo menos do que de morrer.

Zoey



O Achado

Uma semana após a chegada das Althouses, Zoey estava deitada na cama, acometida de insônia. Isso tinha sido um problema desde a queda de Marion. Esse dia deu início a uma série de noites agitadas e sonhos em preto e branco que nunca a abandonavam.

Depois de duas horas, Zoey rastejou pela casa, parando em cada janela e olhando para fora como se em algum lugar lá fora estivesse seu sono errante. Ela bebeu dois copos d'água e se esticou no chão da sala de estar até ficar mole e exausta no tapete trançado laranja e azul.

Ela olhou para a direita: a cadeira de couro de seu pai, seu cobertor rosa com pelos estendido na parte de trás. Uma pilha assimétrica de correspondência que precisava ser classificada.

Ela olhou para a esquerda: o sofá marrom desbotado – manchado e flácido, mas extremamente confortável. Embaixo dele, montinhos de poeira e moedas perdidas, uma caneta, um livro.

Um livro. Um livro desconhecido.

Zoey enfiou a mão embaixo do sofá e o puxou para fora. Era uma coisa pequena, encadernada em tecido preto desbotado com páginas incompatíveis dentro, as primeiras das quais estavam em branco.

Então Zoey alcançou uma página de texto. Escritas não em inglês, mas em latim, as estreitas linhas com tinta continuavam parágrafo após parágrafo, rabiscadas de forma tão desordenada que mesmo se tivessem sido escritas em inglês, Zoey teria que ter se esforçado para lê-las. Ela não reconheceu a caligrafia. Não era dela, nem de seu pai. Ela correu os dedos pelo papel. Uma perspicácia fina e rasteira subiu pelo braço dela.

Ela folheou algumas páginas e então pousou em uma que a fez parar e olhar:

Uma coleção de figuras a encarava de volta, esboçadas em tinta preta, cada uma delas áspera e deformada. Algumas escamas esportivas e tufos de pelos emaranhados. Outros usavam cartolas e casacos elegantes com caudas. Alguns pareciam humanos; outros nem um pouco humanos, ou pelo menos algum tipo de híbrido profano.

Todos tinham olhos brancos perfeitamente redondos e incolores.

Todos tinham sorrisos largos cheios de dentes até a borda da boca.

Eles eram vagamente familiares para ela, esses homens-monstro. Ela já tinha visto essas imagens antes?

Sob uma dessas imagens, três palavras rabiscadas proclamavam: *ILLE QUI COMEDIT.*

— Não conseguiu dormir também?

Zoey gritou e jogou o livro no chão. Ele derrapou, deslizou, bateu na parede oposta. Ela se levantou em um salto e enxugou as mãos nas calças do pijama e acertou a luminária com o cotovelo.

Um choque de descarga estática a acertou, um filho da puta realmente violento que a fez esfregar a pele e olhar para os dedos, esperando ver sangue.

— O que? — Sua voz se abriu, alta e trêmula. — Papai?

Ed Harlow ficou na sombra ao pé da escada, robe, chinelos e óculos. Ele caminhou até onde o livro havia caído, pegou-o sem nem olhar para ele e enfiou-o no bolso do manto.

Então ele sorriu. — Que tal um chocolate quente?

Normalmente Zoey teria dito sim, porque eles gostavam de chocolate quente no meio da noite desde que Zoey era pequena, sempre que ela visitava seu pai no verão – primeiro em Baltimore,

depois em Newton, New Jersey e, finalmente, em Sawkill. Desde o início, Zoey não gostou do lugar. Mesmo naquele primeiro verão, quando ela manteve isso para si mesma, ela caminhou pelas ruas suaves e limpas de Sawkill Rock e viu as pessoas olharem para suas roupas afro e excêntricas de brechó com um leve desânimo. No verão seguinte, ela conseguiu um emprego na biblioteca pública, o que a apresentou a um nível de privilégio de pessoa rica que ela nunca sonhou que pudesse existir em um lugar tão bem-intencionado quanto uma biblioteca.

Então, no verão seguinte, ela conheceu Grayson. E, de repente, um exército das mães de Sawkill que estavam cercando o garoto Tighe para suas filhas lançavam olhares furiosos para Zoey sempre que ela se aproximava.

Mas quando sua mãe conseguiu o emprego em San Francisco, Zoey decidiu que, por mais miserável que fosse viver em Sawkill, seria melhor do que se mudar para a Costa Oeste. Pelo menos em Sawkill ela poderia pegar a balsa para o continente, depois pegar um trem para Maryland e visitar os amigos.

Não que ela tivesse feito isso com muita frequência, desde que se mudou para a ilha.

Ed Harlow era excelente em não assumir a culpa, talvez ainda mais excelente do que em organizar arquivos, e sempre que Zoey falava em deixar Sawkill para uma curta viagem de fim de semana, ele agia como se ela estivesse proclamando suas intenções de trocar a Terra pela lua.

Mas Zoey não concordou com o chocolate quente desta vez. Ela franziu a testa para o bolso do pai e ficou firme.

— Que livro é esse? — Ela perguntou.

— Nada para você se preocupar. — Respondeu ele, com essa voz de calma fabricada que disparou o alarme na parte de trás do crânio de Zoey.

— Não estou preocupada — ela mentiu. — Estou perguntando o que é.

— É pessoal.

— É *estranho*. — Zoey cruzou os braços sobre a camiseta desbotada da Mulher Maravilha. O que ela não daria por um Laço

da Verdade agora. — Algum livro aleatório cheio de latim na nossa sala de estar?

Seu pai se virou em direção à cozinha. — Você quer sua caneca laranja?

— Papai. Que merda é essa? — Zoey o seguiu. — Havia *monstros* naquele livro.

— Zoey, eu não mexo nas suas coisas, mexo?

Zoey tentou olhá-lo nos olhos, mas enquanto ele tirava canecas, mistura de cacau e marshmallows, ele manteve o rosto ligeiramente afastado dela.

— Não sei. — Respondeu ela abruptamente. — *Você* mexe?

— Não. Então, gentilmente, retribua isso, por favor.

— Eu não estava tentando bisbilhotar. Havia um livro bem ali no chão, eu não sabia de quem era...

— Você pode me dar uma colher, por favor?

— *Papai*. Olhe para mim. — Ela sem dúvida iria destruir a pronúncia. — *Ille qui comedit*. O que isso significa?

Como resposta, ele bateu a caneca na bancada, um pouco forte. Um dos cacos cortou o ar, enquanto os outros cacos de cerâmica espalharam-se, girando pelo Laminado.

Zoey congelou.

Seu pai estava parado na pia, de costas para ela, segurando a borda da bancada, sem dizer nada, sem dizer nada, sem dizer nada.

Lá fora, o farol circulou. Um feixe de luz brilhante percorreu a cozinha e desapareceu. Em seu primeiro verão na ilha, Zoey, recentemente apresentada a Tolkien, chamou o farol de Olho de Sawkill.

— Você se lembra quando encontrei o caderno de ficção seu e de Thora? — Seu pai disse finalmente.

Mesmo apavorada como estava, Zoey se irritou. — *Fanfic*, papai.

— Ok. Fanfic. Você se lembra então?

Ah, sim, Zoey se lembrava. Ela não tinha certeza se uma menina poderia esquecer seu pai tropeçando na fanfic sexualmente explícita e extremamente sem enredo de *Star Trek* que ela havia escrito com sua melhor amiga, não importa o quão diligentemente a dita garota possa ter tentado apagar a memória de seu cérebro.

— Você estava mortificada, pelo que me lembro — ele continuou.

Zoey se perguntou se ela conseguiria derreter no chão. — *Mortificada* é uma palavra gentil para isso.

— Ok, então. — Ele se virou para olhar para ela. Seus grandes olhos castanhos profundos eram os mesmos que Zoey vira durante toda a vida, os mesmos que ela via sempre que se olhava no espelho, mas de repente pareciam diferentes para ela – estranhos e opacos.

Ela estava sonhando? O livro, a caneca quebrada e toda essa conversa eram algum tipo de sonho estranho?

— Imagine-me sentindo algo assim agora, — Continuou seu pai. — e tente me conceder um pouco de misericórdia.

Zoey tentou corajosamente envolver sua mente em torno do que estava acontecendo. — Você quer dizer que este livro é, tipo... sua fanfic?

Ele encolheu os ombros. — É tão importante para mim quanto sua fanfic foi, e é, para você.

— É estranho, então — Zoey disse lentamente. — que você o deixe no chão, embaixo do sofá.

— Até os pais podem ser descuidados — Respondeu ele com um sorriso irônico. — Escute, não te culpo por olhar, mas também espero que nunca mais falemos sobre isso. — Ele retirou um bolo de cartas da gaveta de lixo. Outro ritual do chocolate quente: Go Fish. — Combinado?

Zoey pegou as cartas oferecidas à ela. Quando seus dedos roçaram os de seu pai, ela mal resistiu ao desejo de se afastar dele. Mas, em vez disso, ela deu de ombros com o encolher de ombros descuidado que havia aperfeiçoado nos meses após a morte de Thora.

Então, Zoey pensou, *minha melhor amiga desapareceu.*

Então, ninguém consegue descobrir o porquê.

Então papai não pode resolver o caso, então papai tem um livro secreto esquisito, então parece que ele está mentindo na minha cara.

E daí? Poderia ser pior. Eu poderia estar morta, como Thora provavelmente está.

Zoey forçou um sorriso. — Combinado.

Marion



O Buraco do Coração

Marion estava prestes a desistir, voltar para o quarto e ir para a cama quando ouviu a porta da varanda dos fundos se abrir.

Ela deslizou pela cama de Charlotte, espiou pelas cortinas do quarto e viu Val entrando de volta para a mansão. Val parou onde o gramado terminava e o paisagismo do terraço que conduzia a Kingshead começava. Ela se espreguiçou e balançou as mechas iluminadas pelas estrelas. As linhas sombreadas por árvores de seu corpo naquela concha violeta de vestido: flexível e suave.

Então Val olhou para trás, por cima do ombro – e para cima.

Um choque estático mordeu os dedos de Marion, como se ela tivesse tocado a porta de um carro quente no inverno. Ela saltou para trás e fechou as cortinas.

— *Ufa*. — Uma maldição abafada vinda da escada. A porta se abriu e Charlotte tropeçou na soleira.

— Onde você esteve? — Marion ficou acordada até às duas horas esperando Charlotte voltar para casa, andando de um lado para o outro, olhando para as mensagens não respondidas e olhando pela janela para o caminho e se preocupando com os penhascos perigosos que poderiam ter matado Thora Keller, e quem pediu a Marion para fazer isso, afinal? Para esperar e se preocupar??

Absolutamente ninguém.

Era como se ela não pudesse se conter. Ela era uma masoquista da mais alta patente.

E sua cabeça não parava de *latejar*. Ela olhou para Charlotte, esfregando a têmpora direita com a palma da mão.

— Eu estava lá fora. — Disse Charlotte com um suspiro saturado. Ela mal conseguiu tirar os sapatos antes de cambalear para a cama e se contorcer sob as cobertas.

— Lá fora *onde*? — Marion insistiu.

Charlotte piscou sonolenta para ela. — Com Val — ela disse, como se não pudesse haver nenhuma outra resposta.

— Fazendo o que?

— Só estávamos... por aí. Explorando. Você sabe como é. — Charlotte aninhou o braço de Marion.

— Eu sei que você cheira a cerveja.

Charlotte franziu a testa. — Você está com raiva de mim ou algo assim?

— Mamãe e eu limpamos o terceiro andar de Kingshead sozinhas. Demorou seis horas. — Marion odiava o tom petulante e mesquinho de sua voz. Ela mudou seus dedos massageadores para a outra têmpora. Ela precisava ligar para o Dr. Wayland. Sua cabeça não deveria doer tanto, oito dias depois. Deveria?

— Esse lugar tem cerca de dois mil metros quadrados. — Marion olhou através das cortinas transparentes, para a forma escura de Kingshead. — Meus joelhos estão me matando. Minha cabeça *ainda* dói por causa da queda.

— Sinto muito. — Disse Charlotte, não parecendo realmente muito triste. — Eu só precisava de uma noite de folga, sabe?

— Você teve uma noite de folga na noite passada.

Charlotte se sentou com um suspiro irritado. — Se você tem algo a me dizer, por que simplesmente não diz? Estou cansada.

— Aposto que está. — Marion torceu a ponta do edredom branco felpudo de Charlotte nas mãos. Charlotte havia se livrado de sua velha colcha antes da mudança. Este novo tecido, rico e desconhecido, arranhou as pontas dos dedos de Marion como uma pele espinhosa. Ela se perguntou sombriamente se aquilo era uma

metáfora, ali na cama de Charlotte. De mal com a velha e suja irmã, de bem com a nova loira rica.

— Marion, que diabos? — Charlotte retrucou. — Por que você se importa se eu sair com Val?

— Por nada. — Marion tirou as pernas da cama. — Deixa pra lá.

— Tanto faz. — Charlotte se virou na direção da janela.

Marion estava com a mão na maçaneta da porta, os olhos ardendo com uma torrente de lágrimas, quando Charlotte disse baixinho: — Não tem problema eu querer me divertir, você sabe.

— Eu nunca disse que tinha. — Marion cambaleou um pouco; a náusea, sua companheira constante desde o acidente, acumulou-se em poças quentes atrás de suas sobrancelhas.

— Você pode vir conosco da próxima vez, se quiser.

— Certo. — Marion gesticulou expansivamente para si mesma — sua camiseta cinza folgada e seu cabelo despenteado, pernas que precisavam ser depiladas. — Eu me encaixaria muito bem com essa multidão.

— Você gostaria dela. — Charlotte sentou-se, levou os joelhos ao peito, de repente radiante. — Ela me ouve falar sobre papai e não diz uma palavra. Apenas ouve de uma forma que me faz sentir como, *Jesus*. Ela me *entende*.

— Sério? O pai dela também morreu?

Os olhos de Charlotte se estreitaram. — Você está sendo uma idiota.

— Eu escuto você também, você sabe disso.

Marion olhou para o chão, desejando não ter dito nada, desejando que ela tivesse ficado em seu quarto e deixado Charlotte correr para a floresta para viver para sempre com Val. Talvez então ela pudesse cuidar de sua terrível dor de cabeça em paz.

— Oh, Marion. — Lá estava a voz familiar de Charlotte, não mais tão irritada. — Isso é o quê? Claro que você faz isso. Você ouve, estrelinha do mar, você entende mais do que ninguém. Mas... é muito bom, sabe? Falar com alguém que não é você ou mamãe. Isso faz com que perder o pai pareça menos pesado. Superável.

Charlotte deu um tapinha na cama, e Marion pensou em sair furiosa, mas a ideia de fazer isso lhe deu mais dor de cabeça ainda. Em vez disso, ela permitiu que Charlotte a puxasse para perto,

alisando seu cabelo para trás. Ela tentou não engasgar com o hálito de cerveja de Charlotte, pensou em sugerir que escovasse os dentes, decidiu ficar parada.

Enquanto Charlotte afundava no sono ao lado dela, Marion se perguntou que se a nova amizade de Charlotte progredisse, talvez Charlotte não precisasse de Marion tão desesperadamente como nos últimos meses. Isso significaria que Marion poderia realmente sentir algum alívio? Existir apenas como ela mesma, e não como uma âncora para sua mãe e irmã – como seria isso?

Ela poderia ter que dedicar um tempo para costurar o buraco no coração que a morte de seu pai deixou para trás.

Talvez tenha que dar uma olhada nas teias de aranha que sua vida acumulou nos últimos sombrios meses.

Pode não gostar do que veja.

Ela segurou Charlotte e fechou bem os olhos cansados – uma garotinha mais uma vez, com medo de relâmpagos. Rezando para que alguém os impedisse de soar.

Zoey



A Barriga

Bem, isso era insuportável.

Zoey estava vagando pela festa de Val por dois minutos e não conseguia parar de pensar naquele livro idiota.

Ela bebeu um gole de água de seu copo de plástico vermelho, brincando com a bainha de sua camiseta *WILD ALASKA!* deliberadamente surrada com os lobos uivantes com moldura de strass, e enxugou a palma da mão em seu jeans skinny rosa desbotado.

Alguns anos atrás, Zoey chegou a Sawkill e percebeu quase imediatamente que, ao se mudar para a ilha, ela cometeu um erro terrível. Sawkill arrastava-se com os descendentes imperturbáveis, de pele clara e imaculadamente bem cuidada de magnatas do petróleo, socialites do dinheiro antigo, assessores de investimentos e cirurgiões plásticos de renome mundial. Eles existiam dentro dos limites de uma estrutura sociopolítica intrincada e esotérica que Zoey não entendia e nem queria tentar entender. Eles nunca diziam a coisa errada. Eles se faziam de bonzinhos. Eles não faziam cenas desagradáveis. E embora eles reconhecessem que havia um mundo além de Sawkill – além da bolha isolada de seu dinheiro e suas vidas fáceis e seus sorrisos folheados – eles estavam contentes em

ver aquele mundo passar por eles, tragédias e injustiças e tudo. A feiura não podia atingi-los, então por que se importar?

Exceto que a feiura os *havia* tocado, repetidamente.

Zoey silenciosamente recitou os nomes, mentalmente superando o barulho da festa de Val para se lembrar de por que ela estava lá: para farejar, para observar Val em seu habitat natural, para ficar de olho em Charlotte Althouse.

Evelyn Sinclair, Zoey recitou. *Fiona Rochester. Avani Mishra. Grace Kang. Natalie Breckenridge.*

Thora Keller.

A tragédia tocou Sawkill, uma e outra e outra vez, mas depois do desaparecimento de cada menina, uma vez que um tempo respeitável havia passado, todos pareciam parar de se importar.

O mundo é um lugar horrível. Mas o que você pode fazer? Não gostamos de pensar nessas coisas. Aqui não. Não nestas praias abençoadas.

Viver em Rock era o suficiente para deixar Zoey fisicamente doente. Ela existia com um nó permanente de desconforto preso em seus intestinos. Mas para onde mais ela poderia ir? Para a porra da Califórnia? Não, obrigada. Além disso, deixar o pai iria feri-lo tão profundamente que Zoey imaginou que sentiria sua agonia paterna do outro lado do continente.

Então ela ficou parada e contou os dias até a formatura. Mais um ano. Quando ela partisse então – e ela *iria* embora, e nunca olharia para trás – seu pai não seria capaz de culpá-la por isso. Faculdade, o futuro, etc.

Um futuro indefinido, sem fim, sem Thora.

Zoey tomou outro longo gole de água, piscando, os olhos ardendo. Talvez ela não se importasse muito que ir embora machucasse seu pai. Talvez ela não se importasse com um pai que mantinha um livro secreto e estranho, cheio de monstros rabiscados e palavras codificadas na casa e não quis dizer a ela o que isso significava.

Por que vim aqui, mesmo? ela mandou uma mensagem para Grayson. Seus dedos tremeram um pouco enquanto pairavam sobre seu telefone.

Alguns segundos depois:

Porque você está determinada a me causar um colapso nervoso.

Estou sendo cuidadosa.

Eu confio em você. Eu não confio em Val, ou seus minions.

ELA ME convidou.

Da última vez que você foi a uma festa de Val, o que aconteceu?

Eu fiquei bêbada.

E?

Acusei Val de matar Thora. Na frente de todos. E então vomitei.

Certo e depois?

Os lábios de Zoey se estreitaram.

Val começou a chorar e suas amigas de merda jogaram estalinhos em mim.

Podemos ir para casa? Nós iremos para minha casa. Podemos assistir o próximo episódio de *30 Rock*. Onde você está?

Perto da Caída.

A Caída era um carvalho praticamente pré-histórico com galhos longos e deformados que se arrastavam pelo chão como tentáculos. Se você desaparecesse nos galhos da Caída nas festas de Val, você estava tentando se esconder – para ficar com alguém, para tentar algo mais pesado do que álcool. Ou simplesmente não queria ser encontrado.

Esta era Zoey: vagando pelos galhos, agachando-se sob eles, passando por cima deles. Jogando o copo vazio por cima do ombro. Voltando para encontrá-lo, xingando baixinho porque ela era uma hippie indefesa que abraçava uma árvore. Com raiva de si mesma também, porque pra que se incomodar em vir mostrar a Val que ela não estava com medo dela se ela iria passar o tempo todo se escondendo?

Ela encontrou o copo, o esmagou e enfiou no bolso de trás.

— Então, o que você acha da nova garota?

— Qual?

As pessoas estavam conversando nas proximidades — uma menina e um menino. Zoey se escondeu atrás de um galho, tentando moldar seu corpo na forma do galho. Na clareira, a luz da festa mudou — fogueira, tochas, velas para afastar os insetos.

Mas na Caída estava escuro como a morte.

— A esquisita — disse a garota. Jane Fitzgerald. Zoey reconheceu a voz, a pele lisa e marrom, o tecido caro-como-o-inferno e reto que caiu nas costas de Jane. — Não a Charlotte. Aquela que teve uma convulsão ou qualquer outra coisa na semana passada.

— Ah, certo. — Harry Windemeier, usuário de expressões idiotas de garoto de fraternidade e mocassins e muita colônia. — Deus, eu odeio vir aqui. Não poderíamos simplesmente ter ido para o seu carro?

— Por quê? Você está *assustado*?

— Não.

Jane mexeu os dedos. A festa de Val delineou sua silhueta em fogo. — Com medo do Coletor? Você é um maricas. *Cuidado com a floresta e a escuridão, profundamente úmida...*

— Sim. É exatamente isso. Tenho medo de uma história infantil para dormir. Foda-se.

— *Ele vai te seguir até em casa e não te deixará dormir.* — Jane fez um som de fantasma cafona, sua voz cheia de risos.

Zoey não riu. Grayson achava que os velhos contos da ilha sobre o Coletor eram bobos, como qualquer história de fantasmas sobre bicho-papão e criaturas sombrias espreitando nas árvores, famintos por uma refeição de crianças. Grayson tinha família em Nova Jersey e costumava lembrar a Zoey que todos os lugares do mundo tinham suas lendas urbanas, seu combustível para o pesadelo infantil. Em New Jersey, era o Diabo de Jersey. Em Sawkill Rock, era o Coletor.

Mas mesmo antes de Thora morrer, mesmo antes de Thora deixá-la por Val, Zoey tinha decidido que não era sensato descartar completamente essas histórias, não importa quantas vezes Grayson revirasse os olhos. Talvez fosse a escritora nela, que acreditava que mesmo os contos mais horripilantes estavam enraizados na verdade.

Ou talvez, Zoey pensou sombriamente, *lendas sobre monstros não fossem tão engraçadas quando as meninas estavam morrendo.*

— Se você não parar com essa besteira de Coletor — Harry estava repreendendo Jane. — Eu vou deixá-lo sozinha, Fitzgerald.

Jane suspirou. — Você não é nada divertido.

— E ainda assim, aqui está você — Harry brincou.

O leve estalar das folhas úmidas marcou a abordagem de Jane e Harry. Zoey estava parada, parada, parada. Ela apertou o galho que escondia seu braço.

— Nightingale está bem, certo? — perguntou Harry. — Após o acidente?

Típico. Claro que a vida de um cavalo valia mais do que a de um humano para alguém como ele – se o humano não cagasse diamantes, claro. Pobre Marion. Ela provavelmente nem percebeu ainda o quão insignificante ela pareceria para esses idiotas ricos e sem humor.

Zoey sentiu seu peito apertar, lembrando quantas noites ela e Thora ficaram acordadas até tarde falando besteiras sobre a elite de Sawkill. *Idiotas ricos e sem humor* tinha sido a frase de Thora, pronunciada com o sotaque inglês mais detestável que ela conseguiu.

Zoey se apoiou com mais força na Caída e acariciou sua casca áspera. *Árvore boazinha. Você não se preocupa com dinheiro, não é?*

— Sim, Nightingale está bem. — Jane suspirou, espreguiçando-se de maneira óbvia. Seu suéter subiu por seu torso, deixando uma grande extensão de estômago nu. — Só um pouco assustado.

— Não acredito que o chefe Harlow deixou algum estranho aleatório montar em seu cavalo — disse Harry. — Quero dizer, sério? É praticamente procurar encrenca.

Harry se sentou em um dos galhos, a menos de três metros de Zoey, e puxou Jane para seu colo. Ela riu e jogou o cabelo para trás.

— O que você esperava? — Jane engasgou. Harry estava com as mãos na blusa dela. — Harlow é inútil. Ele nunca encontrou Natalie e nunca encontrará Thora. A incompetência dele é impressionante. O prefeito Harding deveria demiti-lo. Ah, Harry. — Jane deu um gemido obsceno e ofegante. — Isso é tão bom.

Zoey não se moveu de seu esconderijo, mas mesmo assim ela sentiu todos os pedaços de si mesma entrarem em formação. Engrenagens rangendo, garras afiando. Os galhos sibilantes da Caída deixando suas folhas tocarem em seus ombros.

— Ainda não consigo acreditar que Zoey e Grayson namoraram. — Jane *ainda* estava falando, entre beijos e sons pornôs indiferentes. Harry suspirou, irritado. Zoey podia entender isso.

— Olha, qual é o grande mistério? — Harry retrucou. — Grayson queria transar com ela, e ele fez. Ele conseguiu o que queria, e então foi embora. Agora, pare de falar. Ok? Você está desperdiçando meu tempo.

Jane murmurou algo e caiu lentamente de joelhos.

O mundo frio e úmido sob a Caída não era mais tão legal. O calor da fogueira pressionou a pele de Zoey, se acumulou sob seus pés, tirou lágrimas de seus olhos que a deixaram sem fôlego.

Não que ela acreditasse no que eles diziam.

É que ela quase desejou que fosse verdade.

Seria estranhamente mais fácil assim: Grayson queria transar e então ele o fez e saiu correndo.

Mas a verdade de porque ela e Grayson terminaram era quase constrangedor demais para Zoey pensar sem querer vomitar.

Depois que eles finalmente fizeram sexo, Zoey decidiu que nunca mais queria fazer isso. Nem com ele, nem com ninguém. Ela nunca iria esquecer a visão de Grayson sentado desamparado e derrotado em sua cama, com lágrimas escorrendo por suas bochechas pálidas, enquanto ela dizia a ele, com a voz oca, que simplesmente não ia funcionar.

Zoey enxugou os olhos, seus dedos abrindo trilhas quentes em sua pele, e saiu de seu esconderijo. Jane ofegou e saltou do chão. Harry pulou ao redor, fechando o zíper das calças.

— Nenhum de vocês sabe do que diabos está falando — Zoey declarou, em seguida, girou nos calcanhares, ignorando o som de sua risada meio envergonhada, meio alegre, e se afastou. Uma luva espinhosa de vergonha se enrolou em sua garganta. Ela imaginou que cada batida de sua bota de cano alto xadrez contra o chão ajudaria a abri-lo. A terra engoliria Jane e Harry inteiros. Só um pouquinho. Só para assustá-los.

Ela deu apenas três passos antes de ouvir Jane gritar, e girou de volta.

Harry praguejou, batendo em sua pele, em suas roupas.

Jane gritou, cuspiu e cambaleou para longe dele.

Uma dúzia de moedas escuras caiu das árvores, reunindo-se nos braços, couro cabeludo e mangas de Jane e Harry.

Zoey apertou os olhos, praguejou e saltou para longe.

Aranhas pretas, gordas e de pernas finas, subiram pelas bochechas de Jane e em seus cabelos. Elas rastejaram pela gola de Jane sob sua blusa e deslizaram pelos lábios de Harry. Elas se reuniram lá em grupos, buscando entrada.

Jane, engasgada, caiu de joelhos.

Zoey correu.

Zoey



O Filhote de Lobo

Zoey se dirigiu para a fogueira, seu corpo pulsando uma energia brilhante e vermelha.

Então ela esbarrou em Grayson e se agarrou a ele para não cair.

— Zoey, o que...? Merda, o que há de errado? O que aconteceu?

— Eu tenho que sair daqui. — Zoey olhou para trás por cima do ombro. Jane e Harry não estavam surgindo da Caída. Ela preferia que eles viessem com acusações, chamando por Val. Mas a Caída ficou parada, escura, silenciosa.

Grayson não estava se mexendo. — Alguém te machucou? — Ele puxou seu telefone. — Vou ligar para o seu pai.

— *Pare com isso.* — Zoey o empurrou, tropeçando. Ele parecia ferido, as sobrancelhas escuras franzindo sobre aqueles olhos azuis gentis, e Zoey não deu a mínima. — Somente... algo estranho está acontecendo, ok?

— O que você quer dizer?

— Não sei, só que precisamos sair.

A música tocando na Mercedes prata de Harry Windemeier mudou de uma música para a outra. Uma multidão de meninas perto da fogueira aplaudia, ondulando. Zoey flagrou um lampejo de cabelo dourado - Val.

A voz de Val soava perfeitamente. — Charlotte, venha dançar comigo!

De repente, isso foi há oito meses. O primeiro ano tinha acabado de começar e Zoey estava esperando ao lado do carro de Thora no estacionamento da Sawkill Day School, quando atrás dela Val gritou. — Oh, ei, Thora! Sua história para a aula do Sr. Everett foi *incrível*. Puta merda, garota. Você pode *escrever*.

Zoey semicerrou os olhos por causa do sol para encontrá-las, bem a tempo de ver Val, com aquele sorriso radiante de estrela de Hollywood, puxar uma Thora atordoada e corada para um abraço. (Para ser abraçada por Valerie Mortimer! E eis que as nuvens se abriram naquele dia!)

Então Val olhou por cima do ombro de Thora, direto para Zoey, e seu sorriso se alargou, só um pouco, e ela balançou quatro dedos para Zoey. Um aceno de alô? Ou algum tipo de provocação?

Pensando bem, Zoey percebeu que sabia exatamente o que aquele aceno significava: *Adeus, mortal. Ela é minha Thora agora.*

E Zoey estava com muito ciúme da nova e inexplicável amizade delas, em estado de choque demais, *orgulhosa* demais para intervir e impedir.

E agora Thora estava morta.

Mas Zoey não ficaria de braços cruzados neste momento.

Ela passou por Grayson e entrou no emaranhado de lobos dançantes de Val, girando e girando ao som do baixo pulsando era excitação crepitando até encontrar Charlotte. Charlotte, dançando ao lado de Collin Hawthorne, os braços erguidos sobre a sua cabeça, um sorriso radiante no rosto. O cabelo castanho claro de Charlotte estava preso no topo de sua cabeça. Ela usava jeans skinny escuros e uma blusa transparente amarrada atrás do pescoço – uma blusa que Zoey reconheceu instantaneamente como sendo de Val.

Jesus. Menos de duas semanas depois da chegada de Charlotte e elas já estavam compartilhando roupas. Thora e Val também fizeram isso. Elas compartilharam roupas, brilho labial, uma indiferença calma e gentil em relação a todas as coisas de Zoey.

Uma pequena forma prateada em uma corrente brilhou entre as clavículas de Charlotte.

— Charlotte, temos que ir. — disse Zoey, abrindo caminho. Ela percebeu que a coisa prateada era um amuleto de estrela do mar e se lembrou de onde vira esse mesmo amuleto antes. — Marion precisa de você.

— O que? — Charlotte afastou uma mecha de cabelo suado da bochecha. — Ela está bem?

— Ela está bem, ela apenas... ela teve um pesadelo. Algo sobre… você sabe, sobre o acidente dela. — Zoey engoliu em seco, passando de uma perna para outra. Desde que Thora desapareceu, uma mini Thora vivia dentro do cérebro de Zoey. Às vezes, ela aparecia nas horas mais irritantes, lançando sorrisos para Zoey, sussurrando velhas piadas internas para ela. Era um fantasma difícil de se livrar.

Talvez se Zoey pudesse levar Charlotte para casa, o fantasma a deixasse sozinha por pelo menos uma ou duas horas.

— Meu pai e eu fomos ver como ela estava. — Zoey mentiu. — Ela estava perguntando por você.

Collin Hawthorne, com as bochechas coradas de um vermelho manchado, disse: — Harlow, o que há com seus braços?

Zoey percebeu que estava parada ali coçando os pulsos com tanta força que quase rompia a pele. Mas ela tinha que arranhar, ou as aranhas poderiam encontrar seu caminho para dentro dela.

— Vamos, Charlotte. — Zoey conduziu, seu estômago revirando. — Grayson e eu vamos acompanhá-la para casa.

Collin olhou por cima do ombro de Zoey, viu Grayson parado ali e deu a ele um aceno de cabeça de manos. — Tighe, o que há com sua garota?

— O nome dela é Zoey, Collin. — Grayson respondeu com um sorriso tenso. — Não sei por que é tão difícil para você lembrar.

— O que está acontecendo?

O estômago de Zoey caiu.

Val.

Charlotte e Collin abriram caminho para ela como um oceano para sua deusa. Ela usava um vestido colado de lantejoulas que se agarrava a suas curvas magras e prata cintilante e que teria ficado ridículo em qualquer outra pessoa.

Que pessoa sã usa um vestido de coquetel de lantejoulas para uma festa na floresta?

Mas o cabelo de Val caía comprido e bagunçado pelo vento até a parte inferior das suas costas, e ela estava descalça, um de seus pés marcado com um corte vermelho fino, as unhas vermelhas como gotas de sangue. Foi uma olhada. Funcionou.

O sorriso de Val era frágil, ferido. Tentando fazer Zoey se sentir mal pela última festa? Pela acusação de assassinato mal concebida?

Sem chance disso.

— Você veio afinal. — disse Val. — Mesmo depois do que aconteceu da última vez. Eu não pensei que você viria. — Seu olhar passou de cima a baixo no corpo de Zoey, então para Grayson. — O pobre Grayson não sofreu o suficiente? Deixe-o ir, Zoey. — A voz de Val baixou como um sonho de sono profundo. — Você veio aqui procurando outro coração para partir? Um não foi suficiente para você?

Zoey quase engasgou.

— Isso é desnecessário, Val. — disse Grayson.

Collin sorriu e estendeu a mão para a parte inferior das costas de Val. Ela o empurrou para longe como faria com uma criança irritante.

Zoey não conseguia mais olhar para Val, caso contrário, ela explodiria ou choraria. Qualquer um dos dois seria um último movimento fatal.

Ela acenou para Charlotte. — Vamos, Charlotte, vamos embora.

— Eu não vou a lugar nenhum. — Charlotte se afastou, oscilando ligeiramente. — Mamãe está lá caso Marion precise de alguma coisa. Eu só quero me divertir uma vez. — Ela pegou um copo de uma caixa virada e engoliu seu conteúdo. Uma folha caiu das árvores, parando no ombro de Charlotte.

Zoey se encolheu, esperando que pernas finas brotassem da folha e subissem pela garganta de Charlotte. Ela olhou de volta para a Caída. Nada. Nada de Jane, Nada de Harry.

Os dedos de Zoey formigaram, como no museu de ciências na sala de eletricidade estática. Coloque sua mão na bola de metal vibrante e veja seu cabelo se arrepiar!

Charlotte enxugou os lábios com as costas da mão e riu. — Você sabe quanto tempo faz que não me divirto?

— Sim, sim, sua vida é uma tragédia, eu entendi, mas vamos lá. — Zoey não olhou de volta para a Caída, mas ela podia sentir seus olhos invisíveis olhando para ela. — É hora de ir.

Val apoiou seu braço no de Charlotte. — Charlotte, querida, me escute. Marion está bem. Ela não gostaria que você deixasse uma festa por causa dela. Quer dizer, isso não seria justo. Você merece se divertir.

Charlotte deixou cair sua bochecha contra o ombro de Val. — Deus, eu realmente quero. Mas se Marion precisa de mim...

— Ela não precisa. — Val disse, não mais tão gentilmente. — Ela está bem. Fique aqui, vamos. A noite é uma criança.

Bandeiras vermelhas agitaram-se dentro de Zoey como camadas esticadas de pele. Val parecia um pouco desesperada demais, um pouco irritadiça. E embora Zoey não tivesse engolido um gole de álcool, enquanto ela estava lá, suava à luz do fogo, sua cabeça girando, as solas de seus pés zumbindo em seus tênis, Charlotte se tornou Thora, e Thora tornou-se Charlotte novamente, e Val era Val, olhos afiados e apertados.

De repente, Zoey não conseguiu se conter. Ela fechou as mãos em punhos. — Evelyn Sinclair. — ela começou calmamente, ignorando o pedido silencioso de Grayson para parar. — Fiona Rochester. Avani Mishra. Grace Kang. Natalie Breckenridge. — O sangue nas veias de Zoey estalou. — Thora. Keller. — Ela olhou para Charlotte, olhos cheios e quentes. — Esses nomes soam familiares, Charlotte?

Incerta, Charlotte olhou para trás e para frente entre Zoey e Val. — Não são aquelas garotas que [...]

— Elas costumavam ser amigas da Val e de sua mãe, sua avó e sua bisavó. Elas costumavam ser garotas de Sawkill. E agora elas se foram, desapareceram sem deixar vestígios. Você quer ser a próxima?

Collin Hawthorne jogou sua bebida no fogo. Ele cerrou os punhos carnudos. — Você cruzou a linha, Harlow. Você realmente quer fazer isso de novo?

— Ei, escute, — Grayson começou, erguendo as mãos entre eles. — ela está um pouco chateada, ok? Ela não quis dizer isso.

— Oh sim, eu quis. — Zoey cuspiu.

Val ignorou todos, exceto Zoey, seus olhos brilhando com lágrimas não derramadas. — Seu pedaço de merda. — ela disse uniformemente. O vento chicoteava seu cabelo em volta do rosto. — Eu amava Thora.

Zoey se sentiu capaz de cuspir fogo.

Em vez disso, ela retrucou. — Sim? Bem, eu a amava também...

E então, antes que Zoey pudesse terminar a frase, antes que Val pudesse responder, Charlotte avançou, seus olhos brilhantes e duros, o ar de repente estalando como se alguém tivesse infundido veneno nele, e atingiu Zoey no queixo. Foi um golpe desleixado, e Charlotte gritou de dor logo em seguida, mas foi o suficiente para fazer o rosto de Zoey queimar.

Grayson a segurou antes que ela pudesse cair. — Jesus, Zo. — ele sussurrou, pressionando um lenço em sua bochecha. Garotos de Sawkill e seus lenços. Em que mundo Zoey vivia.

Grayson estalou por cima do ombro. — Que diabos, Charlotte?

Cercada pelos lobos de Val, todos os quais assoviaram e levantaram seus copos em sua homenagem, Charlotte deu um passo para trás, com os olhos arregalados. Ela balançou a cabeça, embalando a mão que socou contra o peito.

— Zoey. — ela sussurrou, seus olhos se enchendo de lágrimas, suas palavras levemente arrastadas. — Me desculpe, eu não sei o que deu em mim, eu não queria...

Val puxou Charlotte suavemente para longe, de volta ao pacote. — Deixe-a. — Val sugeriu. — Deixe-a ir embora.

Com a mandíbula latejando, Zoey se afastou deles, cambaleando em direção à estrada de terra que levava de volta para fora da floresta.

Harry e Jane emergiram das árvores de mãos dadas. Livres de aranhas e radiantes, embora Zoey os tenha visto se entreolharem uma vez, evasivos. Então foi como se eles tivessem chegado a um acordo tácito – quem acreditaria neles? *Peguem leve com a bebida, vocês dois!* – e seguiram em frente com suas vidas.

— O que perdemos? — perguntou Jane animada, só um pouquinho trêmula. Harry passou os dedos nervosamente pelos cabelos. Procurando por aracnídeos perdidos?

— Zoey, pare, por favor. — Grayson disse, correndo atrás dela.

— Ela as muda. — Zoey invadiu as árvores. — Eu não sei como, mas ela as muda. Thora, e agora Charlotte.

— O que você quer dizer com ela as muda?

— Charlotte Althouse, pelo menos por um segundo, parece o tipo de garota que sai e dá um soco em alguém que ela mal conhece?

— Bem, não, mas ela tinha bebido.

— Grayson? Honestamente? — Zoey se virou para encará-lo e teve que encará-lo bem, bem alto para encontrar seus olhos. Por um segundo, ela se lembrou de quão docemente sua estrutura de um metro e meio se encaixava na dele, de como ela se sentiu protegida em seus braços, mas nunca diminuída.

— Se você não vai acreditar em mim, — disse ela, com as lágrimas brilhando em seus cílios. — mesmo depois do que você acabou de ver, mesmo depois de tudo o que passamos, então me deixe em paz por um tempo, ok?

Então ela se virou e o deixou sozinho no escuro.

A ROCHA ERA UMA PARTE de um todo maior, indistinta das placas tectônicas, das florestas cada vez menores e das profundezas de magma borbulhante do mundo.

A Rocha também era seu próprio eu pequeno e solitário, cercada por ondas sem coração, com ciúmes de sua própria solidez imóvel.

As ondas corroeram e bateram nas bordas da Rocha. Elas gemeram e ansiaram e se quebraram e mudaram. Elas suspiraram e choraram.

Mas a Rocha ignorou os gritos ressentidos do mar e alcançou as árvores que cobriam sua pele, sacudindo um mundo de sombras.

Vá, ela instruiu. *Encontre-as.*

Marion



O Gemer dos Ossos

O barulho era fraco, estridente e desafinado.

Desde sua queda, o barulho tinha infectado os sonhos de Marion, tinha mexido com seus pensamentos ao acordar. Tinha vindo e ido, evasivo o suficiente para ela racionalizar.

Agora isso a tirou do sono, finalmente formado adequadamente.

Penetrou em seu silencioso quarto branco com as cortinas esvoaçantes, a janela se abriu para deixar entrar o ar frio da noite, o ventilador de teto girando preguiçosamente como as asas de um inseto da selva pairando no ar, do tamanho de um mamute.

Marion estava esticada e rígida em seu colchão, presa para inspeção. Ela recitou fatos, para ter certeza de que existia, nesta cama, nesta casa, nesta ilha:

Era sexta-feira. Nove dias desde que a família Althouse chegara a Sawkill Rock. Cinco horas atrás, ela poliu o chão do salão de baile Kingshead com a mãe.

Seu nome era Marion.

Ela tinha dezesseis anos.

Ela havia batido com a cabeça.

Ela costumava gostar de cavalos uma vez, mas não tanto mais.

O barulho permaneceu.

Não estava em seus ouvidos tanto quanto em seus ossos, saindo de dentro. Vibrava em sua medula como se todo o seu ser fervilhasse de minúsculos insetos escavadores. Como cigarras de verão zumbindo nas árvores ao anoitecer, o gemido zumbia. Escalada. Uma cigarra. Quatro. Quatorze. Quatrocentos. Catorze mil.

Marion saltou da cama e enfiou os dedos nas orelhas. Eliminar o ruído, certo? Desconecte esses canais sujos.

Sua cabeça latejava.

Sua mandíbula doía como se ela tivesse rangido os dentes enquanto dormia.

Ela precisava de remédio.

Ela estava no centro do quarto, olhos fechados, inspirando e expirando. O que aquela terapeuta sugeriu, depois que seu pai morreu com o crânio aberto, sozinho no escuro com o carro fumegando ao seu redor?

Inspire por uma narina e expire pela outra.

Concentre-se no ar que entra e sai dos tubos respiratórios embutidos.

Concentre-se na sensação de seus dois pés firmemente plantados no chão.

Você está aqui, neste mundo. Você existe. A sensação de estar viva e humana - não é uma coisa maravilhosa?

Mas ficar parada fez seu corpo coçar para se mover, e quando o fez - andando ao redor da sala, sacudindo os braços e pernas, esticando os dedos para o teto – isso só fez seu corpo querer se mover mais rápido.

É aí que está a resposta: correndo pelo chão, abismos rachando onde suas pegadas costumavam estar. Se ela fizesse isso, ela entenderia. Tudo ficaria claro.

Marion cambaleou até o espelho de corpo inteiro no canto do quarto, um ornamento antiquado com uma moldura de cerejeira polida e pés em forma de garras o segurando.

Ela olhou para o rosto, o nariz suado quase tocando o vidro.

Ela murmurou para si mesma: — O que há de errado com você?

— Você está doente ou algo assim?

— O que está acontecendo, por que você tem que ser assim?

Ela prendeu seu cabelo preto úmido em um rabo de cavalo impiedoso, puxado, brilhante e apertado contra seu crânio.

Mesmo assim, o gemido permaneceu – um barulho em seus ossos, uma vibração de asas e minúsculos pés rastejantes, uma ressonância de dentes triturados e um giro distante e implacável, como a água negra ao redor de Sawkill.

E algo mais, algo entre as cigarras e o chocalhar e o rangido que ela não conseguia identificar.

Um recado, ela pensou. Em todo o barulho, havia um recado.

Algo dizendo a ela: *siga-me.*

Ela cambaleou para o banheiro no final do corredor, jogando água gelada no rosto.

O gemido de seus ossos não parava e nem desistia, não importa o quão gentilmente ela pedisse. Ela deixou os olhos fechados por muito tempo, o chão se inclinou e balançou. Ela estava nas costas de um gigante, músculos nodosos rolando enquanto ele caminhava sem parar ao longo do fundo do mar.

Ela ficou curvada sobre a pia, os ombros arfando enquanto ela forçava respirações profundas dentro de si. Talvez isso abafasse o grito de seus ossos, certo? Isso fazia sentido. Esvaziando o veneno com ar fresco.

Mas espere.

Sua cabeça se ergueu. Ela viu seu reflexo no espelho do banheiro – olhos arregalados, olhos cinzentos, sombras difusas brincando de esconde-esconde nos suaves planos pálidos de seu rosto.

Isso não era ar fresco.

Não, este era o ar da casa. Lá embaixo, sua mãe dormia, no final do corredor, Charlotte também.

Havia produtos químicos nesta casa – alvejante, sabonete e líquido ácido para desentupir o ralo.

Ela engasgou, pensando em cabelos escuros com nós.

Tossindo, ela vomitou na pia, mas não saiu nada além de cuspe.

Algo estava preso em sua garganta, era isso. Remova-o e tudo ficará bem. Ela desfrutaria do silêncio mais uma vez e poderia dormir novamente.

Ela enfiou a mão na garganta com dois dedos, quase raspando a língua em carne viva, procurando.

Ah. Lá.

A ponta de uma mecha de cabelo – mas grossa e áspera, não tão macia e lisa como o cabelo dela.

Ela puxou.

Algo dentro dela também se moveu – um pedaço escuro das vísceras de Marion, sacudindo-se como um peixe fisgado.

Seus olhos se encheram de lágrimas. Ela engasgou em torno de sua mão questionadora.

O que era *isso* alojado no final de sua garganta, onde a boca se transformava em esôfago e que se transformava em estômago?

Ela puxou e subiu – uma longa mecha de cabelo escuro, subindo por sua garganta.

Ela engasgou mais uma vez. Ela estava extraindo sua própria essência. Ela chegaria ao fim dessa corda escura e estranha e encontraria seu próprio coração carnudo e pulsante.

Finalmente, ela se levantou, ofegante, seus olhos vazando lágrimas, e olhou para ela – uma mecha de cabelo emaranhado descansando em sua palma.

Ela não era especialista, isso era verdade. Mas ela nunca se esqueceria de como a juba tosca e aparada de Nightingale parecia, agarrada entre seus dedos enquanto ele voava colina abaixo.

Isso era cabelo de cavalo.

Os dedos de Marion se fecharam em torno dele, e o gemido zumbia em seus ossos – agora batendo úmido entre suas orelhas como as asas úmidas de um besouro – disse a ela para ir embora. Saia ou você vai se arrepender.

Me siga.

Foi o que ela fez, saindo pela porta dos fundos da cabana e descendo o caminho de cascalho que levava aos jardins bem cuidados de Kingshead. As rochas esfriaram seus pés descalços. Seu short e suéter não eram nada contra o vento do mar cortante.

Mas seus ossos gritaram — *Mais rápido*, e ela teve que obedecer.

Zoey



O Peixe Morto

Uma hora depois de deixar a festa da Val, Zoey fez a jornada através da Floresta Kingshead, passando por ervas daninhas emaranhadas e quase tropeçando nos aglomerados de pedras cor de carvão que estavam em seu caminho.

Quase no escuro, pois a lua naquela noite era apenas uma lasca.

Carregando uma rede cheia de peixes mortos.

Não era sua ideia de diversão, mas o resultado seria.

— Dane-se Val Mortimer. — Ela resmungou. — E dane-se Collin Hawthorne. Dane-se essas pedras, dane-se essas árvores. — Para dar ênfase, Zoey arrancou um galho baixo de seu caminho. — Dane-se essa ilha, dane-se esses peixes. — A rede de peixes bateu em suas costas.

— Dane-se Charlotte Althouse. — continuou ela alegremente. — E dane-se Harry Windemeier.

Ela parou sua musiquinha sombria.

Harry Windemeier. Jane Fitzgerald.

Ela jogou a rede no outro ombro. Aranhas podem cair das árvores. Isso não era uma coisa estranha. Horrorizante, obviamente, e convenientemente cronometrado, mas nada com que se preocupar. Natureza sendo natureza.

Ela saiu das árvores e foi até a propriedade de Kingshead. Ela largou o peixe, enxugou a testa e olhou para o edifício imponente que era o palácio da família Mortimer.

Cada vez que ela o via, Zoey se sentia um pouco como Maria em *The Sound of Music*, na primeira vez que viu a mansão do Capitão von Trapp. Mas em vez de murmurar. Oh, ajuda. — Zoey levantou os dois dedos médios para Kingshead e dançou como se tivesse acabado de marcar um touchdown.

Ela estava bem no meio disso quando percebeu que alguém estava parado nas árvores a alguns metros de distância, observando-a.

Zoey gritou. — *Merda*. — E cambaleou para trás, quase tropeçando na rede de peixes.

— Desculpe. — disse a pessoa, e Zoey percebeu que era Marion Althouse, que parecia esquisita como o inferno parada ali nas árvores, sua pele estranhamente pálida, seu cabelo escuro e selvagem. Apenas parada ali, braços ao lado do corpo. — Não queria te assustar. O que você está fazendo aqui?

Zoey buscou uma indiferença irônica, para encobrir o quão obviamente *desafiadora* ela era. Isso era alguma coisa?

— Estou prestes a despejar alguns peixes no banco de trás do Lexus de Val. — respondeu ela. — Quer vir?

Marion não respondeu. Ela se virou, olhando para as árvores. — Você ouviu isso?

— Ouvi o que?

— É como… — Marion balançou a cabeça e segurou-a entre as mãos. Seus olhos brilharam cheios de lágrimas. — Não faz sentido para mim, mas eu tenho ouvido isso há dias e esta noite é o pior que já aconteceu. Acho que o acidente pode ter deixado algo solto dentro de mim. Alguma coisa importante.

Zoey se mexeu sem jeito. — Ei, está tudo bem.

Marion abanou a cabeça. — Eu não consigo parar! Eu tentei de tudo. — Ela riu - uma explosão alta e suave. — Quase tudo.

Zoey agarrou as mãos de Marion e as afastou de seu crânio. — O que é isso? O que você está ouvindo?

Mas Marion não respondeu. Ela ficou rígida, seu pescoço se alongando enquanto ela virava a cabeça para procurar na

escuridão. Um cervo que ouviu o estalo de um galho sob a bota de um caçador.

O engraçado foi que, naquele momento, Zoey sentiu também – um peso repentino, como se outra pessoa tivesse entrado em um quarto escuro e agora estivesse esperando ao lado deles.

Como se as próprias árvores estivessem olhando.

Um arrepio percorreu alegremente suas costas.

— Por aqui. — Marion sussurrou, pegando a mão de Zoey gentilmente na dela. — Silenciosamente. Não queremos assustá-lo.

Zoey engoliu em seco. — Assustá-lo?

Mas Marion não respondeu.

Zoey abandonou seu peixe e se permitiu ser conduzida. Ela continuou olhando para Marion, inspecionando seu rosto. Marion não pareceu se importar. Seus olhos estavam arregalados, rodeados de escuridão.

— Prendi meu cabelo em um rabo de cavalo. — explicou Marion, olhando para a frente. — Achei que isso ajudaria, mas não ajudou. Eu tive que tirar isso. Eu tive que tirar tudo. Isso abriria meu crânio.

Com dificuldade, Zoey perguntou. — O que iria abrir seu crânio?

Marion olhou para ela. — O som. Ele quer que eu o siga.

Uma página do livro preto de seu pai brilhou diante dos olhos de Zoey: as figuras desenhadas a caneta. As cartolas e os casacos longos. Os tufos de pelo. Os olhos brancos e sem pupilas, os sorrisos largos.

ILLE QUI COMEDIT.

Zoey pesquisou a frase em um tradutor online:

ELE COME.

Agora ela se lembrava, com a floresta tremendo por todos os lados, onde ela tinha visto aquelas ilustrações antes. Não aquelas representações exatas, mas semelhantes o suficiente para corresponder. Quando ela encontrou o livro debaixo do sofá, algo dentro dela zumbiu ao ver aqueles desenhos, mas ela não tinha sido capaz de identificá-los até este momento.

Sua Mini Thora abriu uma porta em seu cérebro e sussurrou, escorregadia e fria como o fantasma que era — *Demorou bastante, Sherlock.*

Esses desenhos eram do Coletor.

Obcecada por monstros, Thora tentou ilustrar o Coletor de várias formas, até mesmo enviou histórias do Coletor para revistas de terror online - totalmente ilustradas, todas as vezes, e sempre acompanhadas por imagens muito parecidas com essas.

O que significava...? Que seu pai também era um fanático secreto pelo Coletor?

— Marion, você ouviu as histórias sobre o Coletor? — Zoey corou um pouco e colocou a mão no abdômen como se isso pudesse aplacar sua leve náusea. Estar falando sobre isso com alguém que não era Thora parecia violar um pacto não dito. Mas na floresta tranquila iluminada pela lua, com Marion tremendo ao lado dela e o ar maduro e tenso, Zoey sentiu que se *não* dissesse as palavras em voz alta, algo terrível iria se estender do chão e agarrá-la. As palavras foram uma defesa. As palavras tinham poder e diminuíam os pesadelos. — Existem essas velhas histórias da ilha, sobre essa coisa do bicho-papão...

— É como um gemido. — sussurrou Marion, ignorando Zoey. — Meus ossos estão gemendo. Ou, não apenas meus ossos. Meus ossos e os de outra pessoa também.

— Gemendo como… chorando?

— Gemendo como se estivessem gritando. — Marion parou e encarou Zoey, os olhos claros, alertas. — Se você acha que isso é besteira, pode ir embora. Está bem.

— Eu não acho isso. — Zoey cerrou os dentes, endurecendo os ossos. — Mais cedo, na festa de Val, essas aranhas caíram das árvores, sobre essas pessoas, bem na minha frente. Não uma ou duas aranhas. Mais como... *dezenas*. — Zoey soltou um suspiro. — Parece uma noite estranha, é o que estou dizendo.

Ela não mencionou o livro de seu pai para Marion, parte da esperança de que, se ela nunca falasse sobre o livro, sobre a reação de seu pai ao tê-lo encontrado, então isso nunca teria acontecido. Ela seria capaz de mais uma vez olhá-lo nos olhos sem sentir como se estivesse olhando para uma porta fechada ameaçadora.

Zoey balançou a cabeça e passou as costas da mão na testa. — Thora sempre disse, se há um lugar no mundo onde uma merda maluca pode e vai acontecer, é na floresta de Sawkill.

— Thora, — disse Marion calmamente, ainda como uma árvore. — Sua amiga que está desaparecida?

— Ela está morta. Eu sei disso. — Zoey olhou para o chão. — Ela era uma escritora tão boa, você sabe. Suas coisas eram cruas e estranhas como o inferno. O tipo de escrita que faz você se doer porque você sente que está dando uma espiada em um lugar secreto.

— Sinto muito, Zoey. Eu também vi a morte. — Então Marion estendeu uma das mãos, um longo emaranhado de cabelo preto descansava em sua palma.

— Isso estava dentro de mim. — Marion olhou suplicante para Zoey, as lágrimas secando em suas bochechas. — Eu puxei para fora.

— Cristo. — Zoey se lembrou, de forma desagradável, das aranhas tentando forçar seu caminho na boca de Jane Fitzgerald. Olhar para o cabelo deu a ela a mesma sensação de cabeça para baixo. A sensação de que *estou acordada ou sonhando?*

Ela engoliu em seco. — Por que não vamos em frente e descartamos isso?

Ela virou a mão de Marion. O emaranhado de cabelo caiu no chão. Estavam do outro lado de Kingshead agora, passando pelos jardins e os estábulos, descendo para a floresta do outro lado.

Ugh. Mais floresta.

— Você pode descrever o som para mim, com mais detalhes? — Zoey perguntou, quando ela não aguentou mais o silêncio. Para cima e para baixo em seu pescoço, sua pele coçava. — Talvez se eu souber o que ouvir [...]

— Pare.

Zoey obedeceu. Ela ficou parada enquanto Marion se movia lentamente para um grupo de árvores finas e escuras... e desapareceu.

Todo o som desapareceu. Tinha ouvido barulho, apenas um momento atrás - pássaros noturnos, insetos noturnos, o farfalhar de árvores e folhas, o pio de uma coruja.

Agora, não havia nada.

Parecia que a floresta havia morrido.

E os animais, eles ficam quietos quando um predador está próximo.

— Marion? — A boca de Zoey se encheu com o sabor amargo e forte da adrenalina. Ela seguiu o caminho de Marion para as árvores. — Aonde você foi?

Além das árvores, havia um caminho de terra bem trilhado e, no final do caminho, havia um círculo de pequenas pedras brancas.

Marion ficou no centro delas. Cabeça inclinada para o lado. Como um pássaro. Ouvindo.

— Marion. — Zoey sussurrou novamente. — O que é este lugar? — Ela deu mais um passo à frente, tropeçou em uma raiz e se segurou em sua árvore.

Sua mão pousou em algo quente e úmido na casca.

Ela afastou a mão.

Seus dedos brilhavam pretos. O cheiro forte de sangue deslizou dentro de sua boca para enrolar em sua língua.

Um som veio das pedras - um exército de insetos alados se reunindo, uma cascavel alertando os intrusos.

Marion girou. Seus olhos arregalados encontraram Zoey.

Ela sussurrou. — Corra.

Ouviu-se um estalo frio como um punho através do vidro, seguido pela sensação de estalar os ouvidos de uma rápida mudança de pressão. Marion saiu voando das pedras, uma boneca de pano jogada fora por uma criança temperamental.

Zoey cambaleou para a frente, agarrou a mão de Marion e a colocou de pé.

Desta vez, quando Zoey correu, ela não estava sozinha.

Val



A Canção de Ninar

Val imaginou que Zoey tentaria se vingar dela pelo que acontecera na festa.

Mesmo que Zoey se comportasse tão horrivelmente, esse era o tipo de pessoa que ela era - lançar insinuações vis como se ela existisse sozinha e íntegra em um pedestal elevado de moralidade, então se virar e se pintar como a vítima.

Então Val sentou-se no assento da janela em seu quarto, relendo a *Vanity Fair* de Thackeray pela décima sétima vez, esperando, e não ficou surpresa quando viu Zoey subindo da floresta em direção à cabana da governanta.

Mas ela ficou surpresa ao ver Marion com ela.

Ela fechou o livro, desceu as escadas e saiu. Descalça, através das sebes, Val seguiu Zoey e Marion, escondida sob os galhos ao lado do longo caminho.

— Voltaremos amanhã, em plena luz do dia. — Zoey estava dizendo. — Vamos trazer reforços. Traremos Grayson. Vamos gravar tudo. — Ela limpou a mão esquerda nas calças, mantendo a mão direita firmemente em torno da de Marion.

Os olhos de Val se estreitaram no ponto onde seus dedos se juntaram. Então Zoey e Marion eram amigas agora? Val não aprovou esse envolvimento.

Elas subiram os degraus brancos até a porta dos fundos da casa. Val se escondia nos arbustos de hortênsias, agachada como uma pantera. Ela enrolou os dedos dos pés descalços na terra preta.

— Podemos tentar. — respondeu Marion, sua voz pensativa e calma onde as palavras de Zoey praticamente tropeçavam em pânico. — Não acho que encontraremos aquele lugar nunca mais.

— Eu nem entendo o que *era* aquele lugar. — Zoey continuou. — Parte dos jardins dos Mortimers ou algo assim? Uma espécie de círculo de fadas… algo assim?

O sangue de Val parou de circular, parou bruscamente e mudou de curso.

Um círculo de fadas.

As pedras?

O mundo caiu sob seus pés, deixando-a se debatendo no ar.

Como elas poderiam ter encontrado as pedras? Elas não *poderiam* ter encontrado as pedras. Seu poder mantinha as pedras ocultas de qualquer pessoa, exceto de seus anfitriões: Val, e sua mãe, e ninguém mais. Nem mesmo o pai de Val o tinha visto - quem quer que fosse, muito antes de Val ter idade suficiente para se lembrar dele, algum homem que Lucy Mortimer seduziu e depois mandou embora. As mulheres Mortimer selecionavam homens vitais e viris como companheiros, mas nunca os mantinham por perto por tempo suficiente para que descobrissem a verdade.

Os joelhos agachados de Val cederam. Ela afundou desajeitadamente na lama fria, a pele apertando os ossos. Se ele percebesse que outros haviam chegado até as pedras, ele encontraria uma maneira de culpar Val por isso. Ou ele culparia sua mãe, e Val notou a maneira como ele olhava para Lucy Mortimer nesses dias - como se ele estivesse cansado de olhar para ela, como se estivesse com vontade de comer carne fresca. E havia, é claro, apenas uma opção de carne fresca para ele, pelo menos até Val deixar algum idiota infeliz plantar uma filha em sua barriga.

Mas então, se sua mãe tivesse calculado corretamente, ele se libertaria antes que esse dia chegasse, e Val não precisaria ter uma filha para ele, afinal. Ele se libertaria, e o corpo dela seria então, talvez, seu, finalmente, e de mais ninguém.

A menos que ele a matasse, uma vez que estivesse livre, e antes que ela pudesse ser verdadeiramente livre.

Ela baixou a cabeça, pressionou as palmas das mãos na lama e inalou.

Ele tentará governar sua vida, cada respiração sua, cada escolha sua, com medo, a avó de Val tinha dito a ela. *E na maior parte, ele terá sucesso. Cada pedaço de pavor que ele sente em seu sangue é seu combustível. Ele usará seu pânico para aumentar seu poder.*

Feche todas as portas do seu coração.

Mantenha seu medo fechado e quieto.

— Havia sangue naquela árvore. — Marion estava dizendo. Ela olhou para a mão de Zoey. — Você tem certeza de que não apenas arranhou a mão?

Zoey ergueu a palma da mão, plana e rígida. — Você vê alguma ferida? Porque tenho certeza que não.

Marion inspecionou a mão de Zoey, passando os dedos suavemente para cima e para baixo em cada dedo, em cada fenda.

Se Val tivesse garras, elas teriam escorregado por baixo de suas unhas, esculpido linhas odiosas na lama ao lado de seus pés de sola preta. Ela queria pular de seu esconderijo e bater de cabeça em Zoey, fazendo-a voar. Ela queria cavar no crânio de Zoey até encontrar a resposta: *como você encontrou as pedras?*

— Acho que não. — disse Marion, em dúvida. — Não tenho certeza se vou conseguir dormir esta noite.

— Não tenho certeza se vou conseguir dormir de novo, *nunca*. — disse Zoey.

Marion sentou-se no degrau mais alto da varanda. Ela usava um suéter claro e largo e shorts escuros que mostravam suas pernas brancas macias.

O coração inquieto de Val miou dentro da gaiola de suas costelas como um gatinho faminto.

— O que aconteceu com o seus peixes? — Marion perguntou.

— Droga. Eu os abandonei totalmente quando corremos. — Zoey olhou para a floresta, as mãos nos quadris. — Tanto para isso. Vou ter que pensar em outra coisa. De jeito nenhum vou voltar lá para pegar um saco de peixes mortos.

— O que há com você e Val? Por que você não gosta dela?

— Eu a odeio. — Zoey corrigiu. — Ela roubou Thora de mim, virou-a contra mim. Passei os três meses antes da morte de Thora chateada porque ela escolheu Val em vez de mim.

Marion hesitou. Então, baixinho. — Como exatamente Val virou Thora contra você?

— Eu não sei. — Zoey admitiu. — Mas não estou brincando, Marion. Você deve ficar longe dela. E Charlotte também, embora se a festa de hoje fosse uma indicação, é tarde demais para isso.

— Muito tarde? — Marion franziu a testa, abraçando-a pela cintura. — Você faz Val soar...

— Perigosa? Ótimo. Porque ela é. Toda a família dela é.

— Eu não entendo. A família dela é perigosa porque Val separou você e Thora? — Zoey riu amargamente. — Você está começando a soar como Grayson. — Ela ergueu as mãos. — Eu não tenho provas, certo? Você me pegou. Eu só tenho meu instinto, e meu instinto está me dizendo que há uma conexão entre as Mortimers e as garotas que desapareceram—

A porta de um carro bateu.

— Zoey? Casa. Agora.

Zoey se endireitou e apertou os olhos na escuridão. — Papai?

O chefe Harlow parou na beira do pátio, os braços rígidos ao lado do corpo. — Venha, vamos.

— Que diabos? — Zoey parecia tão assustada quanto Val se sentia. — De onde você veio? Como você sabia que eu [...]

— *Agora*. — O chefe Harlow se virou um pouco para o lado e, além dele, Val avistou sua viatura – luzes apagadas, escuro e pesado. Ele deve ter rastejado pela entrada sem faróis, Val distraída demais para ouvir o barulho de seus pneus no cascalho.

— Nenhuma explicação por aparecer assim, tão quieto e sorrateiro no escuro como um perseguidor? — Zoey estava parada na parte inferior da escada da varanda, os braços cruzados sobre o peito. — Eu disse que ia sair hoje à noite.

— Você me disse que estaria na casa do Grayson. — respondeu o chefe Harlow. — Mas Grayson me ligou uma hora atrás dizendo que você saiu de uma festa chateada, que uma garota tinha batido em você e que ele não conseguiu encontrar você. — A voz do chefe

Harlow parecia pronta para explodir. — Sim, Zoey, desculpe aparecer do nada e arruinar sua noite, mas vou largar tudo e encontrar você depois de um telefonema como esse.

Zoey olhou para ele por um longo tempo, nenhum dos dois se movendo.

Marion pigarreou. — Chefe Harlow, me desculpe, estou conversando com Zoey há um tempo e a distraindo [...]

— Não se desculpe com ele, Marion. — Zoey disparou. — Você não fez nada de errado. E nem eu. — Com isso, Zoey começou a caminhar em direção ao carro patrulha. Quando o chefe Harlow estendeu a mão para tocar seu ombro, ela se afastou dele.

— Ligarei para você amanhã. — Zoey disse a Marion. Ela bateu a porta do carro, quase prendendo os dedos do pai.

Por um momento, ele ficou imóvel, olhando para longe do carro, os ombros rígidos e a boca em uma linha furiosa e fina.

Interessante, pensou Val. *Problemas no paraíso?*

O pensamento lhe trouxe uma satisfação selvagem. Ela sempre observava Zoey e o chefe Harlow com inveja – o quão abertos eles eram um com o outro, o quão claramente o chefe adorava sua filha.

Ele murmurou boa noite para Marion, deslizou para o banco do motorista e saiu para a garagem, faróis acesos e rodas guinchando, aparentemente não mais tão preocupado com furtividade.

Sozinha, Marion sentou-se na escada por alguns momentos de silêncio.

Então a música começou.

Menina fada, pulando no mar
Menina fada, linda como pode ser

A melodia flutuou de uma janela aberta no segundo andar da casa de campo. Cortinas brancas esvoaçaram noite adentro.

Marion ficou em pé, ouvindo. Então ela sorriu, lenta e facilmente, como o primeiro raio de sol.

Val levantou-se lentamente nas sombras. De repente, ela não estava mais preocupada com círculos de pedra e, algum dia, filhas. O gelo cobriu seu corpo onde suas veias costumavam estar.

Essa era a voz de Charlotte cantando.

Charlotte, cantando a canção de ninar que a avó de Val sempre cantou para ela antes de morrer.

A pele de Val formigou, despertando. Uma mudança no ar a alertou de sua proximidade, uma mudança em seu intestino refletiu seu apetite.

Estava na hora.

Marion entrou pela porta dos fundos e Val caminhou lentamente até a cabana. Por um momento, ela considerou plantar os pés na terra e dizer: *Não.*

Não essa noite.

Eu preciso de mais tempo.

Mas apenas por um momento. Sua necessidade a empurrou, se ela o mantivesse esperando, ele a jogaria no chão, a deixaria em convulsão, golpearia sua cabeça contra a lama até que ela concordasse. Ele faria tudo sem sair da floresta. Ele faria isso de dentro para fora.

Val não era novata em sentir dor, mas ela também não a buscava.

Talvez eu devesse, ela pensou. *Talvez, se eu fosse mais corajosa*

Lágrimas arderam em seus olhos. Frenética, ela piscou para longe. Ela tropeçou no matagal e, por baixo da janela aberta, podia ouvir tudo o que as irmãs Althouse disseram e fizeram.

Charlotte: — Onde você esteve?

Marion: — Não consegui dormir.

Charlotte: — De novo? Aonde você foi?

Marion: — A lugar nenhum. — Um suspiro, um farfalhar de cobertas. — Você pode cantar para mim? Você estava cantando algo agora. O que foi isso?

O ovo que vivia dentro de Val mudou, despertando. Ela lambeu os lábios, saboreou o brilho de cereja.

— Você sabe, — Charlotte estava dizendo. — eu não tenho ideia. Eu acabei de inventar, eu acho. Você gosta disso?

Não, você não criou, gritou o cérebro de Val. *É a música da minha avó. Você é muito estúpida para perceber isso? Você não consegue entender que está sendo caçada?*

Claro que não.

As garotas que ele escolheu nunca sabiam, não até o fim.

Não até que Val as levasse a isso.

Marion: — Eu não sabia que você sabia escrever canções.

Charlotte, rindo alegremente: — Nem eu! Sawkill me inspira, eu acho.

Marion: — Canta para mim? Talvez isso me ajude a dormir.

— Minha pequena estrelinha do mar. — murmurou Charlotte, sonolenta. Então ela retomou sua música. A canção de ninar de Sylvia Mortimer.

Quem é o sujeito com o sorriso limpo e brilhante?
Você quer, garota fada, tecer um feitiço para ele?

No reflexo de uma das janelas do primeiro andar da casa de campo, Val o viu se movendo atrás dela - uma forma negra que poderia ser descrita como um homem, principalmente. Se ela se virasse, sabia que não encontraria nada além da floresta sibilante. Seu reflexo, porém, nunca mentia. Ele o mostrava se movendo torto, tombando para um lado. Um casaco comprido. Um sorriso largo, congelado como o de uma boneca.

Ele iria, ao que parecia, bancar o bicho-papão esta noite. Uma forma favorita dele.

Eles esperariam, juntos, até o momento certo.

Já estava quase na hora.

Quase.

Marion



O Travesseiro Frio

Quem quer que estivesse beijando Marion, estava fazendo um bom trabalho.

Deus, era bom ser beijada.

Nos últimos dois anos, ela teve um número considerável de fantasias selvagens envolvendo virtualmente todos que ela já conheceu.

Ninguém parecia interessado em beijar Marion na vida real, então, em sua mente, ela o fazia por eles. Sr. Romero, seu professor de história livresca. Katrina Day, a bela negra que tocava piano e costumava sentar na frente de Marion no ônibus. Duque O'Hara, o grande e corpulento garoto branco com lindos cachos ruivos.

Em sua mente, ela os montava em seu sofá, ela os puxava para a escada da escola, ela se esgueirava para as estantes silenciosas da biblioteca e os deixava pressioná-la contra os livros e beijá-la até que sua cabeça zumbisse.

Mas aqueles beijos nunca foram suaves, como este. Eles eram urgentes e frenéticos, eles a acordariam e a teriam deslizando a mão entre as pernas, ansiando pela liberação.

Esse beijo, entretanto – quem quer que a estivesse beijando foi tão gentil que fez seu peito doer. Lábios macios roçaram os dela,

sussurrando calorosamente ao longo de suas bochechas e queixo, traçando suas sobrancelhas com um suspiro.

Uma vez ela pensou ter sentido a língua do amante de seus sonhos deslizar entre seus lábios – cautelosa, respeitosa, brincalhona.

Ela se levantou da cama e acordou com um grito suave nos lábios.

Os lábios dela.

Uma mariposa estava sentada ali, na curva de seu lábio inferior. Uma mariposa branca com manchas pretas como olhos nas asas. Um, dois, as asas batem lenta e seguramente. Pelo e pernas minúsculas e antenas se mexendo, fazendo cócegas na boca de Marion.

Ela gritou e deu um tapa, acertando o queixo no processo.

A mariposa voou em direção à janela.

Não estava sozinha.

Centenas, milhares – o quarto estava cheio delas. Minúsculas mariposas brancas, silenciosas mas frenéticas, um exército daqueles olhos negros de asas olhando para ela. Elas giraram em torno de sua cama, suas pernas. Ela arremessou os lençóis e foi até o centro da sala. As mariposas cobriam o ventilador de teto, as paredes, o tapete. O quarto de Charlotte estremeceu, uma massa de quatro paredes de asas e pequenos pés peludos.

— Saiam daqui! — Marion gritou, sua pele se contorcendo e viva. — Saiam, saiam daqui!

Ela agarrou o suéter das costas da cadeira da escrivaninha de Charlotte, enviando uma enxurrada de mariposas. Ela balançou o suéter pela sala, batendo em tudo que conseguiu encontrar. Ela derrubou a lâmpada da mesa, ela empurrou a arte emoldurada de seu pai das paredes. Ela sacudiu as cortinas e as mariposas voaram. Elas estavam confusas, elas eram um tornado. Elas se estabeleceram em seus braços e entre os dedos das mãos e dos pés. Elas a puxaram em direção à janela, e Marion não pôde lutar contra elas. Elas eram pequenas, mas eram muitas.

Elas sussurravam palavras que ela não conseguia entender – vozes altas e suaves, infantis, murmurando umas sobre as outras.

Cuidado com a floresta e a escuridão, profundamente úmida.

As palavras da mariposa abriram caminho em sua boca e garganta como uma mordida afiada de comida que não tinha sido mastigada corretamente. Ela se curvou, ofegando. Não o cabelo, de novo não.

Ele vai te seguir até em casa e [...]

A porta do quarto se abriu.

As mariposas subiram no ar como uma só - asas silenciosas batendo loucamente, olhos negros olhando fixamente.

Livre, Marion se agachou no chão perto da janela, com as mãos na cabeça. Pato e cobertura.

— O que você *quer*? — Ela gritou.

— Marion? Marion! — Mãos agarraram seus ombros, sacudindo-a. — Pare de gritar! O que é isso, querida?

Os olhos de Marion se abriram, tremendo com lágrimas de medo.

— Marion? — Era sua mãe, cabelo escuro bagunçado pelo sono, círculos descoloridos sob os olhos porque, Marion estava convencida, a morte de seu pai os pintara ali permanentemente. — O que aconteceu? — Sua mãe perguntou. — Por que você estava gritando? — Ela olhou além de Marion. — Onde está Charlotte?

Charlotte. *Charlotte.*

De repente, Marion soube o que as mariposas estavam sussurrando. Uma sensação nauseante de calor e frio desceu sobre seu crânio como a queda da cortina de veludo final.

As mariposas não estavam tentando matá-la.

Elas estavam tentando dizer algo a ela.

Marion se livrou das garras da mãe e tropeçou na cama de Charlotte. Ela tinha adormecido lá, esta manhã, a voz sonolenta de Charlotte cantando canções de ninar em seu ouvido.

Marion sentiu o travesseiro de Charlotte, o colchão onde Charlotte se enroscou ao lado dela.

Onde Marion tinha dormido: macio, quente e marcado de Marion ficar se virando e se revirando.

Onde Charlotte estivera, apenas algumas horas atrás: Frio. Frio como a janela aberta. Fria como as pernas de Marion, tremendo na noite passada na varanda enquanto observava o chefe Harlow afastar Zoey.

Marion olhou para o travesseiro em suas mãos.

— Marion? — A voz de sua mãe, repentinamente nervosa. — O que é isso?

As asas voltaram, zumbindo em seu ouvido, em seus dentes, descendo por sua garganta – não as asas das mariposas. As outras, brilhantes e esvoaçantes. As que pertenciam aos ossos. Um gemido alto atravessou o som de zumbido – um prego comprido, arrastando por uma placa de metal brilhante. Do outro lado e para baixo, para baixo, para baixo.

Marion seguiu o som até a janela aberta e olhou para baixo, semicerrando os olhos. A luz do amanhecer iluminou as ranhuras que percorriam o canteiro de flores. Dez sulcos – oito dedos, dois polegares. Tamanho de Charlotte. Eles esculpiram linhas irregulares na terra. Begônias desenraizadas e pequenos pedaços de lama alinhavam seu caminho.

Então, a alguns metros de distância, as marcas desapareceram. Grama intacta. O chamado suave de uma pomba de luto.

— Marion? — Sua mãe se ajoelhou diante dela. — *Onde está Charlotte?*

Marion olhou para ela. Ela queria vomitar tudo o que continha, enfiar as vísceras dentro da boca de sua mãe para que ela não tivesse que ouvi-la falar, nunca mais, e fazer perguntas horríveis que exigiam respostas horríveis.

Mas em vez disso, ela resmungou. — Charlotte se foi.

ACONTECEU DE NOVO.

E continuaria a acontecer, indefinidamente – aqui na Rocha e em outros lugares em todo o mundo de longo alcance. A Rocha sentiria cada morte sem sentido como uma punhalada na carne de seu grande e velho coração dolorido.

Se a Rocha não agisse rapidamente, mais pessoas morreriam, e logo.

Mas se fosse simplesmente uma questão de ação, a Rocha teria há muito esmagado cada um dos invasores no chão, e então os engolido até o esquecimento.

Matar a Besta era uma tarefa que a Rocha não poderia realizar sozinha.

A Rocha sentiu os pés de suas filhas percorrerem caminhos raivosos em sua carne devastada, enviou seu chamado e esperou que acordassem.

Val



O Molenga

A mulher algum dia pararia de chorar?

Val estava na entrada da sala de estar dos Althouses, lenços umedecidos amassados em seus punhos.

O chefe Harlow e seu ajudante haviam chegado e estavam fazendo perguntas à Sra. Althouse sobre sua filha desaparecida. Foi um esforço valente, mas, em última análise, infrutífero, por causa do choro mencionado.

Choro feio, também, era um soluço intenso, com rastros de catarro, grandes respirações ofegantes e lamentos ininteligíveis.

Val não suportava olhar para a mulher.

Os pulmões de Val eram pedras em seu peito, sendo apertados cada vez mais no lugar por uma máquina implacável.

Os ouvidos de Val tocaram com a memória dos gritos de Charlotte, e se ela pensasse sobre a expressão no rosto de Charlotte por mais um segundo, aquele olhar bem no final quando ela apelou desesperadamente para Val por ajuda, então Val pensou que ela poderia muito bem bater a cabeça contra a parede até que seu cérebro falhasse..

Mas, para Val fazer isso, pôr fim às coisas, ela teria que juntar um ou dois fiapos de coragem.

Então, em vez disso, ela engoliu o próprio nojo como engolir um bocado de veneno e observou Pamela Althouse soluçar.

Se *Val* tivesse desaparecido, sua mãe não pensaria em fazer tal exibição. Ela enxugaria os olhos de vez em quando, responderia às perguntas do chefe Harlow sucintamente e com um pequeno sorriso corajoso que faria até mesmo aquele deputado desmiolado, bruto que ele era, gentil com sua voz e se perguntando se talvez a mão macia de Lucy Mortimer em seu ombro significava que ele era especial.

— Não sei mais o que dizer a vocês. — Disse Marion. Ela se sentou ao lado de sua mãe, segurando sua mão. Costas retas, olhos claros, voz firme.

Na maioria das vezes.

Val podia ouvir um pequeno fio trêmulo naquela voz suave, que provavelmente ninguém mais notou por causa do ataque de sua mãe.

Mas Val percebeu. Val percebeu como a outra mão de Marion agarrou o amuleto de estrela do mar em sua garganta.

Val percebia tudo.

— Eu adormeci ao lado de Charlotte em sua cama. — Marion continuou. — Eram talvez três, três e meia.

O chefe Harlow rabiscou algo em seu bloco de notas. — Pouco depois de levar Zoey para casa.

— Isso mesmo. — Marion inalou, sua respiração presa em lágrimas, mas seus ombros permaneceram eretos. — Ela cantou para eu dormir. Quando eu acordei esta manhã, ela havia sumido.

Quando Val engoliu, ela provou lama. Ela olhou para as unhas — limpas, agora, imaculadas e lisas. Limpar as unhas sempre foi a primeira coisa que ela fazia, depois.

Ela manteve os olhos abertos até que lacrimejaram.

— Senhorita Mortimer?

Val encontrou os olhos do chefe Harlow quando uma lágrima desceu por sua bochecha. Ela enxugou o nariz. — Sim, senhor?

O chefe Harlow examinou suas anotações. — Você deu uma festa ontem à noite. Isso está correto?

— Sim, senhor.

— E Charlotte foi a essa festa?

— Sim, senhor.

Ele olhou para ela, seu rosto ilegível. — Estava no lugar normal, eu suponho?

Val mordeu o interior do lábio. Oh, como irritava Ed Harlow que ele não pudesse fazer nada sobre as festas de Val na floresta, com as fogueiras de mato seco e os menores bebendo, e só Deus sabe o que mais aqueles garotos fizeram no escuro.

Uma vez, ele tentou. Em uma manhã de domingo, ele veio marchando para Kingshead ao amanhecer, Val ao seu lado.

— Parece que sua filha dá festas na floresta em Down Hill. — Disse o chefe assim que Lucy Mortimer abriu a porta. — Encontrei pilhas de latas de cerveja. O lugar cheirava a álcool.

— Eu entendo. — Os olhos azuis da Sra. Mortimer deslizaram para Val, observando-a da cabeça aos pés, nuvens de cabelos loiros, largos cachos caindo soltos depois de uma noite ao ar livre na umidade.

— Se você puder vir comigo, por favor, chefe. — Disse a mãe de Val, e então ela e o chefe Edward Harlow desapareceram na biblioteca de Kingshead, e Val fugiu para seu quarto.

Poucos minutos depois, ela viu o chefe deslizar para seu carro, como um peixe lançado fora de uma linha, apanhado, mas agora descartado, e mais do que um pouco abalado.

Ele parou na porta do lado do motorista, olhou para a janela onde Val estava entre as cortinas. Ele rapidamente desviou os olhos, então entrou em seu carro e foi embora, as rodas cuspindo cascalho.

Ele não incomodou Val com suas festas novamente.

— Sim, senhor. — Val disse, mostrando ao chefe Harlow seu sorriso mais doce. — O lugar de sempre.

Sua mandíbula cerrou.

— Charlotte e eu ficamos fora até, eu acho que eram duas ou mais. — Val continuou. — Voltamos juntas para Kingshead. Então ela foi para a cabana e eu para o meu quarto.

O chefe Harlow virou uma página de seu caderno. — Outros podem testemunhar por você?

Val quase riu. Sim, outros poderiam testemunhar por ela. Ela poderia inventar uma centena de mentiras e encontrar cem pessoas

para apoiá-la sem questionar.

— Sim, senhor. — Disse ela. — Posso mandar algumas pessoas da festa para a delegacia para interrogatório, se você quiser. Isso seria útil?

O chefe Harlow a ignorou, com a boca fina. — E, Marion, você não foi a essa festa?

Val observou Marion de perto. Não, Marion não tinha ido à festa. Ela foi dar um passeio na floresta com seu novo amigo.

— Não. — Disse Marion. — Eu estava em casa, lendo, até talvez cerca de uma. Fui dar um passeio e encontrei Zoey. Nós saímos até você nos encontrar.

Marion olhou para Val, aqueles grandes olhos cinzentos dela com as bordas vermelhas e insones. A garganta de Val fechou até a parte de trás de sua língua.

— Se isso é tudo, chefe, — disse Val, virando-se — eu tenho que ir. Minha mãe e eu vamos levar almoço para as equipes de busca.

Quando Val deixou a casa de campo, ela sentiu o olhar de Marion Althouse pousado no ponto quente e tenso entre suas omoplatas como a queimadura de uma marca.

— Você está chateada.

Val caiu de joelhos assim que entrou nas pedras e baixou a cabeça sobre os braços. Inspirando as rochas brancas como giz, a lama negra endurecida, o cheiro forte e picante que se agarrava às árvores depois de uma noite de matança, Val quase se sentiu ela mesma novamente.

— Olhe para cima. Deixe-me vê-la.

Val obedeceu, sentando-se sobre os calcanhares. Odiando o menino que estava diante dela, cintilando escuro nas bordas, olhos brancos e alertas e sem piscar. Depois de comer, enquanto ele digeria, sua forma mudou, e era mais difícil para ele parecer uma criatura desta terra. Embora hoje, Val percebeu, apenas algumas horas após sua refeição, ele já estava recuperando a coesão. Ele poderia ficar por conta própria; ele não precisava encostar as mãos rechonchudas de menino em uma árvore para se apoiar.

Ele estava realmente ficando mais forte. Quantas mortes mais ele precisaria antes que pudesse se libertar e acabar com todos eles?

Três?

Cinco?

Uma?

Um dedo frio e duro se curvou sob o queixo de Val, forçando-a a olhar para os galhos balançando, a luz do sol semi-queimada lutando para descer.

— Quem te chateou? — Ele perguntou, inspecionando-a. — Quem, Val?

— Ninguém. — Respondeu ela. — Eu só estou cansada. Tivemos uma longa noite.

— Você está mentindo para mim. — Disse sua voz fria, e então ele se foi, nas árvores em algum lugar, em forma de sombra, taciturno. — Pare de mentir para mim.

Val levou os dedos ao nariz; ela ainda cheirava o sangue de Charlotte. Ele a pulverizou com isso. Um infeliz acidente.

Uma solidão tão profunda que parecia que ela tinha sido espancada se estabeleceu com força e frio na barriga de Val. Seus olhos se encheram de lágrimas que ela não precisava fingir.

Mas ela não estava realmente sozinha, estava? Mulheres Mortimer nunca estiveram. Elas moravam em Kingshead, mantiveram o nome das mães e abortaram meninos até dar à luz uma menina. Elas eram vigorosas, cheias de vitalidade e tão amáveis que faziam as pessoas chorarem por desejá-las, e teriam vivido por muito tempo se ele as tivesse permitido. Elas nunca adoeceram e nunca quebraram ossos. O sangue em suas veias não era inteiramente delas, e isso lhes dava poder sobre as massas sujas, fazia os outros se sentarem e ouvirem, com medo de interromper. Havia um magnetismo nas mulheres Mortimer, e elas sabiam disso e o usavam. Era direito delas, essa feitiçaria; elas desistiram de suas almas por isso.

Então, elas cresceram na ilha, essas deusas escravizadas, e ensinaram suas filhas a mantê-lo feliz. Como servi-lo e alimentá-lo, como guiar seu eu cego e desajeitado até a matança e atrair a pesca, porque era muito mais doce para ele quando suas refeições

vinham de boa vontade. Uma mulher Mortimer ensinava a filha como mantê-lo sólido e forte neste mundo, como nunca questionar suas ordens, como permanecer no auge de sua condição física para que ele pudesse usar sua energia quando necessário e se fortalecer.

E nunca, *nunca* fale do Lugar Distante – nunca pergunte o que é, nunca pergunte onde pode ser encontrado, nunca pergunte por que ele teme – *a não ser que*, sua avó dissera, *ironicamente, você anseie por sua ira*.

Mas às vezes Val ansiava por sua cólera, apenas porque senti-la significava sentir *algo*.

Ela fechou os olhos. Ela precisava se acalmar.

— Diga que você está orgulhoso de mim. — Foi apenas um sussurro.

— Estou orgulhoso de você. — Disse sua voz, curiosa e afetuosa das sombras.

Graças a Deus, ele não a havia deixado. Se ele a deixasse, ela não teria nada. Se ele a deixasse, quem ela seria?

Ela havia pensado sobre isso, na ocasião: Partindo. Rejeitando esta vida em que ela nasceu e movendo-se pelo mundo e se escondendo. Falando com ninguém.

Não machucando ninguém.

Mas ele iria encontrá-la, onde quer que ela fosse. Val tinha certeza disso. Ou talvez outro o fizesse. Ela tinha aprendido muito com suas divagações saciadas depois de comer: ele não era o único de sua espécie. Na verdade, eram muitos.

Talvez fosse uma coisa boa ela não poder fugir e escapar dele. Talvez, sem a presença dele e sua vontade e suas instruções, segurando-a de dentro para fora, ela desmaiasse.

Talvez, depois que ele se alimentasse o suficiente para se libertar de sua família, Val se desintegrasse. Sem propósito e sem objetivo.

Isso seria tão terrível? O mundo estaria melhor.

Mas a ideia de desintegrar aterrorizava ela, Val queria viver. E se esta vida em que ela nasceu fosse a única permitida, então aqui ela ficaria, sem coragem e acorrentada.

Ela lambeu os lábios secos. Sua cabeça zumbia caótica. Ela não conseguia parar de pensar no rosto redondo e macio de Marion, como ela o segurou enquanto sua mãe e sua casa e sua vida desmoronavam ao seu redor.

Uma dor silenciosa floresceu no peito de Val. Ela conhecia esse sentimento. Ela *respirava* esse sentimento.

— Você está tremendo. — Observou ele, mais perto agora.

— Estou cansada. — Respondeu ela, odiando a qualidade insignificante de sua voz. — E Charlotte…

Charlotte.

Natalie.

Thora.

— Charlotte o quê? — Ele perguntou

Val balançou a cabeça. — Charlotte não para de gritar em minha mente.

Depois de um momento, ele disse, parecendo satisfeito: — Você é tão fraca.

— Sim. — Ela concordou. Sua mãe nunca se importou com as garotas que ela o ajudava a caçar. Sua mãe nunca cedeu, mas Val estava se quebrando completamente.

— Você precisa de uma distração.

Lábios macios tocaram os de Val. Ela abriu a boca e os olhos, viu a forma de olhos e rosto pálido do Dr. Wayland inclinado sobre ela. Uma pequena emoção a sacudiu: ele mudou de forma tão rapidamente que a assustou. Uma vez, teria demorado longos minutos. Antes, ele teria se contorcido na terra, meio feito – parte menino-criança, parte homem, parte monstro – enquanto Val observava em silêncio, protegendo-o.

Mas agora – um piscar, uma mudança, e ele estava mudado, e ele a estava beijando.

O médico era sua forma favorita para esse tipo de coisa. Beijar o fascinava; ele gostava de experimentar e a prática tornava-o ainda mais convincente.

O beijo se aprofundou. Val deixou acontecer, ansiava por isso, deu as boas-vindas, lutou ferozmente contra as lágrimas que subiam por trás de seus olhos. Com um braço enrolado em suas costas, ele a levantou. Ele beijaria as garotas Althouse direto da

cabeça dela, então a mandaria para casa, tonta, com um tapinha carinhoso na cabeça.

Ele era um molenga quando carregava baldes de sangue na barriga.

Zoey



O Spinney

Havia cinco bosques distintos em Sawkill Rock, uma colcha de retalhos escura de árvores castigadas pelo vento abraçando dezenas de pastagens para cavalos:

Bosque Down, na curva sul da ilha, densa e selvagem, onde Val dava suas festas.

O Bosque Stony, que abraçava a costa norte, era esparso e cheio de pedregulhos, terminando em penhascos de ardósia que desciam em águas agitadas.

O Spinney, cujo nome é impróprio porque Spinney é um pequeno aglomerado de árvores, um mero matagal, e Spinney era a maior floresta de Sawkill. Preguiçosa e inócua, ficava no lado oeste da ilha, de frente para as cinco pequenas ilhas desabitadas chamadas Smalls, que ficavam a cerca de um quilômetro e meio na água. O lado oeste era o lado macio, como o povo de Sawkill o chamava, porque ficava de frente para o continente.

Lá estavam os Bosques Heart, no centro da ilha, mais finos e doces que os outros. Protegido por outras florestas, a cidade, o ponto morto no vale da ilha onde os ventos não podiam chegar tão bem.

E então havia o Bosque Kingshead, imponente e frio na costa leste. Nomeado de Kingshead, a família Mortimer era proprietária da

maior propriedade familiar da ilha.

Naturalmente.

Foi aí que Zoey e Marion tropeçaram naquele círculo de pedras – no bosque Kingshead, colina abaixo e abaixo da própria floresta de Kingshead.

Zoey estava caminhando por essa floresta com a equipe de busca “A” por três horas, lanternas, apitos e walkie-talkies prontos, antes de conseguir escapar do pai e sair sozinha.

Ele pediu que ela ficasse perto dele. Com medo, talvez, de que outra garota tivesse desaparecido e que sua garota pudesse ser a próxima? Ele não era o único. Algo mudou nos dois dias desde o desaparecimento de Charlotte. Outra garota se foi, logo depois de Thora? O ar estalou silenciosamente, como um inverno rigoroso chegando cedo. As ruas silenciaram no crepúsculo. Você entrava em um café, um restaurante, no supermercado, e pulava nas sombras de formas familiares e olhava para todos que chegavam perto demais com o pavor subindo pela sua garganta.

Você seria a próxima?

Zoey não estava imune. *Serei a próxima?*, ela se perguntou, marchando pela floresta a alguns metros de seu pai.

Mas se ela pairasse ao redor dele, ela não seria capaz de encontrar as pedras novamente, e encontrar as pedras era a prioridade.

Ela precisava vê-las por si mesma, sozinha, com seus próprios olhos, na luz clara da tarde. Havia realmente uma árvore molhada de sangue? Havia realmente alguma força que pudesse tirar as garotas do chão?

Quando Zoey saiu da equipe de busca, seu cérebro traidor sussurrou: *Thora teria adorado isso.*

Não o fato de uma garota desaparecida, mas o mistério disso, a intriga potencialmente sobrenatural. Em primeiro lugar, Thora teria sido capaz de dizer uma intriga potencialmente sobrenatural com uma cara séria e uma convicção ardente. Ela era uma crente. Ela via o extraordinário no comum, a magia no mundano. Era, Zoey pensou, por que a escrita de Thora vibrava daquela maneira.

Ela quase podia ouvir a voz de Thora, amarrotada por ficar acordada até tarde lendo em voz alta sob a colcha de Zoey: *Algum*

dia, vamos escrever livros de verdade juntas, Zo. Você e eu. Vamos viajar pelo mundo. Vamos escrever histórias que importam. Histórias que salvam pessoas.

Essas palavras eram horríveis: *Algum dia.* Uma vez, Zoey as adorou. Um futuro autoral, escrevendo histórias com Thora? Revirando o mundo e revirando pedras para encontrar os segredos que elas protegiam? E *escrever* sobre eles? Tinha sido seu maior e mais ardente sonho. Mas agora…

Agora, Zoey não conseguia se imaginar escrevendo novamente. Não por muito tempo. Talvez nunca. Mesmo ao olhar para livros a fazia se sentir mal do estômago.

Ela certamente não escreveria de novo até que encontrasse algumas malditas respostas reais.

Seu instinto estava querendo dizer algo, ou seu instinto estava cheio de merda?

As pedras saberão, pensou Zoey, entrando na parte de seu coração que pertencia a Thora que ela não ousava tocar há meses.

Ela quase podia ouvir a voz de Thora dizendo: *As pedras saberão.*

Mas quando Zoey encontrou o lugar certo – ela nunca esqueceria aquele pedaço de terra, como a terra desceu ao longo do caminho gasto que levava às pedras, como as árvores cercaram o círculo como se pessoas descessem da montanha para orar – ela não encontrou nenhum caminho. Algumas gramas finas, algumas pedras pretas de Sawkill. Um pequeno matagal de árvores secas, cinzentas como gaivotas.

Zoey passou o dedo pela árvore mais próxima. A casca arranhou sua pele. Ela apertou o dedo com mais força, a casca raspou com mais força e, quando ela finalmente puxou a mão, estava marrom e limpa.

Sem sangue desta vez.

Talvez nunca tivesse tido sangue?

Zoey ficou lá, no centro de onde as pedras deveriam estar, respirando com dificuldade. Ela olhou em volta sem mover os pés, verificando as árvores, o céu da tarde, seu lugar na ilha em relação à própria Kingshead.

Se ela olhasse para trás, morro acima, através da floresta sussurrante, ela poderia ver o topo dos telhados pretos pontiagudos de Kingshead. Sim, este era o local. Era isso.

Então, o que isso significa?

Zoey fazia a si mesma a pergunta várias vezes enquanto vasculhava a floresta, procurando por seu círculo de fadas perdido.

O que isso significa?

Thora, ela pensou, no éter. *O que isso significa?*

Havia três respostas possíveis:

Uma. Ela estava no lugar errado. Mas ela sabia que não estava. Ela *não* estava.

Dois. Ela estava alucinando as pedras. Mas ela não estava. Marion foi *tirada* das pedras. Zoey havia tocado em uma árvore manchada de sangue.

Três. Alguém – ou algo – as estava escondendo dela.

O fantasma de Thora sussurrou: *Porque você não deveria estar lá.*

Porque aquele lugar não era seu para encontrar.

Quando Zoey finalmente parou de andar, ela havia alcançado a borda de Kingshead Woods. Ela observou enquanto Val e sua mãe dirigiam em direção à cidade em seu Porsche SUV prata.

Um galho quebrou atrás dela.

— Elas vão distribuir sanduíches para as equipes de busca, eu acho.

Um choque elétrico atingiu as pernas de Zoey. Seus punhos cerraram sem sua permissão, e ela deixou cair o telefone. Os pelos de seus braços se arrepiaram e ela teve o desejo inextinguível de socar algo.

Ela girou, então congelou. — Marion? — Ela exalou e colocou a mão na testa. — *Deus.* Você me assustou muito.

Parando a alguns metros de distância, Marion sorriu. A luz âmbar da tarde inundou a floresta; sombras em forma de galhos sussurraram na pele pálida de Marion.

— Desculpe. — Disse ela. — Não tive a intenção.

O coração de Zoey batia forte demais para ela saber como falar com uma garota cuja irmã havia desaparecido. Ela olhou para baixo; os pelos do braço dela estavam seriamente em pé.

— Ei, então… — Zoey se sacudiu, tirando o olhar de seus braços. — Você está… você sabe… bem?

Eu realmente não deveria ter permissão para falar com as pessoas, Zoey pensou, se perguntando o quão estranho seria se ela batesse a cabeça contra a árvore mais próxima algumas vezes.

— Estou um pouco cansada, — disse Marion calmamente — mas isso acontece de vez em quando.

— Eu só… — Zoey tentou se imaginar perdendo uma irmã, e seu corpo se revoltou, seu estômago apertou. Esses pensamentos estavam muito próximos de Thora, muito próximos da longa fuga de meses pela qual Zoey se arrastara. — Eu sinto muito, Marion. Eu nem sei o que fazer… Nós a encontraremos. Eu sei que vamos. Meu pai mandou todo mundo procurar.

As palavras pareciam frágeis na língua de Zoey, como fantasmas das palavras que deveriam ter sido.

— Está tudo bem. — Disse Marion, encolhendo os ombros.

Zoey piscou para ela. — Está *bem*?

— Eu vi você e achei que seria divertido caminhar com você. — Marion deu um passo à frente, observando Zoey com atenção. Uma língua de vento soprou por entre as árvores, puxando finos fios de cabelo preto por suas bochechas. — O que você está procurando?

— As pedras. — Zoey, sua frequência cardíaca acelerando mais uma vez, sentiu-se dilacerada. Por um lado, Marion estava de luto e provavelmente precisava do conforto de uma amiga.

Por outro lado, Marion estava agindo de forma muito estranha, e Zoey meio que queria não estar mais lá.

Ela deu um passo para trás. Suas canelas queimavam, como se ela as tivesse arranhado com muita força e irritado sua pele. — Você está agindo de forma estranha.

Marion inclinou a cabeça para o lado. — Como?

— Ah… assim? — Zoey acenou com a mão para Marion e deu mais um passo para trás. Marion a seguiu, um passo por outro. — Além disso, você não está piscando.

— Você mencionou pedras. — Disse Marion, piscando com grande ênfase, uma, duas, três vezes. — Que pedras são essas?

A nuca de Zoey formigou. — As que vimos na outra noite? Aquelas que jogaram você por entre as árvores?

Marion sorriu gentilmente. — Eu não sei do que você está falando. Talvez devêssemos procurá-las juntas. Talvez você possa me mostrar?

— Você não… — A boca de Zoey ficou seca. — Você não se lembra?

— Receio que não. — Marion pegou a mão de Zoey. — Tem certeza de que não está imaginando coisas?

— Como você pode não se lembrar? — Ela realmente tinha imaginado a coisa toda? Mas elas *conversaram* sobre isso depois. Elas conversaram na varanda de Marion. — Por favor, me diga que você está brincando.

— Apenas venha aqui. — A voz gentil de Marion de repente tinha um tom ligeiro. — Venha aqui e iremos juntas.

— Zoey? — A voz do vice de seu pai, Sargento Montgomery, veio estrondosa por entre as árvores. — Aonde você foi?

Marion girou, o cabelo preto voando. Ela recuou, como um animal pego fuçando nas latas de lixo.

— Bem aqui! — Zoey acenou, correndo para longe de Marion. Ela viu o chapéu do sargento, de repente pronta para explodir em choro de alegria. — Aqui, Marion e eu estávamos...

Uma mudança no ar atrás dela fez Zoey se virar com um grito.

Marion se foi.

— Zoey? — O sargento Montgomery não parecia muito satisfeito com ela. — Seu pai está procurando por você. Você realmente não deveria sair correndo, considerando as circunstâncias. — Seu walkie-talkie ganhou vida e ele se virou para atender.

Zoey pensou ter visto uma forma escura que poderia ser o cabelo brilhante e balançando de Marion voando por entre as árvores. Ela recuperou o telefone, meio engatinhando por uma colina coberta com folhas úmidas – longe do policial distraído, longe de onde Marion estivera.

Ou… não era Marion?

A visão de Zoey oscilou de um lado para o outro; os cidadãos do País das Maravilhas estavam reorganizando os planos do mundo para que ela nunca pudesse encontrar o caminho de volta para casa. Ela colocou a mão direita sobre o braço esquerdo, tentando esfregar os arrepios.

Então, com os polegares tremendo, ela mandou uma mensagem para o pai:

Vou ficar com Grayson esta noite. Estarei em casa para o café da manhã.

Para Grayson, ela enviou:

Encontre-me na floresta no final da estrada Kingshead assim que for humanamente possível.

Traga suas gazuas. Só pra garantir.

Marion



A Mansão

Marion não conseguia ficar dentro da casa por mais um minuto.

Com a saída de Charlotte, toda a estrutura parecia estar encolhendo. Ela seria esmagada nesta casa de rendimentos cada vez menores.

— Mãe? — Ela deslizou para o quarto principal no primeiro andar, uma bandeja de comida em suas mãos. — Você acordou?

Pamela Althouse estava deitada em sua cama, as pesadas cortinas fechadas. Com a abordagem de Marion, ela se virou e soltou um gemido choroso.

— Charlotte — ela murmurou. — Por favor, Charlotte. *Por favor*, volte para casa.

Marion colocou a bandeja na mesa de cabeceira. Com os olhos secos, seus pensamentos finos e pegajosos, ela acariciou as costas trêmulas de sua mãe.

— Está tudo bem, mãe. — Ela disse isso de novo e de novo, essa mentira sem sentido. — Ela vai voltar. Eles vão encontrá-la. Vai ficar tudo bem.

Ela mentiu descaradamente até a mãe adormecer. Ela fazia isso a cada poucas horas – acalmava sua mãe de volta a um sono agitado com abraços e falsidades.

Porque ela sabia – as mariposas haviam dito a ela – que Charlotte havia partido. Ela não estava apenas perdida. Ela não existia mais. Marion não sabia como, ou por que, mas ela sabia disso. Ela sabia disso como se soubesse seu próprio nome.

Com as Mortimers indo para a delegacia para ajudar os grupos de busca, Marion tinha Kingshead para ela.

A Sra. Mortimer disse às Althouses restantes – *dois já caíram, faltam dois!* – para não se preocuparem com o trabalho doméstico agora. Elas precisavam de tempo para descansar, para trabalhar com a polícia.

Mas Marion gostava do trabalho. Isso ocupava suas células e as impedia de girar sem parar.

Além disso, ela queria investigar.

Investigar *o que*, ela não tinha certeza, mas não conseguia parar de pensar no que Zoey havia dito: *Meu instinto está me dizendo que há uma conexão entre as Mortimers e as meninas que desapareceram.*.

O que, honestamente, soou como uma teoria da conspiração selvagem para Marion, mas sua irmã se foi, sua Charlotte, e o buraco no coração que a morte de seu pai havia deixado em seu peito foi aberto tão amplamente que ela sentiu como se um movimento em falso pudesse fazê-la se dividir em duas partes irreparáveis.

Então ela começou a espanar, porque Kingshead estava repleto de entalhes de madeira ornamentais, baús e cadeiras antigas com pés em garras, corrimões grossos como serpentes.

Limpe um corrimão, uma perna, uma mesa e siga em frente.

Digitalize os livros, a arte, o mobiliário, as paredes. Papéis suspeitos deixados sem cuidados? Artefatos significativos que poderiam funcionar como armas de assassinato?

Marion abriu caminho pela casa descalça. Ela tateou ao longo dos corredores principais, procurando rachaduras nos painéis de madeira escura. Entrada secreta, levando a algum covil que revelava tudo?

Marion riu, o que foi um erro. Ela derramou algumas lágrimas e se apoiou pesadamente no corrimão do patamar do segundo andar,

com vista para o jardim de inverno verde e de vidro. Ela agarrou o corrimão polido com tanta força que se perguntou se teria machucado as palmas das mãos.

Ela pensou no nome de Charlotte repetidamente até que ela pudesse pensar sem querer vomitar.

Ela recuperou seu pano de pó e continuou se movendo.

Artes penduradas nas paredes em molduras de ouro escuro – representações de Sawkill, principalmente. O Bosque Down, o Spinney, os Black Cliffs na costa oeste.

Um gemido fino e distante se chocou contra as engrenagens do cérebro de Marion, arrastando suas garras ao longo de seus ossos.

— Quieto. — ela disse ao gêmido do osso, mas ele não ouviu.

Em vez disso, puxou seu estômago, como na noite em que Charlotte tinha desaparecido, quando ela seguiu o gêmido dos ossos até a floresta e encontrou Zoey e as pedras.

Foi como uma ressonância, agarrando a pele macia de sua barriga e puxando-a. Ela resistiu, cravou os calcanhares no tapete.

A ressonância permaneceu, esperando. Respeitosa, no entanto. Aquilo não a puxou contra sua vontade.

Marion engoliu em seco, balançou a cabeça para desalojar o rangido metálico que reverberava por seu esqueleto.

As vibrações ecoaram para ela: *Siga-me.*

Marion engoliu em seco e concordou.

Ela correu pela casa, seguindo a trilha de gemidos dos ossos. Quartos de hóspedes, um escritório, uma pequena sala decorada em tons pastéis, uma sala de música com paredes espelhadas e um piano de cauda. Outro lance de escada, no lado leste da casa, e outro, perto da cozinha.

Portas fechadas, marcando os quartos das Mortimers. O gêmido do osso ficou ainda mais alto. Marion colocou os dedos nas orelhas; isso tornou tudo pior.

Ela parou do lado de fora de uma porta fechada que ficava sozinha no final de um amplo corredor. O gêmido do osso parou bruscamente, fazendo-a tropeçar, e então ficou em silêncio.

Quarto de Val?

Os dedos de Marion acariciaram a porta. Eles pairaram sobre a maçaneta da porta, considerando.

O que ela encontraria lá dentro?

Ela tocou a trava, pronta para um olhadinha.

Algo frio e urgente beliscou a ponta de seus dedos, como se o ar ao redor deles tivesse se partido em dois.

— Ai! — Ela chupou os dedos. A fechadura da porta de Val sorriu um sorriso de metal. Lá embaixo, uma porta se abriu – uma explosão no vasto silêncio recém-espanado.

Marion se virou e ouviu. Quando ela ouviu vozes, ela desceu correndo as escadas, lembrando com uma explosão repentina de alarme que ela havia esquecido de trancar a porta dos fundos. Ela chegou ao fim da escada quando os intrusos começaram a subir.

O menino saltou com tanta força que Marion pensou que ele fosse cair. Sua mão voou para o peito. Ele soltou um assustado: — Bom Deus.

— Marion! — Zoey olhou para ela, congelada no último degrau. Ela parecia como se Marion tivesse deixado cair alguma relíquia amaldiçoada em seu colo. — À quanto tempo você esteve aqui?

Marion olhou para o relógio do avô batendo pesadamente contra a parede. — Cerca de uma hora, eu acho?

— Mas eu *acabei* de ver você. Tipo, vinte minutos atrás. Na floresta.

— Não saí de casa hoje. — disse Marion. — Só aqui e em casa. Deve ter sido outra pessoa.

— Mas eu falei com você. — O rosto de Zoey estava se enrugando rapidamente. — Nós tivemos uma conversa. Eu vi você, bem ali. — Zoey acenou com a mão. — Bem na minha frente, apenas há alguns metros. Nós *falamos*.

Um frio lento percorreu os braços de Marion.

O garoto que Marion não conhecia franziu a testa para Zoey. — Alguém em uma das equipes de busca, talvez?

— Não. *Não*. — Zoey agarrou mechas de cabelo nas mãos. — Foi Marion. Se não fosse…

A angústia de Zoey era contagiosa. Marion olhou para o menino, seu próprio pânico crescendo rapidamente. — Desculpe, quem é você?

— Oh, desculpe. — O menino deu um passo à frente e estendeu a mão. — Grayson Tighe. O melhor amigo de Zoey.

Zoey soltou um suspiro lento. — Marion, você jura que está aqui há uma hora?

— Eu juro. — Respondeu Marion. — Talvez um pouco menos que isso? Mas não muito.

— Mas isso não faz *sentido*. Eu estava na Floresta Kingshead, eu estava procurando por...

Zoey parou de falar. Ela observou Marion com atenção.

Marion olhou para Grayson, sem saber o que dizer na sua frente. Ela estava tão preocupada com Charlotte, com sua mãe, que não teve um momento para pensar sobre isso nos últimos dias, mas agora, com Zoey aqui, a memória voltou para ela em flashes sombrios.

— As pedras? — Marion disse calmamente.

— Você lembra. — Os olhos de Zoey brilharam com lágrimas. — Você as viu?

— Claro. Eu tenho um hematoma gigante na minha bunda de onde eu caí.

As sobrancelhas de Grayson se franziram. — Espera. Você viu essas pedras também?

— Viu? — Zoey agarrou a manga de Grayson. — Eu te disse! Oh, Marion. Oh! Graças a deus. — Zoey lançou os braços em volta dos ombros de Marion e segurou com força. — Quando te vi na floresta, você não se lembrava. Você estava agindo tão estranho, eu pensei que estava enlouquecendo, mas… Ei.

Marion, sem perceber o que estava acontecendo até que fosse tarde demais, começou a chorar. Era como se ela estivesse vagando por uma névoa que bloqueava o sol, e agora os braços de Zoey ao redor dela haviam arrancado o cinza, deixando o mundo muito brilhante, muito nítido, muito doloroso.

Charlotte.

Nem mesmo a morte pode separar nossas almas.

Duas irmãs e irmãs verdadeiras.

Ela agarrou o amuleto de estrela do mar em seu pescoço e soltou um soluço sufocado.

— Ei — Zoey disse novamente. Sua mão embalou a nuca de Marion. — Ei, está tudo bem.

— Ela se foi. — Marion sussurrou contra a abundância de cachos escuros de Zoey, assim que ela encontrou sua voz. — Ela *se foi*.

— Nós a encontraremos. Meu pai está procurando, toda a força, toda a ilha.

Marion balançou a cabeça no ombro de Zoey. Como ela poderia explicar as mariposas?

— Eu não acho que eles vão encontrá-la. — Ela murmurou.

Zoey se afastou e procurou o rosto de Marion. — Por que você diz isso?

Marion não conseguia olhar nos olhos dela. Elas compartilharam a experiência das pedras, mas, pelo que Marion sabia, Zoey não tinha visto nenhuma mariposa falante e… talvez essa fosse uma ponte longe demais. — Apenas um sentimento. — Ela disse simplesmente.

— Eles também nunca encontraram Thora. — Zoey cruzou os braços miseravelmente sobre o peito. — Desculpe. Isso não ajuda. *Deus.* Eu preciso parar de falar. Eu sou uma pessoa muito estranha. É uma condição crônica.

— Bem, isso é dolorosamente verdade. — Grayson, vindo da sala ao lado, estendeu um copo de água e um punhado de lenços de papel. — Encontrei uma caixa na cozinha.

— Obrigado. — Enquanto Marion enxugava o rosto, ela percebeu como Zoey olhou para Grayson – seus olhos brilhando, seu sorriso minúsculo e adorável. — Vocês dois estão namorando?

— Costumávamos — disse Grayson, empurrando os óculos no nariz em um estilo Clark Kent que fez Marion instantaneamente gostar dele. — Agora nós somos amigos.

— Melhores amigos — Zoey corrigiu.

Grayson sorriu suavemente para ela. — Melhores amigos.

Marion, sentindo um pouco de dor ao observá-los, de repente se lembrou de uma coisa estranha. — Espera. Você disse quando você me viu na floresta, eu não lembrava das pedras. O que você quer dizer com isso?

Zoey hesitou. — Vai soar maluco.

— Diga a ela, Zo. — Disse Grayson. — Diga a ela o que você me disse.

— Eu vi você, há pouco tempo, na Floresta Kingshead. — Zoey endireitou os ombros magros e olhou Marion diretamente nos olhos. — Eu conversei com você. Você não se lembrava das pedras, mas queria ir comigo para encontra-las. Você queria que eu te mostrasse. Você… — Zoey se mexeu inquieta. — Você não estava piscando. Você estava se movendo de uma maneira estranha que não parecia com você. Então o assistente do meu pai veio e você fugiu.

O coração de Marion bateu tambores de destruição em seus ouvidos. — Mas eu não estava. Eu estive aqui. Eu não… Eu não me lembro de nada disso. — Ela deu um passo para trás, um pouco tonta. — Você viu errado.

Zoey balançou a cabeça. — Eu não vi errado.

— Então… o que? Eu simplesmente não me lembro? Eu perdi a memória? — Marion riu amargamente. — Isso faria sentido, eu acho. Eu caí, bati com a cabeça, agora minha memória disparou.

Mas ela não acreditava nisso. Ela se lembrava de absolutamente tudo desde que acordou dois dias atrás em um mundo sem Charlotte. Ela poderia explicar cada último doloroso segundo.

— Mas você não acredita nisso. — Disse Zoey, observando-a.

Marion abanou a cabeça. — Não.

— Então, onde isso nos deixa? — Grayson coçou a nuca, franzindo a testa.

— Se você me viu, mas não fui eu, — disse Marion — então a lógica sugere…

— Foi outra pessoa — Zoey terminou.

Grayson suspirou, olhando desesperadamente para o teto. — Que frase é essa?

— “Quando você tiver eliminado o impossível” — sugeriu Marion, porque ela estava pensando a mesma coisa. — “tudo o que resta, por mais improvável que seja, deve ser a verdade.”

Grayson sorriu para ela. — Eu sabia que gostava de você.

— Algumas das histórias que Thora me contou sobre o Coletor — Zoey disse baixinho, olhando para uma das pinturas de Sawkill próximas — é que o monstro pode assumir diferentes formas, dependendo de quem ele esteja tentando capturar.

Com as palavras de Zoey, o ar frio da casa torceu na pele de Marion. — Essas histórias são apenas coisas que todo mundo conhece?

— Lendas locais de Sawkill. Todo lugar tem essas, certo? As pessoas criam seu próprio folclore com base em onde vivem e nas coisas reais da vida real que aconteceram lá.

— Como garotas desaparecidas? — Marion sugeriu, sua voz oca.

Zoey segurou a mão de Marion com força, o que fez Marion se sentir um pouco menos como se pudesse flutuar na maré de sua própria dor.

— Thora amava as histórias. — disse Zoey. — Ela adorava merdas assustadoras, amava como as lendas se formam e mudam. Ela era como a especialista residente no Coletor. E… Oh, qual era a frase? *Cuidado com o rosto gentil que você vê no portão. Ele vai se aproximar e será tarde demais.*

E então Marion não conseguia pensar em nada além de confiar em Charlotte, de coração aberto, sendo chamada para fora de seu quarto por um rosto amigável, alguém em quem ela pensava que podia confiar, alguém em quem ela não pensaria duas vezes antes de se inclinar para fora da janela para dizer olá…

Ela se ouviu fazendo um barulho terrível, mas não percebeu que havia se afastado de Zoey até que deu uma topada com o dedão do pé na escada e gritou de dor.

— Zoey, — Grayson disse gentilmente. — podemos talvez não pensar as rimas assustadoras agora?

Marion o ignorou, com lágrimas nos olhos. — Então você acha que existe um monstro que pode se disfarçar? — Ela perguntou a Zoey. — E os seus… lá fora, em algum lugar? Você acha que pegou Charlotte?

Zoey acenou com a cabeça, ombros curvados. — Sim. Talvez. Eu não sei.

— E você acha que Val e a mãe dela estão de alguma forma envolvidas?

— Val era amiga de Natalie Breckenridge, que desapareceu. E Thora Keller, que desapareceu. E agora Charlotte, que é… quem

desapareceu. — Os olhos de Zoey estavam brilhantes. — Vocês me dizem.

Marion balançou a cabeça lentamente e olhou para Grayson. — E você também acha isso?

Grayson encolheu os ombros. — Honestamente, tudo soa ridículo para mim, mas… — Ele olhou para Zoey com uma concentração tão firme que Marion perdeu um pouco o fôlego. — Eu confio em Zoey.

Zoey marchou e abraçou Grayson com força suficiente para fazê-lo tropeçar. Com o rosto enterrado na camisa dele, ela disse, abafada: — Obrigada.

Os braços de Grayson envolveram Zoey tão rápido quanto uma respiração. — E agora? — ele perguntou, sua voz um pouco áspera.

— Eu estava vasculhando a casa quando vocês entraram. — disse Marion, afastando-se deles antes que seu coração explodisse de ciúme, mas ela não foi longe.

Um conjunto de portas duplas colossais olhava para ela da parede oposta, do outro lado do foyer. Assim que Marion pousou os olhos neles, o gêmido do osso voltou para seu crânio como um estilhaço de vidro que não parava.

Lá.

Marion moveu-se pelo chão de tijolos polidos. Ela não tinha estado naquele quarto ainda, ela não achava. Era difícil rastrear tal labirinto, especialmente quando sua irmã havia desaparecido.

Olhos embaçados, ouvidos zumbindo com o chocante horrível gêmido obstruindo todas as suas veias, Marion estendeu a mão para a trava da porta certa – uma maçaneta de metal com ranhuras – e então balançou até parar.

Ela se curvou como se alguém a tivesse chutado na curva mais sensível de seu intestino. Ela abriu a boca para um grito que nunca veio.

O gêmido do osso desapareceu. Em seu lugar, algo maldoso e silencioso e estranho a agarrou, enraizando-a.

Ela não poderia ir mais longe. Não, esse foi o fim da linha. Uma sensação biliosa cresceu nas entranhas de Marion, seguindo a velha trilha da crina de cavalo:

Os invasores serão retirados e enforcados.

Marion



A Biblioteca

Marion forçou os olhos a abrirem, embora algo duro e pesado os estivesse pressionando, tentando mantê-la cega.

As portas, as portas duplas a poucos metros de onde ela estava – pretas e monumentais elas eram, formas esculpidas cobrindo cada centímetro. Vinhas e pêssegos em um minuto; então a luz do lampião mudou, ou talvez o cérebro de Marion mudou, e eles se metamorfosearam em línguas e corações gordos.

Marion tentou se afastar, mas as portas a seguraram em sua gravidade.

O calor a atingiu, têmpora a têmpora. Seu mundo estava estático — preto, branco e crepitante.

Isso era diferente do gêmido de ossos. Este foi um aviso e um castigo. Algo estava tentando mantê-la longe – mas de quê?

As portas duplas bateram na cabeça de Marion. Tentando achatá-la, prendê-la como um torno, espremer seu suco para servir na hora do jantar.

E então Marion se lembrou. As instruções de Lucy Mortimer flutuaram alegremente de volta para ela.

As portas duplas no saguão norte. Este é meu espaço privado. Minha biblioteca. Por favor, deixe intocado.

Marion soltou uma gargalhada estridente. *Opa*.

— Marion. Marion! Olhe para mim.

Marion forçou os olhos a abrirem. Apertou os olhos em meio à dor para ver Zoey agachada diante dela, Grayson ao seu lado.

— Eu não posso. — Marion engasgou, fechando os olhos com força mais uma vez. Doeu muito, existir neste mundo cheio de estática. O barulho estava cavando em todos os seus orifícios, obstruindo seus pulmões e bloqueando todas as saídas.

— Devíamos chamar uma ambulância. — Veio a voz frenética de Grayson.

Zoey retrucou: — Acalme-se, Grayson, ela está bem.

— Ela não está bem! Olha para ela!

Marion se livrou do aperto de Zoey e bateu com a cabeça nas portas da biblioteca. Doeu, mas se ela abrisse a cabeça, nunca mais poderia quebrar as regras.

— Que *diabos*? — Grayson gritou.

Algo pequeno, mas forte, agarrou Marion, puxando-a de volta para uma superfície macia. Braços a envolveram, pernas enganchadas sobre as dela.

— Me deixar ir! — Marion gritou, debatendo-se nas garras de seu captor.

— Não. — Zoey disse com firmeza, seus lábios próximos à orelha de Marion. — Eu não vou deixar você se machucar. Grayson, pegue as pernas dela.

— Oh meu Deus, oh meu Deus — murmurou Grayson, obedecendo.

Marion começou a soluçar. Seus membros estavam sendo puxados em vinte direções diferentes. — Zoey?

— Estou bem aqui, Marion. — disse Zoey.

Com os dentes batendo, Marion inalou. — Eu estou assustada.

— Está bem. Você pode ficar com medo. Apenas espere.

Minutos se passaram. A energia de Marion escoou-se, a água espiralando por um longo ralo escuro. Seu corpo relaxou.

Ela murchou nos braços de Zoey, virou a bochecha no calor do ombro de Zoey.

— Você está bem? — Zoey perguntou baixinho.

— Eu não sei. — A voz de Marion estava arruinada. — Acho que sim?

— Você tem sorte de não ter quebrado a cabeça. — disse Grayson, segurando a própria cabeça com os olhos arregalados.

Tal pai, tal filha. Um sortudo, outro não. Marion deixou escapar um som trêmulo. — Eu acho que eu estou.

— O que aconteceu? — A expressão de Zoey era grave.

Marion respirou fundo, hesitando. Certamente ela não poderia dizer tal coisa em voz alta? Mas os grandes olhos castanhos de Zoey não detinham julgamento nem ceticismo.

— As portas não queriam que eu as tocasse.— respondeu Marion.

Zoey assentiu imediatamente. — Como se as pedras não quisessem você dentro delas, então elas jogaram você para fora.

O alívio de discutir o impossível fez outra coisa impossível – o retorno de Charlotte – parecer um uma fração mais provável. A fantasia disso deu a Marion a força para se levantar. Zoey pulou para apoiá-la.

— Desde o acidente — Marion começou — tenho ouvido esse som.

— Os ossos chorando — Zoey disse com naturalidade.

— O gemido dos ossos. — corrigiu Marion.

— Semântica.

— Bem. Às vezes ouço o gemido durante o sono e isso me acorda. Às vezes ouço aleatoriamente no meio do dia. E quando ouço isso, tenho que segui-lo. Como você sabe quando está em perigo e tem que correr. Não sei o que significa, mas acho… acho que está tentando me dizer algo. — Ela olhou para a biblioteca. — Ele me disse para tocar nas portas.

— Mas então as portas… — Grayson acenou com a mão para elas. — Elas tentaram machucar você.

— O que significa que elas têm algo a esconder. — decidiu Marion.

Zoey acenou com a cabeça severamente. — Concordo.

Grayson olhou para trás e para frente entre elas. — Vocês querem entrar, não é?

— Sim. — disse Marion, quado Zoey disse. — Claro.

Grayson soltou um suspiro e deslizou as mãos pelos cabelos. — Por que isso está acontecendo?

Zoey parecia ofendida. — Você não está amarelando comigo.

— Não, eu quis dizer *isso* — Grayson explicou gesticulando para Marion, para as portas, para a própria ilha. — Por que tudo *isso* está acontecendo?

Marion deu um passo em direção às portas e hesitou. — Talvez outra pessoa devesse tentar abri-las.

Zoey tomou seu lugar imediatamente, mas Grayson a parou com uma mão gentil em seu cotovelo.

— Por favor, Zo, — ele disse calmamente. — Deixe-me?

Zoey olhou para ele, parecendo preparada para repreender, e então sua expressão suavizou. Ela cedeu, recuando e deixando Grayson se aproximar das portas. Ele alcançou a maçaneta certa, fez uma pausa, alcançou novamente.

Marion ficou tensa, a pele formigando.

Seus dedos tocaram o metal, pressionaram a trava – e nada aconteceu.

— Está trancado. — relatou Grayson.

Zoey se apressou. — Então abra.

Marion chegou mais perto. A cada passo, as portas pareciam mais altas, como um desenho animado com suas proporções erradas. — Você sabe arrombar fechaduras?

— Ele é um homem de muitos talentos, meu Grayson. — disse Zoey, dando um tapinha de leve no braço de Grayson. — Você olha para ele e pensa que ele é todo virtuoso, mas não se deixe enganar por essa tristeza infantil.

Ele franziu a testa para a porta, coçando a nuca. — Você sabe, pensando bem, a Sra. Mortimer não é uma mulher que eu quero irritar. E eu tenho certeza que Marion não quer ter problemas…

— Grayson, — disse Marion calmamente. — se houver algo além dessas portas que possa me ajudar a encontrar minha irmã, ou provar que Val ou qualquer pessoa da família dela têm informações sobre o que aconteceu, tenho certeza de que você pode entender por que não estou preocupada em ter problemas.

Grayson deslizou os óculos para descansar no topo da cabeça, esfregou o rosto com a mão e suspirou. — Por que eu me deixo ser arrastado para situações como esta?

Zoey sorriu para ele. — Porque você me ama.

Grayson enrijeceu. Um instante depois, Zoey também. O sorriso sumiu de seu rosto. Ela se afastou cuidadosamente dele.

— Desculpe. — ela murmurou, os punhos cerrados ao lado do corpo. — Grayson, eu…

— Está tudo bem. — disse ele calmamente. Ele puxou palhetas do bolso e começou a trabalhar. Alguns minutos tensos depois, a fechadura se abriu.

Marion se preparou enquanto liderava o caminho para dentro, esperando que a estática furiosa retornasse, ou algum monstro de muitos olhos viesse saltando com as presas à mostra.

Mas era apenas uma biblioteca, como se pode encontrar em qualquer velha mansão — janelas salientes, prateleiras do chão ao teto, uma escada com rodas para as superiores. Cadeiras acolchoadas de veludo vermelho, uma com uma manta aconchegante estendida sobre o braço. Uma lareira tranquila.

— Não deveríamos estar aqui. — sussurrou Grayson. — Isso é invasão de propriedade.

Zoey bufou. — Você só agora está preocupado com a invasão de propriedade?

Marion passou por eles, examinando as prateleiras em busca de algum tipo de prova, *qualquer* tipo de prova – algo que saltaria sobre ela, coçaria nela, algo que ela teria que olhar duas vezes, algo sobre garotas desaparecidas, algo que acordaria o gemido do osso novamente e faria aquele punho estranho tatear mais uma vez em sua barriga, puxando-a em direção à resposta.

Ela caminhou ao longo das estantes de livros, passando os dedos como fantasma no ar ao lado das lombadas dos livros, muito cautelosa para tocá-los.

— Que porcentagem desses livros você acha que Suas Altezas Reais realmente leram? — Zoey meditou. Ela pegou uma estatueta de cavalo de mármore de uma mesa lateral. — Oito? Oito vírgula dois?

Algo afiado agarrou a mão de Marion e a fez parar. Uma vibração disparou por suas pernas, direto para os dedos. Um gemido começou, bem no fundo de seus ouvidos, como o atrito de um arco seco contra uma corda desafinada.

Aqui.

Ela inspecionou seus dedos zumbindo, os mesmos que tocaram a porta de Val. Sem feridas. Ela olhou mais de perto para a estante diante dela, tocando cada prateleira e lombada.

— O que você encontrou? — Zoey sussurrou, indo por trás dela.

— Não tenho certeza. Eu tive essa sensação, no entanto. Algo me parou, bem aqui.

— Meu Deus. Veja. — Zoey se mexeu, apertando os olhos para ver a fileira de livros na altura dos olhos.

Marion seguiu seu olhar, girando até alcançar o ângulo certo de iluminação — uma linha ininterrupta de livros empoeirados, exceto quatro.

Eles foram marcados por impressões digitais.

Marion e Zoey trocaram um olhar.

Grayson sussurrou: — Por favor, não faça.

Mas Marion fez. Ela estendeu a mão e deslizou o livro com as impressões digitais mais próximo de volta contra a prateleira.

Ele prendeu em algo, clicou e travou no lugar.

Grayson praguejou baixinho.

Zoey olhou fixamente, olhos enormes. — Continue.

Marion continuou. Um livro, dois livros, três livros, quatro.

A estante se soltou alguns centímetros da parede, revelando um conjunto de estreitos degraus de pedra que circundavam a terra. Um teto com vigas de madeira salpicado de lâmpadas nuas em uma caixa de arame preto. Paredes com painéis de madeira cintilantes.

Enquanto ela estava no último degrau, olhando para baixo, as lâmpadas acenderam. O gemido do osso cresceu camadas, harmonizando-se discordantemente consigo mesmo. O gemido machucou os dentes de Marion. Como uma de suas mariposas, atraída pelo brilho âmbar, ela deu um passo à frente. Depois outro e outro. A passagem estava fria e seca. Ela exalou; sua respiração embaçou o ar. Ela deu mais um passo.

Zoey pegou a mão dela, aquela que os livros haviam picado. Ao toque de Zoey, a pulsação no dedo de Marion diminuiu, como mergulhar a pele superaquecida em água fria.

Marion olhou para ela. — Você está bem?

Zoey acenou com a cabeça, olhos arregalados, queixo quadrado, a outra mão enrolada firmemente em Grayson. —

Estamos bem. Nós estamos com você. Continue.

Dentro do coração batendo freneticamente de Marion floresceu um pequeno calor cauteloso. Ela apertou a mão de Zoey, depois se virou e continuou a descer. Ela contou cada passo enquanto caminhava – três, nove, quinze, vinte e um.

Na parte inferior da escada, eles emergiram em um minúsculo saguão, iluminado por uma única lâmpada e uma janela fina branca como a lua que olhava para cima e para além de uma linha de arbustos..

— Que diabos? — Zoey murmurou, espiando por cima do ombro de Marion e para dentro da sala além do foyer.

A porta estava entreaberta. Marion hesitou, depois abriu. Do outro lado: nada além de uma cama de dossel, com uma pilha alta de seda vermelha e ameixa.

As paredes estavam vazias. Sem arte, sem luz comuta. Apenas uma única lâmpada brilhando suavemente, presa na parede ao lado da cama.

— A lâmpada está acesa. — Grayson observou firmemente.

— Você acha que ligou quando abrimos a porta lá em cima? — Zoey sussurrou.

Marion não respondeu. Ela olhou para a outra porta, do outro lado da sala – madeira escura, de aparência pesada e simples. Quase invisível na parede sombreada. Aonde isso levava, ela não conseguia imaginar.

Mas pior...

Zoey também deve ter visto no mesmo momento; Marion ouviu seu suspiro suave.

Grayson, em pânico: — O quê? O que é isso?

Marcas de garras.

Ou eram rastros de unhas?

Marion não queria chegar perto o suficiente para investigar mais. Elas cruzavam a parede acima e ao lado da cama. Marcas Tally esculpidas por um lunático, contando os dias nesta cela antes de dormir. Elas cortavam ranhuras nas colunas altas e escuras da cama. Elas até – Marion se atreveu a dar um passo mais perto, semicerrando os olhos – sim, elas até marcaram o chão ao redor da saia de cama vermelha com babados.

Ela não podia ignorar o fato da cama.

As marcas de garras eram porque alguém estava se divertindo muito?

Ou porque alguém estava lutando por isso?

Zoey colocou as mãos no cabelo e soltou uma risada trêmula. — Que merda é essa?

De fora e de cima, uma porta de carro distante bateu. Então outra.

Marion girou, procurando desesperadamente pela pequena janela do saguão. Ela meio que esperava ver a mãe de Val agachada ao lado dele para espiar através do vidro, procurando por eles.

Grayson os levou correndo de volta escada acima, as luzes apagando em seus calcanhares. De volta à biblioteca, eles fecharam a porta secreta. Marion puxou os quatro livros para fora de suas ranhuras para combiná-los com os outros. Grayson puxou a bainha de sua camisa e limpou-a freneticamente.

— Impressões digitais! — ele assobiou.

— Seu idiota. — Zoey o puxou para longe. — Os livros estavam empoeirados, agora não estão!

— Vá! — Marion empurrou os dois em direção às portas da biblioteca, ainda entreaberta. — Pela porta da frente. Vou prendê-las na cozinha.

Zoey acenou com a cabeça, a boca em uma linha fina. Ela se lançou para frente e abraçou Marion com tanta força e determinação que novas lágrimas brotaram dos olhos de Marion.

Então Zoey fugiu, Grayson ao seu lado – duas sombras em um palácio escuro.

Val



Os Vagalumes

Val saiu do carro de sua mãe e parou na entrada da garagem.

Ela desviou o rosto de Kingshead, ouvindo os cliques precisos dos saltos de sua mãe contra o pavimento.

A mansão ficava em uma crista de terra, o ponto mais alto de Sawkill, então na frente de Val se estendia toda a ilha – primeiro os estábulos, os piquetes de treinamento, as pastagens. Quilômetros de cercas pretas em perfeitas condições, pontilhadas de celeiros cinzentos cheios de Mortimer Morgans sonolentos. No horizonte tremeluziam as janelas âmbar do centro de Sawkill e, de vez em quando, um par de luzes brancas marcava um carro serpenteando pela ilha de bosque em bosque, de fazenda em fazenda.

Mas naquela noite, Val pôde apenas observar os vagalumes balançando, movendo-se lenta e firmemente pela floresta de sua família. Lanternas que procuraram, mas nunca encontraram.

— Charlotte! — uma distante voz masculina gritou.

As equipes de busca estiveram fora o dia inteiro, e Val obedientemente ocupou seu posto na delegacia – distribuindo sanduíches, café, garrafas de águas. As equipes continuaram procurando a noite toda, o dia todo até que Charlotte fosse encontrada.

— Charlotte? — Uma voz de mulher, dessa vez. — Está tudo bem, querida! Nós vamos encontrar você!

Val olhou para os vagalumes por tanto tempo que ela poderia jurar que sentiu asas beijando seus cílios.

Então ela se virou e fez seu caminho para dentro, ombros para trás e cabeça erguida. O longo dia a deixara cansada; ela mal conseguia manter os olhos abertos. Ela dormiria logo, e bem.

Então ela disse a si mesma, enquanto as chamadas lamentosas a seguiam dentro de casa:

— Charlotte!

— Charlotte?

— Charlotte, volte para casa!

Lá dentro, Val encontrou sua mãe sentada com Marion na mesa da cozinha.

A visão parou Val em seu caminho.

— Ah, bem, — disse a Sra. Mortimer, os olhos azuis se erguendo para encontrar os de sua filha. Ela alisou o cabelo de Marion e se levantou. Seu próprio cabelo, em um nó loiro bem arrumado na nuca, brilhava à luz suave da cozinha. — Valerie, você poderia se sentar com Marion por um momento? Eu adoraria tirar essas roupas.

— Claro. — Val se ouviu dizendo, como uma idiota, porque ficar sozinha com Marion Althouse era a última coisa que ela queria fazer no momento.

Val tinha conseguido tirar os sons da morte de Charlotte da cabeça o dia todo, mas agora, olhando para Marion, os grandes olhos cinzentos da garota desamparados e avermelhados, Val os ouviu novamente.

E de novo.

E de novo.

A Sra. Mortimer apertou o ombro de Marion e, no caminho para fora da porta, seus dedos roçaram os de sua filha. Cada toque de Lucy Mortimer, cada olhar, significava algo. O significado era claro: *tire-a da minha casa o mais rápido possível.*

No silêncio, Marion e Val se encararam. Marion segurava uma xícara de chá fumegante entre as mãos; parecia não tocado. Ela

piscou. Duas lágrimas silenciosas correram uma atrás da outra por suas bochechas.

Val, mais uma vez idiotamente, sentiu-se inspirada a perguntar: — Você está bem?

Mas Marion não a desprezou pela pergunta; ela balançou a cabeça, seu rosto se contraindo.

— Vamos. — De repente, inexplicavelmente, sabendo que *não* era isso que sua mãe queria dizer, Val estendeu a mão. — Vamos dar uma caminhada.

Havia um pequeno mirante nos penhascos rochosos atrás de Kingshead, de frente para o mar. Val levou Marion até lá, conduzindo-a cuidadosamente pela trilha em ziguezague. Luzes solares presas nas rochas iluminavam o caminho em suaves manchas brancas.

Os pés de Marion estavam descalços, Val percebeu na metade do caminho. — Você quer voltar? — Val gesticulou para seus pés. — As rochas podem ficar afiadas.

Marion abanou a cabeça. Seu olhar estava fixo no mar; seu cabelo varrido pelo vento esculpido em linhas pretas brilhantes em seu rosto.

— Não, está tudo bem. — disse Marion suavemente, e ofereceu um pequeno sorriso torto que bateu no coração assassino de Val como punhos odiosos em busca de sangue.

Um banco marcava o trecho de rocha cinza onde Val gostava de ir quando precisava escapar de sua mãe, de Collin Hawthorne, *dele*. Era minúsculo e envelhecido, sua pintura de um verde sálvia descascando. Parecia transplantado de outro mundo miserável, longe do mundo real de Kingshead.

— Bem. — Val disse, gesticulando inutilmente para o banco.

Marion estava sentada, as mãos cruzadas no colo. Uma rajada de vento marinho correu pelos penhascos, e quando Val viu Marion tremendo, ela soube que não deveria – ela *sabia* – mas ela se sentou ao lado de Marion de qualquer maneira, chegou o mais perto que ousou. Coxa com coxa.

— Pode ficar meio frio aqui. — ela explicou. Novamente, inutilmente.

Deus me ajude, Val pensou. *Devo estar enlouquecendo. Controle-se, Valerie.*

Então, com a ideia de qualquer deus ajudando uma criatura como ela, Val sufocou uma risada. Preso na garganta, o som parecia triste, como o início de um soluço.

— Eu gosto. — disse Marion, se abraçando. Seus dedos bateram no braço nu de Val. — Está quieto. Bem, não quieto. As ondas estão altas, e o vento, mas… ninguém. Ninguém te observando ou precisando de você. Você seria difícil de encontrar, se a pessoa procurando por você não conhecesse esse lugar. Você já estaria morto.

Marion inalou, sua respiração irregular. Ela ficou imóvel por um momento, depois levou a mão trêmula à boca.

Val a observou, um peso oleoso se instalando em seu estômago. Ela imaginou, por um instante, se jogar do penhasco nas rochas abaixo. O inferno era real, e se fosse, qualquer punição que ela recebesse seria mais suportável do que essa?

O inferno era o Lugar Distante que ele tanto temia? Se Val se jogasse no mar, ela acabaria ali, na companhia escaldante de demônios ainda pior do que o que ela servia atualmente?

— Na noite em que ela desapareceu, — Marion estava dizendo — adormeci imaginando como seria se ela não precisasse mais de mim. Se ela… — Marion olhou para Val. — Bem, se ela fosse sua amiga, na verdade. Se você chegasse perto. Então talvez você pudesse cuidar dela por um tempo, e eu não precisaria. Comecei a me perguntar o que seria sem ela chorando o tempo todo, e então tentei me lembrar de como era existir antes de meu pai morrer. Quando mamãe ainda era ela, não essa… sombra de quem ela costumava ser. Quando Charlotte não era tão carente. Tentei lembrar, mas não consegui. — Marion balançou a cabeça e agarrou os joelhos com força.

O sangue de Val correu quente como o fogo do inferno que lambeu seus sonhos. Todas as mulheres de Mortimer, desde a tataravó de Val, gostavam de sangue quente e feroz, um dos efeitos colaterais de ser ligada por gerações a uma besta. Val podia dormir nua no auge do inverno e acordar pintada de suor. Ela poderia

mergulhar nas profundezas do Atlântico gelado e emergir precisando de uma bebida gelada.

Mas cada vez que Marion se mexia ao lado dela, a pele de Val explodia em arrepios. Ela estava tão apaixonada pela sensação – a picada de tapa-você-acorda – que ela não percebeu a princípio que Marion tinha começado a chorar novamente.

— Na verdade, — Val disse, olhando para a água negra abaixo de seus pés — eu sei o que é sentir-se preso assim.

Ela sentiu Marion olhar para ela. — Você? — ela perguntou, surpresa em sua voz.

— Longa história, — Val disse sombriamente. — mas… sim. Minha mãe tem muitas expectativas para mim. Idéias sobre como meu futuro deve ser e o tipo de pessoa que devo ser. Minha mãe é…

Depois de um momento de silêncio, Marion sugeriu: — Terrível?

Val riu antes que pudesse pensar melhor. A concha frágil pressionada contra sua pele, como vidro pronto para quebrar, derreteu em algo mais macio, algo que enviou um brilho quente cauteloso derramado por seus membros. — Você poderia dizer isso. Todo mundo pensa que eu vivo essa vida encantada, que posso fazer tudo o que quiser, que o futuro é cheio de possibilidades, mas a verdade é…

Val hesitou. *A verdade é que estou escravizada a um monstro, e minha mãe também, e minha avó também.*

A verdade é que tive chances de encerrar, de encerrar a linhagem comigo, e não tive coragem de fazer isso.

A verdade, doce Marion, faria você me desprezar.

Marion colocou a mão entre as omoplatas de Val e desenhou pequenos círculos tão suaves que Val a odiou um pouco, mas não o suficiente para fazê-la parar.

— O que é? — perguntou Marion. — Você pode me dizer.

O sorriso de Val era duro, sua visão nadando em lágrimas não derramadas. — A verdade é que eu sou uma idiota que deveria engolir e parar de reclamar com a garota que está com saudades da irmã.

Marion deixou escapar um som cansado e encostou a cabeça no ombro de Val. — Você não é uma idiota, — disse ela calmamente.

— Você está sendo muito legal comigo. Obrigada.

Com o peso suave da bochecha de Marion contra sua pele, a garganta de Val se torceu até que ela mal conseguia respirar, e uma sensação de puxão, como a queda da gravidade, atingiu seu estômago. Como se ela estivesse na beira do penhasco e vendo o quão longe ela podia inclinar-se sobre a água antes de tombar.

Ela ficou em silêncio até a sensação passar, porque se ela abrisse a boca para dizer qualquer outra coisa, poderia muito bem ser uma confissão.

Zoey



O Empurrão

Na terça-feira após o desaparecimento de Charlotte, Zoey pedalou às oito da manhã até a delegacia, com uma sacola cheia de donuts pendurada no guidão. Que se danem aqueles que a odeiam e suas piadas de policial; donuts eram deliciosos, e seu pai e os oficiais vinham trabalhando sem parar por três dias.

Ela acorrentou sua bicicleta ao bicicletário na lateral do prédio, e estava prestes a se dirigir para a porta da frente quando ouviu uma garota dizer: — O Coletor? É apenas uma história.

Zoey ficou paralisada no lugar. Era como se um cabo elétrico oculto tivesse saído do chão e a agarrado com seus dentes chiantes.

— Você diz isso para as crianças não irem para a floresta ou algo assim. — A garota continuou falando, sua voz vinda do outro lado do prédio. Zoey conhecia o lugar: duas mesas de piquenique, uma pequena churrasqueira a gás, uma rede, uma pequena parede de pedra no topo de uma colina, com uma boa vista para o oceano. Um destino popular no horário de almoço dos funcionários da delegacia.

Zoey andou até o canto do prédio, espiou ao redor para ver quem havia se reunido. Ela coçou as panturrilhas com força o

suficiente para que começassem a doer, e se perguntou distraidamente se ela era alérgica a alguma coisa.

— É por causa das garotas que desapareceram ao longo dos anos. Como aquelas lendas urbanas. — A garota, que Zoey agora enxergava, era Quinn Tillinghouse, uma das amigas de Grayson, e apenas um pouco detestável. Ela e três outros – John Lin (moderadamente detestável), Peter Von Neumann (um idiota de boa-fé) e o próprio Grayson – estavam reunidos em torno das mesas de piquenique, vestidos para entrar na floresta. Prontos para se juntarem ao próximo turno das equipes de busca, Zoey assumiu.

E de pé próxima a Grayson, com os braços cruzados, ouvindo Quinn atentamente, estava Marion.

— Mas você acha que é real? — Marion perguntou. — Quero dizer, que isso poderia ser verdade?

Peter, um garoto branco de ombros largos que parecia poder ser um segurança valentão e incompetente de *Star Trek*, tomou um gole de seu café e deu de ombros. — Ah, com certeza. O mundo está cheio de verdadeiros monstros. Grandes, com escamas.

Quinn enganchou seu braço no de John e riu.

Grayson olhou para Peter. — Olha, você precisa levar isso a sério.

— Não, acho que não levarei, Grayson. — Peter jogou seu copo de café vazio no chão. — Sabe, você tem sido bem irritante desde que transou com a Zoey, tenho que admitir.

— Sinto muito ter desapontado você. — Grayson respondeu.

— *Cuidado com a floresta e a escuridão, profundamente úmida*. — John começou a cantarolar contra o pescoço de Quinn.

— *Ele vai te seguir até em casa* — sussurrou Marion — *e não te deixará dormir*. Ela olhou para Grayson. — O que você acha que isso significa? Há pistas nas rimas?

— Vou enviar uma mensagem para Zoey novamente. — Grayson tirou o telefone do bolso. — Acho que ela tem todos os cadernos de Thora. Talvez tenha algo útil lá.

— O Coletor *come garotas*. — John sussurrou próximo ao ouvido de Quinn, lambendo seus lábios. — Entende?

— Você é uma vergonha. — Quinn revirou os olhos com um sorrisinho. — Pare de ser nojento.

Grayson, Zoey pensou pela milionésima vez, tinha amigos demais.

Peter inclinou-se na mesa de piquenique, olhando para Marion como se ela fosse apenas uma pessoa esquisita e interessante. — Se vocês estão pensando seriamente em investigar isso como se fosse algum tipo de caça paranormal a monstros, os dois são comprovadamente insanos. Sem ofensas, Marion, eu sei que sua irmã está morta e tudo mais, mas...

— Cala a boca, Peter. — Disse uma nova voz. Val estava descendo a pequena colina da estrada segurando uma bandeja com cafés frescos. E tirando as palavras da boca de Zoey, para ser completamente honesta.

Peter se encolheu com a aproximação de Val, apenas o suficiente para Zoey não a odiar totalmente por alguns nanosegundos.

Mas então Zoey viu Marion se afastando do grupo, seus olhos arregalados. Ela colocou as mãos do lado da cabeça, a parte inferior das palmas apertando sua têmpora e o coração de Zoey se apertou.

Estava acontecendo de novo. O gemer dos ossos.

— Está acontecendo de novo. — Sussurrou Marion, fechando os olhos com força.

Grayson a seguiu. — Marion?

— Eita, ela está bem? — John perguntou.

Marion tropeçou em uma rachadura no chão e caiu antes que Grayson pudesse segurá-la. — É tão alto. — Ela lamentou. — Puta merda, nunca foi....

Ela gritou, encolhendo-se contra o chão como um animal escavador.

Zoey se libertou da mordida elétrica que disparava faíscas por seu tornozelo e avançou. — Se afastem. Vocês estão fazendo ela surtar.

— Ela já é bem surtada para mim. — Disse John, pulando da mesa e se afastando como se o que quer que Marion tivesse fosse contagioso.

A voz de Quinn saiu trêmula. — Ela está tendo uma convulsão ou algo assim?

Zoey ignorou todos eles e se agachou ao lado de Marion. — Está dizendo alguma coisa dessa vez?

Marion assentiu, balançando para frente e para trás. — Está dizendo para correr. — Ela olhou para Zoey, implorando. — Está dizendo para *correr*.

O corpo de Zoey estremeceu, como se ele tivesse adormecido e agora estivesse acordando com uma explosão de alfinetes e agulhas. — Venha, vamos sair daqui. Vou te levar para a minha casa.

Marion chacoalhou a cabeça, agora emitindo uma torrente de choramingos cada vez mais altos.

— O que há de errado com ela? — Peter perguntou.

— Vou pedir ajuda. — Disse Quinn, correndo em direção à delegacia.

Grayson sussurrou para Zoey. — O que faremos?

— Eu não tenho ideia. — Zoey puxou Marion pelos ombros. O que *aconteceu* para desencadear isso? Ela estava bem, até…

O mundo desacelerou, nítido e claro, quando a resposta lhe ocorreu.

Marion estava bem, de pé e saudável – até Val chegar.

— Faça parar. — Marion apertou as mãos de Zoey contra seu coração, os olhos arregalados, o pescoço tenso. — Por favor, Zoey.

Zoey balançou a cabeça sem saber o que fazer. — Eu não sei como. Venha, vou te levar para casa...

— *Por favor*! Isso está me destruindo!

— Zoey? — Val se ajoelhou ao lado delas, sua voz surpreendentemente branda. — Como posso ajudar?

E Zoey sentiu uma onda de fúria elétrica dentro de si que a fez pensar por um segundo: *Se eu me lançar do chão, vou disparar em direção às estrelas.*

Em vez disso, ela girou nos calcanhares e empurrou Val para longe de Marion.

Com força.

Com mais força do que ela pretendia.

Com mais força do que ela pensava ser possível.

No instante em que sua mão entrou em contato com o peito de Val, uma energia ardente surgiu do chão, passando pelas pernas

magras de Zoey, para seu estômago embrulhado de raiva até a palma quente de sua palma.

E Val voou – *voou* – para trás, como se tivesse sido atingida por uma onda de choque. Ela derrapou por seis metros, passando pelas mesas de piquenique e entrando no canteiro de flores, achatando um punhado de ervas-bezerra de cor pálida.

Ela caiu ali com suas leggings e botas de caminhada, levando uma mão trêmula à cabeça. Ela encarou Zoey com os olhos arregalados e brilhantes.

Peter e John ficaram parados em silêncio por conta do choque.

Grayson tocou o cotovelo de Zoey gentilmente, como se estivesse checando se ela era real, que todo esse momento impossível era real.

— Zoey? — Val sussurrou, como uma criança ferida.

Os olhos de Zoey se encheram de lágrimas em um segundo quente e ofuscante. Ela fez Marion se levantar. Grayson ajudou, e então passou o braço direito de Marion sobre seu ombro. Com um gemido baixo, Marion encostou a bochecha no peito de Grayson.

Enquanto isso, Peter correu até Val e a ajudou a se sentar. Ele lançou um olhar feio para Zoey. — Você tem três segundos para sair daqui antes que eu vá atrás de você, Harlow.

— Não. — Disse Val, olhando para eles com uma expressão que Zoey não conseguiu decifrar. — Está tudo bem. Deixe-os ir.

Zoey não precisava que Val dissesse isso duas vezes. Ela se virou, Grayson a seguindo e ajudou Marion a subir a colina até a estrada. Enquanto subiam, o eco da voz de Val permaneceu com Zoey, seguindo-os até em casa como um par de olhos curiosos.

A ROCHA TINHA QUE SER RÁPIDA.

A fome da besta estava aumentando novamente, e mais rápido do que a Rocha, mesmo com suas veias cheias de éons, se sentia equipada para o combate.

A Rocha se permitiu um momento de desespero: Será que algum dia este mundo no qual todos eles nasceram estaria livre da guerra?

Então a Rocha lembrou que não estava mais sozinha:

Primeiro uma garota, e agora duas.

Duas filhas brilhantes.

Filhas que ouviam. Filhas com ombros fortes o suficiente, com corações bons o suficiente para suportar o grande peso da batalha.

A Rocha precisaria de mais uma.

Um começo, um meio e um fim.

Marion



A Promessa

— Eu acho que Val tem uma queda por mim. — Marion disse baixinho. Ela se sentou na cama de Zoey, espremida entre Zoey e a parede, com um copo d'água nas mãos.

Zoey estava de costas para ela, segurando um taco de beisebol de madeira que Grayson tinha encontrado na caminhonete, e olhando para a porta do quarto de Marion como se estivesse convencida de que ela, a qualquer momento, permitiria a entrada de sua destruição.

Mas assim que Marion falou, ela se virou com as sobrancelhas arqueadas. — Espera, o quê?

— Quero dizer... — Marion enrubesceu. *Parecia* ridículo — uma deusa com uma queda por uma camponesa de rosto comum? — Acho que posso estar errada, mas na outra noite, demos um passeio nos penhascos ao lado de Kingshead, e a maneira como ela falou comigo e me olhou me fez pensar isso.— Marion tomou um gole d'água. — A Val é lésbica? Você sabe?

— Desde que eu a conheço, ela namora um garoto cabeça-oca de Sawkill. — Zoey respondeu. — Então, se ela é lésbica, talvez não saiba ainda, ou está em negação. Ou quem sabe ela seja bi. Ou talvez — disse Zoey, sua voz ligeiramente tensa — em vez de

ponderar sobre a sexualidade de Val, nós pudéssemos falar sobre como trinta minutos atrás eu dei uma de Jean Grey para cima dela

Elas ficaram em silêncio, ouvindo os sons de Grayson mexendo na cozinha de Zoey no andar de baixo. Era um hábito dele, Zoey tinha explicado. Quando Grayson fica estressado, ele cozinha. Ou limpa. Ou ambos.

— Qual foi a sensação? — Marion finalmente perguntou. — Quando você... — Ela imitou o que Zoey havia feito, estendendo a mão com a palma plana e rígida.

— Uma energia disparou do chão para dentro do meu corpo. — Zoey disse firmemente. — Foi como todos os choques de adrenalina que já senti em minha vida, juntos em um segundo. Meu coração ainda está acelerado. Jesus.

Marion olhou para Zoey, notou seus olhos brilhantes, e gentilmente cutucou seu joelho. — Foi bem impressionante.

Zoey riu, passando a mão trêmula pelo rosto. — Sim, acho que foi.

— Quando Thora falava do Coletor, ela chegou a mencionar garotas que podiam fazer… isso? — Marion perguntou.

— Ou garotas que ouviam vozes e ruídos estranhos?

Marion estremeceu. — Sim. Isso também.

— Não. Não que eu me lembre. Eram apenas histórias de monstros. Nada sobre garotas super-heroínas nelas. Apenas... apenas garotas desaparecidas.

Depois de um longo instante, Marion perguntou baixinho. — Quantas garotas?

— Vinte e três. — Zoey respondeu imediatamente.

— E nenhuma delas foi encontrada?

Zoey hesitou. — Não. Mas isso não significa...

Marion acenou com uma mão para que ela ficasse quieta e agarrou seu colar de estrela do mar com a outra, seus olhos rapidamente se enchendo de lágrimas. — Ao longo de quantos anos?

— Eu pesquisei até cerca de cento e cinquenta anos atrás. Fica mais difícil encontrar coisas mais antigas que isso.

— Acho que vinte e três garotas durante mais de cento e cinquenta anos, não é... tão ruim? Isso é tipo, o quê, uma garota a

cada seis ou sete anos?

— Sim. — Zoey disse categoricamente. — Não é tão ruim. — Ela não parecia totalmente convencida.

Marion não se *sentia* totalmente convencida.

Ela fechou os olhos, tomou outro gole de água, e ouviu os sons da respiração de Zoey. Sua própria respiração parecia irregular, fraca; era difícil ficar parada ao lado da tensão furiosa que emanava do minúsculo corpo curvado de Zoey.

Quando Marion abriu os olhos, ela viu uma das minúsculas mariposas de asas pretas se soltar do teto e pousar no cabelo preto e laranja de Zoey. Ela empoleirou-se lá, as asas se movendo no ritmo da respiração de Zoey.

Seus pequenos sussurros de mariposa chegaram a Marion como o farfalhar da grama do prado. Marion sabia o que ela estava tentando lhe dizer: *Segura.*

— Eu sei. — Ela disse, e fechou os olhos com força, porque era humilhante e aterrorizante falar com uma mariposa e acreditar que ela poderia ouvi-la.

— O quê?

Marion abriu os olhos. A mariposa havia ido embora. Zoey estava olhando para ela. — O que você disse? — Ela repetiu.

— Você se lembra da... não-Marion?

Zoey moveu-se, se abraçando. — Sim.

— Eu vejo essas mariposas. — Marion correu a mão pelo cabelo. — Havia centenas delas, quando eu acordei e descobri que Charlotte havia desaparecido. Talvez milhares. Eu acho que… acho que elas estão tentando falar comigo.

Zoey a observou com os olhos arregalados. — Como o gemer dos ossos?

Marion assentiu lentamente. — Talvez eles tenham relação um com o outro, mas não tenho ideia do que isso significa ou por que, ou o que fazer, ou por que essas coisas estão acontecendo conosco e com mais ninguém. Mas... — Marion respirou fundo e continuou antes que pudesse se convencer a desistir. — Acho que posso conseguir algumas respostas. Talvez sobre as mariposas e a não-Marion. Talvez sobre Charlotte e Thora também.

— Como você vai fazer isso, exatamente?

Marion olhou Zoey nos olhos. — Val. Vou me aproximar dela, passar um tempo com ela. Se ela não tiver uma queda por mim, tudo bem, vou apenas insistir na nossa amizade até que aconteça. Ela não vai me rejeitar, ela vai sentir muita pena de mim para fazer isso. Ou se ela não tiver pena de mim, ela sentirá que deve pelo menos agir como se tivesse. Mas se ela *tiver* uma queda por mim...

Marion hesitou. Um conjunto de imagens passou por seu cérebro: a adorável pele de Val, sua boca carnuda, seu corpo longo e esguio de corredora, a sensação de seu corpo quente pressionado ao lado de Marion naquele banco no penhasco.

— O quê? — disse Zoey — Você vai seduzi-la ou algo parecido?

Com as bochechas enrubescidas, Marion tensionou o queixo. — Se isso nos der respostas, então sim.

Zoey suspirou. — Você poderia talvez ter acesso a cômodos em Kingshead que ninguém mais conhece.

— E talvez descobrir mais sobre aquele cômodo embaixo da biblioteca.

— E também conhecer a mãe dela e tentar conseguir informações. — Zoey chacoalhou a cabeça e olhou pela janela. — Essa mulher deve ter uma centena de negócios suspeitos acontecendo a todo tempo. Você não consegue ficar tão rica sendo uma boa pessoa.

De repente, Marion se lembrou das palavras de Val: *Eu conheço a sensação de estar presa desse jeito.*

— Com base na conversa que tive com Val na outra noite — Disse Marion lentamente. — me pergunto se a Sra. Mortimer *está* tramando algo terrível e Val talvez esteja envolvida, mas não quer estar.

Zoey bufou. — Val tem dezessete anos. Se ela está envolvida em algo terrível, ela tem idade suficiente para fazer algo a respeito disso.

— Não tenho certeza se isso está totalmente certo...

— Não sinta pena dela. — Zoey desviou os olhos da janela para fitar Marion. — Se você vai fazer isso, tem que me prometer: não deixe ela te enganar. Não a deixe mudar você.

Marion se arrepiou ligeiramente. — Ninguém pode me mudar sem o meu consentimento.

— Isso é o que Thora sempre dizia também — Zoey respondeu, sua voz grossa. — e olha o que aconteceu com ela.

Por um longo tempo, nenhuma delas falou. Marion sentia como se seus pensamentos estivessem se aproximando perigosamente de um precipício, à frente do qual se estendia um abismo que bramia apenas uma palavra: o nome de Charlotte.

Ela fungou, piscou os olhos, enxugou o rosto – e então sentiu o colchão afundar quando Zoey se aproximou e enganchou seu braço no de Marion.

— Prometa que você vai ter cuidado. — Zoey sussurrou ferozmente. — Eu sei que você sente falta da sua irmã, mas ela não gostaria que você se machucasse também.

Que prazer era ter sido protegida por Zoey duas vezes, e agora se sentir amparada pelo calor do corpo forte de Zoey ao seu lado. Se sentir segura e que alguém se preocupava com ela, e até mesmo um pouco estimada – não pelo conforto que ela podia oferecer, mas pelo simples fato de sua existência. Sentir que Marion, a pequena montanha solene, tinha, pelo menos por um tempo, outra montanha na qual se apoiar.

Sem Zoey, Marion teria quebrado seu crânio nas portas de Lucy Mortimer.

Sem Zoey, o mundo desmoronaria.

Com Zoey, porém, talvez – talvez – o mundo continuasse girando.

Marion sussurrou: — Eu prometo. — Colocou seu dedo mindinho sobre o de Zoey, e apertou.

Zoey



A Segunda

Na manhã seguinte, Zoey acordou com a casa vazia e um bilhete preso na geladeira com um ímã:

Zo...
Volto para o almoço ao meio-dia. Lave a louça, por favor, e lave as toalhas.
Com amor,
Papai

Zoey amassou o bilhete.

Claro, ela lavaria os pratos.

E então ela iria bisbilhotar.

Se Marion era capaz de tramar e seduzir, então Zoey podia deixar de ser preguiçosa e encontrar aquele maldito livro.

E, talvez, experimentar esse novo talento para atirar objetos pesados que ela aparentemente possuía?

Ela chacoalhou a cabeça. *Foco, Zoey.*

Depois de ligar a lava-louças, ela levou o lixo até a lata perto da cerca, abriu a tampa e jogou o saco dentro. Ela ficou parada ali, com as mãos nos quadris, respirando com um pouco de dificuldade. Ela tinha dormido mal e não tinha conseguido comer o café da manhã.

Toda vez que ela fechava os olhos, sentia sua palma bater contra o peito de Val. Ela viu Val derrapando nas flores, e os olhares horrorizados de John e Peter.

— Esquece. — Zoey chacoalhou o corpo, os dedos das mãos e dos pés. — *Esquece*.

Tudo bem. Estava tudo bem.

E ficaria melhor assim que ela tivesse aquele livro em mãos.

Seu telefone tocou. Uma mensagem de Grayson:

Você está bem, Zo?

Zoey respondeu:

Ótima.

Outra mensagem chegou quase imediatamente, mas Zoey a ignorou.

Ela atravessou o quintal, de volta para a casa. Ela ficou esperando ansiosamente na cozinha até que as toalhas estivessem lavadas, depois jogou-as na secadora, e então esperou mais um pouco até secarem, dobrou-as e levou a pilha que pertencia ao pai para o banheiro, e colocou-as no armário.

E então, ao passar pelo quarto dele, pensando em onde começar sua busca, ela viu que a pilha de livros que seu pai mantinha em sua cômoda havia caído – os livros que ele estava lendo, os livros que ele logo começaria a ler. Uma cascata de livros no topo da cômoda, e um de pé no chão próximo à parede.

Isso era algo estranho, dada a irritante mania de arrumação de seu pai. Mas então, eram tempos estranhos em Sawkill, e talvez nem mesmo Ed Harlow quisesse parar e limpar seus livros antes de procurar por uma garota desaparecida.

Zoey endireitou os livros na cômoda, e se abaixou para pegar o que havia caído. Olhou para a direita ao se levantar. Congelou.

Abaixou-se lentamente.

Na lacuna entre a cômoda e a parede, havia uma porta. Uma porta entalhada na parede, trancada com uma pequena fechadura de combinação feita de prata.

Zoey colocou o livro na cômoda e ficou parada ali por um instante. Talvez fosse como a não-Marion. Talvez fosse uma não-porta. Ela olharia novamente e teria sumido.

Ela prendeu a respiração. E olhou novamente.

Não, ainda estava ali – uma porta, escondida atrás de uma cômoda que Zoey não tinha certeza se conseguia mover. Ela ficou ali olhando para ela, mexendo os dedos. Ela fechou os olhos com força e tentou invocar a mesma sensação furiosa e elétrica que experimentou atrás da delegacia.

Vamos, vamos, ela murmurou – pronta, em partes, para o retorno daquela força incrível, e, ao mesmo tempo, temendo isso. *Um poder de empurrar cômodas seria muito útil agora.*

Mas seus braços, suas mãos, sua pele permaneceram decepcionantemente mortais.

Ela suspirou e olhou para o teto. Qualquer que fosse a força que surgiu antes, ela aparentemente não estava mais interessada em ajudá-la. Talvez tenha sido como uma daquelas situações em que uma mãe, em um acesso de fúria materna, levanta um carro para salvar seu bebê? Zoey era a mãe e Marion o bebê?

Ela balançou a cabeça. *Foco.*

Ela tinha que mover a cômoda. Ela *precisava* fazer isso. Ela checou o telefone: onze e meia, uma mensagem de Grayson, e outra de Marion. Seu pai estaria em casa ao meio-dia.

Ela ignorou as mensagens, colocando o telefone no bolso.

Ela considerou esvaziar as gavetas; seria mais fácil de empurrar a cômoda. Mas ela duvidava de sua capacidade de colocar tudo de volta no lugar, e seu pai notaria.

Talvez isso não importasse. Talvez ela o confrontasse assim que ele entrasse pela porta.

Mas... apenas por precaução

Com a cômoda cheia, ela demorou cinco minutos para afastá-la da parede. Ela se agachou na frente da porta, olhou para a fechadura de combinação. Quatro números.

Ela tentou o aniversário dele. O aniversário dela. O aniversário da mãe dela. Os aniversários dos avós dela. Qualquer combinação números na qual conseguia pensar. Ela tentou a senha que bloqueava o telefone dele, a senha que bloqueava o telefone *dela*. A senha da porta da garagem. Seu código PIN do cartão, que ela aprendeu enquanto o espionava quando tinha onze anos. Ele nunca trocou o código.

Ela olhou para o telefone: 11:38.

— *Vamos*. — Ela bateu com a mão na parede.

Então ela se deu conta.

Tremendo um pouco, ela digitou os números na fechadura:

9-6-3-9.

Z-O-E-Y.

Certamente não?

A fechadura se abriu.

Com uma risadinha, Zoey puxou a trava. A porta se abriu para revelar uma escada de madeira que levava à escuridão.

Tremendo um pouco mais agora, ela ligou para Marion, e não se moveu até ouvir sua voz: — Oi, Zoey...

— Sim, oi. Ouça. — Zoey sentou-se na beira da soleira e passou suas pernas. Seus pés encostaram na escada. — Encontrei um cômodo secreto no quarto do meu pai, e estou entrando.

Silêncio. Então Marion disse — Que diabos?

— Exatamente o que eu pensei. Você pode ficar no telefone comigo? Caso... Eu nem sei. — Ela riu, descendo as escadas assustadoramente íngremes. Nenhuma lâmpada extravagante nessa passagem secreta. Carpetes lisos e escuros revestiam as paredes. Zoey sentia como se estivesse subindo na garganta de uma besta.

— Estou bem aqui. — Disse Marion. — Continue falando. Me conte o que você vê.

— Só para te informar, vou colocar você no viva-voz. Eu preciso da lanterna.

— O que você vê?

— Um monte de escadas. — Zoey olhou por sobre o ombro, para o quadrado escuro que era o quarto de seu pai. — Acho que minha casa tem um porão?

Ela seguiu a luz oscilante de seu telefone, e então chegou no último degrau. O chão estava sujo, coberto com tábuas de madeira soltas. O ar parecia úmido, como depois de uma chuva fraca.

Ela vasculhou o cômodo – pacotes de água engarrafada, caixas de suprimentos, um kit de primeiros socorros.

Armas penduradas em prateleiras na parede.

— Legal, legal. — Disse Zoey, sua voz soando um pouco estridente. — Meu pai é um sobrevivencialista em segredo, eu

acho?

— O que você está vendo?

— Água, suprimentos, alguns rifles automáticos, eu acho? Sabe. Coisas típicas de um abrigo. — Zoey moveu-se cuidadosamente ao redor do cômodo, sentindo o coração bater forte em seus ouvidos. — Posso só dizer que estou realmente perturbada com o número de cômodos secretos nessa ilha?

— E quantos deles nós encontramos nos últimos dias?

— É um talento raro que temos. Espera um pouco.

Zoey havia encontrado um computador. Não era um particularmente bom, mas Ed Harlow não era conhecido por seu conhecimento tecnológico.

Acima dele, pregado na parede acarpetada, pendia um enorme mapa-múndi.

E ao lado do teclado estava o livro preto de seu pai.

Ela olhou para ele, uma sensação de aperto e náusea bloqueando sua garganta.

— Zoey? — Marion perguntou, tensa. — Diga algo. Você está bem? O que é? — Zoey ouviu uma movimentação. — Estou indo aí.

— Não, espera. — Zoey sentou-se em uma cadeira giratória. Ela acendeu a luminária e ligou o computador. Ele chiou suavemente. Zoey tocou a capa de couro macia do livro preto. Ela lidaria com isso em um segundo.

Primeiro: o mapa. Ela tirou uma foto dele.

— Há um mapa-múndi aqui — Zoey disse a Marion. — E está coberto por uma grade.

— Uma grade? O que você quer dizer com isso?

Zoey não tinha certeza. Linhas vermelhas dividiam o mapa em setores, cada um deles numerado com a caligrafia meticulosa de seu pai. Pontos vermelhos espalhados pelo mapa como gotas de sangue.

— Ele dividiu a coisa toda em seções numeradas — Zoey sussurrou. — E há pontos vermelhos por toda parte. Centenas deles. Eles estão marcando… cidades, eu acho? Mas nem todos eles estão nas cidades. — Ela semicerrou os olhos e ficou na ponta dos pés. Havia detalhes demais para absorver. Ela estava em um *cômodo secreto* embaixo de sua casa. Seus olhos encaravam o

mapa como se ela tivesse caído em um sonho. — Alguns dos pontos estão no meio do nada. Alguns estão no oceano? Tem até um ponto na Antártica.

A pergunta feita em voz baixa por Marion veio como uma explosão: — Há um em Sawkill?

Os olhos de Zoey dispararam para a costa nordeste dos Estados Unidos, para a faixa de água que circundava Sawkill Rock.

Um ponto vermelho encarou-a de volta – brilhante e redondo no coração da ilha.

— Zoey?

— Sim. — Zoey balançou a cabeça, a mão sobre a boca. — Sim. Há um. Há um ponto em Sawkill.

Marion exalou. — Mas o que isso significa?

Zoey olhou para o telefone e viu uma notificação:

Uma mensagem de seu pai.

Na Windham e Irongate, dizia. *Esteja pronta para sair. Estamos indo para a delegacia.*

— Merda. — Zoey cuspiu. — *Merda*.

— O que é? Zoey...

— Meu pai estará em casa em dois minutos. Tenho que ir.

Zoey, desligou o computador, e apagou a lâmpada, correu para a escada. Ela se lembrou de que a cadeira estava encostada na escrivaninha, voltou, e colocou-a no lugar.

O livro preto.

Ela hesitou, e então agarrou-o e enfiou-o nas calças, por baixo da camisa. Ela subiu a escada, passou pela porta, fechou-a com força e trancou-a.

A cômoda.

Se ela demorasse muito para movê-la, se seu pai entrasse procurando por ela, como ela conseguiria explicar isso?

— *Merda*. — Ela arfou, empurrando a velharia estúpida o mais forte que conseguia. Os livros caíram mais uma vez. Ela deu um passo para trás, respirou fundo e avançou, preparada para se jogar contra a cômoda.

Mas ela se moveu sozinha, antes que ela pudesse alcançá-la.

Ela deslizou uns quinze centímetros pelo tapete, com Zoey ainda a trinta centímetros de distância.

Zoey, esperando acertar a cômoda, não acertou nada em vez disso, e cambaleou até se apoiar na borda da cômoda. Um suporte de livro caiu no chão, e mais livros caíram em seguida.

Seus dedos formigaram, quentes e prontos. Cordões gêmeos de energia percorriam a parte de trás de suas pernas, juntando-se na base de sua coluna e se estendendo como uma única corrente até o topo de seu crânio. Ela estava pegando fogo, mas de um jeito bom. Ela foi incendiada. Ela estava *fervendo*.

Sem fôlego, rindo um pouco, chorando um pouco, ela sorriu para as mãos.

Então, do lado de fora, a porta de um carro bateu.

Suas costelas apertaram seus pulmões em um pânico repentino. Ela agarrou os livros caídos, colocou-os de volta no lugar, endireitou-os, se virou, e saiu correndo.

Espera.

Ela congelou na porta do quarto.

Os livros não estavam organizados antes. Eles estavam em uma pilha bagunçada, que foi o que chamou sua atenção em primeiro lugar. Um estava no chão. Mas qual deles?

Ela vasculhou furiosamente em sua memória até que a imagem do livro caído veio à sua mente, retornando ao seu devido lugar como uma chave em uma fechadura.

No final do corredor, do outro lado, a porta da frente se abriu. — Zo? Você recebeu minha mensagem?

— Sim, um segundo! — Zoey gritou. — Estou guardando as toalhas!

Ela desarrumou os livros, torcendo para que parecessem certos, e então arrumou o que havia caído no chão: *Uma Dobra no Tempo*. Um dos livros favoritos de Zoey de todos os tempos. Ela havia irritado incessantemente seu pai para lê-lo. até que, finalmente, cerca de um mês atrás, ele jogou as mãos para o alto e disse com um suspiro ofendido: — Ok, tudo bem, eu o lerei. Mas, Zo, por favor, não fique brava se eu não gostar.

Ela colocou o livro nas mãos dele. — Não posso te prometer isso, cara.

Zoey enxugou a testa, respirou fundo três vezes para tentar se acalmar, e então saiu do quarto do pai e virou no corredor, limpando

as mãos com um floreio.

— Toalhas limpas, dobradas e devolvidas aos seus lugares. — Ela proclamou. — Quem é a melhor filha do mundo?

Então ela congelou. Seu pai estava parado na porta da frente, parecendo chocado. Uma onda quente e desconfortável inundou seu corpo. — Papai?

— Outra garota desapareceu. — Cada palavra dita parecia aprofundar mais as linhas cansadas de seu rosto. — Jane Fitzgerald.

Uma lembrança — Jane embaixo da Caída com Harry Windemeier, aranhas caindo como flocos de neve escuros em sua pele.

Zoey ficou em silêncio por conta do choque, desorientada, então ouviu ao longe o forte tamborilar de seu coração e o seguiu de volta para si mesma.

— Oh, papai. — Ela não queria fazer isso, não mesmo, não agora, mas teria feito, antes de descobrir o covil de seu pai. É o que ele imaginava que aconteceria, o que ele esperava. Parte dela queria confrontá-lo de qualquer maneira, jogar o livro em sua cara e gritar com ele até que explicasse por que tinha um cômodo secreto, o que o mapa significava, e por que estava escondendo tudo isso dela.

Em vez disso, ela se aproximou, jogando os braços ao redor dele. Pelo menos ela não tinha que fingir o tremor em sua voz. — Caramba. O que está acontecendo?

— Eu gostaria de saber, Zo. — Ele sussurrou, e quando seus braços a envolveram, Zoey teve que lutar contra o desejo de se afastar de seu toque.

Val



A Imprudente

Depois de Jane, ele se recuperou em duas horas e meia.

Sua forma mudou, em lampejos de meio segundo – de Dr. Wayland para garoto, para respingos de sombra, para seu antigo zelador negro com uma nuvem de cabelos brancos, para a própria avó de Val, e de volta para a escuridão da floresta. Então o ciclo começou de novo, e de novo – um filme horripilante em um ciclo rápido.

E Val percebeu, com uma sensação desoladora, que ele estava *brincando*.

Ele podia mudar de forma facilmente agora, como estalar os dedos e de repente estar vestindo uma roupa nova em um piscar de olhos, e claramente isso o alegrava. Como o garoto loiro, ele saiu alegremente dentre as árvores, rindo tanto que seu rosto ficou vermelho. Ele desabou no meio das pedras, apertando a barriga e se contorcendo de alegria.

Rangendo os dentes, buscando a calma que não viria, Val começou a limpar as evidências de sua alimentação. Era um processo que levaria dias para ser concluído, mas ela gostava de começar imediatamente.

Além disso, ela queria ver quanto tempo ele levaria, dessa vez, para recuperar o controle sobre seu corpo. Antes, ele precisaria de

horas, dias, *semanas*.

Ele a pegou lançando olhares furtivos para ele.

— Você vê algo de que gosta, Val? — Ele perguntou, agora como o Dr. Wayland, deitado na lama com os olhos vidrados, os lábios sujos de sangue, a barriga redonda. Ele palitou os dentes com um dedo longo e branco. Então levantou-se, espreguiçou-se, flexionou os músculos, e estalou as juntas do pescoço e dos ombros. O ar ao redor dele pareceu estremecer. Uma onda de movimento passou sob sua pele pálida, como se seus ossos estivessem se rearranjando.

— Eu só estava me certificando de que você teve tudo que precisava. — Val respondeu calmamente, recolhendo os pedaços de roupas rasgadas de Jane do mato, tentando não pensar sobre ela, tentando não pensar em Zoey atirando-a atrás da delegacia de polícia, tentando não pensar em nada além de seus próprios pés no chão sólido, e suas mãos sujas de sangue.

— Você está preocupada que tudo isso acabará em breve. — Respondeu ele. — Que não precisarei de você.

Val não confiava em sua voz o suficiente para respondê-lo. Seu estômago se contraiu, como se ele tivesse cravado as garras em suas entranhas e lhes dado um puxão, apenas para lembrá-la de que ele podia fazer isso.

Quando as mãos dele seguraram seus ombros – quentes, paternais, escorregadias – ela se encolheu. Um ruído estridente e úmido penetrou na clareira como o bater de asas escuras cintilantes.

— Você está certa em se preocupar. — Disse ele finalmente, sua voz clara e nítida. Ele não tinha mais o murmúrio engasgado; ele havia se recuperado, e tão rapidamente que Val teve vontade de rastejar para dentro das árvores e nunca mais sair. — Em breve tudo mudará.

Val levou dez segundos para conseguir falar. — Quanto tempo? — Ela resmungou. — Quanto tempo ainda temos?

Ele não respondeu.

Ela se virou para encontrá-lo e viu apenas uma coroa preta de galhos, balançando tristemente ao vento.

Val normalmente não se importava com o sangue em suas mãos, mas dessa vez era diferente. Dessa vez ela não conseguia removê-lo, não importa o quão ferozmente ela esfregasse as mãos sob a água escaldante da torneira.

— Eu não entendo. — Ela sussurrou, olhando para as palmas das mãos avermelhadas.

— Não entende o quê?

Val ergueu a cabeça. Ela estava sentada no chão, com as costas pressionadas contra a colcha branca com babados, e lá estava sua mãe, parada na soleira de seu quarto, blusa branca e saia lápis azul marinha limpas e cachos loiros definidos presos na nuca.

— Não consigo parar de pensar nisso dessa vez. — Val explicou, e percebeu tarde demais que era estúpido confessar tal fraqueza, mas ela parecia não conseguir calar a boca. — Não consigo parar de ver o rosto dela. — Ela ergueu as mãos e olhou para a mãe por entre os dedos vermelhos trêmulos. Era pele queimada ou o sangue de Jane? — Eu não consigo remover isso. Não consigo remover Jane de mim.

Por um longo instante, Lucy Mortimer ficou parada na porta e avaliou a filha. Então ela atravessou rapidamente o quarto, os saltos silenciosos no tapete grosso, e deu um tapa tão forte em Val que sua cabeça quase voou do pescoço. Não teria sido uma coisa tão ruim, perder a cabeça. Ela havia pensado nisso antes – provocar tanta raiva em sua mãe que ela faria a Val o que Val não conseguia encontrar coragem para fazer a si mesma.

Val olhou para ela. O tapa fez surgirem lágrimas em seus olhos. Ela não conseguia encontrar forças para escondê-las.

— Ele me disse que não temos muito tempo. — Ela sussurrou. — Ele disse que deveríamos nos preocupar.

O rosto de sua mãe era uma máscara de porcelana com muitas rachaduras, abatido demais para os cosméticos esconderem. Ela sempre ficava assim enquanto ele digeria, quando ele estava mais vulnerável e recorria à força vital dela para se estabilizar. Uma de suas mãos estava sobre o abdômen, como se para aliviar cólicas. O estômago da própria Val doeu em simpatia; ela não sentia o esgotamento de suas forças tão intensamente quanto sua mãe, mas sentia o suficiente para temer o futuro.

— Ele precisará de mais uma, eu acho. — Disse a mãe, sua voz firme e apressada. — Talvez duas. Três, se tivermos sorte.

Val riu, o que fez sua bochecha sensível doer. — Quando foi que tivemos sorte?

Mas a mãe de Val não se comoveu. — Recomponha-se, Valerie. — Ela disse, tensionando o queixo, e então endireitou sua camisa e saiu do quarto sem olhar para trás.

Então Val o fez. Ela se recompôs.

Ela endireitou os ombros, ergueu o queixo e se despiu. Ela tomou um banho em silêncio, a água escaldante atingindo seu corpo, que não havia pertencido verdadeiramente a Val desde que ela nasceu, nem mesmo por um segundo.

Ele é dono do seu corpo, sua avó tinha dito a ela, *e da sua mente, mas ele não é dono da sua alma, Val. Não de toda ela.*

Sua avó era uma maldita mentirosa.

Val aplicou condicionador em seus longos cabelos dourados, hidratou a curva delicada de sua mandíbula e suas maçãs do rosto acentuadas, e depois se alongou no tapete de seu quarto. Ela vestiu calças de ginástica, um sutiã esportivo e uma regata cinza solta. Quando saiu, calçou suas galochas e foi para os estábulos trabalhar. Ela mal percebeu que seu corpo doía, sensível por conta do banho castigador. Mal notou o barulho dos cavalos em suas baias enquanto tirava a palha velha e o esterco, e colocava palha nova e fresca que cheirava a verão, cavalos e vegetação fresca. O exato oposto da podridão e ruína fervilhando dentro dela.

Ela notou quase nada.

Razão pela qual não percebeu que alguém havia entrado nos estábulos, até que sentiu uma mão delicada em seu braço.

Val girou, o cabelo suado grudado em suas bochechas coradas, pronta para girar a pá e arrancar a cabeça de qualquer um que olhasse para ela de modo estranho.

Mas era apenas Marion.

Ao vê-la, o coração de Val se partiu em dois. Metade dele ficou silenciosamente animado e flutuando, como se ela estivesse descendo em uma montanha-russa que Val não imaginou que iria.

A outra metade afundou até a ponta de seus pés, desenhando linhas de falha macabras em seu corpo.

Ela resistiu ao impulso de esconder as mãos atrás das costas. Ela estava usando luvas, mas mesmo assim, Val não tinha esfregado os dedos bem o suficiente, nem um pouco. Se Marion desse uma olhada nelas, veria aquelas manchas teimosas de sangue coagulado e as reconheceria:

Resíduos de Jane. Partes persistentes de Thora.

Os ecos de Charlotte.

— Marion. — Val disse suavemente, dando um passo para trás. — Ei.

— Eu queria ver se você estava bem. — Disse Marion, os olhos cinzentos fixos no rosto de Val.

— Se eu estava... bem? Você quer dizer...

— Jane. — O rosto pálido de Marion estava tão abatido e tenso que fez o estômago de Val embrulhar. — Eu ouvi falar sobre Jane.

Val se apoiou contra a pá. Sua boca e nariz estavam cheios dos odores familiares de cavalo que, de repente, a fizeram querer vomitar. O odor bestial dele permanecia nela? Marion podia sentir o apetite voraz dele?

— Ei. — Marion se aproximou, pegou a pá de Val e a colocou de lado. — Me desculpa, eu não queria... Por que você não se senta por um segundo?

— Eu não quero sentar. — Val sentia suas pernas trêmulas, descolada e desajustada. Ela sempre se recompôs perfeitamente, exatamente como sua mãe queria, assim como foi ensinada, e agora nada estava funcionando como deveria.

Fantasmas de garotas invadiram o cérebro de Val. Ela não conseguia ouvir nada além de seus lamentos, clamando por sua condenação.

Marion ficou por perto, as mãos se contorcendo em sua cintura. — Sinto muito por Jane. Eu não sei o que dizer. Todo mundo está surtando, eu... Deus, Val, o que nós vamos fazer?

— Estou tentando não pensar sobre isso. — Disse Val concisamente.

Pensar no que exatamente, Val?

Sobre o que aconteceu.

Sobre o que ela fez.

Oh, o quanto Jane havia gritado. Ela chamou o nome de Val vinte e três vezes, implorando por ajuda, por misericórdia

Bem. Vinte e três e meio. E então...

— Val. — Marion se aproximou, analisando o rosto de Val. — Você está chorando.

Val se virou, arrancando as luvas. Marion veria o sangue, os restos de carne e pedaços de uma garota? Val não se importava. Ela não conseguia usar aquelas luvas nem por mais um segundo, não conseguia suportar a sensação do tecido grosso prendendo seus dedos. Ela olhou para as unhas – limpas e brilhantes, longas o suficiente para arranhar. Talvez se ela arrancasse os próprios olhos, parasse de ver o rosto de Jane.

Mal parecia um rosto, no final.

— Não estou. — Val disse, seu corpo tão rígido que parecia prestes a quebrar.

Marion segurou os dedos de Val nos dela. — O que eu posso fazer?

— Você? — A risada de Val era cruel. — Você perdeu sua irmã. Sou eu quem deveria estar te ajudando.

— Para com isso, Val. Você não me engana.

Val congelou. Ela se virou e viu a respiração de Marion prender na garganta. Val havia praticado choro na frente do espelho vezes o suficiente, para saber que ela era uma das poucas afortunadas que ficava ainda mais linda quando chorava.

— Jane era sua amiga. Dor é dor. Não é uma disputa. — Marion balançou a cabeça, seu olhar atento. — Eu nunca sinto que posso surtar perto da minha mãe, por causa de tudo o que aconteceu. Ela precisa que eu seja forte. Eu olho para ela e penso comigo mesma, *Recomponha-se, Marion*.

Val observou Marion, mal ousando respirar. *Recomponha-se, Valerie.*

— Não quero que você se sinta assim perto de mim, Val. — Disse Marion, com um sorriso tímido. — Você não precisa ser forte. Você pode ser o que precisa ser.

E de repente Val soube exatamente o que ela precisava.

— Diga o meu nome de novo. — Val sussurrou. Calor se espalhou em seu interior; um formigamento se alastrou desde sua

barriga até a coluna e os dedos. Isso era imprudente, isso não era o que ela havia sido instruída a fazer. Ela estava destinada a Collin Hawthorne. Ele era um partido bom e respeitável e seria útil para ela. Algum dia ele lhe daria uma filha, e a linhagem continuaria.

Ou, pelo menos, esse era o plano.

Mas agora? Agora, em breve, *ele* se libertaria de Val e sua mãe, e elas não seriam mais necessárias.

Talvez ele matasse Val, só porque podia.

Talvez a ignorasse, e deixasse ela fazer o que quisesse.

Deixasse-a beijar quem quisesse?

Quando Marion se aproximou, e disse mais uma vez — Val — tão perto que os lábios dela roçaram sua bochecha, Val fechou olhos e passou os braços em volta dos ombros de Marion, e não se importou com nada além da leve pressão dos lábios de Marion, a coxa quente dela entre as suas, a parede sólida contra suas costas.

Com as mãos de Marion em suas bochechas, Val esqueceu que seu sangue era sombrio e perverso.

Com Marion sussurrando seu nome contra seu cabelo, Val se sentiu radiante e limpa como o amanhecer.

Marion



A Entrada

Em retrospecto, provavelmente não foi uma atitude sábia beijar Val.

Mas, céus, o beijo tinha sido bom.

Não deveria ter sido bom; era para ter sido um artifício, uma farsa. Ela não tinha planejado beijar Val, mas quando chegou o momento, ela pensou, certo, toda essa coisa de se aproximar de Val não poderia ter se desenvolvido mais lindamente, não é?

Então Val se derreteu sob seu toque, e soltou um pequeno suspiro irregular de alívio contra a boca de Marion, e o corpo de Marion imediatamente se transformou em algo bestial e divino – os nervos tensionados e as pernas bambas como gravetos, seu cérebro focado no calor escorregadio e oscilante que ela só havia experimentado em suas fantasias mais particulares.

Por um momento, Marion havia se esquecido de seu telefonema perturbador com Zoey e do fato de que o Chefe Harlow tinha seu próprio cômodo secreto. Ela havia esquecido que Charlotte desapareceu, que seu pai estava morto, que sua mãe existia em uma névoa obscura de dor. Ela havia esquecido que só deveria se aproximar de Val para extrair informações dela.

Enquanto beijava Val, Marion havia se sentido, simples e deliciosamente, como uma garota.

A noite havia chegado no primeiro dia do desaparecimento de Jane. Marion estava sozinha, recém-beijada, a sombra de um sorriso em seus lábios e a sensação do toque de Val na curva de suas costas.

Ela vagou pelas terras de Kingshead, esperando que o luar e a brisa do mar esfriassem sua pele e a fizessem retornar a uma forma manejável. Do contrário, ela não tinha certeza se caberia na cabana; o ar desagradável naquela casa não era adequado para ser respirado por uma fada como ela. Ela brilhava com uma vitalidade que não sabia que possuía.

Ela havia tirado os sapatos nos degraus dos fundos e agora vagava descalça pela grama molhada – preta e pegajosa, orlada de prata pela lua. A terra fria permeando as solas de seus pés; ela engoliu em seco e saboreou o sabor argiloso e sombrio da floresta.

Então ela ouviu uma fungada baixa, como a de um animal procurando vermes em meio à umidade. Ela havia chego em uma das pastagens - vasta e ondulante, uma imitação brilhante e trêmula do oceano.

Marion congelou.

Uma besta estava observando-a.

Um cavalo, de pelagem escura como fuligem e enorme. Marion o reconheceu como um dos garanhões premiados de Mortimer, um dos melhores do mundo. Ele estava parado do outro lado da cerca do pasto, com as orelhas em pé, alerta. Com o casco dianteiro direito, ele bateu no chão úmido, raspando tiras de lama.

— Olá. — Ela se forçou a sussurrar. Acalme a besta. Diga a ele que você é uma amiga. Esse cavalo não era Nightingale, mas fazia Marion se lembrar daquele dia horrível, no entanto.

Como se em resposta às suas memórias, o gemer dos ossos retornou. Ela caiu no chão em um desespero silencioso, levantando as mãos automaticamente para cobrir os ouvidos. O gemido alto soou, tão penetrante que entalhou sulcos em seus dentes. À distância veio o forte bater das asas dos besouros, o canto das cigarras. A terra parecia tremer sob seus pés descalços.

O gemido estava subindo de dentro da terra, pensou Marion. Ele se estendeu da lama, agarrou seus ossos e os sacudiu até gritaram.

— O que você está tentando me dizer? — Ela murmurou. — O que você *quer*?

Um silêncio repentino se fez no pasto – sem pássaros, sem insetos. Apenas o gemer dos ossos, zumbindo, e um peso transbordante e silencioso, como o mundo prendendo sua respiração.

Atrás de Marion, nas árvores, um galho se partiu. Um peso atingiu o chão. Algo pesado caindo das árvores?

Corra.

O cavalo chutou a cerca do pasto.

Marion levantou a cabeça.

Ele chutou a cerca novamente.

Um som lancinante entrou por um dos ouvidos de Marion e saiu pelo outro. Ela cambaleou para longe da cerca, de volta para a floresta. Talvez se ela corresse, o som de seus pés suavizaria a dor. E se ela corresse rápido o suficiente, talvez o gemer dos ossos não fosse capaz de alcançá-la.

O cavalo empinou, seus olhos selvagens. Com as patas traseiras primeiro e depois com as dianteiras, ele chutou a cerca como um prisioneiro decidido a escapar de sua cela, mesmo que ele tivesse que quebrar todos os ossos para conseguir fazer isso.

— Para. — Marion arquejou, piscando com força para se livrar das explosões de dor em seus olhos. Ela estendeu a mão para o cavalo, seu braço tremendo. — Para, está tudo bem! Está tudo bem!

Mas o cavalo não parava, e a cerca estava se despedaçando. Quando ele soltou um grito estridente de medo, Marion viu uma luz acender dentro de Kingshead.

A cerca se despedaçou, madeira preta voando. O cavalo correu. Um pedaço irregular da cerca destruída raspou a lateral de seu corpo enquanto ele fugia.

E Marion o seguiu.

O gemer dos ossos disse a ela para fazer isso. Uma força física o acompanhava naquela noite – uma mão abrasadora, invisível, mas inconfundível. Essa mão se ergueu do chão como uma carga elétrica e a estapeou entre as omoplatas. Ela a empurrou, se enganchou em seus ossos e puxou, e disse, com uma leve sacudida, *Vá.*

Não era possível ela acompanhar um cavalo; ela era um mero ser humano, e a coisa mais distante de uma corredora. Mas ela moveu suas pernas vigorosamente, ignorando os lampejos de dor nos joelhos, enquanto seus pés descalços batiam contra o solo rochoso. Galhos pretos molhados atingiam seu rosto, criando linhas vermelhas em seus braços.

O cavalo estava correndo pela Floresta de Kingshead como se fosse o fim dos tempos. Marion continuou correndo atrás dele, embora o cavalo já estivesse tão longe que havia desaparecido entre as árvores. Ela sentiu uma dor sob as costelas, seus pulmões eram estruturas gêmeas repletas de fogo. Sempre que seus pés tocavam o chão, energia subia para seus joelhos. Suas pernas não conseguiam acompanhar o ritmo. Sua visão escureceu, falhando. Ela tropeçou em uma raiz de árvore, saindo da floresta, e entrando em uma experiência extracorpórea:

Ela havia chegado ao extremo norte da ilha – além de Kingshead, além da velha fazenda Breckenridge. Ela emergiu das árvores perto do Parque Aurora, um pequeno parque infantil com balanços vermelhos que ofereciam a melhor vista do mar do norte.

Não era possível. Ela correu por... cinco minutos, talvez?

E esses penhascos, eles ficavam a quilômetros de distância das pastagens de Kingshead.

Adiante, o garanhão Mortimer saltou uma cerca viva e pousou errado. Marion ouviu um estalo chocante, e mesmo assim o cavalo continuou, seu andar irregular, favorecendo uma de suas pernas.

— Espera! — a voz de Marion falhou. Ela atravessou o parque, passou pelos balanços e os fez voar. — Para, por favor!

Mas o cavalo, se a ouviu, não tinha intenção de parar. Sem emitir outro som, sem pausa, ele pulou a pequena cerca que impedia as crianças de mergulharem em direção à morte e se jogou do penhasco, para dentro do oceano.

Marion caiu de joelhos e envolveu a cabeça com os braços. Ela estava tremendo no chão. As solas de seus pés estavam queimando, e seu corpo estava marcado pelas unhas da floresta.

— Me ajuda. — Ela sussurrou. O gemer dos ossos ficou mais alto, sacudindo-a da cabeça aos pés. Ela tentou empurrar seus pensamentos contra ele, como fechar uma porta contra o vento

forte. Ela estremeceu no chão frio e úmido quando a luz do dia surgiu no Leste. O gemer dos ossos era estrondoso em seus ouvidos, e quando ela se apoiou no chão, sentiu uma força se erguendo sob ela, como se a terra fosse se partir em duas.

Uma força estática aguda a agarrou. O choramingar estridente do gemer de ossos explodiu em um silêncio vibrante e quente.

Marion abriu os olhos.

Ela não estava mais na lama perto dos penhascos onde o cavalo havia saltado.

Ela estava em uma praia, mas não em uma praia de Sawkill.

Essa praia era branda e branca. A água atingindo sua costa era um âmbar ondulante, como piscinas de ouro aquecido. Acima, nuvens finas como uma pena riscavam um céu lilás. No horizonte distante, pedaços de terra brancos e íngremes como geleiras pairavam no ar, cobertos por estruturas cintilantes.

Marion estremeceu. Estava frio nesse lugar. Ela se moveu na areia, deslocando uma fina camada de neve, e olhou em volta.

Detritos estavam espalhados pela praia – destroços, talvez de barcos? Aviões? Uma hélice. Lixo, trazido pela água – um Frisbee, um caminhão de brinquedo, um volante, um capacete.

Pilhas de roupas.

Pilhas de *ossos*, carbonizados e amontoados.

Um sussurro veio de sua esquerda. Marion virou a cabeça.

Árvores brancas e cheias pontilhavam um campo de relva azul brilhante. As árvores eram vizinhas rurais com um espaço longo e silencioso entre elas, seus braços ossudos e sem folhas estendendo-se tortuosamente em direção ao céu.

À sua direita: um clique baixo e suave como o bater da língua nos dentes.

Marion gritou e se virou para a direita. Seus membros cederam. Sua bochecha se chocou contra a areia coberta de neve. *Casa*, gritou seu cérebro, desesperado por isso. *Segura.*

O mundo mudou. Ele escureceu e parou. Não havia mais praia, grama sussurrante e nem gelo no céu.

Ela estava em seu quarto, na cabana da governanta, em Kingshead.

Suas roupas estavam encharcadas com orvalho e suor, e seus pés estavam em brasa e latejavam. Ela os deixou em carne viva, correndo atrás do cavalo condenado.

Uma mariposa pousou no tapete diante de seu rosto, observando-a tremer. Suas antenas inspecionaram a ponta de seu nariz. *Sssss, sssss*, sussurrou o bater silencioso de suas asas pretas.

Então a mariposa disse: *Esse é apenas o começo.*

Zoey



A Ligação de Celular

Zoey sentava de pernas cruzadas em sua cama, o livro do pai em seu colo e seu coração batia forte contra o esterno.

A voz de Grayson veio através de seu telefone: — Há muito texto para traduzir aqui, Zo. — Ela ouviu os cliques do computador dele enquanto ele rolava e ampliava as imagens que ela havia enviado para ele. Ela tirou fotos das primeiras vinte páginas, mais ou menos, do livro e as enviou para Grayson e Marion. — Isso vai levar um tempo.

Zoey gentilmente folheou as páginas frágeis do livro. – passagem após passagem de texto em latim. – Bem, que bom que você estudou, o quê, três anos de latim agora? Como um grande idiota.

— Um idiota cujos serviços você precisa desesperadamente. — Grayson apontou.

— Não force, amor. Basta começar a trabalhar.

— Sim, capitã. — respondeu Grayson, em um terrível sotaque escocês. — Vou dar o melhor de mim.

Zoey revirou os olhos, sorrindo mesmo assim. — Não me faça rir. Estou muito assustada para rir agora.

— O que Marion diz sobre tudo isso?

— Eu não sei ainda. Ela não está respondendo minhas mensagens. — Zoey olhou para o relógio em sua mesa de cabeceira com uma pontada de preocupação. Dez e meia da manhã já. Marion dissera que viria às nove para tomar o café da manhã e analisar o livro.

— Tem mais páginas do que apenas estas? — Grayson perguntou. — Você tirou fotos de todas elas?

— Ainda não, — Zoey disse, distraída, olhando para fora da janela. — mas sim, tem muito mais...

Uma pequena mariposa branca estava flutuando silenciosamente no céu pálido da manhã, e de repente Zoey estava interessada em mais nada. Ela a observou descer com mais ansiedade do que a visão de uma mariposa normalmente justificaria.

Mas ela não conseguia tirar as palavras de Marion da cabeça:

Eu vejo essas mariposas.

Acho que estão tentando falar comigo.

Ela também não conseguia silenciar seus próprios pensamentos giratórios:

Eu posso jogar garotas.

Posso mover cômodas sem tocá-las.

— Zo? — Veio a voz de Grayson. — Você me ouviu?

Zoey o ignorou, paralisada pelos olhos negros cintilantes nas asas brancas da mariposa. Agora era um mundo pequeno - um mundo só para ela e para a mariposa.

A mariposa parou, pairando sete centímetros acima do parapeito da janela. Quando falou, sua voz era distante e pequena, como a de uma criança gritando a quilômetros de distância:

Corra.

De repente, Zoey sentiu olhos em suas costas.

Ela se virou para encontrar o olhar furioso de seu pai, que estava na soleira de seu quarto.

E lá estava o livro roubado, deitado em seu colchão.

E havia a voz de Grayson, no telefone: — Zo? Zoey, você está me assustando. Você está aí?

A mariposa vibrou na nuca de Zoey. *Corra!*

Mas Zoey hesitou. Esse era seu pai, afinal de contas. Ela encolheu os ombros um pouco e ofereceu-lhe um sorriso tímido. —

Você deixou seu livro jogado de novo.

Seu pai não retribuiu o sorriso. Suas mãos estavam fechadas em punhos apertados.

— Aquele livro, — Ele respondeu calmamente. — não é pra você, Zoey. Você precisa ficar fora disso.

Zoey ergueu o queixo, arrepios pipocando como estática para cima e para baixo em seus braços. — Ficar fora do que, papai? O que está acontecendo? Quem escreveu isso?

Ela quase perguntou a ele sobre o quarto no andar de baixo, mas era possível que houvesse mais lá embaixo para ser encontrado.

Ela segurou a língua e perguntou: — O que você não está me dizendo?

Seu pai balançou a cabeça, os ombros tensos e eretos. O ar tranquilo do quarto de Zoey estalou, pronto para pegar fogo.

A voz de Grayson quebrou o silêncio: — Zoey, estou indo. . .

O pai de Zoey se lançou para o livro.

Zoey tropeçou em sua cama para a janela.

Sua mente explodiu em mil pensamentos frenéticos: ela poderia rastejar para o telhado e descer a treliça do convés para o quintal. Sua bicicleta estava encostada na cerca. Ela iria pedalar para... onde? Para segurança.

Para Grayson?

Não. Para Marion.

O instinto de Zoey gritou isso para ela, ou talvez fosse a mariposa gritando com ela com sua estranha voz de mariposa: *Para Marion. Para Marion*.

Ela estava na metade do caminho para fora da janela quando seu pai agarrou seu tornozelo direito e a puxou de volta para ele. Ela chutou cegamente com a perna esquerda. Seu calcanhar com meia bateu em sua mandíbula, ele grunhiu de dor e a soltou.

— Zo, qual é o seu problema? — Ele choramigou.

Mas Zoey já estava no telhado, enfiando o telefone no bolso e a capa de couro macio do livro entre os dentes. Pendurou como uma coisa morta pesada de sua boca enquanto ela se agachava na beira do telhado. Ela se virou e se agarrou à calha com as mãos escorregadias, procurando apoio na estrutura do convés. Cinco

segundos depois, ela estava caindo no convés, lágrimas de alívio em seus olhos – *eu não morri, continue correndo* – e então ela chutou o portão, exceto que ela não chutou isso, ela simplesmente pensou sobre isso. Ela esticou a perna e o portão se abriu antes que seus dedos dos pés tocassem. Ele se abriu com tanta força que se chocou contra a cerca, balançando violentamente. Zoey deixou escapar um pequeno soluço, saltou para a bicicleta e saiu em disparada para a garagem.

A porta da frente bateu. Ela olhou por cima do ombro e viu seu pai descendo apressado os degraus da varanda. Ela soltou um suspiro frenético e percebeu em algum momento de sua escalada que havia deixado cair o livro.

Não importava.

Grayson tinha as fotos. Assim como Marion.

Além disso, ela não correu para esconder o livro do pai.

Ela correu porque, pela primeira vez em sua vida, ela teve medo dele.

E porque a mariposa havia dito a ela.

Grandes deusas do universo, Zoey pensou, um pouco histericamente, *estou ouvindo mariposas. Posso abrir portões com a minha mente, e também estou ouvindo mariposas.*

Ela olhou para trás mais uma vez. Na entrada da garagem, seu pai se abaixou para recuperar o livro caído.

Zoey continuou pedalando, sem parar até chegar à beira de Heart Woods, no centro de Sawkill. Ela freou com força, deixou a bicicleta caída no chão e caminhou em círculos por entre as árvores até que o mundo voltasse para ela – céu azul, grama verde, árvores pretas que zumbiam e sussurravam como se estivessem tendo uma conversa secreta com o mar.

Zoey tirou o telefone do bolso e sentou-se no chão sob um raio de sol. Ela desligou a chamada com Grayson em algum momento, e agora tinha dezessete mensagens frenéticas dele, mas ele teria que esperar.

Com uma rápida pesquisa online ela encontrou o número que procurava. Seus olhos ardiam enquanto ela discava, mas se ela piscasse, poderia perder o controle.

Desde a morte de Thora, ela ouvia os sussurros maldosos sobre seu pai. Primeiro Natalie, eles disseram, depois Thora, e agora? Agora Charlotte e Jane.

Incompetência, era a palavra que ela ouvia com mais frequência. Também *negligência*.

Zoey sempre foi a primeira a intervir e defender seu pai para qualquer um que revirasse os olhos para ele, o que não ajudava exatamente em sua popularidade.

Mas agora havia a questão da sala secreta, o mapa vermelho, o livro preto.

Agora, Zoey não sabia o que pensar – exceto que não estava sendo feito o suficiente. Três garotas morreram em um período de oito meses? Ela não achava que conseguiria olhar o pai nos olhos por tempo suficiente para lhe dizer que ela, uma escritora fracassada de dezessete anos, não achava que ele estava fazendo seu trabalho da maneira que deveria.

E que ela, sua filha, não achava que podia confiar nele.

Que ela tinha ainda mais do que um pouco de medo dele.

O celular parou de tocar. Uma voz gravada nítida anunciou: — Você ligou para o escritório de campo do Serviço Federal de Investigação de Boston.

Zoey exalou e seguiu as opções do menu. Quando ela finalmente alcançou um humano, era uma mulher. Ao som de sua voz, Zoey piscou finalmente; suas lágrimas transbordaram e ela apertou o telefone contra o rosto como um tesouro precioso.

— Oi. — Ela disse, trêmula. — Meu nome é Zoey Harlow. Z-O-E-Y. Harlow com um W. Eu moro em Sawkill Rock. Eu preciso reportar duas garotas desaparecidas.

Houve um longo silêncio. Zoey verificou seu telefone para se certificar de que a ligação não caiu. — Olá?

— Um momento, por favor. — Disse a mulher, e enquanto Zoey sentava lá ouvindo música orquestral, ela procurou nas árvores por mariposas.

Então a música parou.

— Zoey? — Veio uma nova voz, masculina e agradável. — Zoey, está aí?

Zoey trouxe seus joelhos para seu peito. — Hm, quem é?

— Sou Roy Briggs, Zoey. Eu sou um agente do FBI e sou um velho amigo de seu pai. — O homem tinha um forte sotaque de Boston e, onde quer que ele estivesse, o mar estava perto. Zoey ouviu o grito das gaivotas. — Nos conhecemos quando você era pequena, mas não acho que você se lembra disso.

— Não. Não lembro. — Zoey franziu a testa para suas meias sujas. O nome Roy Briggs soava vagamente familiar, mas ela não conseguia encontrar um rosto. — Que tipo de velho amigo exatamente? Vocês trabalharam juntos?

— Algo assim. — Briggs suspirou. — Então, Zoey, você ligou para o escritório de Boston? O que está acontecendo, querida? Seu pai sabe que você está nos ligando?

Zoey franziu ainda mais a testa. — Olha, podemos ter nos encontrado antes, supostamente, mas eu não me lembro de você e não quero que você me chame de querida.

Briggs não perdeu o ritmo. — Muito bem, Zoey. Desculpe-me sobre isso. — Então ele fez uma pausa, rindo baixinho, e quando falou novamente, havia menos simpatia performativa em sua voz. — Vocês dois se parecem muito, sabia. Ele me ligou talvez algumas horas antes de você.

Isso era uma surpresa. — Oh? — Zoey falou, mantendo sua voz casual. — Ele te contou o que vem acontecendo por aqui?

— Sim. — Briggs pareceu cansado. — Duas garotas desaparecidas, tão próximas uma da outra. Eu te digo, isso me deixa enjoado. Eu sei que as pessoas estão com medo, e você também. Eu vou ajudar você e ao seu pai. Não pretendo ir embora até que tenhamos algumas respostas, certo?

— Espera. — Zoey se endireitou. — Ir embora? Você está vindo para Sawkill?

— Na verdade, Zoey, — respondeu Briggs, suas palavras pontuadas pela conhecida explosão da buzina de nevoeiro da balsa de Sawkill. — eu já estou aqui.

Val



O Disfarce

Val rastejou através da Floresta Kinghead ao lado de sua mãe, um saco de peças de meninas mortas em seus braços e seu estômago um emaranhado de nós.

Jane tinha sido uma refeição particularmente complicada e Val decidiu que não tinha escolha a não ser recrutar a ajuda de sua mãe.

Ela já estava começando a se arrepender dessa decisão.

— Ande mais rápido, Valerie. — vociferou Lucy Mortimer, empurrando uma mecha de cabelo atrás da orelha.

Val obedeceu. A visão do cabelo despenteado de sua mãe se alojou em seu peito como uma doença. Normalmente, Lucy Mortimer nunca teria posto os pés fora de seu quarto com um único fio fora do lugar, muito menos saído de casa em tal estado.

O motivo era óbvio: sua mãe estava em pânico.

Val decidiu continuar respirando. Um passo, uma inspiração. Um passo, uma expiração. A cada passo, ela se concentrava em dissecar seu mais novo segredo:

Durante a noite, ela ouviu um estrondo e um grito do lado de fora. Ela semicerrou os olhos para fora da janela do quarto para ver um dos cavalos de sua família sair do pasto e partir para a noite.

E Marion correu atrás dele.

Mas ela não tinha apenas *corrido*, não. Num momento ela estava no chão perto da cerca destruída. Então ela se foi, desaparecendo nas árvores tão rapidamente que Val pensou que ela tinha imaginado.

Ela acordou a mãe, disse-lhe que um dos cavalos tinha se soltado — e não disse nada sobre ver Marion.

Elas procuraram as pastagens juntas e, em seguida, receberam uma ligação da delegacia de polícia. Gregory Hainsworth, pescando à noite na costa norte da ilha, ligou para a estação em pânico. De seu barco, ele viu um cavalo tombar de um penhasco e bater nas rochas abaixo.

Uma rápida viagem aos penhascos, um barco da polícia procurando na água com um holofote, revelou a verdade horrível: um dos garanhões de Lucy Mortimer, American Glory, morto na água.

A mãe de Val explodiu em lágrimas dignas e silenciosas que desapareceram assim que o policial Montgomery voltou à delegacia. Val pensou que talvez até algumas das lágrimas fossem reais.

Mas não havia tempo para luto. Sua mãe agora estava convencida de que alguém estava atrás delas. Esse alguém estava perto de desvendar a verdade.

— Presumo que seja o Chefe Harlow. — Ela disse a Val, secando com naturalidade as lágrimas na cozinha. — Ele sempre odiou a gente. Ele e aquela filha horrível dele.

— Nenhum deles machucaria um cavalo assim. — Val protestou, tentando não pensar em ver Marion perto do pasto. Marion não machucaria um cavalo também. Machucaria?

Marion não podia desaparecer em um piscar de olhos.

Podia?

Exceto que Zoey tinha jogado Val seis metros através daqueles canteiros de flores como se Val fosse um brinquedo, como se Val não fosse nada.

Sua mãe a encarou com um olhar frio. — Não. Acho que não.

Val sabia o que sua mãe estava pensando: se alguém descobrisse o que sua família estava fazendo, se a linha finalmente quebrasse e a mansão fosse fechada, as pedras destruídas, a sala vermelha abaixo da biblioteca cheia e enterrada – então seria culpa

da Sra. Mortimer, não apenas por seu modo de vida ter sido perturbado, mas também por sua liberdade iminente ter sido ameaçada. E nenhuma forma de punição que a humanidade pudesse imaginar seria pior do que o que ele faria a sua mãe por isso.

Então elas deixaram Kingshead mais uma vez e vasculharam a floresta até o amanhecer, só para ter certeza.

Depois de uma hora de silêncio, Val se atreveu a falar. — Você perguntou a ele? Confirmou o número?

Lucy Mortimer, agachada no mato ao lado de uma pequena crista, nem mesmo ergueu os olhos em sua busca. — Sim.

Val esperou até que ela não aguentasse mais. — Bem? E?

Sua mãe se endireitou e se espreguiçou. — Ele precisa de mais duas refeições antes de seu crescimento estar completo. Então ele não precisará mais de nós e estará livre para vagar pelo mundo como quiser.

— Entendo. — Val trabalhou tão diligentemente para manter seu rosto inexpressivo que uma dor de cabeça se formou atrás de seus olhos. — E o que vai acontecer com a gente depois? Você perguntou isso a ele também?

Uma luz mudou nas árvores, lançando sombras no rosto de Lucy Mortimer. — Ele disse que isso depende de você, Valerie. Quão rápido você trabalha. A qualidade de suas caças. Satisfaça ele, e teremos permissão para viver nossas vidas como acharmos adequado, contanto que mantenhamos a propriedade e os fundamentos como ele deseja e o provemos de todas as formas que ele desejar quando chegar para uma visita.

Val engoliu. *Quando ele vier para uma visita*. Como se ele fosse um tio excêntrico que costumava aparecer sem avisar. — E se ele não ficar satisfeito?

— Ele não foi específico sobre o assunto. — A mãe de Val coçou o canto da boca, sem piscar os olhos. — Ele disse simplesmente que você se arrependeria.

Você. Não *nós*.

Val se arrependeria.

Outra garota pode ter chorado então. Outra garota pode ter se preocupado com sua vida.

Mas enquanto Val observava sua mãe cavar no mato, ela só conseguia pensar em Marion. Marion, pressionando-a contra a parede do celeiro. As mãos quentes de Marion segurando os quadris de Val. A língua de Marion, desajeitada mas sincera, abrindo a boca de Val.

— O que ele fará com todos os outros? — Val perguntou. — Assim que ele estiver livre, o que ele fará?

Sua mãe ergueu os olhos para ela, franzindo a testa como se estivesse totalmente perplexa.

— Você não pensou nisso? — Val perguntou, sabendo a resposta. — Você não está preocupada com o que vai acontecer com eles? — Ela deu três passos rápidos em direção a sua mãe. — Mãe, podemos acabar com isso. Eu sei que é terrível, mas *podemos*. Pode acabar conosco, antes que ele tenha a chance de terminar.

— Eu vou me alimentar. — Veio sua voz abruptamente. Uma sombra informe saltou de árvore em árvore sobre suas cabeças — ágil, vertiginosamente rápido. — Isso é o que farei, assim que estiver livre. Vou encontrar os outros, em todos os nossos mundos, que você é muito estúpida para encontrar, e faremos muitos mais. E se você tentar morrer, você vai falhar. Farei questão disso.

Val silenciosamente se abaixou para procurar na floresta, seus olhos ardendo, mas com a memória dos lábios de Marion nos dela, ela não estava mais com tanto medo.

Não se perca para ele, minha querida, a avó de Val tinha dito a ela. *Nem toda você. Guarde um pedaço para si mesma.*

Val agarrou-se à memória do beijo de Marion como se fosse a última migalha de comida do mundo e pensou: *Minha*.

Era dela, e somente dela.

Ele não tomaria isso dela.

A ilha ainda fervilhava de grupos de busca, oficiais e voluntários chamando por Charlotte e Jane. No entanto, nenhum deles notou as Mortimers, nem mesmo quando Val e sua mãe passaram direto por eles.

Ele fez questão disso. Ele se deliciava com seu poder, com sua habilidade de tão completamente puxar a lã sobre tantos olhos.

Val manteve os olhos no chão, a nuca formigando com o peso do olhar dele fixo acima. Ele também tinha visto Marion, perto do pasto de American Glory? E se ele tivesse, o quão perto ele tinha chegado dela? O estômago de Val revirou ao pensar nele observando Marion das árvores.

Juntas, sem interrupções e sem serem vistas, Val e sua mãe recolheram um pequeno saco cheio de partes dos corpos.

Val as identificou imediatamente: o sapato de Jane Fitzsimmons. O olho azul que não pisca de Charlotte Althouse, marcado por vasos sanguíneos rompidos.

Agora Val carregava um saco cheio de podridão da floresta e carne em decomposição. Obedientemente, ela seguiu a mãe para fora da Floresta de Kingshead e na rede de túneis que sua tataravó cavou sob a mansão – com a ajuda dele, é claro. Ela tinha sido uma mulher condenada, Deirdre Mortimer – abusada e destituída, ela assumiu um novo nome e veio para Sawkill em seus primeiros dias. Desesperada por trabalho, ela se apaixonou pelo dono de Kingshead na época, um financista chamado Richard Carrington. Ele contratou a bela jovem Deirdre como empregada doméstica, depois a seduziu. Então ele começou a machucá-la, com seus punhos e suas palavras, porque isso era tudo que ele sabia fazer. Porque ele era poderoso e ela não. Porque ele era homem e ela não.

Val realmente poderia culpar sua ancestral por fazer um acordo com um demônio, uma vez que ele a encontrou? Longa vida, saúde, poder, vitalidade, segurança e livrar-se daquele terrível Richard Carrington também – tudo em troca de ajudar um monstro de outra dimensão a encontrar sua comida e usar o sangue dela para hospedar seu próprio crescimento?

Val cerrou os dedos em torno do saco que carregava.

Sim, Val culpava ela.

E não, Val não culpava.

O mundo deles não era geralmente bom para as mulheres. E se Deirdre tivesse decidido vender sua alma por um pouco de conforto, uma ilusão de segurança, poder que ela havia sido negada por muito tempo?

Bem, pensou Val rebelde, *talvez isso seja a culpa do mundo.*

Talvez esses monstros sejam o que eles merecem.

Um dos túneis abaixo de Kingshead levava à sala vermelha, de onde ele vinha quando queria brincar de ser humano, quando ansiava pela sensação da seda contra seu corpo enquanto estava deitado com a mãe de Val naquela sala de pedra horrível e vazia. Dormir com sua forma humana, Lucy ensinou a jovem Val, era uma forma de fortalecer o vínculo e tornar mais fácil servi-lo.

Era uma sala que algum dia pertenceria a Val.

Outro túnel conduzia às ondas batendo suavemente abaixo dos penhascos, onde Val se sentou com Marion em seu banco favorito. Val e sua mãe emergiram aqui, em um pequeno barco, remando até o fundo de uma pequena enseada – uma enseada privada que apenas as pessoas em Kingshead podiam acessar, e que ele fez questão de manter velada de olhares curiosos. Elas adicionaram alguns tijolos pesados ao saco de peças femininas e jogaram-no na água negra e barulhenta.

Enquanto Val remava com sua mãe de volta à costa, ela imaginou que podia sentir o saco afundando no fundo do oceano, onde iria parar na escuridão fria, com os comedores do fundo e as criaturas luminescentes, com os abandonados e o nunca-para-ser-encontrado.

No momento em que alcançaram o túnel e começaram a subir de volta para a mansão, Val decidiu que não confessaria o que tinha visto durante a noite. Ainda não. O segredo de Marion, fosse o que fosse, o que quer que a permitisse desaparecer em um piscar de olhos – qualquer segredo que permitisse a Zoey afastar Val dela como se ela fosse uma espécie de super-herói – esses eram segredos que Val manteria, por enquanto. Ela ameaçou Quinn, John e Peter tão profundamente que ela sabia que eles não ousariam mencionar o incidente com Zoey, nem a uma única alma, não enquanto Val ainda respirasse.

Uma garota que pode desaparecer e uma garota com uma força incrível.

Essas impossibilidades, Val pensou, podem ser os dois lados da mesma moeda fantástica.

E ela não queria compartilhar essa noção com ninguém ainda.

Não porque eu quero proteger Marion, Val disse a si mesma, quase acreditando. *É porque eu quero observá-la e descobrir seus segredos por conta própria, e os de Zoey também.*

É porque um beijo não é o suficiente.

É porque, Val pensou vagamente, o vento do mar em suas costas, *eu posso morrer em breve.*

Seguindo sua mãe pelas escadas escuras de Kingshead, Val olhou para as sombras e viu um minúsculo pedaço esvoaçante de branco — uma mariposa, com peculiares olhos negros em suas asas.

Ssss-ssss, assobiou as asas da mariposa, pairando perto.

Val estendeu a mão em direção à mariposa e, quando pousou em seu dedo indicador, um calafrio astuto ricocheteou por seu corpo, da nuca ao umbigo.

Minha, veio uma voz baixa e fraca. A mente cansada de Val atribuiu isso à mariposa. Ela se permitiu o momento de fantasia, embalando a minúscula criatura contra o peito como se guardasse uma chama bruxuleante.

MAS, OH, A MÃE E filha perderam um.

Porque, pensou a Rocha, a mulher amava poucas coisas no mundo, mas ela amara aquele garanhão, e a perda dele obstruiu seus sentidos, a deixou turva e distraída.

Porque, a Rocha sabia, a filha estava pensando em uma garota que ela havia beijado e lutando com terrores que nenhuma criança deveria ter que enfrentar.

A Rocha viu que elas não perceberam e gritou para que a garota a avisasse:

Uma mão pálida, alvejada e sem sangue, segurando um amuleto de estrelinha do mar em uma corrente de prata.

Zoey



O Teletransportador

Quarenta e cinco minutos depois de fugir de seu quarto, Zoey se escondeu entre os arbustos na rua de sua casa, esperando seu pai sair.

Ela observou o carro de patrulha dele descer a rua, parar na esquina e virar para oeste. Talvez indo para as docas, para pegar o Agente Briggs?

Zoey espiou por entre os arbustos e examinou os arredores mais uma vez. Honestamente, ela teria preferido permanecer escondida nos arbustos, possivelmente para sempre. Mas se houvesse realmente um agente do FBI na ilha, Zoey precisava fazer uma busca completa no quarto secreto de seu pai e remover qualquer coisa incriminadora ou codificada ou simplesmente esquisita antes que Briggs pudesse começar a bisbilhotar e tirar conclusões precipitadas.

Se, Zoey pensou, *papai ainda não removeu tudo.*

O nariz de Zoey começou a formigar. Ela virou os olhos para o céu até que a sensação desapareceu.

Ela não teve tempo de se sentar no mato e chorar sobre como era injusto que ela tivesse que se preocupar se seu pai estava mentindo e *sobre* o que ele poderia estar mentindo.

Ela esperou mais cinco minutos, então correu para o quintal, largou a bicicleta e entrou na casa. Ela correu para o quarto do pai, puxou a cômoda de lado, destrancou a porta e prendeu a respiração, esperando desesperadamente que a combinação ainda funcionasse - e funcionou, graças a Deus, e talvez isso significasse que seu pai não era uma pessoa terrível ou imperdoavelmente estranho ou escondendo algo imperdoável, e que ele *ainda* a amava, mesmo que ela tivesse roubado seu livro, graças a Deus, graças a *Deus*.

Murmurando uma prece de gratidão ao universo, Zoey desceu as escadas. As paredes acarpetadas engoliam todo o som. Ela acendeu a lâmpada da mesa e depois o computador. Em seguida, ela abriu o gravador de voz em seu telefone, colocou-o sobre a mesa e começou a vasculhar a sala.

— Oi, Futura Zoey, esta é a Zoey do passado. — ela anunciou. — Estou vasculhando o quarto secreto do papai e vou contar tudo a você, então não me esquecerei de nada. E também porque é super assustador aqui embaixo, e gosto do som da minha própria voz. Então... — Ela se agachou perto de uma pilha de baldes de plástico contra a parede, tentou movê-los, mas não conseguiu. Muito pesado. Ela encontrou uma velha cadeira de madeira, subiu no assento e abriu a caixa superior.

— Munição. — Zoey disse. — Balas e essas merdas que eu não sei nada sobre. Ótimo. Maravilhoso. Fechando isso imediatamente.

Em um conjunto de prateleiras de metal: — Cerca de um milhão de latas de feijão e vegetais e frutas. Além disso, presunto. Nojento.

Pendurado na parede: — Além disso, as armas. Não podemos esquecer das armas. Cinco delas. Super. Fantástico.

Ela voltou para a escrivaninha e abriu cada gaveta.

— As gavetas de cima são apenas canetas, blocos de notas e ferramentas. — Zoey ditou. — Um martelo, chaves de fenda, fios. — Ela suspirou profundamente. — Vou ficar muito chateada se ele estiver construindo uma bomba.

Ela foi até as gavetas mais baixas.

— Pastas organizadoras de arquivos. — disse ela, folheando as mais próximas. — Elas estão repletas de recortes de jornais e

alguns artigos online impressos. Cada arquivo está rotulado com um ano. Não todos os anos, existem lacunas. E eles voltam para...

Ela apertou os olhos para a última pasta. — 1923? 1929, 1935, 1941... Espera. Eu conheço essas datas.

Então ela viu a pasta com o rótulo 1975 e as peças giratórias de sua mente se estabeleceram e se acalmaram.

1975. O ano em que Evelyn Sinclair desapareceu.

Ela olhou para as outras pastas, examinando rapidamente.

— 1986, — ela sussurrou. Lá estava. — Fiona Rochester. — 1994? Sim. — Avani Mishra. — E 2002? Grace Kang?

Ela puxou a pasta com o rótulo 2002 da gaveta, colocou-a sobre a mesa e a abriu. Uma manchete de jornal austera olhou para ela:

ADOLESCENTE AMADA DESAPARECE DA ROCHA IDÍLICA DE SAWKILL.

— Grace. — Zoey sussurrou, passando os dedos levemente pela foto em preto e branco de uma sorridente Grace Kang em suas vestes de formatura da Sawkill Day School. Zoey tinha visto a foto uma centena de vezes enquanto pesquisava as garotas desaparecidas do Sawkill. Outra cópia estava presa no quadro de avisos escondido debaixo de seu colchão.

Ela recolheu todas as pastas da gaveta e as empilhou na mesa.

— Então, Futura Zoey. — ela disse depois de um tempo. — Não é estranho que papai tenha todos esses arquivos, certo? Ele é o chefe de polícia. É claro que ele gostaria de procurar essas coisas. Obviamente. Naturalmente. Mas então... — Ela se aproximou da mesa lentamente. — Tem esse mapa. Não só de Sawkill, mas do mundo inteiro.

Ela ficou olhando para ele por um longo tempo, então teve vontade de chutar alguma coisa, porque olhar para o mapa não ajudou a esclarecer o motivo disso. Ela caminhou ao redor da sala, propositalmente ignorando as armas penduradas nas paredes. O que ela faria com as armas? Infelizmente, não era ilegal possuí-las, a menos que algumas delas fossem armas realmente ilegais, mas como ela poderia saber disso? Independentemente disso, certamente não parecia bom ter uma sala secreta subterrânea cheia de armas. Zoey não conseguia imaginar que o Agente Briggs ficaria particularmente satisfeito.

Ela marchou de volta para a mesa e então viu o livro preto ao lado do computador.

Ela realmente não teve tempo de ler o livro. Ela precisava pegá-lo, e os arquivos, e o mapa vermelho esquisito, e tudo o mais que ela pudesse carregar, e queimá-los todos, e jogar as cinzas no mar. Então, se Briggs encontrasse o quarto, seu pai pareceria apenas um velho sobrevivente. Nada estranho ou codificado a ser encontrado.

Zoey olhou para o livro, o medo bloqueando sua garganta. — Como vou saber o que é suspeito e o que não é? — ela sussurrou para o telefone que gravava obedientemente. — Como eu posso saber se eu posso confiar nele?

Um pensamento que ela não suportava expressar: *E se ele estiver envolvido com algo terrível?*

Sou filha, então, ou cidadã?

— Devo dizer a Briggs sobre tudo isso? — ela murmurou, sentando-se à mesa e abrindo o livro. — E o que eu ao menos *digo* a ele? — Ela começou a folhear as páginas de texto em latim, passando pelo primeiro conjunto de ilustrações do Coletor, depois por outra dúzia ou mais de páginas de texto e então pousou em outra coleção de ilustrações. Eram figuras humanas meticulosamente representadas: uma garota branca com rabo de cavalo, um homem negro usando um terno feito sob medida antiquado, um homem sardento de macacão, uma mulher asiática em um lindo vestido estilo melindrosa.

As ilustrações ficaram mais escuras e menos desbotadas à medida que Zoey virava as páginas, como se algumas tivessem sido adicionadas recentemente. E todos eles tinham um pequeno detalhe em comum:

Seus olhos eram redondos e brancos, como pequenos faróis. Sem pupilas. Sem íris.

Com o coração aos pulos, Zoey voltou aos desenhos do Coletor, só para verificar.

— Tudo bem. — ela disse, tirando fotos. — Futura Zoey, vê o que você faz com isso: tanto os monstros quanto os humanos neste livro têm os mesmos olhos. Thora disse que a lenda é que o Coletor pode assumir diferentes formas. Então, talvez essas ilustrações sejam das diferentes formas que ele pode assumir?

Zoey tentou imaginar seu pai curvado sobre este livro, no subsolo sob a luz fraca da lâmpada, adicionando um esboço de uma não-Marion com olhos brancos, e sentiu que possivelmente poderia vomitar.

Ela virou a página e encontrou um pedaço de páginas preenchido de cima a baixo com linhas apertadas em latim. Ao longo do texto havia desenhos, diagramas. Esboços de...

Ela olhou de perto, inclinou o livro em direção à luz e viu uma garota com uma silhueta irregular. A garota carregava uma espada, seu outro braço estendido com uma palma rígida. Uma frase rabiscada ao lado dela dizia: *SEMPER TRES.*

Zoey exalou bruscamente. Ela estava tão cansada de todo esse Latim. O Latim era assustador. Era uma linguagem dos mortos.

Ela tirou uma foto da garota da espada e estava prestes a virar a página quando percebeu duas coisas, uma logo após a outra:

Seus olhos captaram uma linha minúscula de texto em inglês imprensada entre o latim, com letras em tinta um pouco mais escura e nítida que o resto:

Existe algo como um teletransportador.

O sangue de Zoey rastejou quente-frio logo abaixo de sua pele.

— Existe algo como um teletransportador. — ela sussurrou. — Puta merda. Puta *merda*.

Era uma linha de *Uma Dobra no Tempo*, o livro que o pai dela havia prometido que ele leria e, a julgar pela tinta, esta frase possivelmente foi escrita recentemente.

Uma notificação soou do telefone de Zoey. Ela olhou para ver uma notificação de uma mensagem, de Marion:

eu escolhi Thora porque ela era fascinada por mim

Então, uma segunda mensagem:

eu ansiava pela obsessão dela

E uma terceira:

ela tinha um gosto sublime

Val



A Distração

Val seguiu a forma elegante de sua mãe pelo caminho de corrida da Floresta Kingshead de volta para a casa. Era uma tradição delas, essas corridas de mãe e filha. Três manhãs por semana, seis milhas cada, e nenhuma quantidade de meninas desaparecidas ou vizinhos em pânico mudariam isso.

Ao passarem pela cabana de Althouse, correndo levemente em fila única – sua mãe sempre na frente – Val pensou consigo mesma *Olhe para frente, Val. Só continue correndo. Olhe para frente.*

Mas ela não conseguia resistir.

Minha.

Ela olhou para a direita.

Uma rede de lona se estendia entre dois carvalhos que cresciam no gramado leste da casa, e Marion e sua mãe, agarradas uma à outra como duas pessoas perdidas no mar, estavam dentro dela.

O coração de Val saltou docemente ao longo de suas costelas.

Seus olhos se voltaram para sua mãe, depois de volta para a rede. O caminho de corrida as levou perto o suficiente para Val ouvir que Marion estava cantarolando alguma coisa, uma música que Val não conhecia.

A mãe de Val acenou para a Althouses. — Vou ver como você está depois do banho! — ela gritou, gesticulando para si mesma.

Isso fez Val se encolher, aquela nota falsa e brilhante na voz de sua mãe. Lucy Mortimer não estava acostumada a ser tão amigável com a ajuda, e isso transparecia. — Vamos almoçar, tudo bem?

Marion acenou para elas quando passaram. A Sra. Althouse se aninhou ao lado dela como uma criança. Um livro estava virado para baixo no estômago de Marion. Ela acariciou o cabelo da mãe, ficando grisalho onde o de Marion estava preto como uma noite sem estrelas. Val se perguntou como seria a sensação de se aninhar ao lado do corpo sólido e seguro de Marion daquele jeito e falar por horas, sem esconder nada, sem fingir nada.

Ela se perguntou se Marion também não conseguia parar de pensar na noite anterior no celeiro. Se, nos braços de Val, Marion se sentisse tão visível e óbvia e expansiva e totalmente realizada como Val se sentia nos dela.

Então o estômago de Val embrulhou.

Um punho interno, cruel socou suas costelas antes de cair para bater contra sua pélvis.

Val tropeçou em uma raiz de árvore e tossiu, tentando recuperar o fôlego.

Sua mãe a segurou pelo braço.

— Isso foi ele? — ela perguntou, um leve tremor em sua voz.

Val acenou. Ela tocou seu pescoço; sua garganta queimou, como se ela tivesse adoecido recentemente. — Sim. — ela sussurrou. — Mas eu não sei por quê.

Uma mentira. Ela suspeitava do motivo: ele notou que ela notou Marion.

Ou, ele sabia o que Marion tinha feito, e ele sabia que Val também tinha visto. E ele se perguntou por que ela ainda não tinha dito nada a ele sobre isso.

Sua mãe, sem expressão, soltou Val e correu à frente, como se fosse imperativo colocar distância entre elas. Val não olhou para Marion, mas sentiu sua atração por todo o caminho até a colina e para Kingshead, como o chamado de uma cama quente após um inverno interminável.

Marion



A Outra

Marion não tinha dormido a noite toda.

Em vez disso, ela se sentou no chão ao lado da cama e se acostumou com a mariposa.

Desde que ela de alguma forma apareceu de volta em seu quarto, suada e dolorida e duvidando de sua própria sanidade, a mariposa não tinha saído de seu lado. Ela rastejou até o banheiro, não querendo sujar o chão, limpou os pés na banheira e aplicou bandagens em cada arranhão, em seguida, colocou um par de meias limpas e voltou mancando pelo corredor.

A mariposa a seguiu, vibrando de forma irregular ao lado de seu ombro. Quando ela voltou para seu lugar no chão ao lado de sua cama, a mariposa pousou em seu joelho. Suas asas abriram-se e fecharam-se como pulmões finos iguais papel.

A princípio, Marion pensou: *vou arrancar essa mariposa da minha perna, como faria com qualquer inseto. Vou esmagá-la com a palma da mão e jogá-la no vaso sanitário.*

Mas se ela fizesse isso, ela seria deixada sozinha, sem ninguém e nada mais que entendesse que ela havia se transportado da floresta para as falésias para uma praia estranha e de volta para seu quarto.

Ela disse isso em voz alta, as palavras parecendo gordas e desconhecidas em sua língua:

— Alguma coisa está acontecendo comigo. — Em vez de esmagar a mariposa, ela estendeu o dedo. — Você sabe o que é isso?

A mariposa subiu em seu dedo. Onde pisou, pequenas moedas de calor floresceram na pele úmida de Marion. Ela levantou o dedo para que pudesse olhar nos olhos da mariposa. Bordado com pelo branco, olhos negros a encaravam sem piscar.

Marion observou eles até que seu batimento cardíaco frenético diminuiu.

Então ela riu, as lágrimas subindo rapidamente. — Estou falando com uma mariposa. — Ela abaixou o dedo. De maneira agradável, a mariposa caiu sobre seus joelhos. — Estou ficando louca.

Ela subiu na cama, desesperada para dormir. O sono limparia seu cérebro das imagens que ela não conseguia apagar — o cavalo dos Mortimers correndo com a perna quebrada e se jogando do penhasco. A praia de neve. As pilhas de ossos fumegantes.

Mas quando Marion fechou os olhos, era tudo o que ela conseguia ver. Ela tentou por horas, mas não conseguiu acalmar seu cérebro, e sua cama parecia como pedras sob seus membros doloridos.

Por fim, ela abriu os olhos e viu a mariposa empoleirada na cadeira da escrivaninha do outro lado da sala. Assistindo ela.

— Tudo bem. — Marion disse. Era o final da manhã, quase meio-dia. Ela se sentou e voltou ao chão. A mariposa desceu flutuando para encontrá-la. Marion esperou até que tocasse seu joelho, então acenou com a cabeça e respirou fundo e firmemente. Presa em sua garganta estava uma risada histérica, que dificultou a respiração regular. Mas tanto faz. Deixa pra lá.

— Não importa. — ela sussurrou. Ela pensou na praia coberta de neve e areia. A estranha água âmbar, o céu lilás.

Como ela havia chegado lá da primeira vez?

Ela olhou para a mariposa. — Eu tenho que ir assustar outro cavalo ou algo assim?

Como resposta, a mariposa começou a limpar suas antenas com as patas dianteiras peludas.

Marion suspirou. — Ótimo. Útil.

Ela se encostou no estribo de sua cama. O fino poste de metal cravou-se em suas costas e, com um solavanco, ela se lembrou da carga elétrica que surgiu do chão e a atingiu entre as omoplatas. Disse a ela para correr atrás do cavalo em fuga. Tinha dito a ela, *Vá.*

Ela olhou de volta para a mariposa. — Você sabe o que era aquilo? O que significa?

A mariposa a olhou fixamente, suas asas tremendo tão rápido que se tornaram um borrão. O leve sussurro de asa contra asa fez palavras que Marion não conseguia entender.

Ela fechou os olhos, o coração batendo forte, tentando recriar a noite anterior — como o ar estava contra sua pele, que pensamentos frenéticos passaram por sua mente, quais emoções a dominaram enquanto observava o cavalo cambaleando.

Imagens de memória se formaram atrás de seus olhos – a floresta escura, a noite sombria, o sal no ar, o bater das ondas que se aproximavam, o grito de terror do cavalo.

Um zumbido formigou nas pernas nuas de Marion. As fibras do tapete coçavam e arranhavam. A Rocha Sawkill se estendia vasta e imóvel sob ela, mas Marion não tinha medo dela. Sua existência era um conforto. Era uma foca se aquecendo de barriga para cima na água. Era antiga e cansada e alcançou as pernas de Marion com tentáculos tenros, como uma canção viajando em correntes invisíveis.

Como Charlotte descreveu isso, naquele primeiro dia na balsa?

É tipo essa... essa coisa, empoleirado lá fora na água.

O gemer dos ossos surgiu, fracamente, como o som do tráfego se aproximando – forte, contido e distante, mas subindo rápido.

Marion deu boas-vindas ao som. Ela imaginou seu corpo se abrindo para recebê-lo. Ela não era uma garota de músculos densos e ossos desajeitados. Ela era uma rede de tubos cheios de ar, de balões inflando. Ela era uma sinfonia se aquecendo antes da grande noite.

A mariposa se afastou, deixando o joelho de Marion gelado. Ela teve a sensação repentina e inabalável de que a Rocha a observava. Contra o vidro de sua janela bateu um galho do carvalho gordo lá fora.

— Olá? — Marion sussurrou.

A carga zumbindo ao longo do tapete detonou, subiu por sua espinha e se plantou na base de seu crânio. O mundo mudou, como um cubo espremendo-se em outro cubo para emergir inteiro e imenso do outro lado. A respiração de Marion ficou presa em sua garganta, presa entre realidades.

Ela abriu os olhos.

Ela não estava mais em seu quarto, nem em uma praia estrangeira com cidades no céu.

Ela estava lá embaixo, em sua cozinha, na mesa do café, entre todos os lugares, ao lado da fruteira. Na frente dela estava a janela sobre a pia, que dava para os carvalhos gigantes gêmeos e a rede e, além, Kingshead.

Marion sentou-se com as pernas cruzadas, tentando recuperar o fôlego. Os pelos de seus braços se arrepiaram; o velho truque do balão estático. O gemer dos ossos permaneceu, mais estridente agora, discordante. Urgente.

Ela não tinha certeza se ela queria rir ou chorar. — Mas que *inferno*.

Uma voz de mulher gritou do lado de fora: — Vou ver como você está depois do banho! Vamos almoçar, tudo bem?

Então a mariposa apareceu, mergulhando do teto para bater contra a janela — de novo, e de novo, e de novo.

A princípio Marion só assistiu aquilo. A mariposa, as árvores, o mar, o cavalo.

A Rocha de Sawkill.

Peças diferentes? Ou uma e a mesma?

A nuca de Marion ainda latejava de onde a carga a atingiu.

Ela pulou da mesa e bateu com o joelho em uma cadeira. — Pare! — Ela ergueu as mãos em concha, movendo-as entre a mariposa e o vidro. A mariposa subiu por seus dedos e pressionou suas antenas contra a janela.

Marion seguiu seu olhar:

Primeiro, Val e sua mãe, correndo pela pista de corrida em direção a Kingshead.

Ah, Val. Marion tentou permanecer impassível com a visão de Val — seu cabelo em uma longa trança dourada, os músculos do

braço brilhando de suor, seu rosto brilhante e aberto. Val não era confiável. Val era uma marca.

Mas Marion não conseguiu evitar; calor flutuou por seu corpo para saudar as pontas dos dedos. *Todo mundo pensa que eu vivo essa vida encantada,* Val disse, pouco antes de Marion tê-la beijado, seus olhos brilhantes de lágrimas, *mas a verdade é...*

O que, Val? Marion deveria ter dito. *Me diga sua verdade.*

A mãe de Marion estava além de Val, dormindo na rede. E do lado dela...

O gemer crescente dos ossos acertou Marion no peito como um martelo.

Ao lado de sua mãe estava a própria Marion. Afagando o cabelo de sua mãe, segurando-a perto, olhando furiosamente para Val.

O mundo ficou lento. A mariposa vibrou na orelha de Marion.

As palavras de Zoey voltaram para ela: *Não-Marion*.

Marion bateu as mãos contra a janela e gritou: — Mãe! Acorda!

A não-Marion na rede sentou-se e virou a cabeça para olhar. No brilho do sol, seus olhos brilharam redondos e brancos.

Ela pulou da rede, quase jogando a Sra. Althouse no chão, e correu para a floresta.

Marion



A Mensagem

Marion agarrou as chaves do carro do gancho na parede e saiu correndo de casa. Ela desceu voando os degraus da varanda, tão rápido que caiu no último degrau, esfolando o joelho na calçada. Ela se levantou e correu para a rede. Seus pés sensíveis estavam em chamas.

— Mãe! Acorde!

Sua mãe olhou em volta, atordoada, suas bochechas rosadas por ter dormido com o rosto pressionado contra o ombro da não-Marion. Ela semicerrou os olhos para Marion. — Marion? Você quase me derrubou.

— Vamos, levante-se. — Marion tirou a mãe da rede. — Mais rápido, vamos lá.

— Marion! — Sua mãe puxou contra o aperto de Marion. — O que há de errado com você? Onde estamos indo?

— Mãe, *mova seus pés*. — Gritou Marion. Mancando, ela empurrou a mãe colina abaixo em direção à caminhonete e olhou para trás por cima do ombro em direção à floresta – apenas árvores, nada de sósias sobrenaturais malignas.

A Sra. Althouse deixou escapar um soluço assustado. — Você está me assustando, querida, vá devagar!

Marion abriu a porta do passageiro e empurrou a mãe em direção a ela. — Por favor, entre. Feche a porta e tranque-a.

Em seguida, Marion mancou até o lado do motorista, olhando mais uma vez para a floresta. Um movimento no canto do olho - as portas da frente do Kingshead se abrindo, revelando uma esguia figura dourada. Val? Ou sua mãe?

Marion saltou para dentro do carro, girou a chave na ignição e pisou fundo no acelerador.

— Marion? — Sua mãe estava olhando para ela, agarrada à porta como se estivesse preparada para pular se necessário. — O que está acontecendo? O que você vê?

Marion falou com seu telefone — Ligue para Zoey — e acelerou pelo caminho.

Ela observou a estrada à frente. Sem se atrever a olhar para as árvores em ambos os lados.

Vinte minutos agonizantes mais tarde, depois de deixar sua mãe na delegacia – que fervilhava com funcionários e voluntários – Marion chegou à casa dos Harlow.

— Zoey? — Ela saltou do carro e mancou em direção à varanda. Ela tinha ligado para Zoey treze vezes durante o trajeto, mas Zoey nunca atendeu. Marion não conseguia parar de coçar a pele. Seus antebraços ardiam, marcados do cotovelo ao pulso com marcas vermelhas de unhas.

A porta da frente da casa se abriu. Zoey desceu as escadas para encontrar Marion na garagem, e Marion riu em meio às lágrimas.

— Oh, graças a Deus. — Ela respirou, estendendo a mão para um abraço.

Zoey a empurrou e estendeu o telefone. — Que porra é essa, Marion?

Marion olhou para a tela: seu próprio nome, as mensagens de texto. Ela leu as três últimas mensagens uma vez, depois duas, e deu um passo para trás, se afastando do telefone como se ele a tivesse atingido.

eu escolhi Thora porque ela estava fascinada comigo
eu ansiava por sua obsessão
ela tinha um gosto sublime

— Não fui eu que enviei. — Disse Marion imediatamente.

Os olhos de Zoey estavam brilhando com lágrimas. — Isso é doentio. Você está *doente*. Isso não é engraçado.

— Eu juro, não as enviei! — Marion rolou a tela do chat em seu próprio telefone, pronta para mostrar a Zoey que aquelas mensagens eram falsas, que tinham sido enviadas por outra pessoa... mas então, Marion viu as palavras olhando para ela de sua própria tela, assim como ela olhou para Zoey:

ela tinha um gosto sublime

— Puta merda. — Sussurrou Marion. Ela se sentia como se estivesse oscilando à beira de um penhasco rumo à uma queda fatal. — Elas estão aqui. Elas estão no meu telefone.

— Claro. — Disse Zoey. — Porque você as enviou.

— Eu não enviei! Por favor eu… — Marion procurou inutilmente pelo telefone, tentando encontrar algo, qualquer coisa, para provar sua inocência. — Eu não as enviei. Eu *não escrevi* isso. Eu não sei quem foi, mas não fui eu. — Ela balançou a cabeça e começou a chorar e soluçar. — Zoey, por favor, eu… Eu vi ela. A não-Marion. Ela estava com minha mãe. Ela me viu e seus olhos mudaram. Eles eram brancos; eles *brilhavam*. Ela correu para a floresta e eu agarrei minha mãe e viemos embora, levei-a para a delegacia.

Marion tentou colocar o telefone de volta no bolso, mas suas mãos estavam tremendo, então ela mal conseguia segurá-lo. — Eu não sei o que está acontecendo. O cavalo. Ontem à noite, eu… Jesus, Zoey, eu não sei o que fazer.

Zoey a observou com os olhos semicerrados, então abriu uma imagem em seu próprio telefone e ergueu-o.

— Os olhos dela eram assim? — ela perguntou.

Marion semicerrou os olhos para a foto — o esboço de uma garotinha, o cabelo em um rabo de cavalo, olhos redondos e totalmente brancos.

Um arrepio percorreu seus braços. — Sim, exatamente assim! Em um momento, seus olhos estavam normais. Eles eram os *meus*. E depois… — Ela apontou para o telefone. — Onde você conseguiu isso?

Zoey hesitou.

— O cômodo secreto? — Marion segurou as mãos de Zoey, mas Zoey se encolheu, sua expressão fechada. Marion recuou, com as mãos no ar. — Por favor, você vai me deixar ver? Se houver algo lá que ajude a explicar alguma dessas coisas… — Sim. Ela ia dizer isso. Ela apertou a mandíbula, obrigou-se a olhar Zoey nos olhos. — Zoey, eu me *teletransportei* ontem à noite.

Zoey ficou muito quieta. — Você o que? Espere, não repita, espere. — Ela olhou ao redor da vizinhança tranquila – caixas de correio recém-pintadas e cercas vivas aparadas, bangalôs à beira-mar com cata-ventos giratórios preguiçosos no topo. — Vamos entrar.

— Ok. — disse Zoey, uma vez que elas desceram para o cômodo secreto. Ela se sentou em frente a uma mesa, onde havia um computador que pedia uma senha, e olhou para Marion. — Continue.

Marion inspirou. Ali era muito fechado, o ar muito parado e úmido. — Lembra, atrás da delegacia de polícia, quando você jogou Val para longe de mim como se fosse um super-herói ou algo assim?

— Não, eu tinha esquecido tudo sobre isso. — Disse Zoey suavemente.

— A mesma coisa aconteceu comigo ontem à noite. — Sussurrou Marion. — Quer dizer, não exatamente a mesma coisa, mas... Eu estava andando por aí porque não conseguia dormir — *porque depois de beijar Val, o mundo virou de cabeça para baixo, e como eu poderia dormir depois disso?* — e um dos cavalos de Mortimer, pirou completamente, explodiu sua cerca, e saiu correndo.

Marion contou a ela toda a história — o cavalo pulando do penhasco, como ela se teletransportou para a praia coberta de neve, vendo a não-Marion nos braços de sua mãe.

Quando ela terminou, Zoey olhou para ela, sem expressão.

Marion murchou. — Você não acredita em nada disso.

— Não é isso, eu acredito, na verdade, e… — Os olhos de Zoey se arregalaram. — Espere. ‘Existe algo como um teletransportador.’

— Um o quê?

— Você teletransportou. — Zoey bateu com o punho contra o braço da cadeira. — É isso que você está descrevendo. Você *teletransportou.* Isso não pode ser uma coincidência. Eu me pergunto…

Ela girou na cadeira e digitou cuidadosamente a senha do computador. Com um leve toque, a área de trabalho apareceu, ladrilhada com fileiras organizadas de pastas.

Zoey soltou uma risada trêmula. — *Teletransporte*. Ele deixou a pista para mim.

Ela abriu um arquivo rotulado com a data daquele dia. Um vídeo apareceu — uma imagem congelada do chefe Harlow, sentado onde Zoey estava sentada agora.

— Essas são as roupas que ele estava usando esta manhã. — Zoey disse calmamente. — Ele gravou logo depois que eu fugi dele.

Marion queria perguntar o que havia acontecido, porque Zoey havia fugido, mas então o chefe Harlow da gravação começou a falar: — Zoey, grave este vídeo em seu telefone e então exclua o arquivo do meu computador.

Ele parou, esperando. Zoey apontou a câmera de seu telefone para a tela e começou a gravar.

— Esta mensagem, acima de tudo, é um pedido de desculpas. — Começou o Chefe Harlow da gravação. — Eu não queria assustar você esta manhã, Zo. Eu sei que assustei, e isso é imperdoável.

Marion olhou para Zoey. Ela apertou os lábios em uma linha dura e apertada, os olhos brilhantes e sem piscar.

— Em segundo lugar, — Continuou a gravação. — devo me desculpar por isso: eu tenho mentido para você há muito tempo e é hora de confessar. Espero que você possa entender por que escondi isso de você, mesmo que você não possa me perdoar por isso. Eu estraguei tudo, querida, há apenas dez minutos. Eu poderia ter lidado com tantas coisas de uma forma muito melhor. E eu deveria ter lidado.

Ele fez uma pausa e desviou o olhar da câmera, sua mandíbula apertando. — Eu trabalho para uma organização antiga chamada Mão da Luz, junto com milhares de outros homens ao redor do

mundo. Alguns deles chegarão a Sawkill em breve. Alguns já estão aqui.

— Briggs? — Zoey sussurrou.

— Nossa missão, — Continuou o Chefe Harlow. — é caçar as criaturas que invadiram nosso mundo. O mundo é maior e mais velho do que você pensa, Zoey. Existem muitos bolsões nele, inacessíveis para a maioria dos humanos, cheios de seres notáveis e assustadores.

O chefe Harlow respirou fundo. — Um desses monstros mora aqui, em Sawkill. Ele tem caçado meninas há décadas. Eu acredito que matou Thora. E Charlotte. E Jane.

Marion se sentiu como se tivesse levado um soco. Ela agarrou a borda da mesa e se apoiou pesadamente contra ela.

Charlotte.

— As criaturas não podem ser mortas por nenhum meio convencional. — Continuou o Chefe Harlow. — Nós – a Mão da Luz – tentamos por séculos. Mesmo as armas modernas dificilmente o retardam. Desenvolvemos um método particular de extermínio que tem uma alta taxa de sucesso, mas não sem grande custo. Zoey...

O Chefe Harlow se aproximou um pouco mais. — Eu deixei você se mudar para Sawkill porque eu pensei que você estaria mais segura perto de mim. Dado o meu conhecimento sobre os monstros e minhas conexões com outros soldados como eu que vivem em todo o mundo, pensei que ter você aqui, tão potencialmente perigoso como era, seria melhor do que não saber onde você está, imaginando todas as manhãs se – em algum lugar, em alguma cidade – você foi levada por um deles. Eu estava errado. Tudo isso está acontecendo mais rápido do que eu jamais vi. Acho que a velocidade com que essas meninas estão desaparecendo significa que estamos todos em perigo imediato.

Sua voz falhou. Ele olhou para o telefone e enxugou o rosto. — Zo, por que você não atende o telefone, querida? Eu vou encontrar você. Se você vir esta mensagem antes de eu encontrar você, você precisa ir embora. Você precisa sair desta ilha. Pegue nosso barco, vá para a costa. Eu comprei uma passagem de Boston para São Francisco para amanhã de manhã. Vá ficar com sua mãe e nunca mais volte aqui. Não se preocupe com Grayson, ou Marion, ou

qualquer pessoa. Fique o mais longe possível de Sawkill. Fique dentro de casa. Não saia à noite. Não fale com estranhos. Corra, Zoey.

Marion, rígida, olhou para a tela. O mundo havia encolhido ao som da voz do Chefe Harlow e aos empurrões e puxões irregulares de sua própria respiração.

Então, do andar de cima, veio o som da porta da frente batendo e um homem gritando. — Zoey?

— Meu Deus. — Zoey saltou da mesa. — Meu pai está em casa. Merda. *Merda*.

— Espere! — Marion agarrou-a pelo braço. — Ele deixou este vídeo para você. Ele obviamente queria que você o encontrasse. Por que ele ficaria chateado por estarmos aqui?

O som da voz de um homem desceu pelo teto — uma voz que Marion não reconheceu.

Zoey congelou, ouvindo.

— Quem é esse? — Marion sussurrou.

— Não faço ideia.

O som de passos rápidos fez uma contagem regressiva no teto.

— Eu vou atrasá-los. — Zoey correu para a saída. — Exclua o arquivo, desligue o computador, então suba as escadas correndo e mova a cômoda de volta.

Marion acenou com a cabeça, apagou o arquivo, esvaziou a lixeira, desligou o computador e se virou

E parou.

Zoey estava parada no último degrau, olhando para a porta secreta com o rosto cuidadosamente inexpressivo.

Um par de botas desceu as escadas. Eles se tornaram um par de pernas em jeans azul, depois um torso com uma pistola no coldre no cinto, depois um homem branco com a cabeça raspada e olhos azuis penetrantes. Ele sorriu primeiro para Zoey, depois para Marion.

— Excelente. — Disse ele. — Eu estava ficando cansado de seu pai protelar, Zoey. Venham para a cozinha, vocês duas. Vou fazer chá. Temos muito que discutir.

A visão de Zoey sem palavras acendeu a coragem de Marion. Ela deu um passo à frente, os punhos cerrados. — Onde está o

Chefe Harlow?

— Bem aqui, Marion. — Veio a voz do Chefe Harlow, do seu quarto no andar de cima. — Está tudo bem. Não há nada a temer.

Nada a temer. Foi quase o suficiente para fazer Marion rir. Em vez disso, ela apertou a mão de Zoey e liderou o caminho escada acima.

Zoey



A Verdade

Na cozinha, Zoey encheu quatro xícaras laranja com água da torneira, trouxe-as uma à uma para a mesa, depois se jogou em uma cadeira, cruzou os braços e olhou para trás e para frente entre seu pai e o Agente Briggs, com suas unhas cravadas em sua carne.

Marion segurou a xícara entre as mãos, mas não bebeu.

O pai de Zoey engoliu a água do copo em uma golada só.

Nem Briggs nem Zoey tocaram nos deles.

Do lado de fora da cozinha, no saguão, o velho cuco da família bateu uma da tarde.

— Tudo bem, — disse o pai de Zoey, pousando sua xícara. — A situação é a seguinte: você conhece os contos da ilha sobre o Coletor.

Zoey permaneceu muito quieta, observando seu pai de perto. Na mensagem de seu pai, ele parecia em pânico, pronto para empurrá-la para fora da ilha na próxima oportunidade possível.

Mas agora ele estava sentado placidamente à mesa da cozinha, como se ela não tivesse acabado de assistir aquele vídeo aterrorizante, como se tudo estivesse igual ao que estava antes de ela sair correndo de casa esta manhã. E, pelo que ele sabia, talvez ela não tivesse assistido ao vídeo.

Talvez ele não quisesse que Briggs soubesse que ele havia deixado para ela?

Talvez, pensou Zoey, repentinamente nauseada, *ele não confia em Briggs.*

Como ele chamou aquela organização em sua mensagem?

A Mão da Luz.

— Zoey me contou sobre o Coletor. — disse Marion. — Um conto de fadas local. Uma lenda urbana.

Ele assentiu. — Um enraizado na verdade. Há de fato um monstro nesta ilha e...

— E ele come garotas. — Marion olhou para Briggs, seu olhar firme e claro. — Não é?

Zoey não conseguiu evitar; ela olhou para seu pai, desejando poder contar a ele naquele momento que elas assistiram ao vídeo, desejando que ela pudesse tê-lo para si por um instante, para perguntar a ele o que estava acontecendo sem Briggs por perto. E por um segundo, seus olhos se encontraram, e algo sobre a expressão no rosto de seu pai – aquela placidez cuidadosa, a firmeza de seu olhar, a parede quadrada de seus ombros – disse a ela o que ela precisava saber:

Ele adivinhou que ela assistiu ao vídeo.

E ele estava feliz.

Briggs acenou com a cabeça. — Ele come garotas, Marion, sim. E ele não é o único. Existem muitos, em todo o mundo.

— De onde eles vêm? — Marion perguntou.

Briggs se aproximou, como um professor animado para dar uma palestra sobre sua matéria favorita. — Vamos fazer uma analogia, imagine assim, há uma esponja...

— O animal, a de limpeza ou o Bob? — Zoey interrompeu.

Seu pai deu a ela um olhar. Marion exalou uma risada suave.

— O que? — Zoey devolveu o olhar do pai com um dos seus. — Presumo que a especificidade seja importante aqui.

O pequeno sorriso de Briggs não chegou aos seus olhos. — Vamos com a de limpeza. — Ele pegou uma esponja laranja plana da pia. — Eis aqui: uma esponja. Se você considerar à distância, parece bastante sólida. — Briggs se afastou deles, a esponja pousada na palma da mão. — Vocês não concordam?

Zoey se irritou com o timbre excessivamente paciente de sua voz, mas Marion simplesmente assentiu. — Sim, que seja.

— Mas se vocês olharem mais de perto, — disse Briggs, se aproximando novamente. — Vocês verão que a esponja está cheia de buracos. Isso também é verdade para o mundo. — Ele colocou a esponja no centro da mesa. — Se você olhar de longe, verá apenas um globo sólido. Mas se você souber o que procurar, verá que está cheio de crateras e buracos pequenos, de bolsões e túneis. Alguns grandes, alguns pequenos. Nós os chamamos de obscurae, no plural. E obscura, no singular. Eles são antigos e são muitos. E alguns deles estão cheios de monstros.

Zoey manteve seu rosto uma máscara de desinteresse cuidadoso. Mas seu sangue disparou e rugiu, e ela estava começando a se sentir perigosamente tonta. O mundo estava se expandindo muito rápido para ela acompanhar.

— De onde vieram os obscurae? — Marion pegou a esponja e a revirou na mão. — O que os criou?

— Não temos certeza. — respondeu Briggs. — É possível que sejam pontos de entrada para um multiverso. Outros estudiosos concordam com uma teoria mais fantástica – que os obscurae são remanescentes de uma velha magia que não podemos entender, que se origina em um lugar completamente inacessível para nós e para os monstros. Em nossa tradição, nos referimos a este reino como o Lugar Distante.

— De quem é essa tradição, exatamente? — perguntou Zoey. — E quais estudiosos?

Briggs abriu a boca para responder, mas Marion o interrompeu. — Os monstros… Eles vivem nos obscurae?

O Chefe Harlow assentiu. — E, agora, eles também moram aqui. Alguns deles, pelo menos. Não sabemos se a invasão foi deliberada ou se algumas das criaturas acidentalmente vagaram para fora de seus mundos e entraram no nosso.

O mapa. Zoey bateu os punhos cerrados contra as coxas. *Os pontos vermelhos são onde os monstros vivem.*

Quanto vermelho havia pontilhado no mapa? Trinta cidades? Quarenta?

Seu pai olhou em sua direção, depois de volta para Briggs.

— Então, se os monstros podem viajar entre o nosso mundo e o deles, — disse Marion lentamente. — podemos viajar para o obscura também?

A cozinha, que já estava silenciosa, pareceu crescer uma camada extra de silêncio.

Agora a voz de Marion era aquela que voltava para Zoey: *eu estava neste outro… local. Eu não sei onde. Eu nunca vi um lugar assim.*

Teletransporte.

Teletransportando.

Zoey, com as veias fervendo de repente, lutou para manter o rosto sem expressão.

Briggs recostou-se na cadeira, esticando as pernas até esbarrar nas de Zoey. — Nós tentamos. Infelizmente, não foi bem-sucedido.

— Nesse caso… — Marion imprensou a esponja entre as mãos e depois olhou para Briggs com olhos arregalados e inocentes. — Eles podem ser mortos?

Não. Eles não podiam. O pai de Zoey disse isso em seu vídeo. Mas é claro que Marion não saberia disso, porque Marion não tinha visto o vídeo, porque não *havia* vídeo, no que dizia respeito a Briggs.

Zoey queria dar um grande beijo desleixado na bochecha de Marion.

— Receio que não, — disse Briggs, com um suspiro. — Nós tentamos muitos métodos diferentes ao longo dos séculos, mas as criaturas são inteligentes e rápidas, e assumem muitas formas. Essencialmente, eles podem se regenerar mais rápido do que podemos machucá-los. Eles se autodestroem e desaparecem escondendo-se para se recuperar, depois reaparecem em um local diferente e o processo começa novamente.

Zoey cerrou a mandíbula com tanta força que seus dentes doeram.

No vídeo do pai dela, ele disse que *havia* uma maneira de matar os monstros: *Desenvolvemos um método particular de extermínio que tem uma alta taxa de sucesso, mas não sem grande custo.*

Então Briggs estava mentindo.

Ou então, seu pai estava.

— Quem são “nós"? — Marion perguntou. — Você disse: “Nós tentamos muitos métodos diferentes”. Nós quem?

— A Mão da Luz, — Briggs respondeu, sua postura se endireitando. — Somos uma organização antiga. Nós caçamos os monstros e tentamos evitar o máximo de mortes possível.

O pai de Zoey mudou de posição, pigarreou, recostou-se na cadeira e colocou as mãos na mesa.

Ele estava tentando agir como se estivesse envergonhado por ter escondido essa revelação de sua filha por tanto tempo?

Ou ele estava rezando para que ela não contasse tudo sobre seu vídeo? Talvez essa fosse uma informação que apenas Briggs estava autorizado a compartilhar?

Marion olhou para o pai de Zoey. — Você é um deles também?

Ele deu a ela um sorriso cansado. — Eu sou.

Zoey planejava fazer uma cena, fingir que era a primeira vez que ouvia sobre a Mão da Luz, que não suspeitava de monstros o tempo todo.

Mas quando ela abriu a boca, o que saiu foi o seguinte: — Se você vai tentar pegá-lo ou algo assim, ou até mesmo rastreá-lo, eu quero ajudar.

— Absolutamente não! — A voz de seu pai explodiu, fazendo Zoey pular. Ele empurrou a cadeira para trás e se levantou. — Estou farto de ficar sentado aqui. Eu cansei de ficar parado. Cada minuto que sentamos aqui é um minuto mais perto do próximo assassinato.

— Agora, Ed, não há necessidade de gritar. — disse Briggs. — Você vai assustar as meninas.

— Que bom, elas deviam estar com medo...

— Cale a boca. — Zoey colocou as mãos espalmadas sobre a mesa e se levantou. — Cale a boca, pai.

Ambos os homens ficaram em silêncio. Marion a observou em silêncio de sua cadeira.

— Por meses, estive me perguntando o que aconteceu com Thora, — disse Zoey. — Eu teorizei, eu perguntei, eu gritei, eu chorei. Eu queria respostas e não consegui encontrar nenhuma. Ninguém poderia. Exceto que você as tinha o tempo todo, — disse ela, apontando para o pai. — E nunca me contou.

— Eu queria proteger você

Zoey zombou. Suas mãos tremiam, assim como sua voz, o que realmente a irritava. Uma voz trêmula a fazia soar frágil e quebradiça, e ela não sentia nenhuma dessas coisas. Ela estava *furiosa.*

— Então você não achou que eu poderia lidar com o que realmente está acontecendo? — Ela murmurou.

A expressão de seu pai ficou mais sombria a cada momento. — Eu não queria que você ficasse com medo...

Ela o interrompeu. — Minha melhor amiga desapareceu. Eu já estava com medo. Mas se você confiasse em mim o suficiente para ser franco comigo, talvez eu tivesse menos medo. Ou pelo menos eu saberia a verdade e poderia ter encarado isso. — As bochechas de Zoey coraram enquanto ela olhava para seu pai. Seus olhos estavam brilhantes e sua boca tremia como se ele estivesse tentando não chorar, mas ela não sentiria muito por ele, ela *não sentiria.* — Você me fez passar por idiota. Você me tratou como uma criança burra e frágil.

— Zo. — A voz de seu pai falhou. Ele estendeu as mãos para ela em súplica.

— Essa coisa matou minha melhor amiga, — disse Zoey, ignorando-o para olhar para Briggs. — Vou fazer tudo o que puder para ajudá-lo a caçá-lo.

Briggs sorriu gentilmente. — Bem, Zoey, essa é uma oferta maravilhosa, mas… — Ele coçou a nuca, estremecendo um pouco. — A questão, querida, é que seu pai e eu, e nossos amigos… Sabemos o que estamos fazendo, conhecemos nossos procedimentos e isso é realmente algo que preferiríamos que você deixasse para nós...

Zoey girou antes que ele pudesse terminar, antes que ela pudesse voar até ele e dar um tapa nele por falar com ela como se ela merecesse nada mais do que um tapinha na cabeça

E antes que o formigamento crescesse em seus braços e pernas, e explodisse em algo parecido com o que quer que fosse que a tenha feito jogar Val naquelas ervas-bezerra.

Ela subiu as escadas e entrou no quarto, abrindo a porta e batendo-a fechada. Ela rastejou sob sua colcha e ficou lá, suas mãos cantarolantes apertadas contra o peito para acalmá-las.

Poucos minutos depois, Marion entrou.

— Eu disse a eles que queria dar uma olhada em você, — disse Marion. — Eles estão fazendo sanduíches. Eles disseram para ficarmos a vontade e tomarmos nosso tempo.

Zoey bufou, o que fez seus olhos arderem. — Quão generoso da parte deles.

— O que eu posso fazer?

— Você sabe o que estou pensando? — Zoey enxugou o rosto com as costas da mão. — Estou pensando que esses monstros que eles estão caçando… Eles não trabalham sozinhos.

Marion cruzou os braços sobre o peito, franzindo a testa. — O que você quer dizer?

— Você sabe exatamente o que eu quero dizer. — Zoey acenou para Marion com impaciência. — Quero dizer que a recente descoberta de cultos assustadores e antigos não muda o fato de que eu não confio em Val Mortimer, ou em sua mãe, eu nunca confiei e nunca vou confiar. E no instante – no *instante* – que eu tiver qualquer tipo de evidência real que eu possa dar ao estranho do Briggs lá embaixo, eu farei isso. Vou entregar todo o maldito culto para eles.

Marion ficou quieta por um momento. — Você acha que Val e a mãe dela estão *ajudando* esse monstro?

— Marion, não me venha com o tom de voz *você é louca, Zoey.* — Zoey olhou para o teto. — Não hoje.

Depois de uma longa pausa silenciosa, Marion tirou as botas e o moletom, em seguida, deslizou para baixo da colcha ao lado de Zoey antes de puxar o tecido macio da coberta de retalhos até o queixo.

Zoey se afastou um pouco, sua mente disparada, o brilho dos leds no teto se aprofundando. Ela não *achava* que Marion tivesse enviado aquelas mensagens sobre Thora, mas o que ela sabia? Sério, ela mal conhecia a garota. E, aparentemente, ela *mal sabia de nada*.

Ela fechou os olhos, tentando não pensar na expressão magoada de seu pai. *Eu queria proteger você.*

O relógio em sua mesa de cabeceira tiquetaqueando em meio ao silêncio. A respiração de Marion ficando lenta e estável.

Demorou muito para Zoey encontrar sua voz novamente, para fazer a pergunta que a estava incomodando mais do que qualquer outra – a pergunta que nem seu pai nem Briggs haviam abordado, nem na cozinha, nem no vídeo.

— Por que os monstros comem garotas? — ela perguntou finalmente. Sua voz soando baixa.

Quando Marion não respondeu, Zoey se virou de lado para encará-la. — Marion?

— Porque, — Marion respondeu, olhando além de Zoey, para o mar. — quando um predador caça, ele procura os vulneráveis. Os desesperados.

A risada de Zoey foi amarga. — Ah, e nós, pobres garotas delicadas, somos vulneráveis e desesperadas, é isso que você está dizendo?

— O que estou dizendo, — Marion disse, agora olhando diretamente para Zoey, seus olhos cinza brilhantes. — É que as garotas estão famintas. E somos ensinadas, a partir do momento em que nossos cérebros aguentam, que não há comida suficiente para todas nós.

Marion



A Coroa

Charlotte estava desaparecida há cinco dias e Marion não queria pensar nisso por pelo menos algumas horas. Ela não queria pensar em monstros que comiam meninas, nos homens que os caçavam e em um mundo repleto de obscurae.

Ela queria, simplesmente, existir em silêncio por um tempo.

Ela saiu da casa de Zoey, pegou sua mãe na delegacia de polícia e a levou para casa com ela em silêncio. Só depois que Marion estacionou o carro sua mãe falou.

— O que foi tudo isso antes? — ela disse calmamente. — Do que estávamos fugindo?

Marion estava sentada com as mãos no volante, olhando para a estrada em Kingshead e se sentindo repentinamente tão totalmente cansada que não conseguia pensar em uma boa mentira.

— Posso falar sobre isso mais tarde? — ela disse. — Podemos apenas… almoçar em vez disso?

Depois de um momento, a mão macia de sua mãe apertou sua.

— Tudo bem, minha pequena montanha. — sua mãe disse calmamente. — Não se preocupe sozinha por muito tempo, certo? Você pode me dizer, seja o que for.

Marion considerou se virar para os braços de sua mãe e se enterrar lá até que o mundo se reparasse.

Mas se ela se escondesse, quem esconderia sua mãe?

Marion piscou para afastar as lágrimas e saiu para a luz da tarde.

Naquela noite, Marion esquentou uma tigela de sopa de legumes no fogão e caminhou lentamente para a sala, com luvas de cozinha nas mãos.

Ao som de passos na varanda da frente, ela congelou. Uma batida soou, suave e rápida.

As criaturas são inteligentes e rápidas, e assumem muitas formas.

Marion olhou para a cozinha, onde um conjunto de facas brilhava na bancada. Se ela jogasse a tigela de sopa fumegante seja lá no que estivesse lá fora, isso poderia dar-lhe tempo para pegar as facas.

— Marion? — chamou Val, do lado de fora. — Eu trouxe alguns filmes. Achei que você gostaria de companhia?

Uma guerra estourou nas entranhas de Marion.

De um lado: Traga Val para dentro, dê sopa a ela, obtenha informações dela. Mantenha sua cabeça no lugar. Mantenha-se em seu juízo perfeito. Dance em torno dos temas de monstros e mundos ocultos, e observe o rosto de Val em busca de segredos e mentiras.

Do outro lado: Traga Val para dentro, dê sopa para ela, pergunte sobre sua mãe, pergunte sobre como é ser rica e bonita, pergunte sobre o que a mantém acordada à noite, questione, ouça-a, conte suas histórias, toque seu rosto, encontre outra parede para pressioná-la contra, pergunte-lhe o ela sonha para o futuro, e qual futuro ela teme.

Outra batida, mais hesitante: — Marion?

A mãe de Marion, aninhada sob um cobertor no sofá com reprises de seriados piscando na TV, gritou: — Tem alguém na porta?

— É Val. — Marion pousou a tigela na mesinha de canto, a cabeça girando silenciosamente, as bochechas coradas. — Espere um pouco, volto já.

Era, talvez, um pouco egoísta e egocêntrica, e talvez até um pouco estúpida, mas Marion não conseguia parar de sorrir. Apesar de sua tristeza, apesar dos monstros espreitando na escuridão, ela sorriu. Ela abriu a porta e sua mente gritou: *E se Zoey estiver certa? E se ela estiver por trás de tudo?*

Mas ainda assim Marion sorriu. Se sentia rebelde, radiante. Era como dar o dedo médio para o mundo e rir.

— O que há de errado em ser egoísta? — Marion perguntou. Uma saudação estranha, mas tudo bem. Se Val quisesse partir, ela poderia.

Mas Val não foi embora. Ela estava na varanda com uma braçada de filmes, vestindo calça de moletom e uma camiseta larga da Sawkill Day School. Seu cabelo estava preso em um rabo de cavalo alto e bagunçado. Ela não usava maquiagem alguma.

Marion ficou faminta ao vê-la. Encarar Val era uma revolta contra o mundo, contra a lógica, contra Zoey.

Val arqueou uma sobrancelha. — O que há de errado em ser egoísta?

Era um teste, decidiu Marion, com os batimentos cardíacos batendo forte na garganta. Se Val achasse que Marion era estranha por fazer tal pergunta, por atender a porta de um jeito diferente de outras pessoas que atendem portas, então Marion a rejeitaria. Inventaria uma dor de cabeça. Explicaria que ela precisava de um tempo a sós com a mãe.

Em outras palavras, ela se acovardaria e cairia em si.

Mas Val apenas riu, baixo e gutural. — Não há nada de errado com isso, eu penso.

E o sorriso aliviado de Marion a acolheu para dentro.

— Você é muito boa com ela. — disse Val, duas horas depois, aninhada em um canto do sofá enquanto a mãe de Marion dormia no outro canto e a própria Marion arrumava a sala de estar.

Enquanto ela se movia em direção à cozinha, Marion sentiu os olhos de Val em suas costas – e talvez, se ela não estivesse imaginando, também deslizando para baixo.

Ela se aplaudiu por escolher o short do pijama de bolinhas. Eles não eram o tipo de roupa que ela normalmente usaria na frente de

pessoas que não eram da família; eles mal cobriam as partes que os shorts foram projetados para cobrir.

Após colocar os pratos no lugar, Marion voltou para a sala, levou um dedo aos lábios pedindo silêncio e acenou com a cabeça para a escada. Val sorriu e juntou os filmes que elas ainda não tinham assistido, comédias românticas ridículas e água com açúcar fizeram sua mãe sorrir.

Depois que Marion ajudou a mãe a ir para a cama a deixou cochilando com um copo de água fresca, Marion e Val se dirigiram para as escadas.

A cada passo, Marion sentia-se *mais perto* de tropeçar. Depois de duas horas sentada ao lado de Val, sorrateiramente observando Val assistir ao filme, observando Val rir, observando Val roer suas unhas e girar fios de cabelo em torno de seus dedos, o sangue de Marion corria tão quente e rápido que ela temia que pudesse explodir.

— Falo sério, — disse Val, arrastando Marion escada acima. — Você é uma boa filha. Você é tão gentil e paciente com ela.

Marion tentou não se perguntar se Val a estava bajulando para algum propósito nefasto.

Tentou não pensar em sua própria bunda, no rosto de Val e na proximidade das duas.

Marion tentou se lembrar de respirar.

— Eu faço o que qualquer filha faria, — Marion manejou. Milagroso, que ela pudesse formar palavras. *Muito bom, língua e cérebro.*

A risada de Val foi dura. — Na verdade não. Se minha mãe precisasse de mim para cuidar dela, eu daria a ela os dois dedos do meio antes de sair pela maldita porta.

O quarto de Marion. *Oh, Deus, oh, Deus.* Ela girou a maçaneta e abriu o caminho para dentro.

— Por que você não gosta dela? — Marion acendeu a luminária de sua mesa. — Sua mãe, quero dizer.

— Porque ela não me ama. — Val respondeu imediatamente. Ela se esparramou na cama de Marion, olhando para o teto, uma longa perna balançando ao lado do colchão como um pêndulo.

Marion se ocupou em iniciar um dos filmes, para deixar como ruído de fundo. Ostensivamente para assistir, mas *okay*, como se Marion fosse capaz de prestar atenção mesmo que tudo o que ela e Val fizessem fosse sentar rigidamente, lado a lado, sem se tocar.

Lembre-se, você está aqui para observá-la, questioná-la, mentir para ela, uma voz na cabeça de Marion que parecia notavelmente com a de Zoey repreendeu.

— Porque minha mãe manipula as pessoas, — Val continuou. — e me ensinou como fazer a mesma coisa. Porque ela afugentou meu pai antes mesmo que eu pudesse conhecer o homem. Porque ela não me ama, e ainda assim teve uma filha. Porque ela quer aquela mesma vida triste para mim.

Val parou, as bochechas rosadas e indignadas. Ela olhou para o teto, e Marion, com os punhos cerrados, a voz interior que era de Zoey dizendo-lhe para se acalmar, mesmo assim imaginou-se beijando a linha reta perfeita do nariz de Val.

— Porque por muito tempo, — Val continuou. — Esse é o tipo de vida que eu também queria. Tudo porque ela me disse para querer. Porque ela me ensinou a ser uma garota que quer o que as outras pessoas querem e ignora meu próprio coração.

Marion procurou algo para dizer e não encontrou nada.

— Se minha mãe fosse a próxima a desaparecer, — disse Val, com a voz firme e sem tom. — Eu não me daria ao trabalho de procurá-la.

E, sem parar para pensar, Marion marchou até Val, pronta para dar um tapa na cara dela.

Val se sentou, parecendo repentinamente mortificada, e quando Marion estendeu a mão, Val agarrou seu pulso e a parou.

Val, sem surpresa, era forte. Marion havia sentido aquela força delgada na noite anterior nos estábulos, arrastando seus dedos para cima e para baixo no corpo de Val.

Agora, ela mal podia ver o rosto de Val por causa de suas lágrimas, e ela não tinha certeza com o que estava mais chateada— com o que Val havia dito, ou o fato de que ela não conseguia pensar direito com Val tão perto.

— Isso foi uma coisa muito babaca de se dizer. — cuspiu Marion.

— Deus, sinto muito. — Val tentou tocar sua bochecha, mas Marion se afastou.

— Você não pode simplesmente dizer coisas assim e se safar. — Marion se virou, enxugando os olhos. — Só porque você é rica e bonita...

— Eu sei.

Marion não conseguiu conter um soluço áspero. — Você percebe que perdi metade da minha família?

Marion se afastou, tropeçando um pouco, e se apoiou com força na cômoda. Ela era a pessoa mais podre do mundo. Sua voz interior de Zoey gritou: *Val pode ter matado Charlotte!* Mas Marion não acreditava nisso, não é? O Agente Briggs e Chefe Harlow caçavam monstros. Um monstro matou Charlotte.

Um monstro, não Val.

— Marion. — A voz de Val, muito perto. — Eu sinto muito.

Marion olhou para ela, sem se importar que ela já pudesse sentir sua pele manchando, seu rosto inchando. Ela ficava tão feia chorando.

Val se aproximou, seus olhos brilhando. — Eu sinto muito. De verdade. Eu sou a pior.

— Vá se foder, Val. — sussurrou Marion.

Val se inclinou e roçou sua bochecha na de Marion.

— Sinto muito, — Val respirou contra a pele de Marion, fazendo-a estremecer. — Eu sou uma idiota às vezes.

— Na maioria das vezes. — disse Marion, deixando-se derreter no toque de Val. Suas pernas trêmulas não iriam segurar ela por muito mais tempo.

— Na maioria das vezes. — Val concordou, rindo um pouco. Quando Val enxugou uma lágrima do queixo, Marion não conseguiu mais resistir.

Ela segurou o rosto de Val em suas mãos e a beijou.

Val ofegou contra sua boca. Suas mãos voaram para a cintura de Marion, e então ela sorriu tão abertamente que Marion teve que corresponder. Seus dentes bateram juntos, bateram os lábios, bateram as línguas e Val riu de novo, puxando Marion de volta para a cama. Com as mãos de Val deslizando para baixo de sua camisa e suas próprias mãos puxando impacientemente as calças de Val,

Marion se esqueceu de que nunca tinha beijado ninguém de maneira adequada, que não era linda e ágil como Val ou minúscula e feérica como Zoey.

Enquanto os lábios de Val beijavam para cima e para baixo em seu pescoço, pelas suas clavículas e abaixo, roçando seus seios, ela se esqueceu de que era Marion – a rocha, a garota boa e firme.

Ela esqueceu que seu pai estava morto, e que Charlotte estava quase certamente morta, e que sua mãe poderia viver para sempre em uma névoa.

Ela esqueceu que todos em Sawkill estavam caçando não apenas uma garota desaparecida, mas duas. Que a floresta do lado de fora de sua janela testemunhou vinte e cinco meninas desaparecidas na noite.

Ela esqueceu tudo sobre a Mão da Luz e monstros, e Zoey ficando irritada como o *inferno* quando ela descobrir sobre isso.

Marion esqueceu tudo, exceto Val – seu toque, seu calor e suavidade, os sons que ela fazia quando Marion beijava a pele macia atrás de sua orelha. As mãos de Val deslizaram por seu torso nu e Marion se arqueou com seu toque.

— Você me faz esquecer tudo que eu odeio, — Val murmurou contra a barriga de Marion. — E eu odeio muitas coisas. Você me faz esquecer, — disse ela, pontuando as palavras com um beijo na pele trêmula de Marion. — Quem eu nasci para ser.

— Val? — Marion agarrou os lençóis com força, torcendo o corpo. Ela precisava estar mais perto de Val, precisava de Val contra seus seios, sua barriga, entre suas coxas.

— Hmmm? — Val murmurou, envolvendo seus membros em torno de Marion, puxando-a para perto, entrelaçando suas pernas com as dela.

— Cale a boca um pouco?

E Val riu de novo, suave como a luz das estrelas. Ela beijou a boca de Marion enquanto seus dedos deslizavam pelo short dela, entre suas pernas, beijando-a para abafar seus gritos suaves e altos, beijando-a até que ela mal pudesse respirar. Uma cortina de cabelo dourado envolveu Marion, arrastando levemente em sua pele. O rabo de cavalo de Val se soltou, envolvendo Marion no cheiro, no calor, e na voz de Val.

Quando Val finalmente se separou, ela pressionou sua boca ofegante contra o pescoço de Marion e sussurrou coisas para Marion que ela honestamente não conseguia decifrar, porque os dedos de Val estavam puxando Marion cada vez mais alto, e Marion segurou suas coxas ao redor da mão de Val e se moveu contra girando, e ela não conseguia parar de se mover, nem mesmo por um segundo. Se ela parasse, ela morreria.

— Por favor. — Marion implorou, agarrando Val contra ela, deslizando a mão pelas costas nuas de Val, por baixo da camisa e depois pelas calças, espalmando sua pele macia. — Por favor, *Deus.*

Val sorriu contra os seios de Marion e aquiesceu, pressionando o polegar bem onde Marion queria até que ela se desfez nos lençóis úmidos emaranhados, seu mundo uma névoa pulsante e quente de vermelho, preto e dourado.

— Marion?

Lábios macios, roçando os dela.

— Alôôôôôô, Marion.

Dentes, mordiscando levemente sua mandíbula.

Horas depois, anos depois, ainda piscando de volta à realidade, Marion abriu seus olhos.

Ela viu Val sorrindo para ela, e então, atrás de Val, uma nuvem de minúsculas mariposas de olhos negros desceu voando do teto. Eles pousaram em Val requintadas e alheias, indo descansar em seus ombros e nas pontas de seu cabelo. Eles circundavam seu couro cabeludo, uma delicada coroa vibrante.

— Ei. — Marion respirou, um sorriso trêmulo em seu rosto. Ela fechou os olhos, corando, escondeu o rosto no travesseiro e riu.

Ela, sussurravam as mariposas, rindo junto com ela, sua alegria irrestrita. *Ela.*

Val.

Val sorriu e se deixou cair no colchão ao lado de Marion, enviando milhares de asas brancas ao redor dela como neve jogada.

Marion olhou para ela. Naquele momento, ela não era uma rocha, mas uma menina. Não uma filha sem pai e sem irmã, mas uma criatura viva, respirando, egoísta, que desejava. Que *ansiava.*

O resto? Isso poderia esperar até amanhã.

Ela pressionou Val suavemente no colchão e sussurrou: — Sua vez.

Val



O Cômodo Vermelho

Na manhã seguinte, Val voltou para casa ao amanhecer para encontrar sua mãe de pé no saguão, já completamente vestida, tomando uma xícara de chá.

Val congelou. — Mãe! Você acordou cedo.

— Bom dia, Valerie — disse a mãe. — Acabei de receber um telefonema interessante da polícia.

Enquanto Val observava, uma mecha de cabelo se soltou do coque de sua mãe. As entranhas de Val encolheram para longe de sua pele. Ela resistiu ao impulso de correr; correr só pioraria as coisas.

— Eles encontraram a mão decepada de Charlotte Althouse em nossa floresta. — A mãe de Val foi até a mesa do corredor e colocou o chá na mesa. — Estava segurando um colar, uma corrente com um pingente de estrela do mar.

— Oh, Deus, — Val sussurrou. Ela colocou a mão na barriga, onde há apenas alguns minutos Marion deu um beijo quente de boca aberta. — Elas ainda não sabem. Eu deveria ir dizer a Marion...

— Não há necessidade disso. — A voz de sua mãe tremeu, mal se contendo. — Chefe Harlow me garantiu que estava a caminho.

Como se fosse uma deixa, a porta de um carro bateu, depois outra.

Val correu para uma das janelas que flanqueavam a porta. Ela observou quando o chefe Harlow e um homem branco que ela não reconheceu subirem os degraus da frente dos Althouses e bateram na porta.

Val correu para a trava. — Eu deveria estar com ela...

— Não, Valerie, — disse sua mãe. — Você vai ficar aqui mesmo e vai me explicar sua negligência. Você vai explicar por que deixou a mão daquela garota para que alguém a encontrasse.

Val pairou na janela, incapaz de se mover. O grito de tristeza da Sra. Althouse rasgou o ar da manhã como o rasgar da terra. A mulher caiu de joelhos na varanda, Marion agarrou-a bem no final, enquanto o chefe Harlow estava de pé sobre eles com o chapéu apoiado contra o coração.

Os olhos de Val se encheram de lágrimas. Ela se afastou do vidro e pressionou as costas contra a porta. Ela se apoiou na madeira inflexível e lutou para recuperar o fôlego.

Sua mãe apareceu ao lado dela, olhando pela janela. — Caçadores vieram para nossa ilha. Eles vão tentar nos farejar. Eles vão tentar matá-lo.

Uma esperança selvagem explodiu no coração de Val. — Caçadores? Quem são eles?

— Não importa. Eles vão falhar. — Sua mãe olhou para ela. — Mas eles saberão que ele tem anfitriões. Isso é o que ele me disse. Ele me disse que eles sabem como isso funciona, pelo menos o suficiente para ser um perigo para nós. Eles estarão procurando por nós e podem muito bem descobrir tudo – isto é, se continuarmos a deixar partes do corpo espalhadas por aí.

O calor subiu pelo corpo de Val, que vibrou com o desejo de correr, mas ela não ousou se mover.

— Nós existimos por gerações nesta ilha, — continuou sua mãe, — imperturbáveis e inabaláveis. Até você aparecer, é claro. Minha filha, aquela que me trouxe a ruína. Bem. — Sua mãe riu baixinho. — Não se eu tiver algo a dizer sobre isso.

Com o sangue rugindo em seus ouvidos, Val observou sua mãe girar silenciosamente as fechaduras das portas da frente.

— Quer se juntar a mim na biblioteca, por favor? — Lucy Mortimer murmurou, então deslizou por Val através da sala, rumo as pesadas portas duplas na outra extremidade.

Val pensou em correr. Ela poderia correr pela estrada, atirar-se no Chefe Harlow, apontar para Kingshead e gritar: *Lá dentro! É onde o assassino está!*

E então o quê?

Ele iria encontrá-la. Ele tornaria sua vida ainda mais sombria do que já era.

Então Val seguiu sua mãe. O chão de tijolos frio chocou seus pés descalços como o golpe de pequenas espadas. Sua pele formigou fortemente; ela era alérgica ao próprio ar. Normalmente, ela não estaria tremendo. Normalmente, ela não sentiria nada. Ela suportaria sua punição em silêncio, então se esconderia em seu quarto até se sentir capaz de olhar as pessoas nos olhos e manter a boca fechada.

Mas nesta manhã, cada respiração que Val sugava a lembrava das novas linhas de seu corpo - despertadas pelas mãos de Marion, batizadas pelos lábios de Marion. Quando sua mãe fechou as portas da biblioteca atrás dela, Val se sentiu completamente em pedaços.

Ela ouviu a chave girar.

Ela fechou os olhos, esperando que tudo acabasse rapidamente.

Não acabou.

Sua mãe a puxou com um punho em seu cabelo, deu um golpe em Val uma vez, duas vezes e a jogou no chão.

Val não conseguia se mover – cabeça girando, ouvidos zumbindo. Ela sentiu o gosto de sangue e engoliu, porque o tapete custara trinta mil dólares e sua mãe poderia matá-la se o manchasse.

Isso, entretanto? A surra? Não foi nada. Foi simplesmente uma lição, e uma que Val sabia que merecia.

— Levante-se, — sua mãe ordenou. — Levante-se e olhe para mim.

Val obedeceu, mas ela ainda foi agarrada pela garganta e empurrada contra a estante mais próxima. Presa lá, as mãos suaves de sua mãe ao redor de sua garganta, Val se deixou ser meio estrangulada. Seu rosto se encheu de sangue; ela perdeu todas as

sensações em seus dedos, exceto por um estranho calor crepitante. Ela engasgou, ofegando, e o calor viajou primeiro por seus braços e depois caiu para descansar em seu estômago como uma estrela engolida.

Quando sua mãe a soltou, Val caiu no chão, ofegante, e percebeu tarde demais que estava chorando. Chorar não era coisa que as mulheres de sua família faziam. Elas não toleravam a fragilidade; elas não sofriam com elos fracos.

Mas sua mãe tinha visto, e a colocou de pé, batendo nela mais uma vez. Val tropeçou e se segurou na parte de trás do divã. Ela vislumbrou seu próprio rosto coberto de lágrimas e lábios ensanguentados no espelho contra a parede oposta, e se sentiu tão cansada de tudo, ardentemente triste por aquela pobre garota, tão desesperada para protegê-la, que seu corpo teve um espasmo, como se ela tivesse saído da escuridão gelada em um deserto escaldante ao meio-dia.

O mundo mudou e se tornou mais nítido contra sua pele. O chão era carvão quente sob seus pés descalços.

Ela se virou para a mãe e disse asperamente: — Afaste-se de mim, *porra*. — Em seguida, ela plantou a mão direita no peito da mãe e a eletrificou.

O calor escaldante detonou sob o chão e cortou os membros de Val como um raio. Ele se formou em um calor branco em suas palmas e a fez brilhar — cada fio de cabelo, cada músculo cuidadosamente cultivado, cada gota de suor.

Por dois segundos, Val não era nada além de energia e raiva e sangue e ossos. Ela agarrou sua mãe e a marcou. A frente da blusa de seda azul de Lucy Mortimer pegou fogo e virou cinza. Ela gritou, e Val cambaleou um segundo depois — não mais iluminada, uma mera menina mais uma vez.

Uma marca de mão vermelha permaneceu no peito de sua mãe.

Cintilante. Fumegante.

Cozinhada.

Val ficou encarando. Sua mãe encarou de volta.

Por um momento, a ordem conhecida das coisas virou de cabeça para baixo.

Pensamentos gêmeos explodiram na mente de Val:

Como Zoey?

Como Marion.

Uma garota com uma força incrível.

Uma garota que pode desaparecer.

Uma garota que queima.

Val correu para sua mãe, as mãos vagas e estendidas. — Mãe, sinto muito! Eu não sei o que aconteceu!

Um instante depois, Lucy Mortimer voltou a si. — Veja o que você fez —, disse ela com voz rouca, as lágrimas brilhando em seus olhos, o rosto tenso e pálido. — Você o deixou com raiva de mim.

Ela agarrou Val pela gola, abriu a porta secreta atrás das estantes e arrastou a filha escada abaixo.

— Não! — Val gritou, passando os dedos pelas paredes revestidas de madeira, suas unhas pegando em cada ranhura. O cômodo vermelho, *o cômodo vermelho não*, ainda não era a hora dela!

Mas ela estava com muito medo de lutar de verdade. O que *aconteceu* lá em cima na biblioteca? Fosse o que fosse, sua pele ainda formigava. Sua visão formou redemoinhos com formas brilhantes, como se ela tivesse olhado fixamente para o sol. As memórias voltaram para ela: ela mesma, voando para longe de Zoey, raspando sua pele contra o chão. Marion, vista pela janela do quarto de Val, desaparecendo da existência como se alguém todo-poderoso a tivesse desligado.

As palmas de Val queimaram as pontas dos dedos cerrados. Se ela abrisse os punhos, o que aconteceria? Essa luz voltaria? Ela incendiaria a mansão até as cinzas?

Ela manteve os punhos bem fechados, fechou os olhos e soltou um pequeno soluço. Ela iria se conter. Ela engoliria e engoliria, até que a sensação de queimação em seu peito, em seus membros, em suas entranhas, diminuísse. Porque se ela machucasse a mãe de novo, o suficiente para ela não sobreviver, então seria a vez de Val.

A vez de Val se deitar com ele naquele cômodo vermelho.

A vez de Val hospedá-lo, e ancorá-lo neste mundo que não era o seu.

Seria a vez de Val carregar a marca que sua mãe deixava na parte de baixo da barriga, onde ninguém mais podia ver a não ser

ele. E ao pensar nisso, com a eletricidade ainda fracamente correndo por seu corpo, Val vomitou a torrada que havia mordiscado, tonta e nem um pouco com fome, na cozinha de Marion naquela manhã.

Sua mãe fez um som de nojo, a soltou e a deixou cair. Val caiu em uma poça de seu própria vômito ao lado da cama.

— Controle-se, — sua mãe gritou, seu cabelo solto agora, suas bochechas coradas. — Quando eu voltar, espero que você seja a minha filha novamente.

Então ela se virou e saiu, sem olhar para trás, mesmo quando Val rastejou atrás dela, puxando sua saia.

— Mãe, *por favor*! Não me deixe aqui! — A porta se fechou na cara de Val. Ela gritou por socorro, embora soubesse que as paredes da sala eram grossas demais para que qualquer som escapasse delas. Ela bateu contra as paredes ainda úmidas, na escuridão, até que seus punhos ficaram em carne viva.

Val se acomodou no canto mais distante da cama e abraçou os joelhos contra o peito. Ela rezou para qualquer deus que não a tivesse descartado como completamente perdida, para que ele não viesse farejá-la e encontrá-la.

Quando ela finalmente adormeceu, uma luz branca borbulhante espalhou-se por seus sonhos, como as veias de um universo impiedoso.

OS UIVOS DA BESTA NÃO PODERIAM ser ouvidos neste mundo, não por ouvidos humanos, mas a Rocha ouviu cada um.

Ela ouviu a fome furiosa no som e soube que a besta se alimentaria novamente, e logo.

Antes que a lua enchesse em dois dias, sangue fresco mais uma vez pintaria a floresta da Rocha de um vermelho brilhante e trêmulo.

A Rocha sentiu tudo isso, enquanto observava a garota encolhida no subsolo. Envolvida pelas paredes da própria pedra da Rocha, esculpida para resistir à crueldade e insensibilidade, a menina chorou. Quando cada uma de suas lágrimas caiu no chão, a Rocha sentiu o impacto como se pequenos cometas do céu a atingissem.

A Rocha desejou, não pela primeira vez, que suas mãos fossem sólidas o suficiente para embalar os perdidos e solitários.

A Rocha desejava ter o poder de banir o mal e o profano para o reino mais distante e sombrio, por conta própria, sem exigir essas tarefas de seus jovens.

Coragem, a Rocha zumbia através de suas raízes profundas de mar e lodo.

Coragem.

Coragem, querido coração

Val



O Perfume

No dia seguinte, Val o sentiu acordar.

Ela se sentou no canto do cômodo vermelho com os joelhos encostados no peito, o estômago apertado e vazio, os olhos inchados e vermelhos. Sua fome veio de repente, como se as veias dela formassem a curva de um ovo frágil, e de repente a casca estava se estilhaçando. Dois minutos depois, a porta do cômodo vermelho se abriu, revelando sua mãe – cabelo enrolado, blusa de gola alta protegendo seu decote queimado.

O olhar de Val caiu imediatamente para o local onde sua mão escaldante havia queimado.

Seu próprio peito apertou, lembrando.

Era algo para se temer, esse poder?

Ou algo para ser reivindicado?

E, agitando seus pensamentos cansados, *é um poder que compartilho com os outros?*

Com Zoey?

Com Marion?

— Limpe-se, — a mãe de Val instruiu, observando Val cambalear para ficar de pé. — Não o deixe esperando.

Silenciosamente, Val obedeceu, seus olhos baixando para o chão, seu coração bem desperto e batendo forte. Sua mãe se

esquivou de Val quando ela passou.

Val não disse nada, mas enquanto subia as escadas para a biblioteca, ela tocou os hematomas em forma de dedos em sua garganta. Ela recuperou a memória dos punhos de sua mãe e permitiu que eles batessem nela novamente, e novamente, e novamente. Ela subiu as escadas para seu quarto: Um passo, soco. Dois passos, *soco*.

Com cada golpe lembrado, a cabeça cansada de Val clareou.

Com cada explosão fantasma de dor, o fogo moribundo no coração de Val cresceu e despertou.

Em seu quarto, Val aproveitou para tomar banho.

Se ela aparecesse nas pedras com cheiro de vômito, ele a faria pagar antes mesmo que ela pudesse começar a tentar qualquer coisa. Ela examinou seu reflexo no espelho enquanto penteava os nós de seu cabelo molhado, e então, ao se inclinar com o secador de cabelo explodindo, esperando que o barulho confundisse seus sentidos, ela se atreveu a pensar, *Você está aí?*

Ela não sabia o que ela esperava que a respondesse.

Mas algo tinha acontecido na biblioteca, e se ela pudesse fazer acontecer novamente, talvez em breve sua mãe não seria a única criatura a carregar a marca sangrenta de Val.

Guarde uma parte sua para você, sua avó havia instruído.

Não se perca para ele.

Não dê tudo de você.

Val ficou em silêncio, seu cabelo crespo e dourado caindo pelas costas. Ela olhou para seu reflexo e tentou se lembrar: o que ela estava sentindo, na biblioteca, pouco antes de machucar sua mãe?

Ela fechou os olhos, os punhos cerrados, e depois de um momento de reconstruir a cena em sua mente, o sentimento voltou para ela:

Pena, por seu próprio cansaço.

Raiva pela vida que ela foi forçada a viver.

E um desespero para mudar isso, mesmo que o pensamento a apavorasse.

O calor se acumulou nos pés de Val, em seguida, subiu por suas canelas, quadris, abdômen, peito.

Algo picou suas palmas, e quando ela se atreveu a olhar para baixo, desenrolando os dedos, ela viu, no centro de suas mãos, dois nós brancos de luz, crepitando como minúsculas galáxias gêmeas.

Eles piscaram uma, duas vezes e desapareceram – mas seu calor permaneceu, aquecendo-a.

Arrastando os dedos ao longo de uma das cercas pretas de pastagem de Mortimer e cantarolando a canção de ninar de Sylvia Mortimer, ela encontrou Quinn Tillinghouse indo para casa, voltando da casa de John Lin.

Quem é o sujeito com o sorriso limpo e brilhante?
Você quer, garota fada, tecer um feitiço para ele?

Val o sentiu atrás dela na floresta, seguindo-a. Ela manteve os punhos fechados, tentou medir sua respiração para que ele não visse que nada estava errado.

Ele poderia sentir isso, entretanto?

Ele poderia ler o mapa de seu sangue e farejar o cheiro de sua traição?

Quinn estava com seus fones de ouvido e suas chaves. Ela segurava a longa chave de ignição entre dois dedos, entalhes, como uma faca – apenas no caso de um ladrão de crianças passar por ali, Val supôs.

As lágrimas brotaram de seus olhos, apesar de quão duro ela estava trabalhando para manter a calma. Quinn era uma idiota inacreditável. Esgueirando-se para dar uma trepada rápida com John enquanto tudo na ilha estava em tal estado?

Val queria gritar com ela: *Já ouviu falar em se masturbar, Quinn?*

Ainda mais do que isso, ela queria gritar: *Corra! Agora!*

Ela correu e passou o braço pelo de Quinn antes que ela pudesse tentar correr. E por que ela iria? Elas eram amigas, há anos.

— Quinn! — Val sorriu brilhantemente. — Ei, garota.

— Oh! — Quinn deu um pulo e riu um pouco. — Val, Jesus. Você me assustou pra caralho.

— Você realmente não deveria sair sozinha, sabe.

Quinn revirou os olhos. — John disse que estava cansado demais para me levar para casa.

— Ugh, ele é um idiota. — Val se aproximou alegremente mas manteve a voz baixa. Ela olhou para as próprias mãos – nada. Ela engoliu em seco contra uma onda de pânico. — Quinn, me escute. Não importa o que eu diga, você não pode reagir e precisa ficar calma, certo?

— O que? — O braço de Quinn ficou tenso em torno de Val. — O que você quer dizer?

— Quando eu disser para você correr, preciso que corra para casa, direto por esta estrada, o mais rápido que puder.

— Do que você está falando? — A voz de Quinn ficou estridente. Ela olhou por cima do ombro, os olhos arregalados. — É alguém [...]

— Deus, Quinn, você é tão paranóica! — Val disse em voz alta, encolhendo-se com a qualidade fabricada de sua voz. Então, mais baixo: — Se você não quer morrer está noite, corra quando eu mandar. Fique longe da floresta, siga pela estrada.

Atrás delas soou o estalo de um galho, o baque de alguma coisa caindo no chão. Val quase recuou. O som dele existindo no mundo era tão sólido agora. Antes, ele tinha sido uma sombra que só ela podia ver.

Quinn girou, se contorcendo no aperto de Val. — Quem está aí? — ela chorou. — Fique longe de nós! Oh, Deus. — Quinn procurou seu telefone e soltou um soluço frenético. Ela começou a correr enquanto discava, ficou presa em uma rachadura no chão, e tropeçou.

Val arrancou o telefone das mãos de Quinn, empurrando-a pela estrada escura em direção à cidade. — Vá! *Agora!*

Quinn correu, gritando por ajuda.

Val se virou para procurar na escuridão. Ela tentou se lembrar da biblioteca e recuperar aquela sensação quente e invencível, mas Quinn estava gritando, e as palmas das mãos de Val permaneceram apagadas, inúteis, e então era tarde demais.

Uma mão bateu na barriga de Val. Ele agarrou seu vestido e a jogou no chão. Sua mandíbula bateu na terra dura. Ela mordeu a língua e sentiu o gosto de sangue.

— Sua vadia infiel, — rosnou uma voz ofegante e estranha — ele devia estar com muita fome, muito animado, para assumir uma forma humana adequada.

Val tentou se levantar, mas sua visão girou e ela desabou. Ela ergueu a cabeça a tempo de ver uma escuridão bruxuleante de tamanho humano, em forma de morcego, estocada no ar enfrentar Quinn. Ele agarrou seu rosto, abafando seu grito de horror.

Silêncio. A floresta e suas criaturas haviam parado.

Então Val ouviu o som do corpo de Quinn sendo arrastado para perto. Ele puxou Val de pé, empurrou-a para frente nas árvores. Ele se movia com facilidade, como tinta deslizando pela água. Seu aperto no pulso de Val era doentiamente sólido, seus passos batendo no chão de veludo da floresta como pedras atiradas de catapultas.

— Você está parecendo bem esta noite —, ela se forçou a dizer, tentando desesperadamente controlar a situação. — Eu nunca vi você tão forte.

— Lembre-se disso —, ele murmurou, as línguas sibilantes em sua orelha, — da próxima vez que você considerar me desobedecer.

Val balançou a cabeça, as lágrimas a cegando. — Eu não estava [...]

Ele apertou seu pulso com tanta força que a dor tirou seu fôlego. Sua forma elevou-se sobre ela; o ar, o solo, toda a existência de Val dobrada em direção a ele, sugada pela singularidade de sua raiva. — *Ande mais rápido.*

Val lutou para ficar de pé enquanto liderava o caminho para casa. Sua utilidade para ele como navegadora era a única coisa que a mantinha viva – e ela sabia que esta poderia ser a última vez que ele precisava dela para tal.

Ela deu uma última olhada nas palmas das mãos apagadas e a esperança desmoronou como cinzas sob seus pés.

Havia uma pedra cinza de formato bonito, logo dentro do perímetro das pedras brancas. Era baixo e plano, e era, como sua mãe brincou uma vez, o trono de Val.

— O meu era maior, — comentou Lucy Mortimer, ao vê-lo pela primeira vez. Ela segurou a bochecha de Val, seus olhos planos e

frios. — Mas tenho certeza de que isso não significa nada.

Foi onde Val se sentou, enquanto ele prendia Quinn no chão no centro das pedras e começava a trabalhar. Ele rasgou e arranhou, ele esculpiu e estripou, ele sorveu e bebeu, ele esfolou e descascou. Quando ele acabou, as pedras estavam vermelhas, o chão estava vermelho e Val era a mais vermelha de todos.

Salpicada da cabeça aos pés com isso, Val sentou-se com uma postura digna de uma colégio-de-etiqueta, e pensou de forma distante nas pinturas de Jackson Pollock. (Talvez ela pedisse à mãe para adquirir uma para seu quarto.)

Ela se perguntou se as aulas voltariam a funcionar no outono como de costume, considerando todas as tragédias do verão. (Talvez eles tivessem fechado o buraco do inferno para sempre.)

Ela se perguntou o que faria até a próxima e última morte, para passar o tempo. Pois é claro que a última morte aconteceria, provavelmente em questão de horas, a julgar pela aparência dele – se erguendo do chão, parecendo humano novamente. Uma nova forma, uma que ela nunca tinha visto: como o Dr. Wayland, mas mais abertamente masculino, mais musculoso, suas roupas mal contendo seu corpo esculpido, seu sorriso cheio de dentes, sua postura militar e seu cabelo claro cortado rente à cabeça. Ele era a versão do universo-espelho do Dr. Wayland, alguém que podia causar o último suspiro de qualquer pessoa de quem não gostasse e riria ao fazê-lo. Seu olhar branco e brilhante percorreu a clareira, e seus dedos se contraíram ao lado do corpo, como se ele já estivesse explorando a floresta para a próxima refeição. Logo ele se libertaria de toda necessidade dos Mortimers e fugiria para a selva para caçar como ele desejava, tudo porque Val falhou em pará-lo e sem dúvida falharia novamente se ela tentasse.

Ela olhou entorpecida para a carnificina diante dela, as lágrimas enchendo seus olhos.

Sinto muito, Marion.

Ela fechou os olhos, desesperada pela memória: o rosto de Marion, sorrindo para ela, seu cabelo escuro emaranhado e despenteado pelo amor.

Os murmúrios sonolentos de Marion, subindo de onde ela estava aninhada sob o queixo de Val.

Marion, rindo. Marion, ofegante. Provando Marion, abraçando Marion, fazendo Marion sorrir, gritar e respirar ofegante...

— Quem é Marion?

O estômago de Val se encolheu em um nó de metal frio e mergulhou sob o mar de seu sangue em chamas.

O garoto estava diante dela. Foi um alívio ver aquela forma familiar, em vez do monstruoso e imparável Dr. Wayland. O sangue manchou a boca e as mãos do menino e os cachos angelicais. Seus grandes olhos azuis olharam para ela com uma ingenuidade cuidadosamente fabricada.

— Conte-me? — Ele se aproximou e colocou duas mãos vermelhas e rechonchudas em sua perna. Mesmo através da calça jeans, ela sentiu o calor úmido de seu aperto.

Val, lutando para manter a calma e não encontrando nenhuma, tentou um subterfúgio. Normalmente, sua mente estava confusa após uma refeição. Talvez, se ela falasse com bastante cuidado, ela pudesse desalojar Marion de sua memória, alterá-la. — Eu... ninguém. Eu estava apenas sonhando acordada.

— Você está mentindo. — A voz do garoto estava fria. Seus olhos se desviaram e então voltaram. Seu olhar tornou-se calculoso. — A outra garota. A segunda irmã. — Um sorriso lento se espalhou por seu rosto. — Ah, sim. Eu me lembro dela agora. Marion. Sim. Eu já fui até ela antes. Eu brinquei com a mãe dela. Venha. Vamos nos limpar e ir visitá-las. Faz um longo tempo.

Val não conseguia se mover. Seu pânico era muito completo.

Levá-lo para Marion seria ruim, mas talvez recuperável.

Recusá-lo seria desastroso.

Val pegou sua mão e o conduziu vacilante para fora das pedras. Atrás deles, os restos do corpo de Quinn estavam espalhados. O ar vibrou contra a pele de Val – o véu que ele usava para manter as pedras escondidas de estranhos.

Val abriu e fechou os punhos, pensando rapidamente.

— Marion não é nada demais, você sabe. — Ela manteve a voz casual. — Meio rechonchuda. Realmente, simples. — Ela se atreveu a mexer em seu cabelo, reorganizou uma mecha vermelha emaranhada. — Ela não é o seu tipo, como tenho certeza que você já percebeu.

Ele bateu em sua mão e torceu seu braço com tanta força que lâminas de dor subiram para seu ombro.

— Espere, — ela engasgou, mas era inútil implorar a ele. Ele não parou até que ela ficou em silêncio e de joelhos diante dele.

— Oh, Valerie, — disse o garoto, erguendo o queixo dela para que ela tivesse que olhar para seu sorriso de rosto de bebê. — É tarde demais para isso. Qualquer garota que pudesse inspirar você a me trair é de fato, especial.

Marion



O Coletor

Marion observou Zoey em busca de sinais de combustão iminente.

— Você dormiu com Val. — Zoey disse, deitada no chão ao lado da cama de Marion.

— Sim.

Zoey acenou com a cabeça, sua expressão sombria. — Onde?

Marion pressionou a palma da mão contra o colchão. — Aqui.

— Na sua cama?

Marion fechou os olhos. Eles estavam inchados de tanto chorar, coçando e doloridos, e sua garganta doía por tentar conter os soluços para que ela pudesse ser forte por sua mãe. Havia um buraco em seu coração, um buraco em forma de Charlotte, que tinha sido rasgado cruelmente despedaçado – mas apenas um dia antes ela estava fazendo Val se contorcer sob sua boca, e Val a segurou, depois, com mãos trêmulas, e ela não achava certo ou justo o corpo de uma garota sentir tanto caos ao mesmo tempo.

— Sim. — Ela sussurrou.

— Bem, — disse Zoey categoricamente. — Jesus H. Cristo.

— Você está furiosa? — Uma pergunta estúpida, Marion supôs, mas então outra possibilidade entrou em sua mente. — Você está... com ciúmes?

— Francamente, Marion. — Zoey disse, sentando-se. — Estou realmente confusa.

— OK...

— Você pode até dizer que estou fodidamente desorientada.

— Zoey [...]

— Ouvir que você dormiu com minha inimiga mortal, minhas nêmeses, a filha do fazer-sexo-na-masmorra

— Eu sei

— A garota que provavelmente matou Thora, que talvez matou...

Zoey ficou em silêncio e desviou o olhar.

Marion se sentou. — Você sabe que isso não é verdade.

— Não. Eu não sei.

— Nós sabemos o que matou Charlotte. Era o monstro.

Zoey olhou para ela. — Já discutimos isso. Monstros nem sempre trabalham sozinhos. *Jesus*, Marion. — Ela passou a mão no rosto. — Não acredito que você faria isso.

Agora Marion era a única que olhava fixamente. — Combinamos que eu deveria me aproximar dela. Você achou que era uma boa ideia!

— E você conseguiu alguma informação dela? — Zoey perguntou. — Alguma pista sobre o monstro? Alguma resposta sobre como diabos uma criatura comedora de garotas vive por gerações em uma ilha sem que ninguém a encontre? Você descobriu algo do tipo, Marion?

As bochechas de Marion ficaram quentes. — Não.

— E por que não?

— Eu estava...

— Você estava talvez um pouco distraída?

Marion procurou as palavras, sua raiva crescente turvando seus pensamentos.

— Por que você fez isso? Conte-me. — Zoey envolveu as pernas com os braços, zombeteiramente pensativa. — Sério, eu quero ouvir as razões pelas quais você deixou isso acontecer.

— Porque ela é linda! — Marion não conseguia ficar parada por mais tempo. Ela saiu da cama e começou a andar. — Porque ela é legal comigo e isso me faz sentir especial. Como se alguém me visse. Como *você* me vê, o verdadeiro eu, mas, você sabe... —

Marion acenou com a mão. — Com tipo, sexo envolvido. Porque minha irmã está morta — a voz de Marion engasgou com as palavras — e meu pai está morto, e minha mãe está tão triste que não tenho certeza se ela vai se recuperar e ser a pessoa que costumava ser. Porque eu queria *sentir* algo. — Ela bateu com a palma da mão no peito três vezes, e cada baque levou suas lágrimas para mais perto de sua saída. — Realmente *sentir* que estou aqui, e viva, e eu queria não apenas me sentir viva, mas me sentir *bem*, pelo menos uma vez. Me sentir muito, muito bem.

Ela se virou para Zoey, recusando-se a piscar. — E porque eu a queria, e ela me queria. E porque eu não acho que ela machucou ninguém. Acho que o monstro sim – não ela, ou sua mãe. — Ela piscou e as lágrimas rolaram por seu rosto. — Porque ela está solitária, e eu também. Ok

Zoey a considerou por um longo momento. — Você poderia ter escolhido qualquer outra pessoa, Marion. *Qualquer uma* menos ela, e teria ficado bem.

Marion zombou, enxugando os olhos. — Então eu preciso apresentar meus parceiros sexuais por você?

— Você sabe que não é isso que estou dizendo. — Zoey respondeu, sua voz falhando. — Estou dizendo que Val roubou Thora de mim, então acabei ficando chateada com minha melhor amiga até o dia em que ela morreu. Eu estou dizendo *não a ela.*

E de repente a raiva que crescia no peito de Marion pegou fogo. — Eu sei sobre você e Grayson. — Disse ela. — Charlotte me contou. E só porque você não consegue descobrir como fazer sexo como uma pessoa normal, não significa que eu não possa me divertir sozinha.

Assim que as palavras foram ditas, Marion se arrependeu.

O corpo de Zoey cedeu, como se um pouco do ar tivesse escapado dela.

— Zoey. . . — Marion abanou a cabeça. — Zoey, me desculpe. Eu não quis dizer isso. Você sabe que não.

Zoey apenas olhou para ela.

— Eu não estava pensando. Eu estava com raiva e Charlotte... — Marion se interrompeu. Ela não usaria sua dor como desculpa. —

Não importa. Eu não deveria ter dito isso. Eu não quis dizer isso, e não acho isso. Essa foi a pior coisa [...]

— Sim. — Zoey explodiu, seus olhos cheios de lágrimas. — Essa foi a coisa mais merda que você poderia ter dito para mim. Você sabe quantas noites eu fiquei acordada me perguntando o que há de errado comigo? Por que não posso *desfrutar do sexo* como uma *pessoa normal*? Você sabe quantas coisas cruéis eu ouvi sobre mim desde que ele e eu terminamos? Que ele me largou porque eu sou negra, que ele me deu o fora porque ele só queria uma foda rápida, que as pessoas assexuais estão quebradas.

— Claro que você não está quebrada, Zoey. — Marion disse, desesperada para abraçá-la, mas presumindo que esse era um privilégio que ela não tinha mais permissão. — Ninguém que vale a pena realmente pensa isso. Eu não acho isso.

Então, lá embaixo, a campainha tocou.

A voz fraca de Val gritou: — Marion? Você está em casa?

Zoey saiu correndo pela porta e desceu as escadas.

O coração de Marion caiu. — Zoey? — Ela correu atrás dela, mas Zoey era rápida e os pés de Marion ainda estavam sensíveis. Mancando em direção às escadas, ela ouviu a porta da frente se abrindo, e então a voz de Val, surpresa: — Zoey?

A resposta animada de Zoey, sem lágrimas: — A primeira e única!

— O que você está fazendo aqui?

— Saindo com Marion.

— Oh, certo. Vocês duas são... amigas.

— Certo, Valerie. Você quer entrar?

Foi quando Marion ouviu o barulho de clique rápido movendo-se ao longo da parede, pelo foyer da frente, para o corredor e mais profundamente na casa, como o deslizar de garras em uma superfície dura.

Os olhos de Marion voltaram a se concentrar. Um som agudo dentro dela ressoou, como se um dedo tivesse arrancado suas costelas elétricas, e uma voz tivesse sussurrado: *Preste atenção agora.*

O gemer dos ossos começou, um rangido estridente e dissonante sob seu crânio. Uma mariposa apareceu, balançando

para fora da luminária escura do corredor e indo em direção às escadas.

Marion a seguiu lentamente para baixo.

Val: — Ouça, hum... Não me leve a mal, mas acho que você precisa ir embora.

Zoey, inocentemente: — Oh? Por que, Val?

— Eu preciso falar com Marion, em particular.

— Porque vocês são tão boas *amigas* agora?

Marion chegou ao fim da escada e, assim que virou a esquina para ficar de frente para o corredor, ela o viu – um pedaço de escuridão, de formato estranho, como um rabisco zangado de criança. Ele correu pelo teto, para longe de Marion, e se reuniu no canto mais afastado da sala, acima do sofá onde sua mãe dormia.

Dois olhos brancos apareceram na escuridão, grandes e sem piscar. Então a sombra deslizou pela parede, atrás do braço do sofá. Esperando.

As palavras da rima subiram pelos braços de Marion: *Cuidado com a floresta e a escuridão, profundamente úmida.*.

Ela cruzou o corredor para entrar na sala de estar, seu batimento cardíaco frenético inundando sua boca. Além do gemer agudo do osso, as vozes dos outros soaram fracamente.

Val, vendo-a: — Marion? Ei...

Zoey, se virando: — Oh, Marion! Na hora certa. Valerie acha que eu deveria ir embora. Talvez eu devesse, para que vocês duas possam ter algum tempo sozinhas?

Marion se moveu lentamente pela sala de estar, sua respiração alta e fraca. O volume da televisão estava baixo, um filme antigo em preto e branco oscilando de quadro a quadro.

Ela falou nas sombras. — Olá?

Sua mãe se mexeu em seu sono, estalando os lábios.

A voz de um menino respondeu do canto invisível: — Olá, Marion.

Ele vai te seguir para casa e não vai deixar você dormir.

Marion hesitou, mal conseguindo engolir. — Quem é você?

A mariposa solitária pairou acima de onde a coisa se escondia.

Você sabe a resposta, disse a vozinha da mariposa.

— Que amizade você tem. — Disse o menino, e assim que Val e Zoey entraram na sala, um pequeno punho empurrado para fora do canto, agarrou a mariposa e desapareceu.

O gemer do osso, abruptamente, cessou.

Zoey saltou para trás. — O que é que foi *isso*?

Que amizade você tem. Não Zoey, Marion pensou, sua bile subindo, porque ela podia ouvir as mandíbulas do monstro rangendo, rasgando o corpo da mariposa em pedaços.

Não estava falando sobre Zoey ou Val.

Ele estava falando sobre a mariposa.

— Elas me ajudam, às vezes. — Disse Marion, aproximando-se lentamente mais uma vez. Ela tinha que afastá-lo de sua mãe. — As mariposas, quero dizer.

— Que curioso. — Disse a voz do menino.

Zoey agarrou o pulso de Marion. — Quem *é* aquele?

— Marion, não vá até aí. — Disse Val, com a voz tensa. — Por favor, não é seguro.

Zoey, bruscamente: — Como você saberia? Val, quem é este?

— Ela está certa. — Riu o menino. O punho rechonchudo da criança voltou, acariciando a perna da calça de sua mãe. — Eu não sou seguro.

— Afaste-se dela! — Marion pretendia correr, como qualquer garota protegendo sua mãe faria, mas em vez disso, ela desapareceu de um ponto e apareceu no outro – bem ali, no canto, pairando sobre um minúsculo menino de olhos azuis com cachos loiros brancos.

Val ofegou, sua voz cheia de lágrimas. — Que diabos?

Zoey pegou um atiçador da lareira. — Val, tire a mãe dela daqui.

Marion teve meio segundo para notar os pedaços de asas de mariposa pontilhando os lábios do menino antes que ele pulasse, se agarrasse a seu torso e subisse até os ombros, com as bochechas rechonchudas vermelhas de raiva. Ela cambaleou para trás e caiu, batendo a cabeça no chão. Sua visão escureceu e voltou. O menino deu um tapa no rosto dela e curvou-se sobre a garganta dela com os dentes arreganhados.

O atiçador de Zoey voou, batendo em sua têmpora. Ele não se mexeu, a pele intacta. Sua cabeça se ergueu e ele rosnou para ela,

o som que saiu de sua garganta não era um som que qualquer criança humana pudesse fazer.

— Val. — Marion engasgou, procurando, a mão do menino apertada em torno de sua garganta. Vagamente, ela viu Val guiando sua mãe para a outra sala. Sua mãe ainda estava meio adormecida; o remédio para dormir que o Dr. Wayland havia prescrito a ela, para ajudá-la a encontrar descanso mesmo em sua dor, era muito bom. Ela murmurou: — Val? O que está acontecendo?

O atiçador de Zoey voou mais uma vez. — Saia de cima dela, seu filho da puta!

— Jean Grey. — Marion resmungou, lembrando Zoey. Ela sentiu uma força elétrica se acumular sob o piso de madeira, agrupando-se sob sua espinha trêmula e os pés de Zoey. — Faça isso novamente. — Ela agarrou os dedos do menino, esquivando-se de seus dentes rangentes. — Foco! *Rápido!*

Zoey largou o atiçador. O chão chiou e estalou com sua abordagem. Ela agarrou a gola do menino e o jogou – vinte metros, do outro lado da casa, para a cozinha. Ele caiu na geladeira, uivando como uma criança tendo um acesso de raiva. Com o impacto, o garoto desapareceu e a forma escura voltou, uma sombra furiosa que envolveu os armários da cozinha na escuridão. A fúria infantil tornou-se sobrenatural, e seu uivo – gutural e penetrante – quebrou todos os pedaços de vidro da casa.

Zoey caiu de joelhos entre Marion e a cozinha, o braço trêmulo estendido e a palma da mão rígida.

— O que é isso? — Ela chorou. — Marion? Você está bem?

Ofegante, Marion rolou para ficar de frente para a cozinha. Uma criatura, sem orelhas e com a cabeça voltada para trás, vagamente lupina, vagamente masculina, composta de sombras inconstantes e uma pele escorregadia e escamosa, correu em direção a eles. Bateu nas paredes, derrubou cadeiras – um caranguejo desorientado, mas determinado.

Seus olhos brancos olhavam fixamente, sem piscar. Asas coriáceas brotaram, batendo úmidas nas paredes. Quando gritou, Marion pensou ter ouvido seu nome.

Isso deu a ela o choque de medo que ela precisava.

Você se teletransportou no tempo, Zoey tinha dito.

— Espere aí. — Ela instruiu Zoey, e Zoey agarrou sua mão, assim que a criatura começou a se arrastar pelo chão, bem quando a força elétrica afiada vibrando sob Marion disparou e a consumiu.

Ela segurou Zoey com força com um braço, pensou na casa de Zoey, plantou a outra palma da mão no chão – um condutor entre seu corpo e as entranhas rochosas da ilha.

Porque ela havia decidido que essa força subindo por seu corpo pertencia a ela, sim, mas também a Rocha Sawkill – às mariposas e ao mar, ao cavalo que quebrou seus ossos na água, e às árvores negras e trêmulas onde a polícia encontrou a mão de sua irmã.

— Eu ouço você. — Ela sussurrou, se perguntando o que, exatamente, estava ouvindo – e então empurrou com força no chão.

Uma inspiração. O soluço apavorado de Zoey. O estalo e a sacudida do mundo girando do avesso.

Um instante depois, elas pousaram na cozinha silenciosa e bem iluminada dos Harlows – dura, em suas mãos e joelhos – e a última coisa que Marion soube antes de desmaiar foi Zoey agarrada a ela, o rosto enterrado em seu cabelo, sussurrando uma vez e outra, — Agente, agente, agente, — como uma oração do rosário ou um feitiço elaborado para afastar o diabo.

Zoey



A Muralha

Quando Zoey acordou, a primeira coisa que ela fez foi tentar chamar Marion, mas ela só conseguiu tossir.

— Ei, ei, está tudo bem. — Veio a voz de seu pai. A almofada do sofá afundou sob seu peso. — Eu estou com você.

Zoey agora reconheceu o que estava ao redor – o tecido marrom do sofá, manchado, mas um desgastado liso e macio. As vigas de madeira expostas delineando o teto abobadado. Luz de lâmpada amarela suave, tapete listrado de laranja e azul no piso de madeira escura, fotografias em sépia emolduradas nas paredes amarelas do calêndula (seus avós, seus tios e tias e o pai quando eram jovens, e Zoey quando ela nem conseguia engatinhar).

Do outro lado da sala, na poltrona, Marion dormia profundamente, um cobertor enrolado em volta dela.

— Zo? — Seu pai murmurou, acariciando suas bochechas. — Zoey, olhe para mim. Você está bem.

— Papai? — A voz de Zoey quebrou. Ela *estava* viva, não estava? — Papai?

— Estou aqui. — Ele a olhou bem no rosto e passou a mão pelos cabelos dela. As linhas ao redor de seus olhos e boca a aterraram na real, no tragicamente finito. — Estou bem aqui, querida.

— Onde está Briggs?

Ele franziu a testa para ela. — Briggs? Ele está na estação...

— Diga a ele para trazer seu traseiro até aqui. — Zoey agarrou a camisa do pai. — Precisamos descobrir uma maneira de matar essa coisa. *Rápido*.

Então, conforme as memórias voltaram para ela – como aquele garotinho gritou, a sensação do atiçador batendo em seu crânio, o calor subindo por seu braço quando ela o jogou para longe – o rosto de Zoey se contraiu. Envolvida nos braços do pai, ela chorou.

Mais tarde, perto do amanhecer, Zoey acordou em uma casa silenciosa.

Do outro lado da sala, seu pai havia adormecido em sua poltrona, com a boca aberta.

Marion também estava dormindo, confortável na poltrona.

Não é surpreendente. Se Zoey tivesse levado os dois para o outro lado da ilha, ela provavelmente estaria exausta também.

Ela considerou Marion por um momento – mesmo durante o sono, sua boca parecia tensa de preocupação – e não conseguiu reunir um único pingo de sentimento bom. Talvez tenha sido indelicado da parte dela, com tudo o que Marion passou, e como ela possivelmente salvou suas vidas, mas Zoey não teve vontade de dar desculpas por seu comportamento, pelas coisas dolorosas que ela disse, então ela não o fez.

Ela se imaginou dobrando-se em uma armadura inquebrável e saiu da sala, subindo as escadas para trocar a calça jeans por algo mais confortável. Mas assim que ela entrou em seu quarto, ela congelou.

Sentado lá, no centro de sua cama, estava o livro negro de seu pai.

Um formigamento lento subiu seu corpo.

O pai dela colocou o livro aqui? Ou Briggs?

Ou outra pessoa?

Zoey sentou-se na beira da cama, aninhou o livro nas mãos e respirou fundo.

Abriu.

Ela folheou as páginas de texto que já havia lido. Desenhos do Coletor - escuro e sorridente, homem e fera. A garota desenhada

com sua espada e as palavras ao lado dela: *SEMPER TRES.*

Ela também pesquisou essa frase online: *Semper três.*

Ela virou a página.

Aqui estava outra garota, seus braços e pernas marcados em fogo. Outra chama menor queimava onde devia estar seu coração.

O corpo de Zoey zumbia como se as abelhas estivessem se reunindo ao longo da parte inferior de sua pele. Ela virou a página.

Uma terceira garota estava de pé, a cabeça jogada para trás para as estrelas, os braços estendidos de cada lado. A posição do corpo dessa garota era aberta, vulnerável. Zoey se perguntou: ela estava lutando? Ou ela estava se entregando?

Zoey virou mais algumas páginas, cada uma delas alinhada com caixas de texto bem etiquetadas e mais ilustrações de garotas - uma garota voando pelo ar, uma garota com relâmpagos saindo de suas palmas, uma garota com asas brotando de suas costas.

Então, mais escrita. Diagramas de formas. Formações que Zoey não entendia.

Então: Outra garota. Diferente das outras. Não uma silhueta, mas estava nua.

Ela estava emoldurada na escuridão e lembrou Zoey da forma sombria do Coletor cambaleando pela cozinha dos Althouses. Acima do triângulo de cabelo entre as pernas da garota, um sorriso negro sorria na pele pálida de sua pélvis.

Zoey ficou olhando. Era uma tatuagem? Ou um corte?

Ao lado da garota nua havia uma palavra: *REGINA.*

Zoey sabia disso, devido as muitas horas gastas pesquisando em sites de nomes de bebês com Thora, encontrando o nome perfeito para este ou aquele personagem.

Regina significava *rainha*.

Ela olhou de volta para a garota. A rainha? Rainha de *quê*?

Zoey olhou para o desenho com a mão sobre a barriga, prendeu a respiração e virou a página. A ilustração que a olhou de volta a fez soltar um grito agudo:

Uma garota montou em outra garota, mergulhando uma faca em sua barriga.

Uma terceira garota agarrou-se ao esfaqueador, passando uma faca pela garganta.

E a primeira garota, a garota no chão, estava deitada com a boca larga e desengonçada, a língua longa e rígida. Uma forma escura e disforme, uma nuvem furiosa de escuridão, desceu do céu, alcançando a garota morta. Sua mão em forma de garras agarrou sua língua, e sua nebulosa moldura escura envolveu a todos, caindo sobre eles como um ciclone. Alguém havia ilustrado a cena com tantas marcas de caneta, pesadas e grossas, que o papel escurecido ficou estriado e cintilante, gravado.

No centro da nuvem negra, havia dois olhos redondos e brancos.

Zoey jogou o livro pela sala. Ele bateu em sua parede de estantes e caiu no chão.

Isso era besteira.

Isso era maior do que Thora, maior do que Grayson preso em casa traduzindo um milhão de palavras de latim quase ilegível, maior do que seu pai e algum agente aleatório do FBI.

Eles precisavam de ajuda.

E Zoey iria buscá-la.

Ela encontrou sua mochila e começou a empacotar. Jeans e botas, camisas e jaquetas, meias e roupa de baixo. Roupas para Marion também – grandes demais para Zoey, ou que não eram mais o estilo dela – porque não podiam voltar para a cabana, nunca mais, de jeito nenhum. Algumas roupas de segunda mão de sua mãe, que Zoey planejou reaproveitar algum dia, em retalhos, indefinidos, para o dedo médio que sem dúvida fariam o coração de Val murchar e morrer.

Elas ligariam para a mãe de Marion - oh, *Deus*, elas a deixaram com Val.

— Merda. — Zoey murmurou. Ela pegou o livro preto, colocou-o na bolsa e fechou o zíper. Eles teriam que encontrar a mãe de Marion e buscá-la, e Grayson também.

— O que aconteceu com você e Marion?

Zoey girou. Seu pai estava no limiar, os braços cruzados sobre o peito.

— Eu pensei que tinha trancado a porta. — Zoey disse, piscando.

— O que aconteceu?

Zoey pendurou a bolsa nos ombros. — Vou pedir ajuda e você vem comigo. Você, Marion, a mãe dela, Grayson. Acho que Briggs também, ele parece bom.

— Você vai buscar ajuda? — Seu pai repetiu.

— Olha, essa criatura é demais para, tipo, cinco pessoas descobrirem sozinhas. Existem outros membros da Mão da Luz, certo?

— Zoey [...]

— Honestamente, talvez devêssemos chamar os militares também. —Zoey marchou passando por ele no corredor, então olhou para trás por cima do ombro. — Vocês já tentaram isso antes?

— Zoey. — Seu pai não se moveu. Ele olhou pela janela dela. — O que aconteceu com você e Marion? Eu estava na cozinha e, no instante seguinte, ouvi um estrondo. Fui para a sala de estar e vocês duas estavam lá. No chão, como se você tivesse caído do céu.

Ele se virou, seus olhos brilhantes e sua boca trabalhando como se estivesse tentando se manter costurado junto. — Diga-me o que aconteceu, Zoey.

O coração de Zoey saltou em sua garganta. — Nada aconteceu. Nós apenas... entramos pela porta da frente.

— Você está mentindo.

— Sério, está tudo bem

— Apenas me diga!

— Ok, ok, *calma*, você está me assustando. — Disse Zoey apressada. — Estávamos na casa de Marion e o Coletor a atacou. Marion, quero dizer. — Ela balançou a cabeça, rindo um pouco. — Parecia um menino. Soou como, eu nem sei, como o som de um filme de terror. Um som demoníaco. Ele tentou mordê-la.

Seu pai estava com os punhos cerrados. — E depois?

— Eu bati nele pra cacete. — Ela respondeu, olhos marejados com a memória. — Deus. Peguei um atiçador de lareira e bati na cabeça dele algumas vezes, mas não adiantou. Ele apenas sibilou para mim, e então...

Ela olhou pela janela, observando o Olho de Sawkill virar.

— Diga-me, Zoey. — disse seu pai com firmeza.

— Então eu fui Jean Grey nele. — Ela respondeu.

Uma pausa. — O que?

— Eu o soquei com minha mão, e ele voou pela sala. Longe de mim, longe de Marion. — Ela inspirou e expirou. Ela enfiou as mãos nos cabelos com uma risadinha sufocada. — Então Marion nos trouxe aqui. Ela nos empurrou através da ilha, para a segurança.

— Ah, não. — Seu pai andou no quarto dela, instável. Ele se sentou na beira da cama dela e colocou o rosto nas mãos. — Não, não, não...

E de repente tudo ficou claro para Zoey.

As meninas desenhadas no livro - asas em suas costas, raios em suas mãos. Garotas voadoras, garotas em chamas.

Garotas que podiam se transportar a grandes distâncias em um piscar de olhos?

Garotas que podiam jogar um monstro pela sala.

Ela e Marion – ou garotas *como* ela e Marion – estavam no livro negro de seu pai. E agora seu pai estava caído em sua cama, derrotado. Os olhos de Zoey formigaram. Um zumbido elétrico vibrou por seus membros como a sensação de estar sendo observada, apenas dez vezes mais forte.

Ela atravessou a sala e parou diante do pai. — Você sabe o que isso significa, não é? — Ela sussurrou. — O que é isso?

Uma longa pulsação, enquanto o Olho de Sawkill circulava pela manhã iluminada, e os galhos fora de sua janela sussurravam e estalavam. Então seu pai ergueu os olhos úmidos para olhá-la, e Zoey deu um passo para trás, porque aquele não era um bom olhar.

Era a aparência de alguém cujo mundo estava desabando ao seu redor.

— Você se lembra no meu vídeo, — Disse ele, com a voz áspera. — quando eu disse que tínhamos inventado um método de extermínio para matar o monstro?

— Sim. — Zoey sussurrou, o coração batendo forte em seus ouvidos.

Ele abaixou a cabeça e fechou os olhos com força. — Eu queria tirar você da ilha antes que os outros chegassem, mas não teria importado. Já havia começado. Oh Deus. *Zoey*. — Seu pai gritou em suas mãos. — Eu nunca deveria ter deixado você vir aqui. O que diabos eu estava pensando?

— Pai, acalme-se e fale comigo. — Zoey agarrou os ombros do pai, tentando não recuar com a angústia em seu rosto. — O que está acontecendo? Qual é o método de extermínio?

— Alguns poucos escolhidos têm o poder de matar a besta. — Respondeu ele. — Meninas, sempre. Meninas extraordinárias. Sempre há três.

SEMPER TRES.

Zoey começou a recuar lentamente. — Você quer dizer... podemos lutar com ele?

Os ombros de seu pai caíram, seu rosto afundando. Lentamente, ele estava murchando. — Podem tentar.

Zoey pressionou as mãos contra o estômago. — Nós temos?

— Você não tem que lutar. Mas você tem que ficar.

— Ficar onde? Em Sawkill? — Um zumbido distante zumbia ao longo do horizonte da existência de Zoey, avançando cada vez mais perto.

— Não sei por que isso acontece. Mas acontece todas as vezes, em todos os lugares. — Seu pai fechou os olhos. — Uma vez que o poder de uma garota desperta, — Disse ele, como se recitasse uma escritura bem conhecida. — ela está ligada à terra em que a besta rasteja, e lá ela deve permanecer, até que o trabalho seja concluído.

Zoey marchou de volta e deu um tapa nele.

— Você os desenhou? — Ela ficou de pé sobre ele, a palma ardendo com o impacto, todo o seu corpo rígido e os olhos brilhando de lágrimas. — Aquelas fotos das garotas se matando? A garota nua com o corte no abdômen?

— Não. — Seu pai respondeu, sua voz cansada e fina. — Esse livro contém observações e ensinamentos coletados de todos os cavaleiros que viveram nesta ilha, muito antes de me mudar para cá.

— *Cavaleiros?* Cristo. É assim que vocês se chamam?

Ele olhou para ela desamparado. Ele estendeu as mãos, implorando. — Eu nunca deveria ter deixado você vir para Sawkill.

— Não. — Ela retrucou. — Você não deveria.

— Achei que você estaria segura perto de mim; eu pensei que se eu mantivesse você por perto [...]

— Bem, você estava realmente errado, não estava?

Zoey saiu furiosa pela porta. No andar de baixo, Marion estava sentada, piscando sonolenta. Briggs sentou-se ao lado dela no sofá; quando Zoey se aproximou, ele largou a mão de Marion.

O estômago de Zoey gelou ao vê-lo.

— Zoey? — A voz de Marion estava rouca. Sombras cercaram seus olhos. — O que está acontecendo?

— Estamos saindo. — Zoey agarrou seu braço e puxou-a do sofá. — Vamos chamar sua mãe e Grayson, e vamos para o continente para obter ajuda.

— Não é uma boa ideia, Zoey. — Disse Briggs, irritantemente calmo.

Marion tropeçou atrás dela. — Espere, *Zoey* [...]

A cada segundo, Zoey tinha mais certeza de que Briggs iria pular do sofá e atacá-la. *Alguns poucos selecionados têm o poder de matar a besta.*

Sim, bem, esse tipo de coisa soava bem nas histórias, mas Zoey não gostou muito da ideia dela e Marion tendo que enfrentar algum monstro sozinhas.

Exceto...

SEMPER TRES. Sempre três.

Mas quem era a terceira?

Do lado de fora, na varanda, Marion puxou Zoey para uma parada. — Ei, vá devagar. Fale comigo. O que aconteceu?

— Estamos dando o fora daqui. — Disse Zoey. — É isso.

Marion olhou para ela. — Eu não vou deixar esta ilha até encontrar justiça para minha irmã.

— Não se trata de encontrar justiça, Marion. É sobre a ilha ser propriedade de um *monstro* que, algumas horas atrás, quase nos matou. Ou você não se lembra?

— Você só vai fugir? Deixar todos aqui para se defenderem sozinhos?

— Vou buscar *ajuda*, — Dsse Zoey. — para que as pessoas desta ilha tenham uma chance.

Zoey se virou para ir embora, tropeçando apenas em meio passo quando Marion agarrou sua mochila.

— Zoey, espere!

Mas Zoey se soltou das alças, o pânico rugindo alto e quente em seu sangue e correu.

Um carro estava subindo a estrada em direção à casa dela – três carros, faróis acesos – e Zoey os ignorou. Ela chegou à costa, seguiu o calçadão até a praia e encontrou o barco a remo amarrado de seu pai. Empurrou o barco para o mar cinzento e agitado, saltou para dentro e agarrou os remos.

Quantas manhãs ela e o pai passaram neste barco, navegando nas pequenas enseadas na costa oeste de Sawkill? Dezenas. Cem. Ele a ensinou como pescar, como remar.

Ela sabia que era ridículo remar o pequeno bote até o continente, especialmente com os braços já tremendo. Superpoderes estúpidos. Estúpida Jean Grey.

Mas o que mais havia para fazer? Sentar e esperar a balsa do final da manhã partir? Não, obrigada. Ela remaria até atingir um solo mais ameno; ela remaria e não olharia para trás. Ela encontraria soldados, mísseis, foguetes. Ela cavalgaria de volta para a ilha em um navio de guerra, agitando uma bandeira com o rosto de Thora costurado em cores de fogo.

Ela engasgou, quase desmaiando de ter lutado tanto para conter seus soluços que ela seriamente, literalmente, tinha esquecido de respirar.

E agora o barco não estava se movendo.

Olhando para trás, ela viu a Rocha repousada entre o céu escuro acima e a água escura abaixo, suas protuberantes costas peludas com árvores, seu Olho ereto e solitário.

Zoey se virou e procurou o continente. Ela semicerrou os olhos, tremendo. Lá – luzes, minúsculas e bonitas, piscando durante o amanhecer.

Ela agarrou os remos mais uma vez e remou.

Com um solavanco, as pás achatadas atingiram a muralha. Um baque surdo ressoou pelos remos, pelos braços de Zoey e em seus ombros. O barco estremeceu e não se moveu. As ondas a balançaram, fazendo-a balançar como uma boia, mas seu barco ficou parado. Mais precisamente, ele oscilou de um lado para o outro, até mesmo recuou um pouco mais perto da costa — *obrigado, Tides, que amigos você são* mas o barco não avançava.

— Não. — Zoey disse, recusando-se a acreditar, e remou.

O barco estremeceu mais uma vez. E de novo e de novo. Cada vez que Zoey tentava se mover, o barco desobedecia. Algum idiota ergueu uma muralha maldita no meio do oceano.

— Tudo bem, seu bastardo doente. — Zoey murmurou para Sawkill.

Ela deslizou para fora do barco e nas profundezas negras e geladas.

Vou nadar se for preciso, ela pensou, seus dentes batendo, seu corpo rígido e pesado. *Eu vou nadar e você não pode me impedir.*

Ela nadou, desajeitada, já cuspindo água do mar. Ela era boa em natação, mas ela não conseguia respirar bem e chorar ao mesmo tempo.

— Controle-se. — Disse a si mesma, nadando até bater na muralha.

A muralha empurrou-a para trás, gentilmente, como se ela não tivesse batido em um tijolo, mas em uma membrana carnuda.

Ela tentou várias vezes, e em cada vez a muralha a bloqueava. Ela nadou para a direita, tremendo, estremecendo e tentou novamente. Não uma boa – membrana. Invisível e impermeável. Ela respirou fundo e mergulhou, o mais fundo que podia, tão fundo que seus ouvidos doeram e o peso do oceano quase a puxou para baixo.

Olhos ardendo, pulmões queimando, ela tateou na escuridão – e encontrou apenas a mesma barreira quente e flexível.

Porra, porra. Ela gritou debaixo d'água, usando todo o resto de seu ar. Ela ouviu sua própria voz abafada e entrou em pânico. O instinto de sobrevivência era uma coisa poderosa. Ela encontrou força em algum lugar e se lançou em direção à superfície.

Uma mão agarrou seu braço e puxou-a o resto do caminho.

— Ok, está tudo bem. — Disse uma voz - a voz de um estranho, masculino e tenor, muito mais fina do que a de seu pai.

Zoey piscou e viu um rosto estreito e castanho claro sorrindo para ela. Ele estava saindo de um barco flutuante; Zoey ouviu o barulho de um motor.

— Está tudo bem. — Ele repetiu.

Mas Zoey estava *chateada*. A muralha havia impedido sua fuga, e a muralha pertencia à Rocha, e as ilhas não podiam dizer a ela o que fazer. *Ela* tem que dizer a si mesma o que fazer.

Ela respirou fundo, engasgando com a água e soltou um rugido crepitante de fúria.

O homem soltou Zoey e voou para longe, atirado na água. As ondas atingiram o pico e quebraram, ondas saindo do corpo trêmulo de Zoey. O barco quase tombou. Alguém gritou: — Jesus!

Zoey sabia que não poderia ficar na água por muito mais tempo, e quando a próxima mão se abaixou para puxá-la para cima, ela deixou.

— Peguei você. — Disse Briggs, descendo do barco. Para os olhos marejados dela, os olhos dele pareciam escuros e vazios em seu rosto pálido e quadrado. — Tudo vai ficar bem agora. — Ele apertou seu ombro. — Nós estamos aqui para ajudá-la. Você não precisa se preocupar.

Zoey se deixou ser puxada a bordo, sua mente lutando para alcançá-la.

— Nós? — Ela murmurou, e então viu, aninhados no barco atrás de Briggs, alguns homens que ela não reconheceu – com chapéu e sem rosto, casacos escorregadios pelo mar. Seu pai estava sentado entre eles, lutando para chegar até ela.

E Zoey entendeu imediatamente: a Mão da Luz havia chegado à Rocha de Sawkill.

Ela juntou a baba e cuspiu no rosto de Briggs.

— Não gosto de cultos. — Disse ela, e desmaiou.

A ROCHA NÃO PODIA PERMITIR que nenhuma delas saísse.

Uma das meninas silenciosamente, com eficiência, levou sua mãe para a delegacia de polícia para protegê-la.

(*Lá não é seguro*, pensou a Rocha. *Não é seguro em lugar nenhum*.)

Uma das meninas acordou de uma noite agitada atormentada por sonhos enjaulados. Ela estremeceu e sentiu saudades. Ela pensou em facas, em comprimidos, em penhascos. Ela pensou em um final. Mas, oh, isso não era justo, porque ela queria *viver*. A Rocha sentiu o desespero da garota como a força de uma tempestade se formando.

Uma das meninas tentou nadar para a liberdade. Quando isso falhou, ela cuspiu e amaldiçoou. Ela lutou e se enfureceu.

Mas a Rocha, infelizmente, não pôde permitir que ela partisse.

A Rocha não podia permitir que nenhuma delas partisse.

Não até que tivessem terminado.

Val



A Marca

Val acordou com uma sensação terrível na boca do estômago. Sua mente cansada parecia pronta para transbordar, como se tivesse passado a noite lendo um livro denso escrito em uma linguagem antiquada e com uma letra minúscula.

Então uma dor na barriga a atingiu e a esmurrou. Ela saltou para cima, as mãos agarrando-a pela cintura, e então, talvez porque a ideia de dor em um lugar assim a lembrasse da gravidez, ela desejou ver a mãe.

Val saiu da cama, agarrou o robe de seda rosa da cadeira da escrivaninha e foi até a ala que continha os quartos de sua mãe. Val ergueu o punho para bater baixinho na porta de sua mãe – mas já estava aberta. Ela entrou, os pés descalços afundando no tapete branco de pelúcia que cobria o chão.

— Mãe? — Ela olhou para a cama, viu uma confusão de lençóis brancos amarrotados e travesseiros abandonados. A parede voltada para o leste, pintada de um azul tão claro que cintilava prateado ao luar, abraçava três janelas que estavam abertas. Uma fria brisa noturna agitou as cortinas transparentes.

Parada ali com o vento beijando suas pernas nuas, Val sentiu uma espiral de pavor se desenrolar em seu coração. A dor em sua

barriga voltou — um rangido lento, agora, como um pilão contra o almofariz de suas entranhas.

Ela se moveu rapidamente pela casa silenciosa e, quando entrou na biblioteca de sua mãe, foi direto para a estante que escondia a passagem de pedra para o cômodo vermelho.

Um livro, dois livros, três livros, quatro.

Onde os dedos de Val tocaram as lombadas, um calor suave floresceu. Ela pensou ter sentido o eco da presença de Marion - sua mão sobre a dela, seus dedos unidos empurrando os livros de volta para seus fechos.

Val afastou a visão meio formada quando a estante de livros se abriu. Ela não podia entrar na sala vermelha com os pensamentos de Marion nublando sua mente — não agora que Marion a fizera de boba ao escapar ilesa.

Ela desceu as escadas, mantendo sua mente fria e aberta, e então ela entrou na sala vermelha e a dor em sua barriga explodiu. Imediatamente ela entendeu por que seu estômago estava doendo, por que suas veias estavam doendo.

Porque agora, ela era a única a ancorá-lo neste mundo.

Agora, toda sua fome e raiva, todo seu desespero para ser livre – aqui no final, em seus últimos dias de dependência – era para Val e apenas com Val para contar.

O corpo de sua mãe, vestido com seu manto e camisola, jazia em uma poça de sangue no chão – o peito desabou, membros rasgados, corpo torcido. Olhos abertos. Boca aberta.

Val se levantou e olhou fixamente, a dor triturando na boca de seu torso.

Respire com a dor, Valerie, sua avó havia instruído, anos antes. *Ele não aguenta quando imploramos.*

Ela endireitou as costas e arrumou os ombros. Seus punhos se abriram e fecharam

Uma voz moderada veio em sua direção da porta na parede oposta: — Sua vez.

Dr. Wayland. O *novo* Dr. Wayland – camisa de botão e gravata por baixo de um suéter de cashmere cor de areia. Bíceps que podiam esmagar pedras, mãos grandes o suficiente para envolver a cabeça de Val. Mandíbula afiada e limpa e cintilante olhar branco.

Com a boca seca, ela o viu se aproximar da monstruosa cama com cortinas vermelhas e se sentar na beira do colchão e dar tapinhas. Ele parecia insensível ao cadáver ensanguentado a seus pés.

— Minha vez? — Ela perguntou, orgulhosa de sua voz normal.

Seus olhos se estreitaram. — Não perca tempo.

Mas Val iria protelar se estivesse muito satisfeita, porque sua mãe estava morta. Ela foi dilacerada e estripada, e Val percebeu que ela merecia alguns minutos para processar as coisas. Ela merecia guardar esse pedaço para si – este momento, esta dor distorcida.

Este corpo.

Ela resistiu ao desejo de passar as mãos sobre os próprios braços, tronco, rosto, apenas para ter certeza de que estava tudo ali. Era magnífico, este corpo – não porque fosse bonito e forte, embora fosse, mas porque era *dela*. Com uma explosão radiante de clareza, ela decidiu que não iria deixá-lo tocá-la. Não dessa maneira. Não essa noite.

Nunca.

Val cruzou os braços sobre o peito e inclinou o quadril para o lado, tentando ser brincalhona. Às vezes ele gostava disso. — Acho que mamãe te irritou, hein?

Ele a observou, sem piscar. As linhas de sua mandíbula mudaram e se reformaram. — Não. Você o fez.

Exigiu cada grama da força que havia sido aplicada em Val para evitar que sua fachada se espatifasse. — Foi isso mesmo?

— Você deixou Zoey me machucar enquanto você ficou lá e assistiu. Você não me ajudou quando elas começaram a me atacar. Elas escaparam.

Não, Val não pensaria em Marion. Ela rasparia seu cérebro até que a única coisa que restasse fosse o meio vivo e brilhante — intocado e intacto.

— Eu não percebi que você pretendia matá-las naquela noite. — Val disse, experimentando seu próprio olhar sem piscar, assustador-pra-caralho, porque talvez isso a fizesse sentir menos vontade de correr escada acima gritando – não importava que ele iria pegá-la, não importava que correr só pioraria as coisas. — Achei que você

simplesmente quisesse observar Marion. Ver qual era o ‘grande problema’. Não que haja um grande problema, não há nada acontecendo entre nós. Na verdade, acho que você ficou um pouco paranoico.

Ela fez uma pausa, e então lambeu os lábios, *droga*, porque ela começou a divagar. Porque ele não estava se movendo, nem um músculo, nem um fio de cabelo ou um piscar, e sua coragem estava desaparecendo tão rápido quanto tinha surgido. — Você ao menos conhece essa palavra? Eles a têm de onde você vem? Não é bom. Significa que você está enlouquecendo.

Ele a observou por um longo momento e então disse: — Venha aqui, Valerie.

E Val disse: — Não.

Outro longo momento, e então finalmente ele se moveu, colocando as mãos no colo. Uma escuridão estremeceu ao redor de seu corpo, obscurecendo seu cabelo, suas mangas, seus sapatos.

Sua falsa forma estava perdendo coesão. Muito, muito ruim.

Ele estava ficando com fome de novo – já, logo depois de Quinn.

Ele precisaria consumir mais uma, sua mãe estimou. Mais uma morte, mais uma refeição, e ele se libertaria delas.

E agora Val era a única que restou para detê-lo.

— Notei algo interessante no peito da sua mãe. — Disse ele, com voz agradável. — Uma cicatriz em forma de impressão de mão. Você sabe o que causou isso?

As palmas de Val formigaram, lembrando.

— Não sei o que mamãe fazia quando eu não estava por perto. — Disse Val, tentando parecer entediada, sem saber se estava conseguindo. — Ela gostava de coisas estranhas, eu sei disso. Bem. — Val deu a ele um pequeno sorriso. — E você sabe disso também.

— Você entende, não é? — disse ele, ignorando-a. — Eu matei sua mãe para que eu pudesse fazer de você minha rainha. Eu gostaria de mantê-la perto de mim de agora em diante. Esse parece ser o curso de ação mais sábio, manter todos os meus olhos em você. E ela estava envelhecendo, de qualquer maneira. Eu prefiro a sua aparência. Eu prefiro muito mais.

Uma sacudida de algo quente e afiado disparou do chão e atingiu as rótulas de Val, seus pulsos, o oco de sua garganta com um crepitar elétrico indignado – como se tivesse sido chamado por sua própria vontade frenética.

Queime-o, a sensação parecia dizer.

Val manteve os punhos fechados, para esconder os pulsares incandescentes que agora sentia fervendo no centro de cada palma. O chão tremeu ligeiramente sob seus pés, como se a Rocha estivesse acordando sob suas solas. Isso reverberou por todos os seus ossos, deixando-a fervendo.

— Não vou dormir com você. — Declarou ela.

Então ele sorriu, um sorriso tão largo e vertiginoso que Val deu um passo para trás.

— Tudo bem. — Disse ele agradavelmente. — Mas você vai levar minha marca.

E a próxima coisa que Val soube foi que o Dr. Wayland se fora, e ela estava no chão. A escuridão caiu sobre a sala vermelha. Algo afiado – um bisturi ou uma garra – perfurou o algodão de seu short e a pele de sua barriga e desenhou um largo sorriso entre seus ossos pélvicos.

Val gritou. Com os punhos ainda fechados, ela estava chocada demais para usá-los, mas sabia que deveria mantê-los assim, *Não deixe ele ver, não deixe ele ver*. Um poder surgiu através dela que não era dela, mas dele. Escuro e oleoso, ele se contorcia e se contorcia, cobrindo suas entranhas, cavando em seus ossos. Ele era um navio ancorando no fundo do oceano, protegendo-se contra sua solidez, sua humanidade.

Val engasgou e afastou o rosto dele. Ela sabia que assim que ele terminasse de marcá-la, ela seria sua. Ela suportaria o pior dele – sua fome, sua raiva, a dor que ele sentia por estar preso neste mundo meio formado. Até que ele matasse mais uma vez e se libertasse, Val seria a única coisa que lhe permitiria sobreviver. Ela era sua hospedeira. Seu poder estranho rastejou em sua barriga e se aninhou lá como um parasita, assim como aconteceu com sua mãe, e sua avó, e todas as mulheres Mortimer antes dela desde que Deirdre havia feito aquele acordo há muito tempo com o diabo e condenou todas elas.

Val ousou enviar um pensamento desesperado à Rocha. Naquela sala fria de pedra, ela estava rodeada de terra. Sawkill era seu lar, e ela havia dado seu sangue ao solo mais de uma vez, e sua dor era tão completa, tão excruciante, que proporcionou a ela um tipo de compreensão primordial: a Rocha e a luz em suas palmas eram um e o mesmo.

Então ela pensou na Rocha, delirando de agonia: *Por favor, esconda-se. Não deixe ele te encontrar.*

E a Rocha obedeceu. A luz branca escondida nos punhos de Val se desvaneceu, infiltrando-se de volta no solo onde havia nascido. Ela foi deixada sozinha no chão ao lado do corpo de sua mãe – sozinha, com a luz desaparecendo de suas palmas, e uma nova escuridão lisa revestindo seu interior. Sozinha, com uma marca fumegante curvando-se na pele pálida de sua barriga – uma lua negra em um céu branco trêmulo.

Marion



A Rainha

Marion entrou na sala de estar vazia da cabana de sua família. Cada passo que ela dava estilhaçava o vidro sob seus pés; os espelhos e janelas ainda estavam vazios, quebrados pelo rugido do Coletor.

Mas o monstro em si não estava em lugar nenhum.

Marion não tinha certeza do que esperava ao voltar aqui. Se o Coletor estivesse esperando por ela, então... o que? Ela não poderia lutar com ele sozinha. Foi tolice ela ter retornado, mas aqui estava ela. Ela procurou nas sombras por sinais de que o que havia acontecido não tinha *realmente* acontecido, mas a evidência estava por toda parte: as cadeiras da cozinha espalhadas pelo chão. Os armários em ruínas onde o Coletor, arremessado para o lado por Zoey, os esmagou. As janelas fragmentadas, emoldurando o mundo em bocas quadradas e organizadas, com dentes desiguais.

Marion ouviu o silêncio.

Ela havia levado a mãe para a delegacia, que estava bem iluminada e fresca, constantemente cheia de gente, agora que uma terceira garota havia desaparecido.

Quinn. Jane.

Charlotte.

Marion agarrou o amuleto de estrelinha do mar em volta do pescoço e inalou. Ela pensou que ainda podia sentir o cheiro de Charlotte no ar do chalé, e se ela estava errada, se era simplesmente sua imaginação criando o cheiro de Charlotte, então ela não queria saber disso. Ela apreciava sua imaginação, se fosse o caso.

Ela não queria esquecer nunca - nem o cheiro de Charlotte, nem sua voz, nem a textura de seu cabelo.

Seu telefone tocou. Uma mensagem de Zoey:

Encontre-me no Grayson imediatamente. 34 Herring Way.

Então, alguns segundos depois:

Ele finalmente terminou de traduzir.

A casa dos Tighe era mais humilde do que a maioria da ilha - uma casa de fazenda alegre em azul e branco que Marion achou que ficaria mais à vontade em algum lugar do Meio-Oeste, cercada por campos de milho.

Marion chegou antes de Zoey. Grayson a cumprimentou na porta, parecendo um pouco confuso e desequilibrado. Seus olhos estavam injetados e inchados, circundados por sombras.

Marion conhecia a sensação.

— Ei, Marion. — Grayson acenou para ela entrar. — Por favor, entre.

Ele a conduziu até a sala de estar e Marion aproveitou a oportunidade para inspecioná-lo. As mãos enfiadas nos bolsos, as mangas enroladas até os cotovelos, a testa franzida como se estivesse pensando profundamente. Estrutura longa e esguia, toda cheia de protuberância e tendões. Seus olhos, azuis e inocentes por trás da armação quadrada e preta dos óculos, desviaram-se para Marion enquanto ela se acomodava em uma poltrona enorme.

— Zoey me contou o que aconteceu noite passada, — Ele começou, parado sem jeito perto da lareira. — em sua casa.

Marion concordou. — Achei que ela tivesse. Foi assustador.

— Não apenas isso. — Grayson respirou fundo. — Sobre o que você disse a ela. Sobre nós.

O peito de Marion se apertou de vergonha. Ela cruzou os braços sobre a cintura. — Oh.

— Sim. Veja...

— Eu realmente sinto muito, eu estava... Eu tinha acabado de descobrir sobre Charlotte, não tenho dormido...

Grayson acenou para ela ficar quieta. — Tudo bem. Quer dizer, não está tudo bem, mas eu entendo. — Ele se sentou em uma cadeira em frente a ela, apoiou os cotovelos nos joelhos. — Eu não sei o que você ouviu as pessoas dizerem sobre nós, mas seja o que for, nenhum deles sabe do que estão falando. Zoey pode lhe contar o resto algum dia; esse não é o meu papel, mas vou lhe dizer uma coisa: eu a amo.

Ele riu um pouco, encolhendo os ombros. Ele passou a mão pelo cabelo. — Eu a amo e, se dependesse de mim, ainda estaríamos juntos. Portanto, não acredite em qualquer besteira que você ouvir sobre mim ou sobre ela. E pelo amor de Deus, Marion. — Seu olhar se aguçou. — Nunca mais diga nada assim para ela.

Marion abanou a cabeça. — Eu não vou, eu prometo. Isso foi... — Ela engoliu suas desculpas. — Foi uma merda. Eu estava errada. Eu realmente sinto muito.

Grayson acenou com a cabeça uma vez. — Bom. Obrigado. E... sério, Marion. — Sua expressão se suavizou. — Eu sinto muito sobre Charlotte.

Por um momento, Marion não conseguiu falar. Ela assentiu firmemente. — Obrigada. Eu agradeço por isso.

A porta da frente se abriu e fechou. Zoey entrou, tirou os tênis, atirou-se no sofá e jogou o livro na poltrona. Ela havia vindo pedalando com sua bicicleta; sua enorme capa de chuva rosa brilhante cheirava a floresta beijada pelo mar.

— Você realmente deveria trancar sua porta, Grayson. — Ela advertiu, sem olhar para Marion. — Seus pais estão aqui?

Ele balançou sua cabeça. — Eles estão descendo a rua na casa de Davies, tentando convencê-los a não fazer as malas e deixar Sawkill.

Zoey bufou. — Eles *deveriam* ir embora. E o mesmo deve acontecer com qualquer pessoa que possa.

Marion tentou não pensar na terrível verdade que Zoey havia compartilhado com ela: se seu pai estivesse certo, nem Marion nem Zoey poderiam deixar a ilha. Não enquanto o monstro ainda vivesse.

Não enquanto seus corpos pudessem fazer as coisas que eles podiam fazer.

Sempre há três.

— Onde estão seu pai e Briggs? — Marion perguntou, de alguma forma conseguindo falar.

— Papai, Briggs e todos os outros *cavaleiros* — Zoey respondeu. — estão montando o quartel-general no hotel, já que nossa casa não tem espaço suficiente.

— Montando um quartel-general? O que isso significa? Eles não deveriam estar caçando essa coisa?

Zoey olhou para Grayson. — De alguma forma, não acho que vai ser tão simples.

Marion seguiu seu olhar. — O que o livro diz?

Grayson, parecendo ligeiramente doente, levantou-se, recuperou uma pasta de papéis no fim da mesa, sentou-se e levantou-se mais uma vez. — Que tal um pouco de água primeiro? Alguém quer um pouco de água? Bom.

Assim que ele saiu, deixando a pasta em seu lugar, Marion pigarreou. — Zoey?

Zoey olhou para a lareira, os braços cruzados. — Sim?

— Você ainda está com raiva de mim.

— Sim.

Os olhos de Marion ardiam. — Me desculpe, eu disse...

— Eu sei. — Zoey soltou um suspiro agudo. — Não vamos falar sobre isso agora, ok? Temos problemas maiores em nossas mãos.

Grayson voltou com três copos de água.

Marion pegou o copo oferecido, agarrando-se a ele como uma tábua de salvação. Ela queria se aproximar de Zoey, mas não conseguia encontrar coragem para isso.

— Tudo bem. — Grayson abriu sua pasta de papéis. — Não sei como começar, na verdade.

— Do começo. — Disse Zoey, meditando sobre seu copo d'água. — Geralmente é uma boa opção.

— Sim, mas... — Grayson passou a mão pelo cabelo, depois fez uma pausa e olhou timidamente primeiro para Zoey, depois para Marion, depois para Zoey novamente. — Eu me sinto meio estranho

fazendo isso. Como se eu fosse um professor idiota mansplaining a situação para vocês.

— Olha, — disse Zoey. — enquanto Marion e eu estávamos lutando contra monstros literais com nossos superpoderes, você estava sentado aqui com seus dicionários, traduzindo obsessivamente este livro estúpido. Você ganhou seu tempo ao sol. Vá em frente com a aula, Professor Idiota. — Zoey reclinou-se em sua cadeira. — Oh, e eu garanto a você, no minuto em que você começar mansplaining alguma coisa para mim, serei a primeira a informá-lo sobre isso.

Grayson sorriu suavemente para ela. — Não tenho dúvidas disso. Tudo certo. Então. — Ele olhou de volta para suas anotações. — Acho que vou começar pela coisa menos assustadora e, em seguida, trabalhar meu caminho a partir daí.

Marion ergueu uma sobrancelha. — Grayson, isso não é tão reconfortante.

— Desculpe. OK. Vamos começar com a rainha. — Grayson respirou fundo. – O Coletor – bem, em primeiro lugar, de acordo com este livro, esse nome é exclusivo do monstro de Sawkill. Outros monstros ao redor do mundo, a Mão da Luz se refere a eles por nomes diferentes, de acordo com as lendas e tradições locais que foram construídas ao longo dos séculos em torno da suposta existência dos monstros – Kula, Le Mangeur...

— O que isso tem a ver com a rainha? — Zoey interrompeu.

— Bem, de acordo com este texto, — Grayson respondeu, começando a andar. — todos os monstros funcionam neste mundo da mesma maneira. Eles precisam de uma âncora para existir aqui e para serem capazes de assumir diferentes formas. Caso contrário, eles não seriam capazes de existir fora do obscuro. — Grayson fez uma pausa. — Vocês sabem o que é isso, certo?

Zoey deu a ele um revirar de olhos verdadeiramente impressionante.

Ele ergueu as mãos. — Eu só não tinha certeza do que vocês já sabiam.

Marion se intrometeu suavemente. — Nós sabemos o que é o obscuro. Continue.

— Bem, de acordo com o livro, — Grayson continuou. — os monstros se ligam a uma família em particular, e a conexão continua com o nascimento de cada geração. A família serve como uma âncora, estabilizando o poder do monstro e permitindo que ele exista neste mundo.

Zoey ficou tensa, as linhas de seu corpo de repente rígidas.

Grayson abriu o livro, virado para uma página exibindo uma ilustração de uma menina nua com uma marca curva em seu abdômen. — A rainha.

Marion pegou o livro de Grayson e passou os dedos pela ilustração. — O que ela faz? E que marca é essa?

— Outros na família podem estar ligados ao monstro, — Grayson explicou. — mas a rainha é aquela que está mais intimamente ligada a ele. Ela o obedece completamente. Ela não tem escolha. A vontade dela é consumida pela vontade dele. A marca é uma cicatriz deixada para trás de quando ele... junta-se a ela.

Zoey parecia doente. — Quando ele se *junta* a ela?

— Por favor, não me faça elaborar.

Marion estremeceu. O desenho da rainha nua sob seus dedos de repente parecia quente e vivo. Um flash de memória — a pele macia de Val sob suas mãos trêmulas.

— Grayson, — Zoey disse abruptamente. — você ainda tem aquele taco de beisebol?

Grayson pareceu surpreso. — Sim...

— Você pode pegar para mim, por favor? Eu não quero ouvir essas coisas sem uma arma em minhas mãos.

— O quê, caso o Coletor apareça na cozinha? — Grayson perguntou.

Zoey olhou para ele. — Isso parece fora do reino das possibilidades?

— Você não precisa de uma arma. — Disse Marion calmamente, ainda olhando para o desenho. — Você *é* uma arma, Zoey. Nós duas somos.

A sala ficou em silêncio.

— Sim, bem, — Zoey disse finalmente, sua voz tremendo. — talvez eu queira um contundente objeto sólido de verdade para

acenar por aí, apenas no caso.

Depois que Grayson saiu para encontrar o taco, Marion sentou-se tensa e carrancuda, o livro como um tijolo de duas toneladas em seu colo, até que Zoey disse: — Então, como tudo isso soa para *você*? Porque eu com certeza sei o que penso.

Marion decidiu se fingir de boba porque, sim, ela sabia exatamente o que Zoey queria dizer — mas não tinha certeza se conseguiria dizer isso em voz alta. — Como isso soa?

— Vamos lá, Marion. — Zoey deu um tapa na almofada do sofá. — Uma família ligada ao monstro? Uma conexão passada de geração em geração?

Talvez, Marion pensou, *se eu simplesmente desligar meu cérebro e me recusar a ouvi-la, nada mude. O mundo permanecerá como está. Eu não saberei de nada.*

— Não entendo o que você está querendo dizer. — Ela mentiu.

— Sim, você entende. São as *Mortimers*. — Zoey pegou o livro de Marion e o sacudiu para ela. — Cada menina Sawkill que morreu ou desapareceu nas últimas doze décadas teve uma conexão com a família Mortimer de alguma forma. Val é estranha, assim como sua mãe, e Grayson disse que sua avó também era. Elas são rainhas do gelo, uma família inteira delas. Bonitas e assustadoras, e ninguém no Sawkill pode *tocá-las*? Parece uma família de monstros para mim.

Grayson voltou com seu velho bastão de madeira e o estendeu com esperança. Zoey o pegou, esticou-se na ponta dos pés para dar um beijo desleixado na testa dele e começou a balançar o taco no ar, o rosto contraído de concentração.

— Val não o faria. — Disse Marion, odiando o som de sua própria voz — quão pequena e frágil soou, como suas palavras caíram como pedras de sua língua. — Ela *não o faria*. Não é possível.

— Você não viu nada parecido com aquela marca em Val quando dormiu com ela, viu?

Com as bochechas em chamas, Marion se encolheu *Dormir com ela*. Como se fosse tão simples e sem sentido assim. — Isso não é algo que eu quero sair por aí contando a todos, Zoey. E acho que você sabe disso.

— Grayson não é 'todo mundo'. — Zoey raciocinou, embora ela não olhasse nos olhos de Marion. — Se ele vai saber o que está acontecendo, então ele precisa saber o que está acontecendo. Sobre tudo.

O relógio do avô na sala de estar bateu nove vezes e Grayson esperou até que ele terminasse para fazer a pergunta que Marion esperava que ninguém fizesse:

— Então... você acha que a rainha poderia ser... Val?

Zoey olhou calmamente para Marion.

— Não. — Disse Marion, incapaz de encontrar seus olhos. — Quando nós... Quando dormimos juntas, eu não vi nada parecido nela.

Zoey perguntou bruscamente: — Tem certeza?

— Zo. — Murmurou Grayson. — Vamos lá, relaxe um pouco.

— Acho que eu saberia. — Marion piscou para afastar uma onda de lágrimas quentes. Ela se levantou da poltrona, pegou a jaqueta e a bolsa e se dirigiu para a porta. — Eu tenho que ir. Vejo vocês depois.

Zoey a seguiu. — Marion.

— Cale a boca, Zoey.

Ela marchou para fora e desceu as escadas da varanda, enfiou a mão no bolso e tirou as chaves do carro.

— Deixe-me ir com você. — Zoey disse, trotando ao lado dela. — Por favor, você não deve ir sozinha.

— Não. — Marion abriu a porta azul enferrujada do Volvo e sentou no banco do motorista. — Não é ela. Eu vou provar para você.

Então ela bateu a porta do carro e foi embora, Zoey diminuindo no espelho retrovisor, de uma garota preocupada em um casaco rosa à um pilar solitário de sombra, à escuridão.

Marion se enfiou em Kingshead usando as chaves de sua mãe e subiu as escadas, sua mão suada agarrando o corrimão polido.

Foi quando Marion cruzou o patamar da ala leste para oeste que ela percebeu que não via a Sra. Mortimer há algum tempo. Não que ela estivesse reclamando. A mulher não era exatamente a humana mais acolhedora que já existiu.

Ainda. Isso era estranho, não era? A dona da casa de Kingshead ter desaparecido?

O silêncio escuro da casa, a sensação mesquinha de mal-estar que se aninhava em seus ombros desde que deixou Zoey e Grayson – estava deixando Marion paranoica. A Sra. Mortimer provavelmente não tinha desaparecido. Ela provavelmente estava ocupada na cidade ajudando os voluntários, oferecendo apoio moral à comunidade.

Quarto de Val.

Marion pressionou os dedos levemente na madeira escura, fechando os olhos e mordendo o lábio. Seu corpo, quente e formigando, parecia pronto para flutuar e ficar à deriva. Amplificado: sua respiração, seu sangue acelerado. A própria porta: aberta, emitindo um fino fluxo de luz.

Marion olhou para dentro.

E o que ela viu foi Val, vestida com uma calcinha de algodão rosa claro como novas pétalas, cabelos dourados voando desordenadamente por suas costas. Ela estava examinando o plano liso de sua barriga – através da qual se estendia uma marca preta fina como uma lua crescente.

Um som áspero que Marion não conseguiu conter saiu de seus lábios.

Val se virou, assustada. — Quem está aí?

Empurrando a porta, Marion se revelou. Ela observou em silêncio enquanto os olhos de Val se arregalavam e sua boca se separava em choque. Suas mãos voaram para a barriga, mas o sorriso negro era grande demais para ela cobrir e, de qualquer maneira, o que ela achava? Que, ao escondê-lo, Marion esqueceria o que vira?

— Marion. — Val sufocou. Ela deu um passo, parou, então pareceu perceber que, espere, no que dizia respeito a Val, Marion não sabia de nada, ela não sabia merda nenhuma, e deixou cair as mãos. — Deixe-me explicar. — Assistir Val se recompor foi como testemunhar um maestro escrever sua Magnum opus. Sua boca se derreteu em um sorriso triste. — Eu estava cavalgando e tive um acidente.

— Cale a boca, Val.

O rosto pálido de Val ficou mais pálido. — Marion...

— Isso a machucou?

— O que? — A palavra escapou de seus lábios em uma lufada de ar.

— Quando ele matou Charlotte, doeu? Ela estava com dor?

A expressão aflita de Val disse a Marion tudo o que ela precisava saber. Marion acenou com a cabeça, os lábios apertados.

Val disse baixinho. — Marion, por favor...

Lembrando-se de quando Val disse exatamente isso – mas docemente, desesperadamente, seus dedos emaranhados no cabelo de Marion, seus quadris arqueando-se para fora da cama de Marion – Marion olhou para o teto e se partiu ao meio. Ela teve que se encostar no batente da porta para se manter de pé, tentando e falhando em lidar com a compreensão de que a garota com quem ela dormiu – a garota que ela começou, estupidamente, a pensar que talvez pudesse *amar* – levou sua irmã à sua condenação.

Zoey estava certa. Zoey estava certa desde o início.

Val moveu-se em sua direção, sussurrando seu nome, e Marion a encarou com um olhar mortal.

— Espero, — Disse Marion, lutando muito para impedir que suas lágrimas caíssem. — quando você estiver morrendo, isso dure muito tempo e te machuque mais do que você jamais sonhou ser possível. E espero que, enquanto você estiver deitada em agonia, você pense em mim e se lembre disso, onde quer que eu esteja, quando ouvir sobre sua morte? Eu vou me alegrar.

Então, empurrando-se da parede antes que Val pudesse tocá-la, Marion transformou os fragmentos trêmulos de si mesma em algo parecido com uma menina e fugiu.

Zoey



A Extraordinária

Zoey estava sentada no chão da sala de Grayson, o livro de seu pai estendido no tapete na frente dela. Não estava frio o suficiente para acender a lareira, mas Grayson havia acendido um para ela de qualquer maneira, em uma tentativa de impedi-la de tremer. Enquanto ela observava as chamas, seus olhos desfocados, ela vislumbrou em suas formas mutantes as figuras ilustradas no livro de seu pai, agora com um novo significado.

Era um ritual.

De acordo com a tradução de Grayson, esse foi o "método de extermínio" que a Mão da Luz inventou.

Um ritual embebido em sangue. Um ritual centrado no sacrifício.

Grayson estava agitado na cozinha, limpando os balcões e tirando o pó dos armários. A compulsão de limpar era uma característica que ele herdou de seu pai, e algo que Zoey sempre apreciou porque ela não poderia se importar menos se os armários da cozinha, em qualquer lugar, estavam limpos. Mas, ela tinha que admitir, era bom quando eles estavam.

Zoey tinha acabado de puxar as pernas para o peito e apoiado o queixo nos joelhos quando uma batida suave soou na porta da frente.

Ela se levantou e correu para o saguão, Grayson logo atrás dela com um pano de prato jogado sobre o ombro. Uma rápida olhada pelo olho mágico revelou uma pessoa com a forma de Marion, mas a noite havia caído e Zoey tinha que ter certeza.

— Marion? — Ela gritou. — Prove que é você mesma. Qual é o nome de professor do Grayson?

— Professor Idiota. — Disse Marion imediatamente, com a voz oca.

Zoey abriu a porta para revelar Marion de pé do outro lado, parecendo atordoada e doentemente pálida, o cabelo escuro colado à cabeça. Tinha começado a chover, suavemente.

— Marion? — Zoey estava com medo de tocá-la.

Ao som da voz de Zoey, a expressão vazia de Marion entrou em colapso e ela cambaleou para os braços de Zoey.

E assim, Zoey soube.

Grayson silenciosamente fechou e trancou a porta, e o peso flácido de Marion forçou Zoey a abaixá-las no chão tão graciosamente quanto ela podia. Recostando-se na porta, Zoey abraçou Marion enquanto ela chorava em sua camisa. Ela acariciou o cabelo de Marion, penteando com ternura os cachos molhados.

Parando a poucos metros de distância, Grayson lançou a Zoey um olhar triste e, em seguida, foi para a cozinha para acender uma chaleira para o chá.

Quando Marion finalmente sussurrou contra o pescoço de Zoey, — Eu pensei que poderia ter começado a amá-la. — Zoey sentiu uma raiva crescendo dentro dela que poderia jurar que sentiu o fogo brilhar nas pontas de seu cabelo.

Na próxima vez que Zoey visse Valerie Mortimer, ela não mostraria a ela nenhum pedaço, nenhuma *migalha* de misericórdia.

Depois que Zoey ajudou Marion a voltar para a poltrona, Marion olhou para o fogo por um tempo, entrando e saindo do sono. Ela estava enrolada nos cobertores favoritos de Zoey da família Tighe — uma coisa feia e fofa, laranja e branco e verde aspargo.

A primeira vez que Grayson a beijou, os dois estavam enfiados sob o cobertor, assistindo, mas não realmente assistindo, *Alien*. Normalmente Zoey ficaria chateada com qualquer um que se

interpusesse entre ela e Ellen Ripley, mas este era *Grayson*, e seus beijos, que embora não tivessem exatamente colocado fogo nela, a deixaram tão suave e relaxada que ela mal notou quando o peito de Kane estourou aberto.

A primeira vez que ela e Grayson fizeram sexo, eles se deitaram em cima do mesmo cobertor, na caçamba de sua caminhonete, acompanhados por grilos e abraçados ao anoitecer – céu violeta suave acima, grama preta macia abaixo.

E não tinha sido ruim. Não tinha sido ótimo também – pelo menos não para Zoey – e enquanto Grayson a segurava depois, recuperando o fôlego e desenhando círculos em seus ombros com o polegar, Zoey percebeu que poderia felizmente existir pelo resto de sua vida sem fazer isso nunca mais.

Isso significa que estou quebrada? Ela se perguntou, com lágrimas ardendo em seus olhos enquanto olhava para as estrelas saindo para brincar, piscando para ela como se soubessem de coisas que ela não sabia.

No dia em que ela se separou de Grayson, ela fez a mesma pergunta: — Isso significa que estou quebrada?

Ele respondeu imediatamente: — Não. Não importa. E eu não me importo com o sexo, Zo. Eu quero estar com você.

Zoey, entretanto, recuou com a ideia. Ele iria ficar ressentido com ela. Ele quebraria seu coração, e ela quebraria o dele.

Ela se afastou dele, balançando a cabeça. — Não vou mudar de ideia, Grayson.

— Zo, *por favor,* eu não estou pedindo para você...

Zoey o havia deixado então, incapaz de suportar o som suave de sua voz ou a visão de suas lágrimas.

E foi isso. O fim de Zoey e Grayson. Grayzo, ela disse a ele uma vez, seria o nome do navio deles.

RIP Grayzo.

Então, enquanto Zoey estava sentada do outro lado de Marion na sala, ouvindo os sons de Grayson assando biscoitos na cozinha (realmente, o menino era um santo de verdade?). Ela não pôde deixar de olhar para aquele cobertor feio e estufar em um estado em algum lugar entre arrependimento e não arrependimento.

— Obrigada por me deixar chorar em você. — Veio a voz suave de Marion. Enrolada sob a manta, apoiada na ridícula coleção de almofadas da Sra. Tighe, Marion espiou por baixo de uma onda de cabelo preto e ofereceu a Zoey um sorriso cansado.

— Não me agradeça. — Zoey disse sombriamente, o que provavelmente não era a melhor maneira de começar a conversa. Mas se Marion quisesse um amigo que fizesse questão de dizer as coisas certas nos momentos certos, bem, ela teria que procurar em outro lugar.

Zoey levantou, o pânico silencioso que ela reprimiu por meia hora agora finalmente emergindo. — Grayson?

Ele enfiou a cabeça para fora da cozinha, viu que Marion estava sentada, totalmente acordada e murcha. — Certo. — Ele respirou fundo. — Certo. — Então ele desapareceu, substituído por sons de água corrente e pratos sendo empilhados.

Marion agarrou a manta em sua garganta. — O que é isso?

— O que é o quê?

— Você está entrando em pânico.

Zoey acenou para ela. — Só um pouco.

— *Zoey*.

Andando em círculos ao redor da sala, Zoey esperou Grayson se juntar a elas. Em seguida, ela recuperou o livro de seu pai da mesinha de canto e se espremeu na poltrona ao lado de Marion, abrindo-o nas páginas que Zoey não tinha certeza se algum dia seria capaz de parar de pensar, pelo resto de sua vida.

Marion olhou as páginas, horrorizada. — O que *é* tudo isso?

Zoey olhou para Grayson.

Grayson respirou fundo e se sentou na beira da mesa de café. — É um ritual que a Mão da Luz criou. Quando concluído, eles descobriram que ele bane o Coletor de volta para um dos Obscurae. Não para sempre. Suas anotações dizem que os monstros acabam voltando, talvez nem sempre para o mesmo lugar, mas o banimento não os mata nem nada. Eles sempre voltam. Eles se escondem, se regeneram e retornam. Às vezes, leva anos, no entanto. Até décadas.

Zoey observou o olhar de Marion cair para a ilustração aberta em seu colo — três garotas. Um esfaqueamento. Um corte. Uma sendo

consumida por uma nuvem negra com olhos brancos.

— Tudo bem, então... — Marion balançou um pouco a cabeça. — Qual é o ritual, exatamente?

— *Semper tres*. — Grayson voltou à página com uma das garotas sobre-humanas desenhadas — a garota brandindo uma espada. Ele apontou para as palavras rabiscadas sob os pés das meninas. — Significa 'Sempre três'. Essa é a chave, ao que parece. Eles precisam de três meninas para o ritual. E não qualquer três garotas.

Grayson olhou para Marion e depois para Zoey, seu olhar preocupado.

— Três garotas extraordinárias. — Zoey disse por ele, lembrando-se das palavras de seu pai. Ela deu um nó em seus membros ao lado de Marion. Mesmo com o fogo, mesmo com o corpo de Marion esmagado contra o dela, Zoey não conseguia se aquecer. — Devemos lutar umas contra as outras, usando nosso poder. Nós batemos uma na outra, e o Coletor não pode resistir ao chamado do nosso sangue. O chamado da nossa *fúria*.

Ela revirou os olhos, lutando desesperadamente por leviandade. — É tão dramático.

— Ele segue a chamada para o local que a Mão da Luz escolheu para o ritual. — Grayson continuou. — Um local controlado. A Mão da Luz tem armas. Armas, espadas, facas. Elas garantem que as meninas não possam escapar. Eles as voltam uma contra a outra. As meninas brigam, o Coletor vem e ele começa a...

A voz de Grayson caiu

— Ele as come. — Sussurrou Marion, os olhos brilhando. — Não é? Assim como Charlotte.

Zoey engoliu em seco. *Assim como Thora.*

Grayson assentiu miseravelmente. — O consumo de cada garota enfraquece o monstro, mas ele não conseguirá resistir. Ele se empanturra, e a Mão da Luz garante que até que isso seja feito, nem ele nem as meninas possam fugir. Assim que todas as meninas forem consumidas...

— Blam-o. — Zoey bateu as mãos. Grayson e Marion pularam. — O poder das garotas leva o monstro de volta ao inferno de onde ele veio. E o que é pior? Aparentemente, uma vez que as garotas

começam a morrer muito rápido como têm acontecido por aqui? Isso significa que o monstro está perto de se libertar.

Marion olhou para ela com os olhos arregalados. — Libertar-se do quê?

Zoey respirou fundo e soltou o ar lentamente. Firmemente ela encontrou o olhar de Marion. — Da rainha. E quando ele estiver livre, ele matará qualquer um. Não apenas meninas. *Qualquer um*. E ele não vai precisar de ajuda para fazer isso.

— E quando ele estiver livre, — Acrescentou Grayson, as mãos cerradas no colo. — é muito mais difícil para a Mão da Luz rastreá-lo. Ele ainda pode ser tentado pelo ritual, pela combinação das três meninas, mas uma vez que ele não está mais restrito a uma área específica, é como se a caça equivalesse a procurar uma agulha em um palheiro. — Ele exalou e esfregou o rosto com as mãos. — Pelo menos, é o que diz o livro.

— O que me faz pensar se a Mão da Luz se importaria em caçar esses monstros, — Zoey murmurou. — se ninguém mais além das meninas estivessem em perigo. Quanto você quer apostar que a Mão da Luz se formou porque alguns velhos ricos descobriram que esses monstros podiam desenvolver um gosto por carne humana e queriam proteger suas próprias bundas?

— Posso mais uma vez me desculpar em nome dos homens em todos os lugares? — Grayson ofereceu. — Porque às vezes podemos ser merdas pra caralho.

Zoey arqueou uma sobrancelha. — Às vezes?

— A maior parte do tempo.

— Aí está.

Marion ficou sentada em silêncio durante a conversa e continuou assim por dois minutos consecutivos. Zoey contou os segundos para não gritar.

Finalmente, Marion ergueu os olhos para ela, com os olhos claros e calmos. — Se fizermos o que Grayson descreveu, se seguirmos o ritual, o Coletor irá embora, antes que ele consiga se libertar... da rainha? Ninguém mais vai morrer?

Isso foi tão diferente das palavras que Zoey esperava ouvir que ela realmente gritou.

— *O que?* — Ela se afastou de Marion como se tivesse se queimado. — *Se* nós fizermos isso? Não, *de jeito nenhum. Não.* — Ela se levantou, furiosa. — Não estamos deixando nenhum culto idiota nos usar assim. Tem que haver outra maneira.

— Tudo bem. — Disse Marion. — E o que seria? Desse jeito funcionou. O livro diz isso.

Zoey gaguejou, as palavras falhando. — Não importa de qualquer maneira. — Ela deixou escapar por fim. — Três meninas extraordinárias. — Ela apontou para si mesma, depois para Marion. — Um, dois. Não temos uma terceira.

— Então nós a encontraremos. E então começamos o ritual, como diz no livro.

Zoey riu, quase histérica. — Não. Nuh-uh. Não vai acontecer.

Marion a observou pacientemente. — Então o que você sugere? Tentamos bani-lo por conta própria? Não guiado? Descontrolado? Eu não sei você, mas eu não me sinto exatamente uma profissional com meu poder ou algo assim. E se eu não conseguir fazer funcionar? E se *você* não conseguir? E se morrermos tentando, e então ele ainda estiver aqui, e se libertar e começar a matar todos que deixamos para trás?

O silêncio se estendeu entre eles, pegajoso e denso. O relógio do avô explodiu com doze badaladas de metal, e Zoey rosnou em meio ao barulho. — Grayson, permissão para quebrar seu relógio com meu taco de beisebol para que nunca mais me incomode.

Grayson, com a cabeça entre as mãos, disse categoricamente: — Permissão negada.

— Então? — Marion observou Zoey, os olhos ainda inchados de tanto chorar, os lábios pálidos e rachados. — Qual é o seu *outro jeito*, Zoey?

Parada no meio da sala com os punhos cerrados, Zoey não tinha nenhum sussurro de resposta.

A ROCHA DESEJAVA TER A capacidade de impedir o mundo de girar.

Se ao menos houvesse uma maneira de manter suas filhas protegidas de perigos, mesmo que apenas por mais um pouco.

Mas este era um desejo inútil e uma perda de tempo. Normalmente, para a Rocha, o tempo era uma entidade gigantesca, ilimitada e maleável.

Mas não esta noite. Esta noite, o tempo era um capataz cruel. Esta noite, a Rocha estava no tempo humano.

Esta noite, a besta estava em movimento.

A Rocha também.

Através de sua copa de árvores, ao longo de suas cristas nodosas como ossos, a Rocha enviava sussurros quebrando como as ondas invejosas sem fim.

Encontrem uma à outra, instruiu a Rocha – asas brancas batendo, grama preta farfalhando, criaturas da floresta lutando com um pânico que não conseguiam identificar.

Encontrem uma à outra e segurem firme.

Val



A Chegada

No banco atrás de Kingshead, com vista para um mar cheio de ossos abandonados, Val sentou-se usando uma camisola cinza, olhando para as mãos.

Dentro dela, a escuridão cerosa da presença dele estava apertando cada um de seus órgãos, sugando com força a parte inferior de sua pele, ancorando-o neste mundo. Ele estremeceu e mordeu as veias dela, impaciente para estar livre dela. Não demoraria muito agora. O peso dele dentro de suas células deu-lhe uma nova sensibilidade, como se ela própria tivesse germinado pequenas antenas, revestindo seu corpo como uma manga de veludo. Ela podia ler o estado dele muito mais claramente do que ela já pôde antes.

E era verdade: ele precisava apenas de mais uma morte, mais uma refeição, antes que pudesse se manter por conta própria.

Um formigamento distraiu Val – uma coceira gêmea, cavando nas cavidades de suas palmas. Ela olhou para baixo.

As mãos dela... *brilhavam*.

Val fechou os olhos e voltou seus pensamentos para o exterior - para as árvores negras sopradas pelo vento em torno da casa da família dela, para as fazendas de cavalos e suas colinas escuras e

brilhantes, para os caminhos de seixos que serpenteiam através das cinco florestas como veias.

Para a própria Rocha.

Por que você está fazendo isso? Ela pensou, assim como tinha feito na sala vermelha, quando ela pediu à Rocha para esconder sua luz. Ela perguntou e ela ouviu.

Ela a obedeceu.

E agora... ela responderia?

Lá fora, em seu banco, escondida das árvores e de frente para a extensão infinita do mar, Val se sentiu... bem, não segura, ela nunca sentiu isso, mas pelo menos, por enquanto, se sentiu invisível.

O que você é? Ela perguntou. Val plantou os pés descalços na rocha negra cheia de areia. Imaginou que o sangue que corria por seu corpo se estenderia como um rio caudaloso, descendo para a ilha. Ele reuniria informações lá e voltaria como uma chuva suave, esfriando sua testa.

O que você é?

Uma pausa. Uma batida de silêncio de espera. Val prendeu a respiração.

Então ela sentiu um calor escaldante se acumular, como havia acontecido na biblioteca – pouco antes de queimar a mãe – e na sala vermelha, quando ele a marcou como sua rainha.

Ela sorriu fracamente.

Naquele dia, ela implorou por essa energia para se esconder.

Agora, ela deu as boas-vindas ao seu retorno. Isso perfurou a rocha abaixo dela como um punho elétrico.

Olá, Rocha, ela pensou.

Então Val se levantou, apenas ligeiramente instável, e o punho brilhante empurrou para cima através das solas de seus pés e em seu torso, acumulando-se em torno de seu peito e no centro de suas palmas cerradas como quentes estrelas brancas puxadas para baixo dos céus.

Distantemente, ela reconheceu que não havia pensado muito bem nisso. A experimentação foi... não foi uma boa ideia. Ele sentiria a intrusão, o crepitar do calor externo branco contra a escuridão com a qual ele tinha coberto suas vísceras.

Ele não ficaria satisfeito. Ele iria querer encontrar a raiz desse poder estrangeiro e arrancá-lo.

Mas ela não ouviu nada. Ela não sentiu nada. Sem desagrado, sem punição. Ele poderia, muito facilmente, se ele quisesse. Ele poderia causar-lhe dor, mesmo do outro lado da ilha. Ela tinha visto isso acontecer com a mãe mil vezes, a viu desabar e agarrar a barriga, a agonia silenciosa esculpindo terríveis formas em seu rosto.

Val esperou. Ela segurou a marca dele com mãos brilhantes.

Nada. Apenas as ondas; apenas o vento.

Ela abriu os dedos e os apertou novamente, a sensação de submergir em um banho quente efervescente.

Então, um flash de branco, esvoaçando do céu cinza: uma mariposa, pairando alguns centímetros à frente do rosto dela – minúscula e pálida, manchas pretas como olhos em suas asas. Ela sussurrava algo sem sentido enquanto voava, sua minúscula voz de mariposa infantil e clara. Com um suspiro de satisfação, a mariposa pousou no pulso de Val, logo além do alcance da luz brilhante descansando em sua palma.

Assim disse a mariposa: *Este poder é da Rocha e é seu também.*

Use-o.

Eles estão vindo.

Val olhou para a mariposa. — Quem está vindo?

A mariposa subiu a trilha de volta à Kingshead. Val passou correndo, o coração acelerado de repente. Sua nuca formigou, como se dedos fantasmas estivessem tocando uma sonata em sua pele.

Ela irrompeu em Kingshead – que era uma tumba, sem sua mãe, e ela não seria capaz de desviar das perguntas por muito mais tempo: *Onde está sua mãe, Val? Ela está doente? Diga a ela que esperamos que ela se sinta melhor em breve!*

Val correu para a sala da frente, usou seus dedos zumbidores para abrir as cortinas transparentes. Quatro carros, os faróis apagados, avançavam lenta e silenciosamente pelo caminho até a cabana dos Althouse. Eles estacionaram, cercando a casa como pontos de uma bússola. Pessoas desceram – homens, Val pensou,

em casacos escuros e chapéus. Eles seguravam armas. Alguns entraram na cabana. Outros ficaram nos carros. Alguns deles desceram em direção às árvores, a orla da floresta de Kingshead. Vinte homens, talvez. Eles estavam se movendo muito rapidamente, muito sombriamente, para contar.

Marion?

Val não pegou suas botas. Ela queria sentir a Rocha entre os dedos dos pés.

Ela saiu pela porta da frente e correu.

Zoey



A Rocha Fala

Zoey não deveria ter adormecido.

Forçando as pernas, pedalando sua bicicleta mais rápido do que ela jamais ousara pedalar antes, ela correu através da ilha da casa de Grayson à casa de Marion. Seu telefone vibrou em seu bolso. Grayson, provavelmente. Ele sem dúvida já acordou e descobriu que ela havia partido.

Ele teria que esperar.

Zoey tinha acordado vinte minutos atrás, tendo adormecido no sofá da sala de Grayson, para encontrar a cadeira de Marion vazia, sua bolsa e jaqueta deixadas para trás.

Ela tinha *ido* – mas para onde?

Casa, Zoey presumiu, ou Kingshead. De volta para Val?

Mais tarde, ela gritaria com Marion. Mais tarde, assim que ela encontrasse Marion segura e viva, e não rasgada em pedaços ou de alimento para um monstro enquanto Val assistia, gargalhando.

Zoey apertou ainda mais o guidão, o bastão de Grayson preso debaixo do braço como um foguete. O ar vibrou ao redor dela, zumbiu contra sua nuca, serpenteando entre cada um de seus dedos das mãos e dos pés. Quando ela focou seus olhos na estrada à sua frente, as bordas de sua visão brilharam como uma miragem em uma planície ensolarada. Se ela decidisse saltar de sua bicicleta

e depois virar e jogá-la no mar com as próprias mãos, ela pensou, talvez ela pudesse fazer isso. Se não no mar, então bem longe.

Apesar de tudo, Zoey sorriu.

Você é uma arma, Zoey. Marion tinha dito, e agora Zoey disse, um pequeno calafrio subindo por seus lados: — Eu sou minha própria arma.

Era como algo saído de uma das histórias de fantasia selvagem que ela e Thora escreveram – vários encadernados dignos de epopeias originais que ambas juraram que nunca mais veriam a luz do dia.

A dor de Thora era como uma farpa no coração de Zoey. Se ela mexesse muito nela, ela iria cavar mais fundo, então ela só olhava para ela de lado. Olhe para ela de forma direta, e a dor podia apenas queimá-la viva.

Mas esta noite, com o amanhecer a duas horas de distância e o mundo úmido brilhando preto como a floresta de uma rainha do mal, Zoey enfrentou Thora inabalável. Ela abriu sua cavidade torácica e deu as boas-vindas ao ar cru da noite. Arrancou sua lasca, empurrou contra ela e a deslocou. Seu coração doía e ela saboreou a picada de dor.

Ela reviveu as palavras de Marion – *só porque você não consegue descobrir como fazer sexo como uma pessoa normal* – e deixou que a memória a golpeasse para cima e para baixo em suas costelas.

Repetidamente, ela imaginou a expressão de coração partido no rosto de Grayson quando ela disse a ele que não poderia mais estar com ele.

Zoey virou a bicicleta bruscamente para a esquerda e mergulhou na orla da floresta de Kingshead, arando através de um aglomerado de arbustos. Uma nuvem de pequenas asas brancas estourou, bateu levemente contra seu rosto e braços.

Mariposas, sussurrando: *Mais rápido, Zoey.*

Mais rápido.

Zoey pedalou passando pelos pastos dos Mortimers, mal percebendo os cavalos correndo ao lado dela. Eles acompanhavam o ritmo dela ao lado da cerca, balançando a cabeça e bufando no ar noturno. Os pneus da bicicleta de Zoey abriram um caminho em

chamas na lama. Galhos chicotearam contra ela, e ela não se importou com suas picadas. Eles a encorajaram; eles a empurraram. Eles eram mães antigas, sábias e cansadas. Eles tinham testemunhado uma alegria insondável e uma dor insuportável.

Uma mariposa pousou entre os nós dos dedos de Zoey, agarrando-se a ela com pés peludos. Suas asas cansadas tremeram – dois olhos negros sem piscar.

Esteja pronta, ela a advertiu.

À frente, os picos escuros de Kingshead emergiam das árvores.

Então Zoey ouviu um grito.

Marion



O Mártir

Marion seguiu o caminho dos ossos que gemem através da Floresta Kingshead, com as palmas das mãos sangrando, preparando-se para morrer.

Pareceu-lhe a decisão mais lógica a tomar. Não havia necessidade de mais ninguém morrer além dela.

Ela tinha cortado as palmas das mãos com uma faca que roubou da cozinha de Grayson, e agora ela vagava pela floresta, manchando as árvores com as mãos. O Coletor, ela esperava, capturaria seu odor. Ela seria irresistível para ele. Uma garota extraordinária, certo? Ele a caçaria e, em seguida, ignorando o gemer do osso estalando em seus ouvidos, incitando-a a correr, Marion deixaria a fera agarrá-la. Uma vez em suas garras, ela se teletransportaria. Ela pensaria na praia coberta de neve, no estranho céu lilás e levaria os dois para aquela obscura, escondida em algum lugar nas profundezas do mundo.

E se ele a matasse lá – o que, é claro, ele faria – então, bem, ela morreria.

Mas ninguém mais morreria. E então ele ficaria preso lá, banido, esperançosamente por anos.

Era a decisão mais lógica a se tomar.

Enquanto ela caminhava por entre as árvores, o zumbido metálico dissonante soou em seus ouvidos, Marion disse para si mesma que essa decisão não era apenas lógica; era o destino que ela merecia, por não ter conseguido manter Charlotte segura, por não sugerir outros lugares para elas morarem, por não sentir imediatamente a horrível verdade sobre Valerie Mortimer. Também era, talvez, um pouco corajosa.

Ela não se sentia corajosa.

Ela fechou os olhos, bloqueando as imagens e sons da floresta para que a única coisa que ela percebesse fosse o seu próprio corpo – sangue rugindo, coração batendo tão rápido que ela temia se assustar até a morte antes mesmo de encontrar o que estava procurando, e o chamado do gemer do osso.

Ela quase começou a correr. Seria fácil, correr, se esconder em algum buraco escuro até que outra pessoa cuidasse da situação. Alguém mais poderoso.

Marion abriu os olhos e voltou a si mesma - pés plantados na lama, árvores roídas pelo vento se curvando sobre ela como bruxas nuas em busca de tesouros escuros escondidos no mato.

— Saia como um herói, — ela murmurou, os membros tremendo quando ela começou a escalar um cume tecido com raízes e crista com escova áspera. — Não é isso que as pessoas sempre fazem nos filmes?

Ela enxugou o rosto com a manga e tropeçou em um nó de ervas daninhas. Certamente seria mais heroico se ela pudesse parar de chorar.

Deus, há quanto tempo ela esteve procurando nesta floresta? O amanhecer ainda estava longe, ela pensou. O mundo dentro da floresta era escuro e silencioso, pintado em tons de cinza cemitério e marrom podre. Cada árvore parecia a mesma, e o gemer do osso era um zumbido alto e ininterrupto batendo nas laterais do seu crânio, um aviso persistente.

Onde ele estava, então?

Marion parou em uma pequena clareira, com menos de cinco metros de largura, e ergueu as mãos. — Onde você está? Hã? — ela gritou para as árvores. — Venha me pegar, seu bastardo doente!

Como que em resposta, um grito perfurou a noite.

Marion girou, procurando na floresta escura.

Ele veio de novo, e desta vez disse uma palavra, e desta vez Marion reconheceu a voz:

— *Marion!*

A mãe dela.

Marion



O Círculo

Marion não parou para pensar além do simples fato de sua mãe estar em perigo.

Ela correu, mantendo o vulto iminente de Kingshead à sua frente, como a estrela do norte que se tornou assombrada e escura. Ela ouviu galhos quebrando atrás dela e se perguntou se o Coletor estava atrás dela, mas não conseguiu olhar.

Um pensamento solitário martelou por seu corpo, ultrapassando o rugido de seu sangue e o alto gemer dos ossos: *Não a mamãe. Ela também não.*

Mas quando Marion saiu da floresta e depois subiu correndo a encosta até o perímetro de arbustos e gramíneas que circundavam o quintal da casa, ela percebeu que sua oração foi proferida em vão.

Pois lá estava a Mão da Luz – vinte homens, negros, marrons e brancos, vestindo casacos escuros e chapéus. Marion ainda não tinha conhecido todos eles, mas ela soube imediatamente quem eles deveriam ser. Eles ficaram em um círculo dentro do aglomerado de carvalhos no canto traseiro do quintal, que era espesso o suficiente para escondê-los de qualquer olhar curioso em Kingshead ou na estrada para a cidade. Silenciosos e parados, eles pareciam as altas pedras da antiga Inglaterra, arranjadas agradavelmente para os deuses.

Um deles tinha uma arma pressionada contra a têmpora do chefe Harlow.

E outro tinha os braços de Pamela Althouse amarrados atrás dela, e uma pequena lâmina pressionada na pele de sua garganta.

— Marion? — Os lábios de sua mãe tremeram. — O que está acontecendo? Quem são essas pessoas?

A garganta de Marion estava tão sufocada de medo que ela mal conseguia falar. — Vai ficar tudo bem, mãe.

— Olá, Marion. — Disse Briggs, dando um passo à frente. — Estou tão feliz que você veio. Achei que você viria. — Então Briggs olhou além de Marion para a floresta. Seu sorriso se alargou. — Ah, Zoey! Bem-vinda.

Marion se virou para ver Zoey emergindo da floresta, com o braço levantado na posição de matar – reto na frente de seu corpo, a palma plana e rígida. Sua outra mão agarrando um taco de beisebol.

Marion correu para ela. — Zoey, saia daqui, *corra*!

Zoey a ignorou, em vez disso, assumiu uma postura defensiva bem na frente dela. — Deixe-o ir, Briggs. E a Sra. Althouse também. Ou eu acabo com você.

— Assim que eu terminar de falar — Disse Briggs. — Você terá cinco segundos para se render a mim, sem qualquer problema, ou direi ao Peters para matar seu pai. — Briggs inclinou a cabeça ligeiramente para a esquerda. — Não pense que eu não vou fazer isso, Zo. Eu não preciso dele. Mas eu preciso de você.

— O que, para o seu pequeno ritual? — A voz de Zoey tremeu.

Briggs sorriu. — Exatamente. Cinco.

Chefe Harlow engasgou, — Zoey, me desculpe...

— Quatro.

— Eu tentei impedi-los...

A mão de Zoey tremeu no ar. — Está tudo bem, pai. Eu prometo a você que tudo vai ficar bem.

— Três.

A Sra. Althouse deixou escapar um soluço ofegante.

— Eu não queria isso para você. — Disse o chefe Harlow, com as lágrimas escorrendo pelo rosto barbeado. — Me desculpe, eu deixe você vir aqui.

— Dois.

Então, ao lado de Marion, Zoey ficou tão tensa que o ar começou a estalar ao redor dela como gelo sobre vidro.

— Sua *vadia*. — Zoey gritou.

Marion se virou, seguindo o olhar de Zoey.

Lá estava Val, descendo a colina em direção a elas em uma camisola e descalça, seu cabelo esvoaçando como uma bandeira dourada. E mesmo agora, sabendo o que ela sabia, Marion mal podia suportar olhar para Val; sua beleza iluminada pela lua era surpreendente.

Então, antes que alguém pudesse impedi-la, antes que Briggs pudesse terminar sua contagem regressiva, Zoey largou o bastão e correu, estendendo as mãos como se estivesse batendo uma porta.

Com um grito de choque, Val voou para longe dela, aterrissando com força na grama a cerca de seis metros de distância.

— Zoey, não! — Marion gritou, mas Val já estava se levantando, correndo de volta para Zoey com suas mãos — Ah, suas mãos. Elas estavam pegando *fogo*.

Marion observou, pasma, enquanto Val corria em direção a elas como uma constelação derrubada do céu — três estrelas, uma em cada palma e uma no peito, brilhando como se alguém tivesse enfiado Sirius em sua caixa torácica.

Zoey recuou com os olhos arregalados. — Puta merda.

A terceira garota. *Três garotas extraordinárias.*

SEMPER TRES.

Val se lançou contra Zoey, jogando-a no chão. A cabeça de Zoey bateu contra a terra. Val a segurou na lama e socou sua mandíbula uma, duas vezes. Quando seus punhos atingiram o rosto de Zoey, eles chiaram como carne contra uma grade.

O chefe Harlow gritou, lutando para se libertar.

Zoey gritou e colocou as mãos no peito de Val. Val voou de volta para o círculo de homens. Eles a pegaram, prendendo-a em um ninho de braços. Marion viu um deles enterrar o rosto no cabelo de Val e inalar. Então eles empurraram Val de volta para o círculo, de volta para Zoey.

Mas Zoey estava pronta. Ela se agachou, as mãos estendidas e os lábios sangrando. Val voou para ela, iluminando-se com cada

passo. Com dois gritos furiosos, elas colidiram. As mãos de Val bateram no estômago de Zoey como o estrondo de fogos de artifício. Zoey girou, jogando Val no chão. Val ficou ali, ofegante. A luz em seu peito piscou, e então explodiu de volta à vida. Zoey montou nela e deu um soco em Val de novo e de novo.

Quanto aos homens que as cercavam, eles não fizeram nada. Eles estreitaram o círculo, aproximando-se mais e mais com olhos ansiosos. Eles agitaram suas armas como bandeiras. Eles estavam *rindo*.

— Maravilhoso! — Briggs cantou. — Quase não tivemos que fazer nada. Estão vendo, meus amigos? — Ele levantou as mãos, dirigindo-se aos homens ao redor. — Mesmo essas meninas extraordinárias são suscetíveis as mesmas fraquezas que atormentam todo o seu sexo. Elas querem isso. No fundo do coração, elas querem destruir umas às outras..

Marion estava atordoada, observando o impossível desenrolar-se na velocidade da luz diante de seus olhos. Diante das palavras de Briggs ela vociferou.

— Pare! — Ela correu para Zoey, puxando-a de uma Val ofegante e sangrando. — Zoey, *pare*!

Ela cambaleou para longe, Zoey em seus braços. Zoey se libertou, girou nos calcanhares, olhos brilhantes e selvagens, e bateu a palma da mão no peito de Marion. O impacto foi como se alguém tivesse jogado um tijolo nela. Marion voou para trás, bateu no chão. Atordoada, sem fôlego, ela se permitiu ser ajudada a se levantar por dois homens com mãos enluvadas desajeitadas. Ela sentiu uma mão em seu seio, outra em seu quadril, e então eles a empurraram em direção a Zoey.

— Pare! — Marion segurou a cabeça dela, instável em seus pés. Ela se forçou a passar pela dor, agarrou o braço de Val, e teletransportou as duas a poucos metros de distância.

Um dos homens deixou escapar um suspiro de apreciação.

Sem o corpo de Val embaixo dela, Zoey caiu de joelhos.

Ao lado de Marion, Val ofegou, seu rosto respingado de sangue. — Obrigada.

De repente, os olhos de Marion estavam cheios e quentes. Mesmo agora, a sensação da pele de Val sob suas mãos era

adorável o suficiente para abrir seu coração novamente.

— Marion. — Val começou, estendendo a mão para ela. — Eu sinto muito...

Marion a empurrou com força. — Eu deveria deixá-la matar você.

Briggs retirou uma longa faca de uma bainha em seu quadril — uma lâmina perversa de aparência antiga com um punho elaboradamente esculpido e uma ponta curva. Ele a ergueu para o céu, apoiada nas palmas das mãos.

— Deus entende. — Briggs gritou. — Que essas feras não deveriam estar aqui. Ele, em sua sabedoria, enviou essas meninas para nós. Essas meninas cujo poder é contencioso e autodestrutivo — exceto nas mãos daqueles fortes o suficiente para empunhá-lo. Nossas mãos, meus irmãos. Em *nossas mãos*, essas garotas ascenderão. O sacrifício delas esta noite nos ajudará a prender a besta enquanto ela ainda está ligada à sua rainha. Seu sacrifício esta noite garantirá a segurança do mundo que depende de nós para protegê-lo.

Então ele entoou uma frase em latim, e os outros homens repetiram – um coro de vozes, baixas e masculinas, proferindo palavras que Marion não conseguia entender, mas sabia que deviam preceder sua morte.

Val se afastou de Marion, lançando-se sobre Zoey.

Uma estalar na floresta, um farfalhar de árvores.

Marion girou, semicerrou os olhos para passar pelo círculo de homens balançando e cantando nas árvores além.

Isso foi um piscar de estrelas?

Ou um flash de olhos brancos?

O gemer dos ossos aumentou, subindo freneticamente pelas paredes de seu crânio.

Marion se virou, sua mente lutando para se controlar sobre o uivo de seu pânico. Ela fixou os olhos em sua mãe, que tentava evitar a lâmina em sua garganta. As veias dividiam seu pescoço branco em seções como países em um mapa desbotado.

Val e Zoey lutavam em um nó emaranhado e rosnado no chão. Uma das alças da camisola de Val tinha caído de seu ombro. Ela tinha arrancado a jaqueta de Zoey e agora estava enrolando no

pescoço da garota, tentando sufocá-la. Zoey deu uma cotovelada no estômago de Val, fazendo-a voar para trás.

Os homens, maliciosos, extasiados, pegaram Val.

Marion correu para o taco de beisebol, colocou-o nas palmas das mãos estendidas e escaldantes de Zoey.

— Zoey! Me escute. — Ela pegou o rosto de Zoey com as mãos, forçando o contato visual. — Isso é *exatamente* o que eles querem. Você está sangrando, e Val também, e eu também. Ele está *vindo*. — Marion sacudiu o bastão nas mãos de Zoey. — Lembre-se de Grayson. Lembre-se do livro.

Zoey piscou, então piscou novamente. Um pouco da fúria desapareceu de seus olhos.

— Ah, Deus. — Ela sussurrou.

Marion se virou e encontrou Val nos braços de Briggs. Ele passou a própria mão pelos lábios sangrentos dela, então manchou o sangue dela em seu rosto.

Marion ouviu Zoey gritar atrás dela: — O que *diabos* há de errado com você?

As árvores além do círculo se moveram, como cortinas pretas se abrindo para anunciar o próximo ato. Trevas se ergueram pelo mundo, subindo de árvore em árvore.

Com o gemer dos ossos zumbindo eletricamente por suas pernas, Marion correu para Val e a arrancou dos braços de Briggs. Ela deu um tapa em Val, para fazer os homens pensarem que tudo estava como deveria ser.

— Val. — Marion engasgou, puxando Val para o centro do círculo, em direção a Zoey. Ela jogou Val no chão. — Ele está aqui. O coletor. Nós temos que ir. *Agora*.

O gemer dos ossos foi tão alto que Marion mal conseguia ouvir os gritos roucos dos homens chamando por seu sangue.

Val assentiu com os olhos arregalados. Seu corpo estremeceu, puxado por forças que Marion não podia ver. A mandíbula de Val cerrou; seus músculos tensos, como se ela estivesse lutando contra a maré.

Ela o obedece completamente. Enquanto Marion se lembrava da descrição de Grayson da rainha, suas veias inundando com gelo. *A vontade dela é consumida pela vontade dele.*

— Fique abaixada. — Val sussurrou asperamente. — *Rápido*.

Não havia tempo para dúvidas. Marion agarrou Zoey e a puxou para o chão. Val se agachou entre elas, abaixou a cabeça e posicionou os braços, pronta para pular do chão e correr.

Então Val detonou.

O chão tremeu sob seus pés, como se fosse um motor morto para o qual alguém saltou com raiva de volta a vida. As luzes nas palmas das mãos e no peito de Val explodiram em um campo incandescente, consumindo Marion e tudo ao seu redor. Ela vagamente ouviu o grito de consternação de Briggs, os homens em círculo caindo no chão como insetos eletrocutados.

Um grito desumano ecoou - bestial e áspero, uma aba glótica de pele molhada.

Marion protegeu os olhos. Uma mão escorregadia de sangue apertou a sua – Zoey, sua expressão tensa e com medo.

— Leve-nos a algum lugar seguro. — Os olhos de Zoey se voltaram para Val, sua mandíbula se projetando nitidamente. — Todas nós.

Com uma mão na de Zoey e a outra agarrada com força na de Val, ilesa pela luz fraca de Val, Marion sentiu como se algo incompleto tivesse ficado, abrupta e totalmente, completo.

Ela não hesitou, ou pensou em sua mãe ou no Chefe Harlow, ou no que tinha acontecido com Briggs e seus homens, ou se o Coletor os estava atacando.

Ela fechou os olhos e empurrou toda a energia que continha para fora e para baixo – para a lama negra, para a pedra sob seus pés, na própria rocha. E a ilha – em chamas, furiosa, trêmula – ergueu-se para encontrá-la.

Deus entende, Briggs tinha sussurrado, *que essas feras não deveriam estar aqui.*

Marion não conseguia imaginar um Deus como aquele sobre o qual ela cresceu ouvindo – algum homem sentado nas nuvens, manobrando as peças do mundo para atender seus caprichos porque ele, é claro, sabe o que é melhor.

Mas ela podia imaginar um Deus na forma de uma ilha coroada de árvores, pairando no meio de um mar negro.

Algum lugar seguro, ela pensou para a Rocha, seu aperto em Zoey e Val. Ela sabia que a Rocha tinha ouvido. Ela sentiu suas orelhas formigarem e seu grande coração bestial despertar e sua raiva se solidificar, combinando com a dela.

Ela desapareceu.

Zoey



O Expurgo

Quando Zoey abriu os olhos, ela estava deitada de costas em uma cama de musgo, e o céu noturno acima dela descansava nas palmas estreitas de galhos de árvores com muitos dedos.

Suas mãos formigaram dolorosamente; sua cabeça chiou e balançou como se ela tivesse caído de um mar revolto em solo sólido.

— Marion? — Zoey encontrou seu taco caído no mato e sentiu uma forte onda de alegria por Marion tê-lo recuperado. — Val?

Ela as encontrou, Marion à sua direita e Val à sua esquerda, cada uma delas voltando lentamente a si. O teletransporte de Marion às havia jogado em um matagal cheio de vegetação rasteira e pequenas árvores tortas revestidas de casca quebradiça com crosta de mar.

Marion segurou sua cabeça, os olhos turvos encarando nada em particular. Val agachou-se sobre as mãos e joelhos, os braços e o peito ainda rodeados de luz. Ela olhou para o chão e respirou uniformemente pelo nariz, os lábios cerrados. Então ela apertou uma de suas mãos brilhantes em seu estômago. Alguns segundos depois, ela se virou para vomitar.

— Teletransportar não é brincadeira, não é? — Zoey atirou na direção geral de Val. Ela se livrou das garras da samambaia

espinhosa e foi até Marion, arrancou o lenço turquesa estampado de seu cabelo e enxugou o lábio ensanguentado. — Onde estamos?

— Não tenho certeza. — Respondeu Marion, com a voz fina. — Eu nos trouxe para um lugar seguro, e isso é tudo que sei. Não pensei em dizer aonde ir.

— Ei. — Zoey se abaixou para olhar Marion nos olhos. — Está tudo bem. Você fez bem.

O sorriso de Marion tremeu. — Estou tão cansada, eu... Eu não acho que posso nos levar para casa.

— Estamos em um dos Smalls. — Val resmungou, sua voz trêmula e não soando totalmente normal. Ela apontou por entre as árvores em direção a uma linha fina de luzes distantes que Zoey agora reconhecia como o centro de Sawkill. Elas brilharam na água, uma linha de místicos fazendo sua peregrinação até a costa. — Em Hare's Tail, eu acho.

— Por quê você está aqui? — Marion perguntou, sem olhar para cima enquanto cuidava da mão de Zoey. Seus movimentos eram suaves, mas sua voz não. — Por que você veio hoje à noite?

Val, tossindo, disse fracamente: — Eu queria ajudar vocês.

A mandíbula de Marion cerrou. — Como você ajudou minha irmã?

— Se você tentar alguma gracinha, — Zoey acrescentou, olhando para Val. — Juro por Deus que vou jogar você no fundo do mar.

— Ela salvou nossas vidas. — Murmurou Marion, olhando para o chão. Seus olhos tinham uma luz brilhante.

— Eu não me importo. — Zoey apontou para Val. — Não pense que você terá misericórdia de mim, nem mesmo por um segundo.

Então, do lugar de Val no mato, veio uma gargalhada baixa.

— Misericórdia. — Rosnou Val, mas não realmente Val, pois aquela voz não era dela, e vibrou com uma malevolência que enviou um arrepio de medo pelos braços de Zoey. — Misericórdia não é um conceito no qual eu acredito.

Então a cabeça de Val se virou para encará-las, seus olhos ficaram totalmente brancos. Ainda em suas mãos e joelhos, ela cambaleou em direção a elas em um rastejar terrível e instável.

— Merda. — Respirou Zoey, agarrando seu taco e se levantando. — Marion, fique atrás de mim!

Marion lutou para obedecer.

— Marion, fique atrás de mim! — Val zombou.

Zoey ergueu a mão, concentrada na solidez de seus pés plantados na lama, imaginou quentes hastes elétricas estendendo-se de suas panturrilhas até a terra, a rocha e o mar.

Sua mão ganhou vida, cada dedo zumbindo com uma corrente de poder.

Val hesitou, inclinou a cabeça violentamente para o lado como um cão raivoso.

Zoey acenou. — Apenas tente, seu pedaço de merda.

— O que você fez com Val? — Marion exigiu.

— Val me deixou com mais raiva do que eu jamais acreditei ser possível. — Disse Val, e então saltou da lama com os dentes arreganhados. Seu lindo rosto se alongou e escureceu, como se a tinta estivesse se acumulando sob sua pele. Seus olhos brilharam brancos.

Zoey soltou um grito de batalha e empurrou a palma da mão para a forma saltitante de Val. O ar ondulou, bateu no abdômen de Val.

Um som emergiu de sua garganta – parte monstro, parte garota. Seu corpo estremeceu no umbigo. Ela voou de volta para as árvores e sumiu de vista.

Zoey colocou o taco nas mãos de Marion e, juntas, mergulharam na escuridão, passando pela linha de árvores mais próxima.

— Se eu acabar tendo que matá-la, — Zoey murmurou. — Apenas saiba que eu sinto muito. Não por ela. Por você.

Marion não disse nada.

Elas encontraram Val se contorcendo na base de uma árvore negra e atarracada, seu corpo se contorcendo em um berço de raízes. Seus gritos agudos cortaram o ar em pedaços; suas palmas iluminadas piscaram, como lâmpadas em um vendaval.

Ela se virou quando elas se aproximaram, seus olhos mudando do branco da tempestade para o preto como tinta, para um azul comum e suplicante.

— Por favor. — Ela engasgou. — Ajude-me.

Suas costas arquearam e depois se nivelaram, jogando-a primeiro no ar e depois de volta às raízes. Suas mãos, manchadas de sangue, rasgaram a casca como se ela lutasse por oxigênio em direção à superfície.

Zoey congelou. Ela não queria conceder misericórdia a Val, mas seu estômago revirou ao ver Val convulsionando, seu corpo sendo usado, arremessado e devastado como o de uma boneca.

Ela se lembrou da voz de Grayson proferindo as palavras traduzidas do livro de seu pai:

Ela o obedece completamente.

Ela não tem escolha.

A vontade dela é consumida pela vontade dele.

Ao lado de Zoey, Marion soltou um soluço sufocado. — Meu Deus...

— Ah meu Deus, Ah meu *Deus*. — Val se levantou e se sentou, os dedos ensanguentados ainda cravados nas raízes. Ela fixou em Marion um olhar trêmulo e desdenhoso, os ombros e as pernas tremendo. — Sabe, Val só gostava de você porque você era um alvo fácil.

— Não dê ouvidos a ele, Marion. — Disse Zoey. — Ele é um mentiroso e um assassino.

— Ela precisava de uma foda rápida para aliviar a tensão, — Zombou Val, sua voz presa em algum lugar entre a do Coletor e a dela. — E ela sabia que você estava desesperada por isso.

A resposta de Marion soou firme e clara. — Isso não é verdade.

Val pressionou as mãos brilhantes contra a camisola. Elas fizeram buracos no tecido fino, então encontraram sua pele e chiaram. Val gritou de dor. Seus olhos piscaram para o azul. Ela engasgou, tentando recuperar o fôlego.

Ela olhou para Zoey, implorando. — Ajude-me! Por favor... Segure minhas mãos.

Val bateu as palmas das mãos em seu estômago. Com o impacto, uma bile negra fresca escorreu dos lábios e nariz de Val, pela frente trêmula de sua camisola.

Marion soltou um grito suave e angustiado.

Zoey percebeu o que estava acontecendo com uma pontada de nojo tão forte que seu estômago embrulhou.

Então, com um rugido áspero, Val se jogou das raízes e saltou sobre elas.

Zoey respirou fundo e ergueu os punhos.

Val voou para trás delas, batendo na árvore negra e corpulenta. Ela caiu nas raízes e não se mexeu.

Zoey e Marion correram para ela. Zoey manteve as mãos estendidas, os braços rígidos. Ela imaginou enviar toda a energia contida em seu corpo para descansar contra as mãos brilhantes de Val, mantendo-as planas contra a barriga de Val.

— Por favor, estou tentando… — Val olhou para elas com uma película sobre seus olhos azuis-claros. Seu corpo sofreu uma tosse violenta. Mais líquido preto borbulhou de seus lábios. Suas pálpebras tremeram; suas palmas piscaram, escurecendo. — Eu estou tentando...

Marion se ajoelhou ao lado dela. — Você está lutando contra ele. — Marion cobriu as mãos de Val com as dela. Ao seu toque, as mãos de Val incharam suavemente de volta ao brilho. Seu corpo se retorceu de dor. Lágrimas escorreram de seus olhos.

— Marion, — Disse sua voz verdadeira, rouca e desesperada. — Eu sinto muito. Eu deveria ter pulado. — Ela engasgou, piscando. — Eu deveria ter acabado com isso...

— Não. — Marion balançou a cabeça, a boca em uma linha tensa. — Não, você não deveria. Não diga isso.

Um estalo, um grunhido e então o corpo de Val se afastou delas.

— Segure-a! — Marion chorou.

Zoey murmurou, — Droga. — e obedeceu, porque a alternativa era golpear Val, e continuar golpeando ela até que não houvesse mais vida em seu corpo. Se Val estivesse realmente possuída por esta besta por Deus sabe quanto tempo, então...

Um caroço quente e tenso se formou na garganta de Zoey, empurrando lágrimas para seus olhos.

Então Val não merece morrer assim.

Não pelas mãos dele.

E não pelas minhas.

Zoey praguejou cada maldição que conhecia e montou nos quadris de Val, seus joelhos cavando desconfortavelmente nas raízes. Suas mãos vibrantes pairaram sobre o peito de Val, como

um desfibrilador, e suas pernas apertaram o corpo de Val como um conjunto de minúsculas garras humanas. Não importava o quão forte Val resistisse, não importava as coisas horríveis que Val gritasse com ela, Zoey a manteve presa no lugar sob a árvore, as mãos escaldantes coladas na barriga. O sangue vazou por entre os dedos brancos e flamejantes de Val.

Gotas de suor rolaram pelas costas de Zoey. Seu estômago se rebelou contra o cheiro de carne cozinhando.

Coragem, querido coração, murmurou uma minúscula mariposa branca, voando para baixo das árvores para pousar entre os nós dos dedos de Zoey.

Val gritou, seu corpo arqueando-se nas raízes com tanta força que parecia que ia se partir em dois. Ela cuspiu um bocado de líquido preto fumegante no rosto de Zoey.

Zoey engasgou, cuspindo e arfando. Cada osso de seu corpo gritava para ela correr. Ela pressionou com mais força contra o torso de Val. O barulho da pedra, da lama e da água sob suas pernas trêmulas a mantinham vital, mantinha-a ereta e vibrando.

Marion enxugou o rosto de Zoey com a mão livre, os dedos frios.

— Ouça-me, Val, — Disse Marion, com a voz calma. — Eu vou ficar falando com você até que isso acabe. Tudo bem?

Val rosnou, sua cabeça girando de um lado para o outro, — Quando isso acabar, vou te despedaçar!

— Não. Quando isso acabar, teremos uma longa e agradável conversa. Só você e eu.

— Você é imunda — gritou Val. — Você é podre...

— Lembra quando eu te beijei, nos estábulos? — Marion segurou a bochecha suada de Val. — Eu nunca tinha beijado ninguém assim antes. Eu nunca vou esquecer isso, Val.

O brilho no peito de Val cintilou, enviando dedos de luz por todo o seu corpo. Ela soluçou uma vez. — Marion, me ajude!

— Eu estou bem aqui. — Marion olhou para Val, firme e inabalável. — Nós duas estamos. Eu e Zoey. Não vamos deixar você.

As mãos de Zoey estavam ficando dormentes e seus ombros doíam como se tivessem sido perfurados por ferros quentes. — Não vou conseguir fazer isso por muito mais tempo.

Sua visão escureceu, então iluminou. Ela cerrou os dentes, imaginando o esboço da menina no livro de seu pai – uma espada em uma mão, a outra estendida como seu próprio escudo.

— Vamos, Val. — Zoey murmurou. — *Vamos.*

— Você está indo muito bem — Acalmou Marion. — Estou tão orgulhosa de você, Val.

Val respirou fundo e rugiu para Marion: — Vou devorar você por décadas e você sentirá cada momento!

Mas Marion não largou a mão dela. — Estou bem aqui. — Ela murmurou. — Estou bem aqui, Val.

Ela não largou mesmo quando os gritos furiosos de Val se transformaram em respirações borbulhantes e terríveis e tosses violentas que fizeram o peito de Zoey doer ao ouvi-los. Quando os olhos de Val se fecharam e ela começou a convulsionar silenciosamente, Marion entrou em ação. Soltando a mão de Val, ela arrancou a jaqueta e disse a Zoey: — Temos que virá-la!

Zoey soltou o corpo mole e trêmulo de Val, lutando contra o desejo de desmaiar de puro alívio. Então, juntas, ela e Marion viraram Val de lado, usaram as próprias mãos para mantê-la pressionada contra o estômago. Elas prenderam a jaqueta enrolada de Marion entre a parte de trás da cabeça de Val e a raiz atrás dela, e então cada uma a segurou pelos ombros – Zoey atrás do corpo de Val, Marion na frente – enquanto ela vomitava fontes de alcatrão. E com cada garfada cuspida, as mãos e o peito de Val ficaram mais brilhantes, até que ela se acalmou, ofegando, e abriu os olhos.

Elas estavam molhadas, injetadas de sangue – e do mesmo azul cristalino de Mortimer que Zoey sempre amaldiçoou com tanta paixão.

Marion deu uma gargalhada trêmula. — Val, você conseguiu.

— Espere só um segundo. — Zoey reuniu seus últimos resquícios de força e preparou as mãos, apenas para garantir. Seus ombros se alargaram de dor em protesto. A mariposa permaneceu entre os nós dos dedos, as asas batendo lentamente. — Ele se foi?

E Val, com lágrimas rolando por suas bochechas coradas, puxou os pedaços rasgados de seu vestido para revelar seu abdômen. Duas marcas de mãos ensanguentadas e fumegantes flanqueavam seu umbigo como as asas de um pássaro pousando. Abaixo delas

se estendia um sorriso rosa pálido de tecido cicatricial – um eco do que uma vez havia sido.

Val



O Julgamento

No momento em que Val conseguiu abrir os olhos mais uma vez, ela percebeu que havia se afastado da árvore contra a qual estava se debatendo. Ela agora estava deitada perto do mar, em uma suave elevação de terra coberta com tufos de grama e bolsões de areia cinza áspera. De muito perto veio o bater rítmico das ondas. A brisa do mar beijou os pedaços de sua pele descoberta.

Ela se ergueu com os braços trêmulos, estremecendo com a dor na barriga. Alguém tinha pressionado um suéter em sua barriga para estancar o sangramento e amarrou-o na cintura com um cinto.

O suéter de Marion.

— Marion? — Loucamente, ela olhou em volta, sua boca pegajosa e azeda, apenas para ser pega por duas mãos firmes em seus braços.

Ela piscou, sua visão clareou, e então ela a viu, Marion, sentada em sua frente, tremendo um pouco em sua camisola, seu cabelo escuro e emaranhado, sua pele pálida luminescente ao luar. Apesar de tudo, Val sentiu-se oprimida pelo desejo de beijá-la.

Por um momento, ela realmente considerou isso.

Marion, no entanto, deve ter visto o pensamento aparecer em seu rosto. Sua expressão preocupada sumiu do seu rosto.

— Não. — ela disse calmamente.

— Sinto muito. — Val respondeu, e então percebeu que havia muitas coisas pelas quais ela poderia estar se desculpando, o que a fez se sentir ligeiramente enjoada.

Sem pensar, ela cruzou os braços ao redor da cintura e puxou os joelhos contra o peito. A dor resultante quase a derrubou e ela gritou, desdobrando-se. Inspirando e expirando com cuidado, ela mapeou o caminho de hematomas e cortes ao longo de suas coxas, subindo pelas costas, pontuando sua barriga e os braços.

Marion se moveu em sua direção e parou abruptamente. Ela desviou o olhar, mordendo o lábio.

Val piscou algumas vezes para manter as lágrimas sob controle e voltou seu olhar para o mar – a sua agitação titânica, as ondas de cristas piscando para dentro e para fora da existência iluminada pela lua como vaga-lumes, as estrelas olhando friamente para o caos mutável da Terra e decidindo, talvez, que era melhor existir no silencioso vazio do espaço, afinal.

Uma luz circulando atraiu seu olhar. Na costa oeste de Sawkill, o farol erguia-se alto e solitário.

— Zoey o chama de Olho de Sawkill. — disse Marion por fim.

Val se virou, o pulso pulando na garganta ao ver Marion olhando para o mar, o vento chicoteando seu cabelo em seu rosto. — O quê?

— Você sabe. — Marion apontou para a água. — Como o Olho de Sauron. Em Mordor.

Val balançou a cabeça. — O Olho de... que?

Marion sorriu um pouco. — Sim, eu sei. *O Senhor dos Anéis*. Zoey está tentando me viciar nisso.

— Nunca assisti. Ou li os livros.

— Sim. — O rosto de Marion estava ilegível. — Nem eu.

Sem aviso, os nervos devastados de Val cederam. Ela conseguiu esconder a boca atrás da manga e se virar, mas engolir os soluços fez sua garganta doer tanto que ela chorou ainda mais.

Dedos suaves pressionaram os dela. A voz de Marion veio baixinho: — Val...

— Meu *Deus*. — Zoey se aproximou, anunciando sua presença com um assobio agravado. — O sinal de celular fica aos pedaços aqui. Er. — Ela parou bem na linha de visão de Val. — Sem ofensa,

Val. Eu quis dizer pedaços humanos normais. Não, tipo, pedaços de monstros nojentos. Mas, tanto faz, eu salvei sua bunda, então posso dizer o que eu quiser.

Val olhou para Zoey através dos cílios cheios de lágrimas.

Zoey permaneceu impassível. Ela cruzou os braços sobre o peito. — Você tem algo a dizer para mim?

Val acenou com a cabeça miseravelmente. — Eu... As coisas que eu disse enquanto ele estava em mim, — ela começou, as palavras tão terríveis que ela quase perdeu a coragem. — As coisas que eu fiz. Eu sinto muito. — Sem pensar, Val agarrou seu estômago, então sibilou quando suas mãos tocaram suas feridas. Novas lágrimas arderam em seus olhos, mas ela não conseguiu reunir energia para enxugá-las. — Isto não é suficiente. Eu sei que não é suficiente. Eu... — Ela olhou desamparadamente para Zoey. — Eu não espero que você me perdoe.

— Eu também não espero. — Zoey disse imediatamente.

Marion manteve os olhos na água. — O pai de Zoey tem um livro cheio de informações sobre você — disse ela. — E sobre o Coletor também.

Val acenou com a cabeça. — A Mão da Luz. Ele os mencionou. Ele sabia que eles o estavam observando.

— Ele?— disse Zoey.

Parecia estranho chamá-lo por um nome de conto de fadas, quando para ela ele era mais do que isso. Não uma história, não uma lenda; uma realidade

— O Coletor, — Val respondeu calmamente. — Eu nasci com ele dentro de mim.

Zoey ficou parada como uma sentinela. — O livro diz que você não teve escolha a não ser obedecê-lo. Que a vontade dele consumiu a sua.

— Eu tive uma escolha. — Val manteve sua voz plana e clara. — Eu poderia ter acabado com as coisas, se eu tivesse coragem para isso. Eu poderia ter matado minha mãe. Eu poderia ter matado nós duas. Então... — Val respirou fundo, estremecendo. — Isso poderia ter feito isso, forçado ele a sair de nosso mundo por um tempo. Mas não consegui. Eu não fiz. E agora...

Ao pensar no corpo arruinado de sua mãe, Val fechou os olhos com força. — Agora ela está morta, e ele não, e eu... Ainda estou aqui.

A voz de Zoey cortou claramente. — Sua mãe está morta?

— Sim, — Val respondeu. — Sortuda.

— Não diga isso, — Zoey disparou. — Não quando as pessoas que amamos morreram e se foram, não quando faríamos qualquer coisa para tê-las de volta.

Val se encolheu na curva latejante de seu corpo. — Você está certa. Claro, eu... Eu sinto muito.

— Você poderia dizer isso pelo resto da sua vida — disse Zoey, sua voz grossa. — e não seria o suficiente.

— Então eu direi isso pelo resto da minha vida. — Val respondeu, abrindo seus olhos para devolver o olhar de aço de Zoey com um dos seus

— O que você pode nos contar sobre ele? — Marion colocou a mão sobre a de Val. Imediatamente os dedos de Val, tensamente enrolados na areia, relaxaram. — Qualquer coisa para nos ajudar a lutar contra ele.

— Ele pode existir fora das pedras, mas apenas em uma forma instável, — Val disse. — Sua visão, seu movimento - eles não são confiáveis. Ele precisa de ajuda para se locomover de forma confiável, embora não tanto quanto antes. Ele está muito mais forte agora. E ele pode assumir diferentes formas...

Zoey a interrompeu. — Isso nós sabemos. O que mais?

— Estávamos ficando sem tempo. — Val olhou para suas mãos. — Ele tem se alimentado, evoluído, desde que chegou aqui pela primeira vez. Cada morte requer cada vez menos tempo para que ele possa digerir. Cada morte concede a ele mais poder. Em breve, ele estará livre. Ele não vai precisar de mim. Ele não vai precisar de ninguém. — Seu estômago apertou; uma onda de dor pulsou por ela. — Mamãe achou que ele só precisaria de mais um.

— E então ele poderá ir para onde quiser, — Zoey disse, sua voz instável. — Matar quem ele quiser. Não apenas garotas. *Qualquer um*.

Val acenou com a cabeça miseravelmente.

— Meu Deus. Ele pode estar perseguindo essa última pessoa, seja ela quem for, *agora*.

— Mas ele provavelmente não pode deixar as pedras, — disse Marion. — Certo? Ele está preso lá? Agora que você... — Ela gesticulou para a barriga de Val.

Um tremor de medo sacudiu Val quando o imaginou lá, esperando, furioso. — Suponho que ele está. Esperando. — Ela olhou para Marion. — Como você achou as pedras? Eu lembro... — Ela corou um pouco. — Eu ouvi sua conversa com Zoey naquela noite.

— O que importa como as encontramos? — perguntou Zoey.

— As pedras estão onde ele entrou em nosso mundo, — Val respondeu. — através de um rasgo na floresta. Minha avó chamou de portão. Está muito bem escondido. Ninguém pode encontrá-lo, exceto aqueles da linhagem da minha família.

— E Marion, — Zoey disse, batendo levemente na perna de Marion. — Nós as encontramos na primeira noite em que nos conhecemos. Tentei voltar depois, sozinha. Não foi possível encontrá-las. — Ela olhou com curiosidade para Marion. — Talvez tenha a ver com seu teletransporte. Se for uma fenda entre os mundos, faz sentido que você seja sensível a ela.

Marion respirou fundo. — Ah, Deus. Teletransporte. — Ela enfrentou Sawkill, com a mão sobre a boca. — Minha mãe. Seu *pai*, Zoey. Acabamos de deixá-los lá com Briggs, e estou muito fraca agora; eu não acho que consigo nos levar de volta. Merda. *Merda*.

— Ei. — Zoey se ajoelhou na frente de Marion e juntou as mãos nas dela. — Está tudo bem. Aqueles idiotas não vão machucá-los. Eles precisam deles para chegar até nós, lembra?

A garganta de Val apertou enquanto ela observava as duas – a facilidade com que elas se tocavam, o quão confortáveis elas pareciam existir no mesmo espaço.

Val supôs, uma queda doentia de resignação se instalando em seu estômago vazio, que nunca mais desfrutaria daquele tipo de relação com Marion, ou com qualquer outra pessoa. Ela tinha perdido todos os direitos a tal conforto desde o momento em que emergiu do ventre de sua mãe, nascida para um mundo cheio de monstros.

Ela plantou as palmas das mãos na areia, forçando-se a falar. Talvez falar a impedisse de se desenrolar completamente. — Então o que fazemos agora?

Zoey considerou Val. — Grayson está com o barco da mãe dele, — ela disse lentamente. — e sua velha espingarda, que Deus nos ajude. Ele deve estar aqui em alguns minutos. Se minha mensagem foi enviada, claro. Além disso... — Zoey abraçou sua barriga.

— O que quer que façamos, — Val disse. — teremos que fazer rápido. Normalmente eu diria que ele não deixaria as pedras sozinho, não por tempo suficiente para causar algum dano e não comigo tão longe dele, mas ele provavelmente nunca esteve tão desesperado antes. Não há como prever o que ele fará.

Marion se afastou de ambas e ficou de pé. Ela enfrentou Sawkill, os braços rígidos ao lado do corpo.

— Você vai segurar a Mão da Luz o máximo que puder. — disse ela. — Vocês duas e Grayson. Talvez seu pai, Zoey, se ele puder se libertar. E enquanto você luta, irei para as pedras. Vou transformar a mim mesma e ao Coletor em uma obscura. Eu não quero... — Ela fez uma pausa e limpou a garganta. — Quando ele vier atrás de mim, não quero que mais ninguém veja.

Quando ela se virou, seus olhos tinham um brilho que retalhava o que restava do coração de Val.

— Apenas me prometa, — disse Marion calmamente. — que quando eu for embora, vocês cuidarão da minha mãe. Estou preocupada que ela tente se machucar.

— Absolutamente não. — Val se levantou, cerrando os dentes contra o eco da dor. — Você não vai para qualquer outra região sozinha. Se você for, nós iremos com você. Vamos ajudá-la a lutar contra ele, com segurança, onde ninguém mais possa se machucar, e quando ele morrer, você nos trará de volta para casa. Ninguém vai morrer esta noite, apenas ele.

Ela olhou para Zoey e estendeu a mão. — Vamos caçar o filho da puta. Juntas.

Zoey apertou a mão de Val e se levantou. — Eu não estava brincando sobre não perdoar você.

— Eu não pensei que você estivesse. — Val respondeu. —Mas por enquanto...?

Zoey assentiu com firmeza. — Por enquanto, temos uma aliança.

Marion as observou, incerta. — Não sei o que nos acontecerá quando chegarmos à obscura. O livro diz que ele não pode ser morto

— Dane-se esse livro. — disse Val. — Foi escrito por homens. — Ela estendeu a mão livre para Marion. —Estamos reescrevendo.

Após um momento de hesitação, Marion colocou sua mão suavemente na de Val. Ao seu toque, a pele de Val aqueceu até o fim – desde as pontas dos dedos até a barriga dolorida e as linhas maltratadas de suas pernas.

— Juntas. — disse Marion baixinho, com um pequeno sorriso cauteloso.

O barulho do motor de um barco se aproximando cortou o momento em dois. Zoey deu um grito e correu pela costa até a água, acenando com os braços para uma lancha longa e elegante. A lancha parou o mais perto possível da costa. Então Val viu Grayson Tighe pular para fora do barco, correr desajeitadamente pela água rasa e pegar uma animada Zoey em seus braços.

Ela os viu se abraçarem, a mão de Grayson segurando a nuca de Zoey, as pernas dela agarradas ao quadril dele, e sentiu como se pudesse flutuar naquele local para sempre, sem amarras e sem igual, presa nesta extensão de praia vazia pela força insuportável do seu próprio desejo.

Então a voz baixa de Marion a penetrou: — Mesmo sabendo o que eu sei e sabendo o que você sofreu, não tenho certeza se algum dia serei capaz de perdoá-la pelo que você fez. Ou que eu deveria.

Val não suportou olhar para ela. Ela meio que piscou, com medo de soltar sua onda repentina de lágrimas, e olhou teimosamente para Grayson colocando Zoey no chão.

Uma mão fria tocou seu rosto, virando-o suavemente. Val encontrou a expressão ardente no rosto de Marion com a esperança florescendo em seu coração.

— Mas eu realmente quero tentar. — Marion sussurrou, e quando ela gentilmente encostou a testa na bochecha de Val, ela soltou um pequeno soluço de alívio.

Foi então que o ar ao redor delas explodiu com tiros.

Zoey



A Perseguição

As duas primeiras balas perfuraram a água a menos de um metro de onde Zoey e Grayson estavam.

A terceira atingiu a perna de Grayson.

Ele gritou e desabou, agarrando sua panturrilha. Sua mão saiu molhada e preta na escuridão, e quando Zoey se agachou ao lado dele, apoiando seu corpo com o dela, percebeu, com um salto de horror absoluto, que duas outras lanchas estavam correndo em direção a eles desde Sawkill – e que o os tiros cessaram.

Porque ela estava agora essencialmente enrolada em Grayson, um escudo humano.

Porque a Mão da Luz não hesitou em machucá-lo – mas eles não a machucariam, nem a Val, nem a Marion. Só depois de as terem exatamente onde queriam.

— Eles estão atrás de Grayson. — gritou ela, olhando para trás para encontrar as outras, mas elas já estavam lá, Val e Marion, avançando pela água em direção ao barco. As mãos de Val brilharam como brasas brancas queimando de volta à vida. Ela alcançou o barco, o suéter de Marion ainda amarrado à cintura, e subiu rapidamente a bordo antes de se dirigir ao assento do capitão. Marion se posicionou entre Grayson e os homens que se aproximavam, jogou o bastão de Zoey no barco, em seguida, tirou

os sapatos e as meias e amarrou uma meia ao redor do ferimento de Grayson, com movimentos firmes e seguros.

Grayson se encostou com força ao lado de Zoey, as lágrimas brilhando em seus olhos.

— Zo, — ele disse sem fôlego, — você não me disse que haveria homens com armas nos perseguindo.

Ela zombou, tentando evitar olhar para a perna dele e não pensar no que teria acontecido se a bala tivesse atingido mais alto, em seu estômago, peito ou cabeça. — Exceto que estou absolutamente certa de que eu contei.

— Ah, é verdade. E decidi vir de qualquer maneira.

— Porque você é um idiota.

O rosto de Grayson estava tenso de dor. — Porque eu amo você.

— Como eu disse. — Zoey deu um beijo na testa dele, um caroço quente preso em sua garganta. Ela e Marion ajudaram Grayson a subir no barco, em um banco baixo a estibordo.

Ele se agarrou ao braço dela, a respiração difícil. — Estou bastante assustado aqui, Zo. Não diga aos outros.

— Seu segredo está seguro comigo.

— É que nunca levei um tiro antes.

Zoey se sentou ao lado dele, embalando sua cabeça contra o peito dela e olhando para a água. — Se eles tentarem machucar você de novo, eu pessoalmente irei bater com suas bundas nesses penhascos.

— Posso apenas dizer que é muito sexy que você não está hiperbolizando?

A boca de Zoey se curvou em um sorriso aguado. — Sim, você realmente pode dizer isso, e frequentemente. Você sabe que adoro quando você usa essas palavras chiques.

Marion estava parada na amurada de bombordo, de costas para todos e seu cabelo preto esvoaçando atrás dela — uma rainha negra, inspecionando o campo de batalha.

— Você consegue dirigir essa coisa? — ela chamou de volta para Zoey.

— Sobre isso. — veio a voz de Val, logo antes do motor do barco rugir para vida.

Enquanto eles aceleravam através da água em direção a Sawkill, Zoey manteve seus olhos nos dois barcos em perseguição – pequenos e determinados, suas luzes apagadas e seus motores agitando furiosamente a água. Ela imaginou cada um deles pesado com o peso de homens raivosos e frustrados que negavam seu momento de glória. A adrenalina atravessou seus membros, calor deslizando da depressão entre as clavículas para as dez pontas dos dedos.

Ela olhou para o assento do capitão, onde Val permanecia com postura rígida, mãos brilhantes agarrando o leme, possivelmente derretendo-o. Hematomas e sangue manchavam sua nuca.

Não muito tempo atrás, a visão de Val tornara Zoey tímida em relação aos homicidas.

Agora...

— Então Val é uma de nós agora, hein? — perguntou Grayson calmamente.

— Claro que não, — Zoey respondeu. — Ela é só... útil.

Então, Marion, ainda de costas para eles, começou a rir.

Val olhou por cima do ombro. — Do que ela está rindo?

— Uh, Marion? — Zoey gritou. — Querida? O riso é um pouco estranho, para sua informação.

Marion se virou, seu rosto se iluminando com o que Zoey pensou que poderia ser apenas maldade. — Não se apavore. É que tive uma ideia muito, muito boa.

— É melhor que seja espetacular. — disse Grayson, olhando por cima do ombro de Zoey. — Eles estão se aproximando de nós, rápido.

Zoey olhou para a água e confirmou. — Merda. Eles estarão atrás de nós assim que atracarmos.

— Quase lá! — Val apontou à frente deles para o píer da família Tighe, um calçadão cinza que descia a colina gramada da casa do Tighe antes de se projetar sobre pilhas de pedra escorregadia de musgo marrom.

Na beira do cais, pistola na mão e chapéu empoleirado na cabeça, estava um homem. Zoey semicerrou os olhos durante a noite, seu pulso parecia um zumbido tênue em seus ouvidos.

— Alguém já está lá, — Val avisou. — O que devo fazer?

Os dedos de Zoey se enrolaram nas mãos de Grayson. — É meu pai.

— Podemos confiar nele? — Val deu uma olhada. — Ele é um deles, não é?

— Ele é, — Zoey disse severamente. — e eu não sei.

— Não temos tempo para tentar atracar em outro lugar. — acrescentou Marion.

Zoey se levantou, uma mão ainda segurando a de Grayson, a outra cerrada em punho. — Se ele fizer um movimento errado, você tem minha permissão para atacá-lo.

— Você não *acabou* de descobrir como usar esse poder? — Grayson sussurrou com urgência. — Zo, você poderia realmente machucá-lo.

— Então eu acho melhor ele não tentar *nos* machucar, — Zoey respondeu. Ela ergueu a voz enquanto Val manobrava o barco para a doca. — Um movimento errado, pai, e vamos explodir esta doca em pedaços.

— Eu entendo. — ele gritou de volta. Ele se agachou na beira do cais e estendeu as mãos. Seu lábio estava ensanguentado, seu olho direito inchado, mas ele deu às meninas um aceno tranquilizador. Atrás dele, anteriormente encoberto pela escuridão da noite e pela escalada rochosa da colina que levava à casa de Tighe, estava o sargento Montgomery e dois outros policiais de Sawkill.

Marion se posicionou entre Zoey e seu pai. — Você tem alguns amigos, chefe.

— Esses homens não são meus amigos. — respondeu ele, sua voz feita de ferro. — Não mais.

Marion o considerou por um longo momento.

Val se aproximou com cautela. — Eles estão bem atrás de nós, Marion.

— Nós cuidaremos deles. — o pai de Zoey respondeu, estendendo a mão.

Por fim, Marion cedeu e saltou. Ele ajudou Val a sair em seguida, e quando seu olhar caiu sobre a camisola manchada de preto, o suéter amarrado em torno de sua barriga, a boca virada para baixo nos cantos. Ele tirou a jaqueta, colocou-a sobre os ombros de Val e apertou o braço dela. Quando Zoey percebeu o olhar vacilante de

gratidão que Val lançou sobre seu pai, a explosão de calor em resposta no coração de Zoey a fez sentir como se um tapete tivesse sido arrancado de seus pés.

Ela tropeçou direto nos braços do pai, fechou os olhos com força e permitiu que ele a segurasse contra o peito largo pelo espaço de duas inalações.

— Grayson está ferido. — disse ela, se afastando, sua voz saindo baixa e trêmula. — Não é ruim, eu não acho, mas eles atiraram na perna dele.

— Quem diabos *são* essas pessoas, chefe? — perguntou o sargento Montgomery.

O olhar que Ed Harlow lançou para a água deixou o sangue de Zoey quente e frio. Ela nunca tinha visto tal expressão em seu rosto.

— Eles são fanáticos, — ele respondeu suavemente. — E até recentemente, eu era um deles.

Ele olhou para Marion. — O que você precisa que façamos?

Marion não hesitou, os olhos ardendo. — Segure-os. Precisamos chegar às pedras.

— Rosco, — seu pai latiu. — Leve Grayson até sua casa e fique lá com seus pais. Sua mãe está lá com eles, Marion. Ela está bem e não está sozinha.

Marion deu a ele um breve aceno de cabeça, seu rosto ilegível. — Obrigada. — Ela se virou para Zoey e Val. — Vocês ainda estão comigo?

E embora as pernas de Zoey tremessem, ela disse. — Merda, sim. — Ao mesmo tempo que Val respondeu: — Pronta.

Marion acenou com a cabeça e deu a cada uma delas um pequeno sorriso. —Então vamos.

Ela e Val correram pelo cais em direção ao calçadão, cada uma mancando ligeiramente. Escondendo o rosto de seu pai, com medo de que ele soubesse com um olhar o que elas planejavam fazer, se é que já não sabia, Zoey se inclinou para fora do cais para capturar o rosto de Grayson em suas mãos e dar um beijo feroz em sua boca.

— Eu te amo. — ela respirou, sua testa tocando a dele, e então antes que ele pudesse responder, ela agarrou seu taco e correu até

o cais para seguir suas amigas, lágrimas em seus olhos e um inferno feroz em seu coração.

Zoey



O Chamado

Mas quando chegaram a Floresta Kingshead, algo mudou.

Seus pés tocaram o solo e, de repente, correr pela mata foi como correr por um daqueles sonhos terríveis em que o ar parece o ar, mas não é. Em vez disso, é algo invisível e viscoso e correr é impossível, um rastejar lento e desesperado.

Marion tocou o ombro de Val, depois estendeu a outra mão para impedir Zoey de seguir em frente. Zoey se encostou em uma árvore próxima para recuperar o fôlego, segurando o ponto na lateral do corpo. Então ela viu a expressão de Marion e ficou tensa.

— O que é isso? — Val perguntou. Apesar de ter sido exorcizada recentemente, ela tinha apenas um leve brilho de suor na testa. Zoey estava cansada demais para se sentir irritada.

O olhar de Marion estava distante, suas bochechas coradas. — Eu ouvi isso.

Zoey se endireitou. — O gemer do osso?

— Sim. — O olhar solene de Marion se ergueu para Val. — Ele está perto. E ele não está sozinho.

Assim que as palavras deixaram seus lábios, um homem saltou das árvores, estendendo as mãos ensanguentadas.

Val empurrou Marion para fora do caminho e girou sobre o atacante. Suas mãos se iluminaram como as novas de dois sóis

distantes. Lutando para ficar de pé, o homem ergueu os braços para proteger os olhos. Outro homem saiu de uma moita, o sangue de novas queimaduras pintando sua pele pálida.

Briggs.

Zoey correu em direção a ele, seu bastão em uma das mãos. Uma onda de movimento ondulou pelo chão abaixo dela, como o eriçamento do pelo de um lobo furioso.

Ela alcançou Briggs e estendeu a mão para ele.

Ele se abaixou. Ele estava esperando por isso.

Ela se lançou no espaço vazio, se debatendo para manter o equilíbrio e se virou bem a tempo de seu punho atingir seu queixo. Ela caiu no chão.

— Não desta vez, sua vadia. — cuspiu Briggs. Sua voz chegou a Zoey em meio a uma confusão de dor. Ela tentou se levantar e caiu mais uma vez. Uma mão calejada agarrou seu braço e a colocou de pé.

— Pare. — Briggs gritou, sua voz desgastada como se alguém a tivesse acertado com uma navalha. — Ou eu juro por *Cristo* que vou esmagar o cérebro dela.

Oh Deus. Ai, meu *Deus*.

Ele tinha seu bastão.

Zoey sentiu uma onda de fúria irracional. Era o bastão de Grayson, e ele o emprestou a ela. Pode não ter sido tão impressionante quanto uma espada, mas ainda – não havia nenhuma maneira no inferno que esse psicopata tinha o direito de tocar nela e na *espantosa espada-morcego de Grayson .*

Ela sentiu o gosto de sangue e cuspiu, mirando no rosto de Briggs. Mas estava escuro, havia muitas árvores nesta floresta, e sua cabeça estava girando.

— Você não pode matá-la. — veio a voz de Marion, que soou mais estável do que Zoey imaginou que a dela seria, se ela conseguisse falar novamente. Que tipo de bastardo dá um tapa em uma adolescente assim? Oh, certo – o tipo de bastardo que merecia ter seu lixo comido por baratas.

— E por que isto? — Briggs perguntou.

— Porque você precisa dela para o seu ritual.

Um coro de risadas ondulou pela floresta. Jesus, quantos deles *estavam* lá?

E então Zoey percebeu que aqueles barcos que as vinham seguindo não deviam conter mais homens do que dois motoristas e talvez um atirador.

Seu coração se transformou em chumbo.

A Mão da Luz estava esperando por elas, esse tempo todo, aqui na floresta dos Mortimers.

— Ela não precisa estar ilesa para a alimentação. — Briggs respondeu. — Seu corpo, em qualquer estado em que esteja, contanto que ela respire, será suficiente.

—O que você tem? — Zoey nunca tinha ouvido a voz de Valerie Mortimer soar tão inacabada. — Nada disso é necessário.

— *Eu* vou decidir o que é necessário! — bradou Briggs, seu aperto apertando dolorosamente em torno do braço de Zoey. — É assim que se faz. É assim que nossos pais nos ensinaram.

— Seus pais — Val respondeu. — eram cheios de merda.

Um estalo agudo ecoou pelas árvores, seguido por um grito abafado de Val.

Finalmente, a visão de Zoey começou a se assentar. Ela agora podia ver a situação em que estavam – um círculo fechado de homens. Marion à sua direita, Val à sua esquerda, ambas seguradas por dois homens, um em cada braço. A própria Zoey era mantida por Briggs. Três outros homens pairavam próximos, mãos enluvadas segurando facas, armas de fogo penduradas em seus ombros. Um deles se afastou de Val, um sorriso sombrio no rosto.

Val se endireitou nos braços de seus captores. Ela respirava com força pelo nariz, uma marca vermelha de mão florescendo em sua bochecha.

— Você vai se arrepender de tê-la machucado. — disse Marion. Ela tinha a aparência, Zoey pensou, de um pai esperando pacientemente que um filho percebesse seu erro. — Você vai se arrepender de muitas coisas.

Briggs, passando Zoey para um de seus lacaios, a ignorou. Ele retirou a adaga da bainha em seu quadril. — O Coletor deve se alimentar. Ele deve ser banido de nosso mundo. Assim foi feito e assim sempre será feito.

— E assim sempre será feito. — repetiram os homens, lembrando Zoey da forma como os drones borgs proclamavam que iriam assimilar você, que a resistência era inútil, que você estava ferrado e não havia saída, desculpe por isso. Com a ideia de nunca mais ter maratonas de *Star Trek* na casa de Grayson, enquanto seu pai aparecia a cada poucos minutos para comentar sobre a fúria de tirar o fôlego de Kathryn Janeway, Zoey cerrou a mandíbula dolorida para evitar soluçar ou gritar de raiva, ela não tinha certeza de qual.

Pela segunda vez naquela noite, ela observou Briggs se aproximar. Com uma espécie de aceitação exausta, ela pensou para Sawkill, *Bem, desculpe. Nós tentamos*.

Mas então Marion falou.

— E então, — disse ela, em voz baixa e serena. — isso nunca será feito novamente.

O silêncio seguiu sua proclamação. Zoey só teve tempo de observar que Briggs havia congelado, e que os outros homens estavam se mexendo inquietos, antes que o Bosque de Kingshead explodisse em cascos.

Os homens segurando Zoey a soltaram. Briggs girou para o leste e largou o taco, seu rosto caindo de terror.

Zoey tentou olhar também, mas não conseguiu. Val agarrou a mão dela antes que tivesse a chance, caiu no chão aos pés de Marion e puxou Zoey com ela. Os homens ao redor gritaram e correram – mas a resistência, neste caso, foi realmente inútil.

Zoey sentiu a ilha vibrando sob seus pés, ouviu o ritmo do trovão do que deviam ser dezenas de cascos e entendeu: Marion pedira ajuda à Rocha, e ela respondera convocando todos os cavalos de Kingshead.

Zoey se encolheu no chão, as pernas de Marion como uma parede sólida contra suas costas, a mão de Marion uma garantia gentil em sua cabeça. Zoey pressionou o rosto contra o pescoço de Val e respirou seu perfume – o mar, seu leve perfume de gardênia, a bile negra e amarga ainda formando crostas em seus braços. Zoey ouviu os gritos dos homens abruptamente silenciados à medida que eram pisoteados, ouviu-os fugir e implorar misericórdia à floresta, encolheu-se quando foram chutados contra as árvores e esmagados contra pedras.

Quando tudo ficou em silêncio, Zoey se atreveu a erguer a cabeça, as mãos agarrando Val perto do coração.

Uma dúzia de Mortimer Morgans estava a poucos metros de distância, espalhados pelas árvores. Seus lados escuros como veludo se ergueram; suas narinas dilataram-se. Dois batiam as patas no chão com os cascos dianteiros.

Mas eles não chegaram mais perto, agora que seu trabalho estava concluído. Eles estavam, Zoey suspeitou, com medo das meninas que haviam salvado. Especialmente aquela que permanecia alta e ininterrupta, olhando para eles como se ela fosse um deles – uma criatura selvagem e perigosa, de alguma forma costurada na forma de uma garota.

Val soltou um suspiro trêmulo contra o ombro de Zoey. — Jesus.

Marion ajudou as duas a se levantarem. Elas ficaram em meio a esta ruína de homens, as mãos unidas e olhares travados. Então elas se viraram, como uma, e caminharam mais fundo na floresta.

Val



O Portão

No momento em que Val viu as pedras aparecerem à frente delas na floresta, brancas e despretensiosas, ela parou bruscamente. Levemente tonta, ela agarrou a casca áspera de uma árvore próxima e transformou seu rosto em um punhado de folhas molhadas.

— O que é isso? — A voz de Marion chegou até ela como se fosse um sonho. Val percebeu que a firmeza que sentia em seu cotovelo era na verdade Zoey, segurando-a.

— Desculpe, eu... — Val respirou fundo algumas vezes para acalmar seu estômago embrulhado. Ela não estava mais satisfeita em dar-lhe suas lágrimas.

Marion segurou seu rosto e ergueu o olhar do chão. — Estou aqui, — ela disse, seu polegar acariciando a bochecha de Val. — Nós duas estamos bem aqui. Você não precisa mais fazer isso sozinha.

Zoey apertou a mão dela e o gesto simples deu a Val força suficiente para olhar para Marion com olhos claros e dizer: — Vamos matar esse filho da puta.

Suas palavras foram como pedra contra aço; três pares de olhos brilharam na noite. Elas se viraram e correram.

Zoey assumiu a liderança sem ser solicitada, e enquanto Val a observava pular para dentro das pedras, ela sentiu uma onda de afeto tão feroz que, quando ela se ergueu para dar o passo final, a euforia tomou conta de seu corpo.

Ela aterrissou dentro das pedras com dois pés sólidos, ouviu o rosnado furioso do monstro que possuía seu corpo desde que ela deu sua primeira respiração gritando entre as pernas de sua mãe, e se virou com as mãos em chamas para encará-lo.

Ele se encolheu em um canto do círculo de pedra, um pedaço de tinta rabiscada contra a escuridão mais suave da floresta. Quando o olhar de Val pousou sobre ele, ele voou. Ele rugiu e ricocheteou. Ele cambaleou através do espaço permitido pelas pedras; ele lutou pela liberdade e ela lhe foi negada.

Val ficou de pé, joelhos soltos e prontos, um leve inchaço nas mãos. Como tinham discutido, Marion ficou atrás dela, com Zoey do outro lado. Elas flanquearam Marion – uma garota com fogo na ponta dos dedos, a outra vibrando com energia elétrica crua.

Elas decidiram que talvez fosse impossível para Marion encontrar o portão original pelo qual o Coletor havia se arrastado. E, considerando que foi feito por um monstro que não era do seu mundo, talvez nem fosse possível para elas passarem por ele.

Por isso, Marion decidiu que teria de fazer seu próprio portão.

O Coletor ficou em silêncio, reunindo-se entre duas pedras distantes. Cordas escuras denteadas se estendiam de onde ele estava até os galhos baixos de um carvalho. A árvore estremeceu e rangeu; um galho se partiu ao meio. Dois olhos brancos e redondos se abriram na escuridão. Val se lembrou de uma criança brincando de esconde-esconde, esperando o momento certo para pular e assustar o buscador. Não era o objetivo do jogo, mas aquele coração de animal selvagem não conseguia resistir.

A risada, escorregadia e congestionada, borbulhava do chão onde ele esperava.

— Ah, entendo. — disse a voz do menino, embora ele não tivesse assumido aquela forma. Val suspeitou que, sem um hospedeiro, ele só tinha força suficiente para criar fragmentos de seu falso eu. O ar ao redor dele se arrastou, infestado. — Você veio brincar comigo. Quão gentil.

A pele de Val explodiu em arrepios.

— Errado — veio a voz tensa de Zoey. — Viemos para destruir você.

— Errado. — Agora a voz do menino não tinha nenhum traço de diversão. — Vocês vieram para me alimentar.

Seu olhar redondo e branco se voltou para Marion. — Eu vejo você, pequena viajante.

Sua voz cuspiu cada palavra como uma zombaria. Val piscou, o suor ardendo em seus olhos. No espaço daquele piscar, ele se lançou sobre elas.

Val cravou os calcanhares na lama negra e pensou nas longas extensões de pedra sob seus pés. A pedra que tinha sido sua casa, a casa de sua mãe e de sua avó. Ela havia testemunhado seu sofrimento; seus filhos foram roubados por uma besta que não pertencia. E agora já tinha tido o bastante.

Val também.

Meio agachada entre Marion e o Coletor, Val estendeu as mãos e observou sua luz voar.

Ele gritou e recuou, saltando sobre as pedras para se esquivar de Val e atacar Zoey. Val ouviu o grito distante de Zoey, sentiu o chão vibrar como se algo lá embaixo tivesse acordado. O Coletor gritou mais uma vez, um gato selvagem uivando para matar, e se lançou sobre elas. Sua forma disforme bloqueou o que a pequena Val podia ver da lua escurecendo. Uma raiva justa cravou em seu peito.

Essa lua não era dele para sufocar.

Ela se virou, os pés bem firmes no lugar, desceu para o solo maduro com cada pensamento que possuía – cada grama de energia, cada sentimento – e se permitiu florescer. O fogo queimou seu peito, seus pulmões, suas palmas. O calor arrancou as lágrimas de seus olhos, mas ela não vacilou.

Então, como uma porta se fechando em uma sala inundada de calor, a luz de Val desapareceu. Cada grama de força que ela sentiu percorrer seu corpo desapareceu.

Desolada, ela perguntou à Rocha: *Para onde você foi?*

A resposta ficou clara em um instante.

A terra diretamente sob os pés de Marion tremeu, pronta para pegar fogo.

Marion suspirou com tremor.

— Agora. — ela sussurrou, e seus olhos se encontraram com os de Val — triunfante e um pouco triste.

Por um instante vicioso, Val considerou abortar seu plano. Ela envolveria Marion em seus braços e a protegeria da necessidade do que estava para acontecer. Ela queimaria ao seu redor, uma chama humana inabalável, até que o Coletor se queimasse até virar cinzas tentando chegar até elas.

Mas, em vez disso, ela desviou o olhar de Marion e caiu no chão. Ela colocou os braços em volta da perna esquerda de Marion e viu Zoey, a centímetros dela, os olhos arregalados e marejados, fazer o mesmo com a direita de Marion. No espaço entre as panturrilhas de Marion, seus nós dos dedos bateram juntos como um beijo desajeitado.

Acima deles, o Coletor gritou e mergulhou em Marion, sua queda irregular, mas inevitável. Os dedos de Zoey apertaram os dela com força. Val pressionou a bochecha contra a coxa de Marion e fechou os olhos com força. Uma onda gigantesca atingiu o corpo de Marion, surgindo do solo rochoso molhado abaixo deles. As mãos de Val ardiam como se estivessem sendo moldadas à superfície do sol. Marion estremeceu violentamente, os punhos firmes de Val e Zoey eram claramente a única coisa que a segurava.

Abaixo deles, a rocha se abriu. O mar subiu para encontrá-los e engoliu.

RAPIDAMENTE, AGORA.

Rapidamente, a Rocha explicou em sussurros, no bater de mil asas, na mudança do universo conhecido contra o desconhecido:

Por favor.
Por favor entenda.
Eu sou uma pequena rocha.
Eu sou uma grande Terra.

Este é apenas um monstro.
Este é um dos muitos monstros.

Você é uma garotinha.
E você é uma garotinha.
E você é uma garotinha.
Você é poderosa.
Você é única e única e única.
Você é frágil.
Você pode mover montanhas.
Você é frágil.
Você nunca vai quebrar.

Este poder é meu.
E agora é seu também.

Você deve continuar lutando.
Você nunca deve parar de lutar.
Você deve iluminar o caminho para que os outros encontrem seus passos.
Você deve...

Marion



A Obscura

Marion esperava que esse teletransporte fosse violento. Esperava ser lançada contra paredes invisíveis como se estivesse atravessando um buraco de minhoca de um filme de ficção científica, atravessando o universo de uma existência para outra.

Mas, em vez disso, ela deslizou facilmente por um espaço estreito e limitado, não tão diminuto a ponto de parecer claustrofóbico, mas fino o suficiente para pressionar contra sua pele como um abraço. As sensações gêmeas de Val e Zoey agarrando-se à suas pernas a ancoraram. O ar ao redor dela era suave e flexível. Por um momento, Marion se imaginou flutuando luxuosamente em uma piscina de água pura da montanha, ainda intocada pela humanidade.

Se perguntou se veria Charlotte e gritou, desesperada, em uma fenda do céu. O ar nodoso capturou sua voz e a distorceu.

Então, seus pés bateram no chão; e a ilusão de tranquilidade desapareceu.

No início, sua desorientação foi tão completa que ela não conseguia levantar a cabeça, muito menos ficar de pé. Se deitou em algo plano e duro. Moveu os dedos e sentiu uma superfície áspera – areia compacta, coberta por uma fina camada de cascalhos. Um

cheiro estranho encheu seu nariz, azedo, forte e encorpado. Gasolina misturada com a estimulante picada da neve.

Abrindo os olhos, ela exalou; sua respiração transformando-se em nuvens no ar frio. Ouviu um estalido lento e irregular em algum lugar à sua esquerda, lembrando-a de um lago congelado pronto para se partir. Uma vibração de medo agitou-se em seu peito.

— Levante-se, Marion. — Sussurrou, sobretudo para se assegurar de que ainda estava viva.

Sentou-se, cambaleou por um momento e levantou. Suas pernas pareciam de borracha e moles, como de recém-nascidos. Observando os arredores, sua mente parecia se separar de seu corpo, recusando-se a aceitar que o que seus olhos lhe diziam que não era, de fato, uma mentira assombrosa.

Ao seu lado, Val e Zoey sacudiram-se para despertar e se colocaram de pé. As três estavam no centro de uma vasta planície de sal, de um branco brilhante e sem fim. O céu negro no alto era assustador por seu brilho, pintado em ondas cintilantes de galáxias tão próximas que Marion teve certeza de que poderia esticar o braço e colocar as estrelas na palma da mão como neve fresca em pó. Árvores brancas e gordas pontilhavam a planície. Eram bulbosas, de aparência doente, a terra ao redor de suas raízes empilhadas como pedaços de açúcar rachado.

A pele de Marion pinicou em reconhecimento. Essas árvores — ela já as tinha visto antes, na primeira obscura que visitou. A praia encoberta de neve, o mar âmbar.

Examinou a árvore mais próxima. Ela mantinha-se reta por alguns metros e depois salientava-se para o lado. Galhos brotavam de seu tronco inchado, desordenados e agitados.

E foi então que Marion percebeu que o gemer nos ossos havia desaparecido. Ela não conseguia ouvi-la nem a sentir por perto, silenciosa, mas esperando. A corda vibrante e tensa que vivia em seu peito desde que Nightingale a arremessou ficou totalmente silenciosa.

Sem seu zumbido familiar para lhe fazer companhia, a ausência de Charlotte parecia uma carência física, crua e rugindo.

O vapor escapou das cascas das árvores alienígenas, desenrolando-se em finos carretéis. Marion não gostava delas. Elas

não eram como as árvores de Sawkill – escarpadas, mas de boa-natureza, assustadoras na luz certa, mas, em última análise, bem-intencionadas, sua casca áspera com crosta de mar. Essas árvores estavam doentes, anormais. Elas eram cópias de árvores feitas por mãos cruéis que não conheciam nada de calidez.

Marion se aproximou da mais próxima. Ela alcançou o galho mais baixo, hesitou, então se convenceu a tocá-lo.

A superfície picou sua mão com o frio. Marion observou mais de perto. As árvores estavam cobertas por uma lustrosa gaze de gelo que refletia a luz das estrelas e piscava para ela quando se movia. Esse era o som estalante — essas árvores crescendo e respirando sob seu revestimento invernal.

Esfregou as palmas das mãos, de repente desesperada por calor. Não conseguia decidir-se se a visão das árvores presas eram admiráveis ou terrivelmente tristes.

— O que é este lugar? — Val inspirou, parando ao lado de Marion.

Zoey caminhava por perto, sua pele de um castanho-claro cintilante à luz das estrelas. Ela conseguiu segurar o seu taco em meio a tudo isso, e Marion se sentiu confortada com a mera visão dele.

— É uma obscura. — Zoey sussurrou. — Eu acho. — Outra pausa, e agora sua voz vacilou ligeiramente. — Se a Mão da Luz soubesse do que estão falando, claro.

— Eu sabia que ele era de um lugar como esse. Uma parte escondida do mundo. Ele se gabava disso, como se isso o tornasse especial. — Val arrastou seus dedos ao longo de um galho. Saíram polvilhados com minúsculos flocos de gelo. — Mas não é o que eu esperava e não sei o que isso significa.

A resposta de Zoey veio baixinho: — Nem eu.

Marion pensou no livro preto, sua encadernação repleta de ilustrações e instruções rabiscadas. Uma ideia vinha se formando em sua mente, desde que o chefe Harlow e Briggs lhe contaram sobre o Lugar Distante, naquela noite na cozinha iluminada de Zoey. Ela não contou a ninguém sobre sua ideia. Esperava, talvez estupidamente, que nunca fosse precisar. Mas agora, parecia, que o momento havia chegado.

Zoey virou sua mão livre no ar em sua cintura. Em torno de seus dedos, o ar mudou, como se ela tivesse arrastado sua mão na água: — Eu ainda sinto Sawkill. Como isso é possível?

Val baixou os olhos para a palma da mão, onde uma pequena chama ganhou vida: — A mariposa me contou que Sawkill nos deu isso. É o poder da Rocha.

— E agora é nosso também. — Zoey terminou, os olhos arregalados. — Eu ouvi isso agora, antes de pousarmos aqui. Ou, eu *senti* isso, eu acho.

Marion olhou para Val maravilhada: — Você viu uma das mariposas?

Um sorriso tímido apareceu nos lábios de Val: — Sim.

Zoey abraçou o taco com força: — Ok, e agora? O que nós fazemos?

Marion abriu a boca para responder e então captou a expressão de Val - tão cheia de uma tristeza terrível que Marion sentiu seu peso solidificar-se em seu peito como uma pedra.

— Por favor, não. — Val sussurrou. — Você não sabe o que vai acontecer lá.

Marion não teve a chance de dizer à Val o que Briggs havia dito a elas - que além do obscuro existia um Lugar Distante inacessível por humanos e monstros. Ela presumiu que Zoey também não tivera chance. E ainda... aquele olhar no rosto de Val.

Val havia adivinhado o plano de Marion. Val *sabia*.

— Como você sabe sobre isso? — Marion perguntou, tentando parecer calma.

— Às vezes — Val respondeu, após uma pausa — Depois de se alimentar, ele me contava coisas. Como um homem bêbado revelando segredos. Algumas vezes, ele mencionou algo chamado Lugar Distante. Um reino além de sua casa. Ele estava com medo disso, Marion. Com mais medo disso do que de qualquer outro lugar.

— Por quê? — Zoey perguntou.

— Porque ele não entendia. — A sobrancelha de Val franziu. — Ele me disse que aquele lugar era um ardil, um engano. Me disse que era um final, e isso o aterrorizou.

É aí que eu tenho que ir, Marion sabia. Seu coração batia contra as costelas em protesto. *Essa é a única maneira de realmente matá-lo.*

Ela esperava.

Uma luz suave espiou pelas rachaduras entre os dedos de Val. Seus olhos brilharam mais brilhantes do que as estrelas impossíveis acima: — Você não tem que fazer isso. Eu vou queimá-lo. Zoey vai despedaçá-lo.

— E se isso não funcionar e todas morrermos tentando? — Marion beijou a palma levemente brilhante de Val. A minúscula chama branca pousada na linha de vida nas mãos de Val aqueceu os lábios de Marion. Percebeu que nunca mais faria Val se despedaçar sob sua boca – que ela nunca faria *ninguém* sentir tanto prazer, nunca mais, que nunca seria abraçada, que nunca sentiria frio, que nunca acordaria sob o sol em manhãs preguiçosas – e engoliu contra o aperto amargo de sua garganta: — Ele irá voltar para Sawkill, ou em outro lugar, e mais pessoas morrerão. Eu não posso deixar isso acontecer.

— Espera, *o que*? — Zoey correu, o bastão segurado frouxamente ao seu lado. Olhou de Marion para Val e vice-versa, balançando a cabeça. — Me diz que agora ouvi errado. Marion, existem *toneladas* de monstros em todo o mundo. Papai e Briggs disseram isso, e eles podem ter mentido sobre algumas coisas, mas não acho que mentiram sobre isso. Mesmo se nos livrarmos desse idiota, ainda haverá mais por aí! — Suas lágrimas transbordaram. Ela enxugou o rosto com impaciência. — Não é nosso trabalho salvar o mundo. Não pode ser. Isso não é justo.

— Se não é nosso trabalho, — Marion perguntou baixinho. — Então de quem é?

Então, a árvore que Marion e Val estavam de pé ao lado explodiu.

Galhos começaram a girar, espalhando finas espirais de flocos de gelo enquanto voavam. Marion abaixou-se, tropeçando em uma rachadura no chão.

Val e Zoey lançaram-se na frente dela, agachadas defensivamente – as mãos de Val levantadas e piscando, Zoey com

seu taco pronta para atacar com uma mão e a outra mão espalmada como um escudo.

Então, Zoey gemeu: — *Merda*.

A árvore havia sido decapitada, seus galhos espalhados pela planície como o perímetro de destroços ao redor de um local de detonação. De seu tronco inchado escorria um líquido preto borbulhante e bolhas grossas de pus amarelo doentio. Bocas minúsculas dentro do pus se abriam e fechavam, deixando escapar pequenos gritos agonizantes.

Rastejando-se de fora da árvore, arrastando-se para fora do tronco em ruínas, estava uma pálida besta, cor de carne, com membros longos e pele com crateras. Olhos negros sem pálpebras – como buracos perfurados em barro macio – observavam sem piscar por baixo de uma sobrancelha séria e saliente emoldurada por orelhas de morcego. Longos retalhos de pele se estendiam entre seus ombros e cotovelos, e longas mãos com garras em forma de foices. Dos retalhos de pele, suspendiam-se ramos de penas ensanguentadas; entre as articulações retesavam-se pegajosos fios de carne que se estendiam, se juntavam e se separavam a cada movimento seu. Nódulos escorregadios de pele flutuavam para cima e para baixo em seus braços como cera derretida, fundindo-se com a pele de sua junta para tricotar novas mãos que saíam de seus braços – grossas e parecidas com um cassetete, com longos dedos torcidos. Suas patas traseiras terminavam em pés compridos com garras e dedos grossos como galhos de árvores. Brilhando com lodo, curvavam-se sob as solas estreitas de seus pés e pareciam suportar todo o seu peso.

Ele piscou, aspirando ruidosamente. Sua mandíbula sem lábios, tão larga que se dobrou logo abaixo das orelhas, abriu-se com um rugido ensurdecedor. Dentro de sua boca escancarada se contorceu uma dúzia de outras menores, explodindo como tentáculos e forrados com minúsculos dentes mastigadores.

Ao vê-lo emergir-se da árvore como se estivesse em câmera lenta, Marion a princípio sentiu uma dúvida desesperada e estridente.

Certamente isso não estava certo.

Ela estava imaginando coisas. Ela estava sonhando. Esse era um animal amigável que sofria de uma genética infeliz. Ele iria guiá-las para casa, compartilhar com elas o segredo de destruir todos os monstros do mundo. Elas voltariam à Terra com instruções para uma paz duradoura.

Então a criatura rugiu. Zoey largou seu taco, tapando os ouvidos com as mãos. Val fez o mesmo, virando-se para empurrar Marion para trás. — Corra! — Ela gritou, embora Marion mal pudesse ouvi-la por causa do barulho. — Corra, Marion!

O monstro avançou, suas asas carnudas se abrindo amplamente. Ele gritou com o que Marion sabia em seus ossos ser puro apetite perverso.

Os próximos segundos se passaram com uma lentidão excruciante:

Val foi a primeira a agir. Ela gritou e o encontrou no meio do caminho – parte garota, parte incandescência deslumbrante. O monstro bateu nela; sua asa cortou seu peito e a empurrou facilmente para o lado. Ela soltou um grito de dor, bateu no chão com força e rolou..

O monstro pousou, sacudindo o mundo. Sua asa esquerda chiou, carbonizada. Pela primeira vez, Marion percebeu o quão grande ele era - alto como um urso nas patas traseiras, mais comprido do que uma lula gigante.

Ela sabia que Sawkill provavelmente não poderia ouvi-la - ou, se pudesse, que poderia não ser capaz de ajudá-la mais do que já tinha feito - mas ainda assim ela pensou na Rocha e orou por ajuda.

Eu preciso nos levar para o Lugar Distante, ela pensou. *Eu e a besta.*

Zoey apressou-se para o Coletor com um furioso grito de guerra. Ela se esquivou de seu primeiro golpe, uma de suas garras do tamanho de uma espada cortando o ar a poucos centímetros de suas costas. Ela abaixou-se e girou de volta, batendo com o taco na cauda dele – carnuda e anelada, como a de um rato, e grossa como o torso de Zoey. Então Zoey ergueu a mão e mirou.

A pele de Marion estremeceu, eletrificada. A energia atingiu o peito do Coletor como um aríete, mas não o derrubou. Ele balançou

a cabeça, saliva voando de sua boca, e virou-se para derrubar Zoey do chão com uma de suas patas traseiras.

Preciso mandá-las para casa, Marion pensou desesperadamente – para a Rocha, para ela mesma. Zoey gemeu, agarrando-se ao lado de seu corpo. Val trêmula tentou colocar-se de pé; sua camisola ensanguentada estava em frangalhos.

Ao vê-las cambaleando e feridas, algo dentro de Marion respondeu – um serpenteamento, uma aglomeração.

Eu preciso fazer ambos ao mesmo tempo.

E rápido.

A cabeça protuberante do Coletor virou-se para olhá-la. Ele rugiu, e uma dor terrível percorreu seu crânio, de orelha a orelha, e a pergunta de sua infância voltou-se à ela: *Como você acha que é ser eletrocutada?*

Assim. Parecia ser assim.

Charlotte sempre riu dela por ter medo de tempestades. *Amor*, *as chances disso são de uma em um milhão. Não tenha medo. Eu cuidarei de você.*

Na nuvem de dor obstruindo sua visão, Marion viu o rosto sorridente de Charlotte.

Duas irmãs e irmãs de verdade, sussurrou o fantasma de Charlotte.

Marion agarrou o amuleto de estrela do mar em seu pescoço. *Você me ama e eu te amo*.

Então ela riu. Dentro dela, a Rocha fechava-se cada vez mais – uma mola pronta para ser lançada.

Este poder é meu e é seu também.

— Val! — Ela gritou. — Zoey!

Sua voz, apesar de todas as coisas, soava muito autoritária a seus próprios ouvidos, e ela se congratulou por ser não apenas uma boa e firme garota – não apenas Marion, a rocha, Marion, a irmã mais simples, Marion, a pequena e séria montanha – mas uma mulher que seria lembrada pelas pessoas que importavam.

O Coletor saltou – suas muitas bocas escancaradas para saboreá-la, suas asas sem pelos abertas, as camadas de seu grito cortando o ar como garras em vidro.

Atrás dele, Val correu para o lado dela. Ela estava gritando alguma coisa, mas Marion não conseguia compreender as palavras. Zoey também estava lá, tentando alcançá-la com uma das mãos.

A mola de poder dentro de Marion se desenrolou.

O calor explodiu por seu corpo. Em seus pontos de pulsação – têmporas, pulsos, garganta – sua pele comprimiu-se e enrugou-se. Abaixo dela, o mundo abriu-se – não apenas o chão, mas todo a estrutura de onde ela estava. Camadas de terra, energia e poeira estelar recuaram para revelar o abismo aberto abaixo.

Ela olhou para baixo, uma vez, e pensou ter visto o brilho familiar do luar nas ondas negras e um miasma escuro rodopiante que trouxe à mente as lições da aula de física do ano passado – matéria escura, buracos negros, horizontes de eventos.

Então ela estendeu a mão e agarrou a pele úmida e escamosa do Coletor. Uma garra cortou seu braço do pulso ao cotovelo, mas ela segurou firme.

Então o Lugar Distante a sugou para longe do mundo que ela conhecia, e ela arrastou o monstro com ela.

A PRIMEIRA VEZ QUE MARION VIAJOU para um dos lugares escondidos e vazios de seu mundo, foi breve e uma surpresa. Uma espiada em um bolso secreto. Um vislumbre de uma toca alienígena e um mar dourado cintilante.

A segunda vez que ela viajou, foi gentil. Um deslizamento por um rio e um deslizamento por trás de um véu.

Na terceira vez, quando ela se atreveu a ir além dos lugares conhecidos tanto pelo homem quanto pela besta, não foi nada gentil.

Foi uma erupção.

Foi uma quebra.

Isso a deixou desfeita.

Val



O Amanhecer

Val caiu de costas. O solo frio sob ela estava cravejado de pedras.

Ela piscou, sentindo-se congelada entre *aqui* e em *outro lugar*. Acima dela, vagueou o familiar escapo das árvores. Então, sua respiração voltou em um suspiro abrupto e asfixiante.

Ela rolou, pressionou as mãos na lama e olhou para cima para procurar na floresta. Não estavam tão escuros quanto quando ela os deixou; o céu além dos ramos negros da popa tinha se tornado um cinza recém-nascido.

— Marion? — Sua voz saiu em frangalhos. Quando ela tentou se levantar, ela caiu de volta no chão.

Suspeitava que o teletransporte final havia sido difícil para Marion realizar – com o monstro agarrado ao redor de seu corpo e tudo mais, e o fato de que o lugar que ela estava indo era... Exceto que Val não sabia ou entendia ou *queria* entender para onde Marion estava indo.

Mas de alguma forma, Marion havia conseguido – Marion, *Marion* – e agora Val estava em casa.

Zoey estava curvada ao lado de Val, com as mãos e joelhos na sujeira. Ela tossiu e passou as costas da mão trêmula na boca.

A outra mão ainda segurava firmemente o taco de beisebol de Grayson Tighe. A visão rasgou Val ao meio e a fez girar sobre os

ventos do mar.

Ela deve ter feito um som; Zoey se virou, seu rosto se contraindo de pesar e compaixão.

— Val, venha aqui. — Estendeu a mão para ela, meio rastejando.

Val deu um tapa na mão dela, a afastando. Não merecia conforto. Ela poderia arrepender-se pelo resto de sua vida e isso dificilmente faria uma diferença: — Não me toque! — Soluçou.

Ela decidiu, cambaleando para longe de Zoey, que não possuía a capacidade de compreender o que tinha acontecido – com ela, com Marion, com todas elas. Os homens que as haviam caçado, o cadáver de sua mãe, o espaço amplo e plano do reino escondido onde o Coletor havia revelado sua verdadeira forma. Uma infestação de monstros, antigos e inimitáveis, que rondavam o mundo caçando garotas.

Palavras circulavam em seu cérebro: milagre, fenômeno, abominação, praga.

Fracamente, ouviu Zoey falando com ela: — Val, você está tremendo. Val, você vai desmaiar.

Mas a mente de Val não parava de disparar.

Talvez a Mão da Luz nunca tenha sido feita de homens que não dariam ouvidos à razão, homens que levariam meninas ao massacre se isso significasse que seus rituais fossem validados e sua verdade absoluta.

Talvez, Val pensou, em algum lugar do mundo houvesse um capítulo da Mão de Luz composto por mulheres ou homens de bom coração. Talvez houvesse outras maneiras de matar essas feras – muitas outras maneiras – e nenhuma delas exigiria que o mundo abrisse mão de suas garotas mais corajosas em sacrifício.

Mas nada disso importava no momento. Nada importava, exceto a perda de muitas vidas nas mãos de Val, e a perda de uma em particular.

— Val — Zoey sussurrou. — por favor, diga alguma coisa.

Val se recompôs como sua mãe lhe ensinou. Ergueu o queixo, endireitou a mandíbula e seguiu para o oeste pela floresta.

— Onde você vai? — Zoey a chamou. Val ouviu seus passos, leves e apressados. — Val!

— Vou esperar por ela.

— Esperar por quem?

— Por Marion.

Zoey estava ao lado dela agora, chorando. — Val, pare.

Mas se ela parasse, entraria em colapso. Se ela parasse, poderia nunca começar de novo.

— Val — Zoey sussurrou. — Marion se foi.

Val não respondeu. Andou. Atravessou Sawkill, de Kingshead Woods ao oeste de Spinney. Zoey, ao lado dela, não disse outra palavra. Elas ficaram longe das estradas e, em vez disso, mantiveram-se às árvores que puderam encontrar, porque nos sussurros das árvores estavam palavras meio formadas que as lembravam de Marion, da Rocha, da obscura. Elas passaram pela fazenda dos Von Neumanns e pelos Hawthornes. Em cada cerca havia um cavalo com orelhas em pé e olhos brilhantes e curiosos, observando-as passar.

Val ficou grata. A visão dos cavalos imóveis e silenciosos a lembrou, estranhamente, da planície glacial gelada da obscura, as árvores geladas cheias de pragas e monstros. Ela se permitiu imaginar que logo passaria por um arbusto, dobraria a esquina de uma cerca, olharia para além dos flancos de um curioso filhote de um ano de idade e veria Marion caminhando em sua direção através dos campos de jade nublados.

Era o tipo de visão cruelmente intoxicante que Val não deveria ter se permitido, o tipo de imaginação que ela não merecia.

E ainda assim ela não conseguia resistir, não *queria* resistir.

Nunca espere, Valerie, sua avó lhe disse uma vez. *Não espere que as coisas melhorem. Não espere por um mundo diferente.*

Esperança, dissera Sylvia Mortimer, *é uma mentira em que só as pessoas de mente fraca acreditam.*

Val se acomodou em uma rocha plana e saliente sob o farol e virou o rosto para o mar. Um momento depois, Zoey sentou-se ao lado dela - não perto o suficiente para a tocar, mas perto o suficiente para que Val se sentisse confortada.

Ela decidiu que sua avó estava errada.

Esperança, ela pensou, respirando com a maré, era uma escolha que apenas aqueles com corações decididos ousavam fazer.

Zoey



O Reformador

Quando elas se retiraram para a casa do Tighe, um grupo de pessoas esperava por elas – o sr. e a Sra. Tighe. O pai de Zoey. Grayson, com a perna enfaixada e um pouco de cor voltando ao rosto. Tanto seu cabelo quanto seus óculos estavam encantadoramente tortos.

E então havia a Sra. Althouse. Ela se levantou da poltrona coberta com a manta favorita de Zoey e virou-se para encará-las.

Embora as perspectivas gêmeas do abraço de seu pai e do beijo de Grayson em seu cabelo fossem tão reconfortantes que Zoey quase correu para eles, ela respirou longa e lentamente e focou sua atenção apenas em Pamela Althouse.

Realmente não conhecia a mulher, mal tinha passado algum tempo com ela, exceto por alguns momentos fugazes. Mas seu rosto pálido e abatido continha tanto de Marion - cabelos escuros, olhos cinzentos tristes, uma expressividade gentil em sua boca - que o estômago de Zoey retorceu-se dolorosamente.

Val apertou a mão dela. Zoey ofereceu-se para começar a história, mas ela conhecia o sinal de Val pelo que era: *você precisa que eu vá primeiro?*

Zoey respirou fundo e se preparou para uma tarefa que nunca pensou que teria que realizar: *Senhora, me desculpe, mas sua filha*

está morta.

Honestamente, não tinha certeza se essa mulher sobreviveria a isso.

Mas a Sra. Althouse falou primeiro. — Está tudo bem. — disse, sua voz firme no centro e tremendo nas bordas. — Eu sei que você tentou.

Atônita, o queixo de Zoey caiu. Ao lado dela, Val estremeceu como se tivesse sido atingida.

Então Zoey olhou da Sra. Althouse para Grayson. Ele se sentou no sofá com a perna apoiada no pufe de couro. Seu pai estava atrás dele, com a mão no ombro de Grayson, e deu a ela um aceno lento, seus olhos escuros brilhando com amor.

E Zoey soube que a gratidão que sentia por eles naquele momento nunca poderia ser descrita adequadamente.

— Está tudo bem. — disse a Sra. Althouse mais uma vez, com a boca trêmula, e abriu os braços para elas. Foi um gesto de boas-vindas e uma oferta de consolo – mas também, Zoey pensou, um pedido de ajuda.

Zoey hesitou cerca de 0,47 milissegundos antes de correr desajeitadamente para os braços da Sra. Althouse. Ela compartilhava algumas qualidades de Marion – sua solidez calmante, o cheiro de loção de baunilha, cabelo preto fino emaranhado.

Zoey sentiu Val hesitar ao lado deles, e Zoey perguntou-se o quanto seu pai e Grayson haviam revelado.

Ela também se perguntou, uma dor relutante no peito, quantos abraços genuínos uma garota como Valerie Mortimer recebera em sua vida estranha e solitária de servidão e mentiras.

Ela apertou sua mandíbula e olhou para trás até Val. — Vamos, — ela sussurrou. — Venha aqui.

Val balançou a cabeça. — Eu não... eu não *posso* — Ela deu um passo para trás, afundando-se cambaleante em uma cadeira próxima. O olhar em seu rosto lembrou Zoey de uma criança perdida. — Ainda não.

Zoey se voltou para os braços da Sra. Althouse, escondendo o rosto no cabelo de Marion. Se Val não estava pronta, tudo bem. Isso foi, talvez, como deveria ser.

Nesse ínterim, Zoey saborearia todo e qualquer abraço que pudesse receber para si mesma.

— Está tudo bem, — respirou a Sra. Althouse, com tanta ternura que, de repente, Zoey mal suportava existir dentro de sua própria pele. — Está tudo bem agora. Acho que vamos ficar bem.

Zoey fechou os olhos com força e desejou veementemente que isso fosse verdade.

Ninguém queria ir para casa em particular, então não o fizeram.

O Sr. Tighe arrumou o quarto de hóspedes para a Sra. Althouse e, em seguida, no sofá do escritório da Sra. Tighe, montou um catre com o que parecia ser todos os cobertores da casa para Val. Mas, depois de cinco minutos ali sozinha, Val veio encontrar Zoey, arrastando sua colcha atrás dela.

Zoey estava na cama de Grayson, esperando que ele subisse. Ele tinha insistido em limpar a cozinha antes de se deitar, caso contrário, as camadas crocantes de caçarola em seus pratos de jantar de fim de noite iriam apodrecer e assombrá-lo, rindo na cozinha enquanto ele ficava acordado olhando para o teto.

A adorável aberração.

— Venha aqui. — Zoey disse a Val, dando um tapinha no colchão e se movendo para abrir espaço. — Não se preocupe com piolhos. Grayson lava seus lençóis duas vezes por semana.

Val deslizou para baixo das cobertas e ficou ali, imóvel, como o para-raios de tamanho humano que ela era. — Parece um desperdício.

— Mas também extremamente higiênico. — Zoey apoiou a cabeça no cotovelo para observar Val. — Você pode relaxar e deitar na cama como uma pessoa normal, sabe.

A boca de Val se mexeu, como se ela estivesse tentando decidir o que dizer ou tentando conter as lágrimas. — Você acha que ele vai voltar? Você acha que ele vai nos pegar?

As perguntas não surpreenderam Zoey. Ela estava se perguntando as mesmas coisas, com muito medo de dizê-las em voz alta.

Ela inspecionou o rosto estóico de Val — a linha reta perfeita de seu nariz, a curva acentuada de sua mandíbula. A Sra. Althouse a

convenceu a tomar banho, lavar o cabelo e limpar as manchas pretas de sua pele, e então ela ajudou Val a fazer um curativo nas cicatrizes de impressão de mão em sua barriga e prendeu seu cabelo dourado úmido em uma trança frouxa.

A expressão no rosto de Val enquanto a Sra. Althouse tão gentilmente cuidava dela, como um animal de estimação abusado que mal podia acreditar em sua sorte, alojou-se nas costelas de Zoey como um espinho.

Finalmente, a Sra. Althouse instruiu o Chefe Harlow a pegar a camisola arruinada de Val e, em seu caminho para a delegacia para verificar os sobreviventes da Mão da Luz apreendidos disse, por favor, queime a maldita coisa para que Val nunca tenha que olhar para ela novamente.

Zoey também havia se banhado, também por insistência da Sra. Althouse e por terna ordem de Grayson.

— Não me entenda mal, — ele disse a ela, recolhendo uma pilha de toalhas limpas do armário de linho. — Você parece completamente durona. Rainha guerreira total. Mas mesmo os guerreiros cuidam de si mesmos quando têm tempo. — Então ele entregou a ela as toalhas e beijou seu nariz.

Então, Zoey obedeceu, esfregando-se em água escaldante. Ela limpou obsessivamente a sujeira sob suas unhas até que a água esfriou, e então ela se sentou na lateral da banheira e soluçou, só saindo quando a Sra. Althouse bateu na porta e anunciou baixinho que Grayson tinha acabado de tirar uma caçarola do forno.

Enquanto ela vestia o velho pijama listrado de Grayson, ocorreu a Zoey que a Sra. Althouse estava pairando sobre elas, certificando-se de que comiam e se banhavam, porque ela não tinha mais ninguém no lugar de uma mãe. Depois disso, ela teve que se sentar no banheiro e se abraçar por uns bons cinco minutos antes de encontrar forças para descer as escadas.

— Talvez ele volte. — disse ela a Val, sem saber o que pensar ou por quanto tempo pesadelos iriam perturbar seu sono. — Talvez não. Talvez demore anos ou décadas. Mas eu acho que não. Pelo menos não aqui, não perto de nós.

Val ainda olhava para o teto. — Por que você não acha?

Zoey de repente se sentiu tão cansada que a única opção que lhe restou foi o familiar deslize para o humor. — Porque eu acho que provavelmente o assustamos pra caralho.

Ela foi recompensada com uma risada suave de Val e um leve relaxamento de seus próprios ombros.

Então Val disse, após um momento: — Eu não sei como fazer isso.

— Fazer o que?

Respirando fundo, Val virou-se para encará-la. — Eu preciso estar perto de alguém. Eu preciso ser abraçada. — Fez uma pausa, piscando rapidamente. — Mas eu não acho que mereço. Não tenho certeza se... — Ela fechou os olhos, as mãos agarrando a barra da colcha. — Sinto que vou flutuar para longe se não tocar em alguém. Mas não suporto a ideia de pedir a você.

Zoey observou Val lutar em silêncio, esperando que seu pocket-Thora protestasse: *Você sente pena da minha assassina? Sério, Zo?!*

Mas em vez disso, seu pocket-Thora sussurrou, triste e fantasmagórico: *Ela já sofreu o suficiente, e ela continuará a sofrer.*

Então, Zoey aninhou-se perto de Val, deslizando os braços ao redor dela. — Nós lutamos contra um monstro juntas. — ela disse calmamente. — Eu ainda não te perdoei e não sei se vou perdoar. Mas posso te segurar um pouco. Você merece muito. E eu também, francamente. — Ela inalou, exalou. — Eu mereço seguir em frente.

A princípio, Val ficou rígida e assustada, mal respirando.

Então, com um som suave e ferido, ela derreteu no abraço de Zoey. Ela tocou suas testas — uma saudação. Uma promessa.

Um obrigado.

Zoey acordou novamente, mais tarde, quando Grayson entrou na sala na ponta dos pés.

Ela abriu os olhos e o viu levando um dedo aos lábios. — Travesseiro. — ele murmurou, selecionando cuidadosamente um da cama.

Zoey saiu dos braços de Val e o seguiu escada abaixo. Eles não falaram até que se enrolaram no sofá, sob a manta que havia batizado sua primeira e única relação sexual.

— Eu não quero deixá-la sozinha por muito tempo. — Zoey anunciou, uma vez que ela teve o suficiente do tique-taque incessante do relógio de pêndulo. Seus dedos coçaram por seu taco, que estava ao lado da cama de Grayson no andar de cima.

Apenas no caso de precisar.

— Você poderia ter ficado lá. — disse Grayson razoavelmente.

— Sim, mas eu precisava de um abraço.

— Val estava abraçando você.

— Um abraço de menino.

Grayson assentiu. — Eu sou excelente abraçando.

Colocando as pernas embaixo dela, Zoey se aconchegou contra seu corpo magro. — Você assou mais biscoitos?

— Ainda não. — Ele mudou para olhar para ela, sua expressão ansiosa. — Você quer que eu asse?

— Meu Deus. Não. Quero dizer, sim, mas mais tarde.

Ele se acalmou, relutantemente, e então soltou um suspiro lento.

Cinco minutos se passaram. Dez. A respiração de Grayson veio lenta e uniforme.

Então Zoey bateu o punho levemente contra sua coxa, fazendo-o pular.

— Eu quero descobrir maneiras melhores de caçar monstros.— ela declarou. — Tem que haver uma maneira que não mate mais garotas como Marion.

— Você seria uma excelente professora.

Zoey olhou para ele. — Se eu abrisse uma escola, você seria a governanta da minha diretora?

— Que tipo de escola, exatamente?

— Aquela que ensina meninas extraordinárias como usar o poder como nós fizemos, e erradicar o mal e destruir toda a merda dele.

— Isso parece incrível. — disse Grayson.

— Maravilhoso. Você está contratado.

— Mas espere. Como governanta, eu poderia usar um avental de minha escolha? —

— Não. — disse Zoey, sorrindo. — Um dos meus. De vez em quando, posso deixar Val escolher.

Ele deixou escapar um suspiro aborrecido. — Então, você vai abrir esta escola aqui, ou longe?

— Kingshead, talvez.

— Ah.

— Val vai ficar lá, cuidando da fazenda. É uma casa muito grande para uma garota morar. Ou até, tipo, cinquenta garotas.

Grayson parecia estar perdido em pensamentos. — Seus alunos seriam obrigados a usar uniformes?

Zoey respondeu imediatamente: — Sim. Túnicas de feiticeiro.

Ela pensou que isso provocaria uma risada, mas em vez disso Grayson sorriu melancolicamente para ela... — Estaríamos trabalhando muito próximos, como governanta e diretor. Eu não tenho certeza se poderia. — Ele desviou o olhar, seus olhos repentinamente brilhantes, e riu tristemente. — Sinto muito, Zo. Jurei que não faria... Jesus.

O batimento cardíaco de Zoey trovejou em seus ouvidos. Ela olhou para a coleção de filmes da família Tighe e viu uma capa familiar. — Sinto muito em dizer a você, — ela começou, procurando desesperadamente por uma mudança de assunto. — que não acho que serei capaz de assistir *Alien* novamente por muito, muito tempo.

— Zoey...

— Para minha consternação, meu amor por Ellen Ripley tem seus limites. Não há mais xenomorfos para mim. Eu declaro uma moratória do xenomorfo. Um xenotório.

— Zo.— Grayson juntou as mãos dela nas suas, beijando-as com ternura. — Eu não sei se meu coração aguentaria estar perto de você assim e não estar *com* você.

Zoey olhou para ele – seu queixo limpo e quadrado, a queda de cabelo escuro sobre a testa. Ela tentou pensar em algo para dizer, mas todas as suas palavras pareceram inadequadas.

Ele engoliu em seco, com força, seu olhar passando rapidamente pelo rosto dela, e então ele desviou o olhar. — Sabe, logo depois que você terminou comigo, fiquei com raiva de você.

Seu estômago caiu. — Raiva de mim?

— Eu não conseguia entender por que você não queria fazer sexo. Todo mundo quer fazer sexo.

As palavras tiraram o fôlego de Zoey de seus pulmões. — Nem todo mundo. — Ela conseguiu dizer.

— Eu sei. — Ele apertou suas mãos suavemente com os dedos. — Eu sei disso agora. Enfim, eu estava com raiva e confuso, com ciúme. Basicamente, eu era um idiota. Achei que talvez houvesse outra pessoa. Eu pensei que tinha feito algo errado, ou que não tinha sido bom para você.

Ela soltou um suspiro frustrado. — Eu te disse antes, isso não tem nada a ver com isso.

— Eu até pensei por um tempo que talvez eu devesse simplesmente parar de ver você. Completamente. Mesmo como amigos.

Zoey fechou os olhos. — Deus.

— Mas eu não aguentava isso, Zo. Eu tentei por, eu acho, um dia, e foi isso. E então, nas últimas semanas, com tudo isso acontecendo... E então você me deixou naquele barco, sem nenhuma ideia para onde estava indo ou o que estava para acontecer... — Um pedaço de sua voz se interrompeu e se estilhaçou. — *Porra*, Zoey. — Ele passou a mão pelo rosto. —Achei que nunca mais fosse ver você.

Zoey olhou para ele, extasiada. — Olha a boca. — Ela repreendeu.

Seu sorriso era suave em seu rosto. — Percebi naquele barco que preferia viver uma vida inteira sem sexo se isso significasse passar mais um dia com você.

Zoey não conseguiu evitar; ela começou a rir.

Grayson se afastou ligeiramente, franzindo a testa. — Bem. Essa não é a reação que eu esperava.

— Me desculpe, é só... — Zoey estava fazendo aquela coisa um pouco alarmante em que ria e basicamente chorava ao mesmo tempo. Ela enxugou os olhos. — Essa foi uma *declaração* daquelas. E tão, tipo, *final*. Uma vida inteira sem sexo, Grayson? Não há necessidade de se punir por mim.

— Eu nem sei se *quero* sexo.

Agora foi Zoey quem recuou. — Ok, mas você me *disse* que queria sexo.

— Quero dizer... — Grayson soltou um suspiro cortante. — Eu não dormi com ninguém desde você. — Ele fez uma pausa, os olhos dançando. Suavemente, ele acrescentou: — Eu poderia ter, veja bem...

Zoey revirou os olhos: — Oh, claro, naturalmente.

— Mas eu não queria. Não se não fosse você.

— Grayson. — Zoey balançou a cabeça, voltando a se concentrar. — Não quero que você se torne alguém que não é, nem mesmo para mim.

— E eu não quero que você se torne alguém que você não é para *mim*.

— OK, então... Onde isso nos deixa?

— Talvez isso nos deixe aqui: temos dezessete anos.

Zoey ergueu uma sobrancelha. — Uma observação astuta.

— Talvez nós apenas... devêssemos tentar. Se você quiser, — ele acrescentou apressadamente. — Se você não estiver interessada, diga-me para calar a boca e me recompor, e eu irei.

— Tentar?

— Um relacionamento. Você e eu. — Ele olhou hesitante para ela. — Se você quiser.

Uma sensação leve e efervescente borbulhou dos dedos dos pés de Zoey até suas bochechas. — Grayson, falo sério quando digo que posso nunca mais querer fazer sexo de novo.

— E posso nunca mais querer isso! Quem sabe? Mas você, — Agora ele segurou seu rosto em suas palmas, reverente. — Você, eu quero. Pelo menos, posso ter você, Harlow.

Lágrimas brotaram em seus olhos. *Você, eu quero.* — E se eu nunca mais quiser fazer sexo? E você decide que quer?

— Então talvez não funcione. Mas, Deus, Zoey, você não quer tentar?

Sua seriedade a rasgou, e então a transformou em uma criatura inteira e brilhante que ousou abraçar este momento — e não rir, ou fugir, ou espetá-lo com farpas.

— Talvez — disse ela lentamente — eu descubra que quero fazer sexo com você. Em ocasião.

— Talvez. — Ele concordou. — Ou talvez não. E tudo bem.

— Talvez eu me transforme da noite para o dia em uma viciada em sexo.

— Talvez eu decida fazer um voto de abstinência.

A risada de Zoey saiu fraca e trêmula. Ela piscou e as lágrimas caíram nos dedos de Grayson, a acariciando. — Talvez você vá para a faculdade e se esqueça de mim.

— Talvez sejamos apenas uma velha governanta e diretor de escola de caçadores. — ele disse, seus olhos tão suaves que Zoey teve que fechar os dela. — Melhores amigos e colegas. Nada mais.

Ela esfregou o nariz em seu queixo, sussurrando: — Talvez este seja um caso estúpido de colégio.

— Talvez, — disse Grayson, roçando os lábios em suas bochechas. — Vamos envelhecer juntos.

Talvez, Zoey pensou, quando abriu a boca para o beijo de Grayson, *tenha muito potencial*.

MUITOS TINHAM OBSERVADO, NAS últimas semanas abençoadamente calmas em Sawkill, que um novo farol apareceu perto do topo do antigo farol.

Era diferente da familiar luz rodopiante que os residentes da ilha assistiam há anos.

Esta luz era menor. Ele ficou sentado por horas, imóvel – às vezes à noite, às vezes durante o dia. Às vezes, no lado leste; às vezes no sul ou no norte. De vez em quando, brilhava tão fracamente que o observador casual poderia confundi-lo com uma ilusão de ótica.

Outras vezes, ele brilhava com tanta intensidade que qualquer um que olhasse pela janela poderia pensar que um meteorito havia caído no solo.

Essas foram as pessoas que procuraram. Se alguém estava tolamente andando pelo farol, então eles realmente deveriam descobrir. Eles ligariam para o chefe de polícia e contariam o que haviam visto. Ele ouvia pacientemente suas afirmações, dizia que tinha estado no farol naquela tarde, enquanto estava em patrulha, e não viu nada fora do comum.

Todos acreditaram na palavra do chefe. Afinal, ele prendeu e encarcerou os homens horríveis que mataram aquelas pobres garotas.

Um culto de sequestradores e assassinos, perseguindo meninas por décadas? Os moradores não paravam de pensar nisso. Não foi uma tragédia fácil de se livrar. Como eles puderam nunca ter notado? Como eles puderam ter perdido os sinais? A revelação os fez parar e se reavaliar, fez com que olhassem novamente para os espelhos e prendessem a respiração quando a casa se acomodasse à noite.

Mas ainda assim, alguns poucos curiosos não ficaram totalmente satisfeitos com a garantia do Chefe Harlow sobre a luz estranha, e quando eles partiram na estrada do farol, determinados e com os ombros quadrados, nenhum deles sabia que a Rocha estava observando sua aproximação.

Uma vez que eles chegaram muito perto, a Rocha certificou-se de que cada um deles fosse gentilmente afastado – um caminho desbotado, uma estrada sem saída, uma onda de vento suave com cheiro de sal, pão fresco e casa, o que distraiu os buscadores e fez com que eles voltassem. Eles desistiram alegremente, descartando sua curiosidade fugaz como um sinal de que deveriam puxar um dos livros antigos de seus filhos e relê-lo, por uma questão de nostalgia.

A Rocha os observou partir, venerável e indomável. Protegia o farol velho e cansado e as crianças que esperavam lá dentro.

Observando o céu e a água por sua irmã perdida.

Esperando, procurando e esperando.

A Rocha abraçou o farol como uma mãe aquece seus filhotes.

Val



O Farol

Passaram-se seis semanas e quatro dias desde que Marion nos deixou.

E não *morreu*. Val se recusou a pensar em Marion dessa forma, embora quando a Sra. Althouse contou ao resto da ilha o que havia acontecido – que Marion fora escolhida pelo culto como sua próxima vítima, que ela lutou contra seu destino até o último momento, que a sra. Althouse tinha fé que Marion reapareceria, de alguma forma, algum dia – o povo de Sawkill deu à mulher que perdera o marido e as duas filhas olhares de verdadeira piedade. Não postiços, não passageiros. Eles a convidaram para jantar em suas casas; eles a incluíram nas noites de cinema em família. Foi uma decisão tácita alcançada por toda a população da ilha: a Sra. Althouse nunca deveria sentir-se sozinha novamente.

Principalmente antes de aceitar o fato de que sua filha, cujo corpo nunca fora encontrado, não voltaria para casa.

Um vento fresco soprou em seu caminho até o farol e chicoteou mechas de cabelo de Val em torno de seu rosto.

Ao lado dela, enrolada em um banco picado pelo mar, Zoey mudou em seu sono.

Val ajustou a colcha em volta do queixo de Zoey, em seguida, trouxe sua própria garrafa térmica de chá fumegante aos lábios. O

chá escorregou por sua garganta e aqueceu seus membros frios. Era apenas meados de setembro, mas no deque de observação do farol era preciso uma colcha, uma garrafa térmica quente, um cachecol.

Colocando o chá no chão de tábuas velhas, Val decidiu que era hora de acender sua luz. Ela comeu seu sanduíche, bebeu seu chá. Agora era hora de trabalhar.

Ela deixou Zoey no banco e deu a volta na curva oeste do deque. Se encostou na grade de metal com sua pintura preta lascada — provavelmente à base de chumbo, provavelmente cancerígena, mas honestamente, quando você já lutou contra um monstro, quando foi escravizado por um, quando viu seu primeiro amor verdadeiro desaparecer em um vazio que você não conseguia entender, tinta ambientalmente prejudicial era a menor de suas preocupações.

Primeiro, ela disse olá para a Rocha. Havia decidido nas últimas semanas que ela merecia educação e muito provavelmente raramente a recebia.

— Boa noite. — Sussurrou para o vento, como a dama adequada que era, e então respirou fundo e abriu os punhos.

Duas delicadas chamas brancas ganharam vida em suas palmas. Uma terceira desdobrou-se em suas costelas; seu calor desceu por sua espinha e se acumulou em sua barriga.

Assim iluminada, Val esperou.

Ela, às vezes, esperava sozinha. Às vezes, ela preferia e pedia. Às vezes, a Sra. Althouse esperava com ela. Às vezes, Zoey e Grayson traziam uma cesta de piquenique, uma pilha de casacos, baralhos e lanternas. Eles se sentavam no chão e brincavam de cartas à luz de Val.

Eles iriam convencê-la a voltar para casa, horas depois, com os olhos turvos e a voz rouca.

— Marion não gostaria que você se esgotasse por ela. — Era o refrão comum de Zoey.

Val olhou para a água. O crepúsculo vestiu o céu e o mar em tons de contos de fadas. Mel âmbar e violeta da rainha, o fogo laranja da chama de uma sacerdotisa, o azul refulgente da água iluminada de baixo por espíritos.

Ela retirou o colar de prata fino do bolso. Vestir a estrela-do-mar de Charlotte não era algo que ela faria; aquela linha estava gravada na pedra e Val se recusou a cruzá-la.

Mas, uma vez que a Sra. Althouse a havia presenteado, Val sempre o guardou consigo. Foi estúpido, talvez, mas considerando tudo o que tinha acontecido, Val pensou que se alguma coisa física no mundo pudesse mostrar algum sinal do retorno de Marion, este colar e sua minúscula criatura marinha seriam os primeiros a fazê-lo.

Ela pendurou o colar em dois dedos brilhantes e observou a estrela do mar girar diante de seus olhos, transformando-se em ametista na luz iridescente. Então seus olhos deslizaram pelo mar — mais uma inspeção antes de se acomodar de volta em seu banco para a longa espera — e ela viu, cortando a água perolada em dois, uma longa faixa estreita de ondulações.

Sua respiração ficou presa na garganta. Ela olhou para a estrela-do-mar — nada — e então de volta para a água. As ondulações não se dissiparam, como aconteceria com as ondulações normais. Elas permaneceram, tremendo no lugar como se estivessem presas ali por um tremendo puxão de gravidade, em algum lugar no fundo do mar.

Zoey acordou com um bocejo, sentando-se com os olhos turvos. — Val? Você sente isso?

Val percebeu que se odiaria por isso, mais do que, silenciosamente, permanentemente, já se odiava. Ela poderia até odiar Sawkill por isso.

Fazendo truques, garota? ela pensou para a Rocha. *É assim que vai ser?*

Incapaz de se mover, sem vontade de acreditar ou negar o que viu, Val ficou congelada no lugar — até que viu a mariposa.

Ela flutuou até ela como um pedaço de céu raspado, pegando o crepúsculo em suas asas. Só quando pousou em sua mão trêmula, Val viu suas verdadeiras cores — olhos negros como o mar à meia-noite, brancos como a chama de seu próprio coração.

Assim disse a mariposa, suas antenas beijando seus dedos: *Vá até ela.*

Marion



A Estrela-do-mar

Marion imaginou que ela estivesse morrendo.

Ela não estava.

Primeiro houve um nada. Ela não era uma menina, nem mesmo um ser humano.

Então ela era poeira estelar, examinada pelo cosmos.

Ao longe, ela ouviu ruídos terríveis de punição. Uma gota de memória: ela puxou uma fera com ela. Ela tinha enrolado sua cauda e garras molhadas furiosas ao redor dela. Isso a estrangulou. A palavra *grito* flutuou através do amontoado adormecido de sua consciência, mas mesmo meio viva como estava, ela sabia que a palavra não era suficiente para descrever o que estava ouvindo.

Mas ela deixou os gritos passarem por ela e continuou seu caminho, fosse o que fosse.

A poeira estelar não se preocupa com a agonia dos demônios.

Seu tempo neste Lugar Distante durou uma eternidade.

Ela via coisas: um planeta azul como o mármore de uma criança. Uma casa vasta e triste, rodeada de cavalos que sacudiam a cabeça indiferentes. Desertos atormentados por fantasmas que roubaram garotas de suas tendas. Selvas assombradas por

monstros que ninguém podia ver. Cidades cheias de pessoas solitárias tão desesperadamente infelizes que procuraram rumores de bestas e trocaram a liberdade pelo poder.

Marion se viu, uma garota flutuante, envolta em um casulo galáctico. Fetal, como no início, só que os cabelos eram longos e os seios cheios. Em seus pontos de pulsação – têmporas, pulsos, garganta – brilhou uma tênue teia cristalina de cicatrizes, pulsando fracamente de dor.

Nem mesmo as almas que lutaram para proteger os indefesos poderiam emergir do Lugar Distante sem custo.

Mas Marion não se importava com esses dízimos, nem com o vazio insondável que a cercava. Ela não estava totalmente sozinha aqui.

Ela sentiu uma presença nem gentil nem cruel. Aquilo a observou. Aquilo permitiu que ela passasse.

Por uma segunda eternidade, ela percorreu um caminho sem luz.

Havia chão sob seus pés. No começo, parecia seco. Areia? Essa era uma palavra que ela conhecia. Em seguida, seus pés se moveram na água - um centímetro no início, e depois alguns. Subiu até seus joelhos, suas coxas, sua barriga.

Ela estava assustada, mas tentou não ficar. O caminho era dela e ela confiava nele. O que quer que a tenha observado neste lugar, ela sentiu que ficaria satisfeita se continuasse – e provocada se não o fizesse.

Ela caminhou até que a água ondulasse logo abaixo de seus olhos.

Então ela viu uma luz. Pequena, mas incansável, ele repousava sobre uma linha branca tênue, a alguma distância.

Um horizonte?

Ela respirou fundo e mergulhou mais fundo. A água a consumiu.

Ela caminhou até que as solas dos pés se rasgaram. Ela nadou até que seus pulmões estourassem, até que seus membros em chamas quebrassem com a força de seu desespero, até que sua barriga inchou com água e o lodo do fundo do mar formou uma crosta escura sobre seus olhos.

Mas então seus pulmões se formaram novamente. Braços e pernas, novos e incertos, arranharam desajeitadamente o fundo do oceano. Seus pés – tamanho 39! ela se lembrava agora – se consertaram, remou esquerda direita esquerda direita. Seus olhos viram criaturas luminescentes boquiabertas, as carcaças de navios e coisas mais profundas e secretas nas profundezas negras abaixo dela que ela não entendia.

Ela percebeu que estava sendo refeita.

A luz estava ficando maior, e seus novos pulmões queimavam seu interior. Ela precisava respirar. Estrelas não respiram, mas garotas sim. Isso era óbvio para ela agora.

Ela seguiu a luz branca brilhante à sua frente e gritou por ela, a voz abafada pelas ondas de sal agitadas. Ela esperava que não queimasse antes que ela pudesse alcançá-la.

O caminho terminou. Diante dela estava uma extensão indistinta, subindo em um mundo que a assustava por uma razão que ela não conseguia explicar.

Seus pés afundaram na areia molhada e ela engasgou, inalando água. Ela tropeçou; seus joelhos bateram contra um aglomerado de conchas. Tossindo, ela lutou para recuperar o equilíbrio. Sua mão pousou em algo duro e espinhoso.

Seus olhos ardentes se abriram apenas o suficiente para vislumbrar uma forma familiar de cinco pontas na ponta dos dedos, meio enterrada na areia escura em movimento.

Algo essencial voltou para ela – a peça final.

Ela irrompeu no mundo que a luz chamava de lar.

Sua primeira respiração doeu.

A segunda pareceu divina.

Ela tocou uma praia – ela sabia disso, a palavra voltando suavemente para ela – e a praia parecia familiar.

Seixos do tamanho de quartos e pequenos como olhos de agulha.

Areia grossa e escura.

Minúsculas conchas que se contorceram de volta para o subsolo assim que as ondas retornaram ao seu criador.

A segunda coisa que ela tocou foi uma mão, tentando alcançá-la.

E a terceira? Uma minúscula estrela-do-mar prateada, pendurada em uma chama branca. Marion tocou o próprio pescoço e sentiu uma fina corrente de prata em volta dele.

Minha pequena estrelinha do mar.

Duas irmãs e irmãs verdadeiras.

— Marion.— Chamou uma voz, tão alta que machucou seus ouvidos. No entanto, ela se virou para ela, procurando cegamente.

— Marion, estamos aqui, estamos bem aqui.

— Marion, oh meu Deus...

Ela conhecia aquelas vozes.

— Você consegue respirar? — Uma perguntou. — Merda, ela está respirando?

— Não me deixe de novo, Marion. — disse a outra voz. —Por favor, Deus.

A voz começou a soluçar, e se a visão cerrada de Marion não estava lhe contando mentiras, então essa segunda voz pertencia à luz que a guiou para casa.

Um nome flutuou para a superfície de sua mente.

Val.

— Val.— ela resmungou. Sua primeira palavra.

— Sim, sim. — Os melhores sentidos de Marion retornaram a ela: os dedos de Val acariciando o cabelo de Marion para longe de seus olhos, lábios quentes e frenéticos contra sua testa. A luz que Marion seguiu para casa queimava no peito de Val, quieta e calorosa. Claro que esta luz a guiou para casa.

Claro que esta luz pertencia a Val.

O que significava...

Marion olhou para a esquerda: os cachos pretos e laranja de Zoey, seus olhos castanhos brilhantes, seu sorriso largo. Ela enganchou o braço no de Marion e pressionou a testa em seu ombro. Ela estava rindo; suas lágrimas aqueceram a pele gelada de Marion.

— Zoey. — Marion sussurrou, com um sorriso trêmulo.

Val tocou sua bochecha na de Marion. — Não nos deixe de novo. — Ela implorou.

E Marion olhou para Val, para mostrar a ela inequivocamente que isso não era uma piada, nenhum sonho, que ela tinha voltado para casa e respondeu: — Eu não vou a lugar nenhum.

Agradecimentos

A ideia deste livro se desenvolveu de forma lenta e um tanto desajeitada ao longo de alguns anos e se cristalizou quando Diana Fox me disse durante o almoço: “Você deveria escrever algo assustador envolvendo cavalos”. Estou parafraseando, mas esse era o sentimento, e isso me ajudou a juntar as partes díspares do livro que um dia se tornariam as *Sawkill Girls*. Então, Diana, devo te agradecer.

Muito obrigada à minha agente, Victoria Marini, que me forneceu atualizações ao vivo exuberantes enquanto lia o primeiro rascunho, e cujo entusiasmo sem limites por este projeto e por todo o meu trabalho mantém minha confiança à tona e meu coração cheio de esperança.

Agradeço calorosamente à minha editora, Claudia Gabel, cujo olho perspicaz e mente afiada me ajudaram a transformar este livro em algo mais feroz e inteligente do que antes.

Obrigado a Stephanie Guerdan, Katherine Tegen e a toda a equipe Harper por acreditar neste livro e por trabalhar tão duro para torná-lo bonito e colocá-lo nas mãos dos leitores.

Ao coven de Bearsville de 2016 - Alison Cherry, Michelle Schusterman, Lindsay Ribar, Mackenzi Lee, Lissa Harris, Jenna Scherer, Jen Malone e Melissa Sarno - obrigada por me ouvir ler as coisas assustadoras deste livro, especialmente desde que estávamos vivendo em uma casa mal-assombrada cercada por Construtores naquela época.

Para meus primeiros leitores - Karen Strong, Renee Harleston, Nita Tyndall e Nicole Brinkley - obrigada por sua visão, sua sabedoria e sua paciência.

Como sempre, para minha família e minhas garotas - particularmente minhas rainhas sonserinas Lindsay Eagar e Diya Mishra - obrigada por seus corações e suas garras, sua luz e seu amor.

Sobre A Autora



Foto por Ellen B. Wright

CLAIRE LEGRAND costumava ser musicista até perceber que não conseguia parar de pensar em histórias. Agora bibliotécaria no centro de Nova Jersey, Claire é autora de vários livos para jovens e crianças, incluindo *The Cavendish Home for Boys and Girls*, o nominado ao prêmio Edgar *Some Kind of Happiness*, e *Furyborn*.

